

REDAÇÃO
NOTA
1000
Professor Nardy



ESCREVENDO A SUA
HISTÓRIA
DE SUCESSO 😊

@professornardy

Índice

Conceito _____	07
Estrutura _____	11
Uso de conectivos _____	13
Tópicos frasais _____	15
Argumentação _____	19
Argumentos de autoridade _____	23
Uso de Pronomes demonstrativos _____	27
Uso de sinais de pontuação _____	31
Crase (dicas e regras) _____	37
Vocabulário _____	45
Competências para correção _____	47
Gêneros textuais _____	61
Exercícios _____	96
Gabaritos dos exercícios _____	259

Vamos julgar?

Vivemos como escravos, e não me refiro à escravidão cruel que marcou a história da humanidade, como na Grécia Antiga, com os prisioneiros de guerra, ou como na América do Sul, baseada em incoerência de etnias e de religião. Vivemos como escravos das circunstâncias que chegam cotidianamente a nossa vida.

Todos os dias, assim que acordamos, somos inundados por pensamentos como: “Queria muito ficar em casa hoje e não precisar fazer nada”; “Não acredito que está chovendo!”; “Vou ter que trabalhar em mais um dia de tanto calor!”; “Vou ter que ver aquela pessoa de novo!”, dentre tantas outras que, simultaneamente, após o julgamento de serem circunstâncias boas ou ruins, já nos reflete em emoções: tristeza, raiva, decepção, angústia e, claro, ansiedade.

Precisamos agir, o tempo no relógio não para, nossas obrigações nos chamam, os boletos continuam chegando e, no meio dessa correria, não temos tempo de fazer o principal: cuidar de nós mesmos. E, neste primeiro momento, não me refiro a práticas como fazer yoga, mudar drasticamente a alimentação, reduzir a carga horária de trabalho, ir a um médico, não... Eu me refiro a algo muito, mas muito básico: cuidar de nossos pensamentos.

Você há de concordar comigo: observar os nossos pensamentos é a primeira grande e, acreditem em mim, revolucionária atitude que pode nos direcionar a uma qualidade de vida exponencial. Afinal, ficamos perturbados não pelos acontecimentos, mas pela imagem que formamos deles.

Comecei este texto afirmando que vivemos como escravos. Neste momento, começo melhor a minha explicação:

Como não temos muito tempo e só estamos cumprindo tantas obrigações do dia a dia, pensamos e sentimos automaticamente: fico triste por ter que sair para trabalhar; revoltado por estar chovendo em um domingo no qual gostaria de sair com meus amigos; estressado por ter que sobreviver em mais um dia de tanto calor; com raiva por determinada pessoa, de algum modo, fazer parte do meu círculo social. Entendeu o que eu quis dizer com o termo “escravidão”? Colocamo-nos vulneráveis aos acontecimentos externos e vivemos, geramos nossas emoções, a partir destes. Pois isso é, sim, viver como um escravo em plena contemporaneidade.

A ideia central desta crônica é evidenciar que, antes de julgarmos determinadas situações como boas ou ruins, precisamos entender que existem essas situações, e existem, também, o que podemos fazer em relação a elas.

Os nossos sentimentos são reflexo dos nossos pensamentos. A tristeza que sentimos vem de uma interpretação que nosso cérebro nos oferece acerca de um determinado contexto.

Precisamos nos lembrar de que os nossos pensamentos estão sob nosso controle. Se controlarmos o que pensamos, automaticamente, controlaremos, também, aquilo que sentimos.

De modo algum estou incentivando você a agir passivamente frente às circunstâncias de sua vida. Muito pelo contrário: se peço para você cuidar de seus pensamentos, é, sim,

um pedido para você agir ativamente. É haver um esforço individual (sim, individual, pois isso vai depender de você mesmo) para interpretar as circunstâncias a partir de, pelo menos, dois questionamentos básicos:

1. O QUE EU POSSO FAZER DIANTE DESSA SITUAÇÃO?
2. EXISTE ALGUM ASPECTO POSITIVO QUE CONSIGO EXTRAIR DESSE CENÁRIO?

Sair de casa quando existe a vontade de ficar pode ser perturbador. Mas será que é tão ruim assim, quando você tem saúde para fazer isso ou, tratando-se de vir à escola, uma oportunidade para conseguir inserir-se e formar-se em meio à sociedade?

Um domingo de chuva pode romper alguns planos para os quais se exigia o sol. Contudo, você se lembra de suas aulas de Ciências ou de Geografia na escola quando lhe ensinaram a necessidade da chuva para um ecossistema equilibrado? É uma natureza fantástica! E mudar os planos, ficar em casa, fazer um almoço e assistir a algo enquanto ouve o barulho da água caindo do céu é tão ruim assim?

Um dia de muito calor pode ser desagradável, mas você ficar estressado por causa disso tornará o dia mais gélido? Não é mais fácil aceitar essa circunstância e lidar com ela da melhor maneira possível?

Então, larguemos os chicotes com os quais nos ferimos e nos concedamos a liberdade, a verdadeira liberdade, de entender que somos capazes de interpretar as circunstâncias da nossa vida não de modo polarizado - como contextos bons ou ruins, certos ou errados, bênçãos ou desgraças -, mas de modo a nos oferecer uma vida de paz com a nossa própria existência e com o mundo em que habitamos.



Assim, convido você a seguirmos o exemplo dos girassóis: eles sempre olham para o sol. Mesmo em dias chuvosos, eles sabem onde a luz está. Quando você se sentir desanimado, respire, foque em seus pensamentos e direcione-os para aquilo que dá luz à sua vida. Faça isso como uma tarefa cotidiana.

Durante esse trajeto, conte comigo para lembrar-lhe de que você deve sempre focar no sol, naquilo que é verdadeira luz de sua vida. Desse modo, pode ter certeza: nossa história, mesmo com momentos de chuvas, não perderá o seu brilho.

Com carinho:

Professor Nardy Bechtold Júnior. S2

DISSERTAÇÃO-ARGUMENTATIVA EM PROSA

Conceito:

Dissertação-argumentativa em prosa consiste em um gênero textual, o qual é cobrado no ENEM, nos vestibulares e em muitos concursos do país.

Escrever uma boa dissertação faz-se fundamental, visto que, no mercado de trabalho e em cursos superiores no Brasil e mundo afora, todo o conhecimento adquirido para escrever a dissertação colabora para o desenvolvimento de quaisquer atividades escritas e orais.

Podemos dizer que a dissertação é um tipo de texto. Ela é a base estrutural de vários gêneros discursivos que têm, entre outras finalidades, refletir e informar alguém a respeito de um assunto, apresentando uma tese e argumentos para corroborá-la.

A dissertação é redigida em prosa, ou seja, estruturada por períodos e parágrafos (diferentemente de um poema ou de uma música, por exemplo, os quais são estruturados em versos e estrofes). A estrutura da dissertação deve apresentar, no mínimo, três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. No caso do ENEM, que nos oferece 30 linhas, o ideal é fazermos dois desenvolvimentos.

O objetivo da dissertação é informar o leitor a respeito de um assunto, expor dados, pesquisas e a opinião de profissionais que possam esclarecer os leitores sobre o tema na sociedade. O autor da dissertação tem condições de analisar o eixo temático, expondo pontos positivos e/ou negativos a respeito do assunto para que, assim, o leitor informe-se e posicione-se.

Planejamento

A produção textual requer planejamento. Assim, antes de começar a escrever, convém elaborar um plano daquilo que será abordado e de que forma (estratégia). Essa planificação servirá de ponte para o sucesso do texto, muito embora o mais importante para se alcançar esse resultado seja observar atentamente os fatores de coesão e coerência.

Para melhor exemplificar, as etapas necessárias para produzir um texto dissertativo-argumentativo são:

- **Problema:** no momento inicial busca-se o problema, ou seja, os fatos sobre o tema pretendido e, ademais a tese (ideia central do texto).
- **Opinião:** a opinião pessoal sobre o tema reforçará a argumentação, por isso é importante buscar uma verdade pessoal ou juízo de valor sobre o assunto abordado.
- **Argumentos:** o mais importante de um texto dissertativo-argumentativo é a organização, clareza e exposição dos argumentos. Para tanto, é importante selecionar exemplos, fatos e provas a fim de assegurar a validade de sua opinião, sem deixar de justificar.
- **Conclusão:** nesse momento, busca-se a solução para o problema exposto. Assim, é interessante apresentar a síntese da discussão, a retomada da tese (ideia principal) e além disso, a proposta de solução do tema com as observações finais.

Para se fazer uma boa dissertação é muito importante:

- – Ler o tema com muita atenção, para entender o que se é pedido;

- – Ter conhecimento do tema que irá desenvolver;
- – Fazer um rascunho antes de começar a escrever o texto original;
- – Evitar expressões como: “na minha opinião”, “eu penso que”, “eu acho que”, e procurar escrever o texto sempre em 3ª pessoa do singular ou do plural.
- – Manter o máximo de clareza no que está escrevendo;
- – Todo texto dissertativo deve apresentar: parágrafo introdutório (tese), desenvolvimento (exposição/argumentação) e conclusão.
- – Evitar construir frases embromatórias. Certifique-se de que todas as palavras que constituem a frase são fundamentais.
- – Evitar o uso de palavras abreviadas, do etc., da palavra “coisa”, e de gírias.

Dissertação-argumentativa em prosa: por onde começar?

1. Informe-se sobre o assunto, pesquise na internet mesmo, leia notícias e artigos de jornalistas renomados a respeito do assunto;
2. Comece se posicionando, escolha um posicionamento que facilite a argumentação, mesmo o texto sendo de sua autoria, ele não precisa apresentar ideias e opiniões pessoais;
3. Busque argumentos de outros, utilize ideias e opiniões de outras pessoas para a argumentação, não há nenhum problema nisso, desde que sejam opiniões de especialistas, de profissionais renomados;
4. Cite a fonte dessas informações, mesmo que sejam retiradas de *sites* e busque *sites* confiáveis;
5. Apresente mais de um argumento, o ideal é que sejam apresentados 2 ou 3 argumentos, é no desenvolvimento que o autor vai mostrar que conhece/domina o tema;
6. Conclua o seu texto com algum conectivo ou expressão que indique conclusão (“Dessa forma”, “Assim”, “Pode-se concluir”, “Então”, etc.);
7. O texto não pode, de maneira nenhuma ser escrito de maneira subjetiva, não se deve usar marcas de personalidade como pronomes ou verbos em primeira pessoa;
8. Respeite as margens do texto e o número máximo de linhas;
9. Escreva o texto de forma legível, em caso de erro, apenas risque com um traço simples a palavra, o trecho ou o sinal gráfico e escreva o respectivo substituto;
10. Seja claro e objetivo, sem fazer rodeios, indo direto ao assunto, evitando parágrafos muito longos; se for preciso, releia o parágrafo e retire informações desnecessárias.



Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Estrutura

Para uma redação de 30 linhas, faz-se necessária a estruturação do texto em quatro parágrafos. A seguir, apresento-lhe a estrutura e o que cada parte da produção precisa conter; em seguida, dicas e exemplificação para cada:

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA TESE

Essa apresentação já precisa mostrar ao corretor que o autor da dissertação possui conhecimento; nesse contexto, aconselha-se apresentar o tema relacionando-o a alguma área do conhecimento, ou seja, já ligando o tema a algum argumento no início do texto. Em seguida, apresenta-se a tese buscando dois aspectos, os quais serão dissertados no texto – parágrafos 2 e 3, respectivamente. Exemplo:

2019: Democratização do acesso ao cinema no Brasil

O filme “Cine Hollywood” narra a chegada da primeira sala de cinema na cidade de Crato, interior do Ceará. Na obra, os moradores do até então vilarejo nordestino têm suas vidas modificadas pela modernidade que, naquele contexto, se traduzia na exibição de obras cinematográficas. De maneira análoga à história fictícia, a questão da democratização do acesso ao cinema, no Brasil, ainda enfrenta problemas no que diz respeito à exclusão da parcela socialmente vulnerável da sociedade. Assim, é lícito afirmar que a postura do Estado em relação à cultura e a negligência de parte das empresas que trabalham com a “sétima arte” contribuem para a perpetuação desse cenário negativo.

2. DESENVOLVIMENTO DE UM ASPECTO DE SUA TESE. DIVIDA O PARÁGRAFO EM, NO MÍNIMO, TRÊS FRASES: TÓPICO FRASAL + ARGUMENTOS + CONCLUSÃO.

3. ADICIONE **OU** CONTRARIE UMA IDEIA EM RELAÇÃO AO ASPECTO DO PARÁGRAFO ANTERIOR. DIVIDA O PARÁGRAFO EM, NO MÍNIMO, TRÊS FRASES: TÓPICO FRASAL + ARGUMENTOS + CONCLUSÃO.

Para os desenvolvimentos, faz-se necessário apresentar, em primeiro lugar, um tópico frasal (o conteúdo que define tópicos frasais encontra-se nas próximas páginas). Em seguida, o autor apresenta pelo menos dois argumentos diferentes que complementem a informação exposta no tópico frasal. Por último, o autor expõe suas considerações acerca do que foi exposto no parágrafo – aconselha-se iniciar a última frase com: “Logo, evidencia-se que...” / Consequentemente, percebe-se que...”, por exemplo.

Observe:

Em primeiro plano, evidencia-se, por parte do Estado, a ausência de políticas públicas suficientemente efetivas para democratizar o acesso ao cinema no país. Essa lógica é comprovada pelo papel passivo que o Ministério da Cultura exerce na administração do país. Instituído para se rum órgão que promova a aproximação de brasileiros a bens culturais, tal ministério ignora ações que poderiam, potencialmente, fomentar o contato de classes pouco privilegiadas ao mundo dos filmes, como a distribuição de ingressos em instituições públicas de ensino básico e passeios escolares a salas de cinema. Desse modo, o Governo atua como agente perpetuador do processo de exclusão da população mais pobre a esse tipo de entretenimento. Logo, é substancial a mudança desse quadro.

Outrossim, é imperativo pontuar que a negligência de empresas do setor – como produtoras, distribuidoras de filmes e cinemas – também colabora para a dificuldade em democratizar o acesso ao cinema no Brasil. Isso decorre, principalmente, da postura capitalista de grande parte do empresariado desse segmento, que prioriza os ganhos financeiros em detrimento do impacto cultural que o cinema pode exercer sobre uma comunidade. Nesse sentido, há, de fato, uma visão elitista advinda dos donos de salas de exibição, que muitas vezes precificam ingressos com valores acima do que classes populares podem pagar. Consequentemente, a população de baixa renda fica impedida de frequentar esses espaços.

4. RETOME SUA TESE COMO TÓPICO FRASAL. EM SEGUIDA, APRESENTE PROPOSTA DE INTERVENÇÃO **COERENTE** COM AS IDEIAS EXPOSTAS NO DECORRER DO TEXTO; PARA FAZÊ-LA, OBSERVE SE TODOS OS ELEMENTOS FAZEM-SE PRESENTES:

4.1 AGENTE (*quem promoverá a ação?*)

4.2 AÇÃO (*qual será a ação?*)

4.3 MODO/MEIO (*como a ação será efetuada?*)

4.4 EFEITO (*quais as consequências da ação?*)

4.5 DETALHAMENTO (*que informações complementares à proposta de informação você pode apresentar?*)

Observe o exemplo:

É necessário, portanto, que medidas sejam tomadas para facilitar o acesso democrático ao cinema no país. Posto isso, o Ministério da Cultura deve, por meio de um amplo debate entre Estado, sociedade civil, Agência Nacional de Cinema (ANCINE) e profissionais da área, lançar um Plano Nacional de Democratização ao Cinema no Brasil, a fim de fazer com que o maior número possível de brasileiros possa desfrutar do universo dos filmes. Tal plano deverá focar, principalmente, em destinar certo percentual de ingressos para pessoas de baixa renda e estudantes de escolas públicas. Ademais, o Governo Federal deve também, mediante oferecimento de incentivos fiscais, incentivar os cinemas a reduzirem o custo de seus ingressos. Dessa maneira, a situação vivenciada em “Cine Hollywood” poderá ser visualizada na realidade de mais brasileiros.

Nota 1000
Prof. Nardy

Uso de conectivos:

Conectivos são palavras ou expressões que interligam as frases, períodos, orações, parágrafos, permitindo a sequência de ideias.

Esse papel é desempenhado, sobretudo, pelas **conjunções**, palavras invariáveis usadas para ligar os termos e orações em um período. Além disso, alguns **advérbios** e **pronomes** também podem exercer essa função.

Os conectivos são elementos essenciais no desenvolvimento dos textos, uma vez que estão relacionados com a coesão textual.

Assim, se forem mal-empregados, reduzem a capacidade de compreensão da mensagem e comprometem o texto.

Confira a lista de conectivos abaixo.

Conectivos de prioridade e relevância

CONNECTIVOS: Em primeiro lugar, antes de mais nada, antes de tudo, em princípio, primeiramente, acima de tudo, principalmente, primordialmente, sobretudo, a priori, a posteriori, precipuamente.

Conectivos de comparação, semelhança ou conformidade

CONNECTIVOS: Igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, como se, bem como.

Conectivos de adição e continuação

CONNECTIVOS: Além disso, demais, ademais, outrossim, ainda mais, por outro lado, também, e, nem, não só, como também, não apenas, bem como.

Conectivos de certeza ou ênfase.

CONNECTIVOS: Por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com certeza.

TÓPICOS FRASAIS

1 – Declaração inicial

Como você sabe que o tópico frasal é uma síntese da ideia que vai ser desenvolvida no parágrafo, a forma mais fácil de você fazer a sua ampliação é através da explicação. Com ela, você vai explicar tudo o que está contido no seu tópico. Mais simples que isso impossível, né?

“Não há ligação direta entre a violência urbana e a pobreza ou o racismo. Suas raízes estão lançadas, na verdade, sobre uma sociedade desigual, que privilegia uma minoria, deixando todos os demais à margem da sociedade, distante de oportunidades iguais”.

2 - Exemplificação

A exemplificação é outro método de ampliação do tópico frasal, pois são casos concretos que vão ilustrar uma ideia. Mas você deve ter muito cuidado: os exemplos são bons para ilustrar, porém, se eles forem utilizados em excesso, podem ter um efeito contrário e afundar sua redação.

“Depois da derrubada do muro de Berlim, teve fim o antagonismo leste-oeste. O mundo, então, parece ter aberto as portas para a globalização em definitivo, com uma economia em acelerada rota de competição”.

3 - Argumento de Autoridade

Já o argumento de autoridade é uma citação de fonte confiável, normalmente de um especialista no assunto, um líder, um político, um artista famoso ou um pensador que seja um especialista no assunto abordado. Só não vale inventar nenhuma frase, muito menos falar sobre algum artista somente do seu conhecimento! Não se esqueça que, para sua redação ser bem pontuada, você deve utilizar argumentos consagrados, pois o corretor tem que possuir o mesmo conhecimento de mundo que você.

De acordo com o filósofo Kant: “O homem é aquilo que a educação faz dele”. Essa alusão associa-se à valorização da arte em âmbito nacional, visto que, em uma nação instruída a não dar credibilidade ao meio artístico, consequências de cunho catastrófico podem surgir.

4 - Causas e Consequências

Além dos métodos vistos nos outros tópicos, você pode também falar de causas e consequências. Ou seja, você apresenta causas para um determinado aspecto e depois trabalha as consequências desse fato. Muito fácil, não é mesmo?

No Brasil, o meio artístico não possui sua devida valorização, visto que a arte nunca trouxe um retorno considerável no tange à arrecadação de impostos. Nesse viés, apresenta-se como consequência uma nação com propagação artística deficitária, (...).

5 - Dados Estatísticos

A utilização dos dados estatísticos é como a exemplificação. Ela serve para ilustrar o que você utilizou no tópico frasal. Porém, você deve ter cuidado se essa informação estiver contida na coletânea de textos, pois todos os participantes do ENEM podem ter a mesma ideia e você acaba não se diferenciando com a sua redação.

De acordo com uma pesquisa publicada pela revista Superinteressante 44% da população brasileira nunca comprou um livro. À vista disso, ressalta-se que a educação no Brasil, bem como a valorização da leitura de um modo geral, não se configura como prioridade para os cidadãos tupiniquins (...)

O TEXTO DISSERTATIVO

INTRODUÇÃO
É A PARTE QUE LEVA O LEITOR PARA DENTRO DO TEXTO.

FUNÇÕES:

- MOSTRAR A ATUALIDADE E A RELEVÂNCIA DO TEMA, COLOCANDO-O DENTRO DE UM CONTEXTO.
- SUBSIDIAR UMA ABORDAGEM (TESE) CONTRA OU A FAVOR SOBRE O TEMA PROPOSTO.

DESENVOLVIMENTO
É A PARTE DO TEXTO QUE DESENVOLVE APENAS UMA IDEIA PRINCIPAL QUE DEVE SER ARTICULADA COM O TODO.

↳ PARÁGRAFO - PADRÃO: TÓPICO FRASAL + AMPLIAÇÃO

O TEXTO DISSERTATIVO ARGUMENTATIVO ALÉM DE EXPLICAR UM ASSUNTO, TAMBÉM DEVE PERSUADIR O INTERLOCUTOR COM O OBJETIVO DE CONVENCÊ-LO A ALGO.

CONCLUSÃO
É A PARTE DO TEXTO ONDE DEVE SER ESCLARECIDA A TESE, ATRAVÉS DE UMA PARÁFRASE E ESTABELECENDO UM DIÁLOGO COM A INTRODUÇÃO.

É O PERÍODO QUE CONTÉM A SÍNTESE DA IDEIA QUE VAI SER DESENVOLVIDA NO PARÁGRAFO.

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Argumentação

Sabemos o quão importante é o uso de argumentos para obter-se êxito em uma dissertação-argumentativa; por isso, apresento as cinco classificações mais comuns:

1. Argumento de Autoridade:

A ideia se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um especialista no assunto ou dados de instituição de pesquisa, uma frase dita por alguém, líder ou político, algum artista famoso ou algum pensador, enfim, uma autoridade no assunto abordado. A citação pode auxiliar e deixar consistente a tese.

Não se esqueça de que a frase citada deve vir entre aspas. Veja:

“O cinema nacional conquistou nos últimos anos qualidade e faturamento nunca vistos antes. Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça - a famosa frase-conceito do diretor Glauber Rocha – virou uma fórmula eficiente para explicar os R\$ 130 milhões que o cinema brasileiro faturou no ano passado”.

2. Argumento por Causa e Consequência:

Para comprovar uma tese, você pode buscar as relações de causa (os motivos, os porquês) e de consequência (os efeitos, a decorrência).

Observe:

“Ao se desesperar em um congestionamento em São Paulo, daqueles em que o automóvel não se move nem quando o sinal está verde, o indivíduo deve saber que, por trás de sua irritação crônica e cotidiana, está uma monumental ignorância histórica.

São Paulo só chegou a esse caos porque um seleto grupo de dirigentes decidiu, no início do século, que não deveríamos ter metrô. Como cresce dia a dia o número de veículos, a tendência é piorar ainda mais o congestionamento – o que leva técnicos a preverem como inevitável a implantação de perigos”.

3. Argumento de Exemplificação ou Ilustração:

A exemplificação consiste no relato de um pequeno fato (real ou fictício). Esse recurso argumentativo é amplamente usado quando a tese defendida é muito teórica e carece de esclarecimentos com mais dados concretos.

Veja o texto a seguir:

“A condescendência com que os brasileiros têm convivido com a corrupção não é propriamente algo que fale bem de nosso caráter. Conviver e condescender com a corrupção não é, contudo, praticá-la, como queria um líder empresarial que assegurava sermos todos corruptos. Somos mesmo? Um rápido olhar sobre nossas práticas cotidianas registra a amplitude e a profundidade da corrupção, em várias intensidades.

Há a pequena corrupção, cotidiana e muito difundida. É, por exemplo, a da secretária da repartição pública que engorda seu salário datilografando trabalhos “para fora”, utilizando máquina, papel e tempo que deveriam servir à instituição. Os chefes justificam esses pequenos desvios com a alegação de que os salários públicos são baixos. Assim, estabelece-se um pacto: o chefe não luta por melhores salários de seus funcionários, enquanto estes, por sua vez, não “funcionam”. O outro exemplo é o do policial que entra na padaria do bairro em que faz ronda e toma de graça um café com coxinha. Em troca, garante proteção extra ao estabelecimento comercial, o que inclui, eventualmente, a liquidação física de algum ladrão pé-de-chinelo”.

4. Argumento de Provas Concretas ou Princípio:

Ao empregarmos os argumentos baseados em provas concretas, buscamos evidenciar nossa tese por meio de informações concretas, extraídas da realidade. Podem ser usados dados estatísticos ou falsos ou fatos notórios (de domínio público).

Veja como se processa:

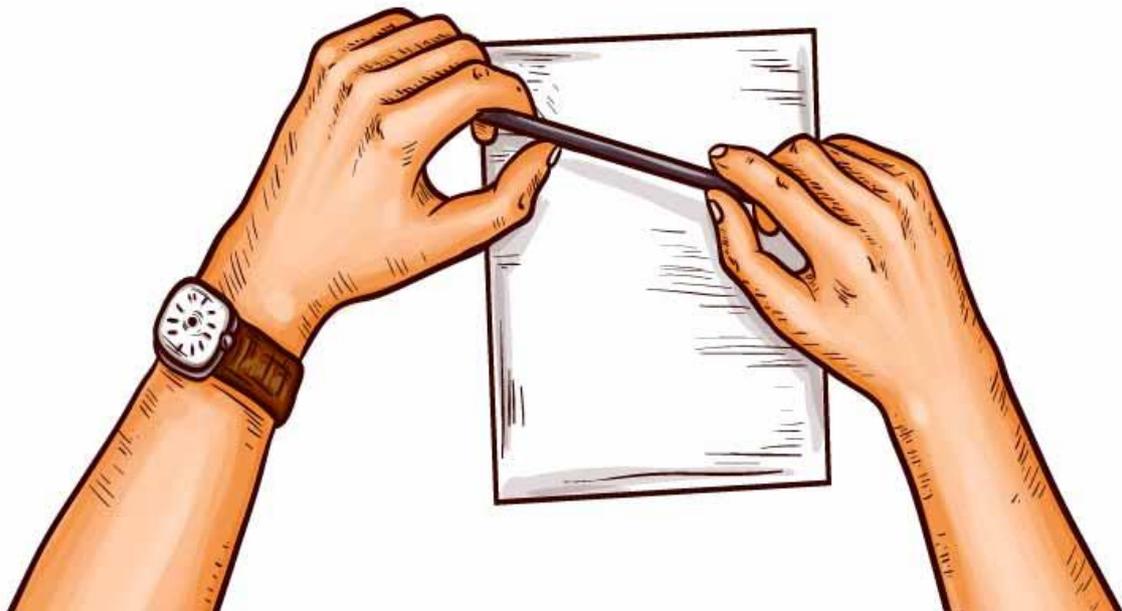
“São expedientes bem eficientes, pois, diante de fatos, não há o que questionar... No caso do Brasil, homicídios estão assumindo uma dimensão terrivelmente grave. De acordo com os mais recentes dados divulgados pelo IBGE, sua taxa mais que dobrou ao longo dos últimos 20 anos, tendo chegado à absurda cifra anual de 27 por mil habitantes. Entre homens jovens (de 15 a 24 anos), o índice sobe a incríveis 95,6 por mil habitantes”.

5. Argumento por analogia (ou a simili):

É o argumento que pressupõe que se deve tratar algo de maneira igual, situações iguais. As citações de jurisprudência são os exemplos mais claros do argumento por analogia, que é bastante útil porque o juiz será, de algum modo, influenciado a decidir de acordo com o que já se decidiu, em situações anteriores.

Veja um exemplo desse argumento:

“Em relação à violência dos dias atuais, o Brasil age semelhante a uma noiva abandonada no altar: perdida, sem saber para aonde ir, de onde veio e nem para onde quer chegar. E a questão que fica é se essa noiva largada, que são todos os brasileiros, encontrará novamente um parceiro, ou seja, uma nova saída para o problema”.



Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

ARGUMENTO DE AUTORIDADE

A seguir, apresento algumas citações pertinentes para serem contextualizadas na sua redação, independentemente do parágrafo:

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades.”

Autor: Paulo Freire (1921-1997), educador brasileiro

“Existem apenas duas classes sociais, a dos que não comem e a dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem.”

Autor: Milton Santos (1926-2001), geógrafo brasileiro

“Não são as crises que mudam o mundo, e sim nossa reação a elas.”

Autor: Zygmunt Bauman (1925-2017), sociólogo polonês

Filósofo inglês John Locke: teoria da tábula rasa – o Homem nasce como uma tela em branco, a qual é preenchida com suas vivências.

Escritor pré-modernista Monteiro Lobato: “Uma nação se constrói com Homens e livros.”

Dizeres da Bandeira Nacional Brasileira: Ordem e Progresso.

Lema da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

“A educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo.” Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul.

“A injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo o lugar”. Martin Luther King, ativista político.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” Paulo Freire, filósofo brasileiro.

“Um país não muda pela sua economia, sua política e nem mesmo sua ciência; muda sim pela sua cultura.” Betinho, sociólogo brasileiro.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.” Albert Einstein, físico alemão.

“A dúvida é o princípio da sabedoria.” Aristóteles, filósofo grego.

“Os Estados não são agentes morais; as pessoas são.” Noam Chomsky, linguista e filósofo americano

Terceira Lei de Newton: “Cada ação gera uma reação.”

“Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” George Santayana, filósofo e poeta espanhol.

“O resultado mais sublime da educação é a tolerância.” Helen Keller, escritora surda e cega norte-americana.

"Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes." - Paulo Freire, educador brasileiro.

"O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram." Psicólogo Jean Piaget.

"O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e existe somente enquanto o grupo se conserva unido." Hannah Arendt, jornalista e professora alemã.

Filósofo alemão Kant : "O Homem é aquilo que a educação faz dele."

"O maior erro que um homem pode cometer é sacrificar a sua saúde a qualquer outra vantagem."

Autor: Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão

"Faz da tua vida um reflexo da sociedade que desejas."

Autor: Mahatma Gandhi (1869-1948), ativista indiano

Como apresentar os argumentos de autoridade?

Existem duas maneiras de citações que você deve saber: a direta e a indireta.

A citação direta aparece exatamente do modo em que ela foi dita pela pessoa. Portanto, devemos usar as aspas, além de indicar o seu autor. Por exemplo:

As consequências dos conflitos gerados pelos atritos diplomáticos estão se tornando cada vez mais imprevisíveis, ainda mais com a alta tecnologia nuclear desenvolvida. Como por exemplo, pode-se citar a instabilidade diplomática da Coreia do Norte perante a Organização das Nações Unidas. Desse modo, fica mais evidente que Einstein estava correto ao dizer: "Não sei como será a terceira guerra mundial, mas sei como será a quarta: com pedras e paus".

Caso você não se lembre exatamente de como a citação foi dita, você pode usar suas próprias palavras. Porém, você deve atribuir a autoria da referida citação.

Voltando ao exemplo:

Desse modo, fica mais evidente que Einstein estava correto ao dizer que não sabia como seria a terceira guerra mundial, mas sabia que a quarta se resumiria a pedras e a paus.

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

USO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Para estabelecer coerência e coesão dentro de uma produção textual, faz-se necessário o uso recorrente de pronomes, dentre eles os demonstrativos.

Atente-se para as regras de seu respectivo uso:

	Espaço	Tempo	Texto	Referência ao já dito
Este/ esta/ isto	Próximo à 1ª pessoa	Presente	Palavras que serão citadas	Refere-se à palavra mais próxima
Esse/ essa/ isso	Próximo à 2ª pessoa.	Futuro ou passado próximos	Palavras ou ideias que já foram	Refere-se à palavra intermediária
Aquele/ aquela/ aquilo	Distante da 1ª e da 2ª	Passado ou futuro distantes		Refere-se à palavra mais distante.

O terceiro campo de “atuação” dos pronomes demonstrativos é o da Coesão Textual. Coesão textual, lembrando, é o nexos existente entre os constituintes textuais, acontece quando não se quer ou não se pode repetir um termo em um curto espaço dentro do texto. O que fazer? Retoma-o por meio de diversos mecanismos. Os pronomes demonstrativos são um desses mecanismos e possuem papel fundamental na coesão textual. A ocorrência se dá de duas formas:

(1) Coesão Anafórica.

O jogador abandonou cedo o clube. **Isso** deixou a diretoria irritada.

Usa-se **esse, essa** e **isso** para retomar termos ou ideias anteriormente ditos. Ou seja, o **isso** do exemplo (1) está claramente novamente trazendo à tona o fato de o jogador ter abandonado o clube cedo, abandono que irritou a diretoria, abandono que foi expresso **anteriormente**.

(2) Coesão Catafórica.

O meu problema é **este**: não consigo me concentrar nos estudos.

Ao passo que **isso, esse** e **essa** são usados para fazer coesão com termos anteriores. **Isto, este** e **esta** (COM T) são unicamente usados para antecipar declarações. Em (2) o pronome **este** está se referindo a algo que ainda vai ser dito. É possível? Completamente. Portanto, candidatos, cuidado! Nem sempre a coesão é feita com elementos anteriores. **Isto, este** e **esta** estão aí para nos provar que se pode fazer referência a elementos que ainda serão ditos.

O quarto e último universo em que se devem usar os pronomes demonstrativos é um dos mais simples. Quando se quer substituir elementos já citados anteriormente no texto.





Os simplórios desenhos acima citados resumem bem o uso dos pronomes nesse caso. Quando há dois elementos enumerados, e se quer utilizar os demonstrativos para retomá-los, ocorre o seguinte:

(3) O técnico e o jogador estão em pé-de-guerra. **ESTE** não aceita ficar no banco de reservas e **AQUELE** não quer ver sua autoridade manchada.

No exemplo (3), foram expressos dois substantivos que, em seguida, serão substituídos por demonstrativos (**tipo de questão muito cobrada nos concursos públicos**). Conforme nos mostra o esquema acima do exemplo, usa-se **ESTE** para fazer referência ao substantivo mais próximo da lacuna (que será o futuro pronome). Já para determinar o núcleo mais longe, usa-se **AQUELE**. Lembrando que tudo isso também vale para as suas variações de gênero (esta, essa e aquela) e de número (plurais).

Caso haja três elementos citados anteriormente, mantém-se o que foi dito: **este** para o núcleo mais próximo, **aquele** para o núcleo mais distante e **ESSE** (e variações) para o núcleo intermediário.

(4) A mídia, o governo e o povo são peças fundamentais para a democracia. **ESTE** elege seus representantes; **ESSE**, escolhido pelo povo, aprova leis, projetos e governa; e **AQUELA** influencia os outros dois.

Este = povo (mais próximo da lacuna-pronome). Aquela = mídia (mais distante). Esse (intermediário).

Prof.º Maray

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

USO DE VÍRGULA E PONTO-E-VÍRGULA

Para estabelecer coerência e coesão e, também, evitar expressões ambíguas, torna-se nevrálgico o uso adequado dos sinais de pontuação. Vê-se que a maioria das dúvidas permeia os dois sinais gráficos supracitados; por isso, fique atento em relação às regras gramaticais:

1. Ponto (.)

O ponto pode ser utilizado para:

a) Indicar o final de uma frase declarativa:

Acho que Pedro está gostando de você.

b) Separar períodos:

Ela vai estudar mais tempo. Ainda é cedo.

c) Abreviar palavras:

V. Ex.^a (Vossa excelência)

2. Dois-pontos (:)

Deve ser utilizado com as seguintes finalidades:

a) Iniciar fala de personagens:

Ela *gritou:*
– Vá embora!

b) Anteceder apostos ou orações apositivas, enumerações ou sequência de palavras que explicam e/ou resumem ideias anteriores.

Esse é o problema dessa geração: tem liberdade, mas não tem responsabilidade.

Anote meu número de telefone: 863820847.

c) Anteceder citação direta:

É como disse Platão: “De todos os animais selvagens, o homem jovem é o mais difícil de domar.”

3. Reticências (...)

Usa-se para:

a) Indicar dúvidas ou hesitação:

Sabe... preciso confessar uma coisa: naquela viagem gastei todas as minhas economias.

b) Interromper uma frase incompleta sintaticamente:

Talvez se você pedisse com jeitinho...

c) Concluir uma frase gramaticalmente incompleta com a intenção de estender a reflexão:

Pedofilia, estupros, assassinatos, pessoas sem ter onde morar, escândalos ligados à corrupção... assim caminha a humanidade.

d) Suprimir palavras em uma transcrição:

“O Cristo não pediu muita coisa. (...) Ele só pediu que nos amássemos uns aos outros.” (Chico Xavier)

4. Parênteses ()

Os parênteses são usados para:

a) Isolar palavras, frases intercaladas de caráter explicativo, datas e, também, podem substituir a vírgula ou o travessão:

Rosa Luxemburgo nasceu em Zamosc (1871).

Numa linda tarde primaveril (meu caçula era um bebê nessa época), ele veio nos visitar pela última vez.

5. Ponto de exclamação (!)

Em que situações utilizar:

a) Após vocativo:

Juliana, bom dia!

b) Final de frases imperativas:

Fuja!

c) Após interjeição:

Ufa! Graças a Deus!

d) Após palavras ou frases de caráter emotivo, expressivo:

Que lástima!

6. Ponto de interrogação (?)

Quando utilizar:

a) Em perguntas diretas:

Quando você chegou?

b) Às vezes, pode ser utilizada junto com o ponto de exclamação para enfatizar o enunciado:

Não acredito, é sério?!

7. Vírgula (,)

Esse é o sinal de pontuação que exerce o maior número de funções, por isso aparece em várias situações. A vírgula marca pausas no enunciado, indicando que os termos por ela separados não formam uma unidade sintática, apesar de estarem na mesma oração.

A seguir confira as situações em que se deve utilizar vírgula.

a) Separar o vocativo:

Marília, vá à padaria comprar pães para o lanche.

b) Separar apostos:

Camila, minha filha caçula, presenteou-me com este relógio.

c) Separar o adjunto adverbial antecipado ou intercalado:

Os políticos, muitas vezes, visam somente os próprios interesses.

d) Separar elementos de uma enumeração:

Meus bolos prediletos são os de chocolate, coco, doce de leite e nata com morangos.

e) Isolar expressões explicativas:

Faça um bolo de chocolate, ou melhor, de chocolate e morangos.

f) Separar conjunções intercaladas:

Os deputados não explicaram, porém, o porquê de tantas faltas.

g) Separar o complemento pleonástico antecipado:

Havia no rosto dela ódio, uma ira, uma raiva que não possuía justificativa.

h) Isolar o nome do lugar na indicação de datas:

São Paulo, 10 de Dezembro de 2016.

i) Separar termos coordenados assindéticos:

Vim, vi, venci. (Júlio César)

j) Marcar a omissão de um termo:

Maria gosta de praticar esportes, e eu, de comer. (omissão do verbo gostar)

Antes da conjunção, como nos casos abaixo:

k) Quando as orações coordenadas possuem sujeitos diferentes:

Os políticos estão cada vez mais ricos, e seus eleitores, cada vez mais pobres.

l) Quando a conjunção “e” repete-se com o objetivo de enfatizar alguma ideia (polissíndeto):

Eu atento, e brigo, e repito, e faço de tudo para ela perceber que está errada, porém nunca me escuta.

m) Utilizamos a vírgula quando a conjunção “e” assume valores distintos que não retratam sentido de adição (adversidade, consequência, por):

Teve febre a noite toda, e ainda está muito fraca.

Entre orações:

n) Para separar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

Amélia, que não se parece em nada com a Amélia da canção, não suportou seu jeito grosseiro e mandão.

o) Para separar as orações coordenadas sindéticas e assindéticas, com exceção das orações iniciadas pela conjunção “e”:

Pediu muito, mas não conseguiu convencer-lhe.

p) Para separar orações subordinadas adverbiais (desenvolvidas ou reduzidas), principalmente se estiverem antepostas à oração principal:

A casa, tão cara que ela desistiu da compra, hoje está entregue às baratas.

q) Para separar as orações intercaladas:

Ficou doente, creio eu, por conta da chuva de ontem.

r) Para separar as orações substantivas antepostas à principal:

Quando me formarei, ainda não sei.

8. Ponto e vírgula (;)

a) Utiliza-se ponto e vírgula para separar os itens de uma sequência de outros itens:

Para preparar o bolo vamos precisar dos seguintes ingredientes:

1 xícara de trigo;

4 ovos;

1 xícara de leite;

1 xícara de açúcar;

1 colher de fermento.

b) Utilizamos ponto e vírgula, também, para separar orações coordenadas muito extensas ou orações coordenadas nas quais já se tenha utilizado a vírgula:

“O rosto de tez amarelenta e feições inexpressivas, numa quietude apática, era pronunciadamente vultuoso, o que mais se acentuava no fim da vida, quando a bronquite crônica de que sofria desde moço se foi transformando em opressora asma cardíaca; os lábios grossos, o inferior um tanto tenso.” (O Visconde de Inhomirim - Visconde de Taunay)

9. Travessão (—)

O travessão deve ser utilizado para os seguintes fins:

a) Iniciar a fala de um personagem no discurso direto:

Então ela disse:

— *Gostaria que fosse possível fazer a viagem antes de Outubro.*

b) Indicar mudança do interlocutor nos diálogos:

— *Querido, você já lavou a louça?*
— *Sim, já comecei a secar, inclusive.*

c) Unir grupos de palavras que indicam itinerários:

O descaso do poder público com relação à rodovia Belém—Brasília é decepcionante.

d) Substituir a vírgula em expressões ou frases explicativas:

Dizem que Elvis — o rei do rock — na verdade, detestava atuar.

10. Aspas ("")

As aspas são utilizadas com os seguintes objetivos:

a) Isolar palavras ou expressões que fogem à norma culta, como gírias, estrangeirismos, palavrões, neologismos, arcaísmos e expressões populares:

A aula do professor foi "irada".

Ele me pediu um "feedback" da resposta do cliente.

b) Indicar uma citação direta:

"la viajar! Viajei. Trinta e quatro vezes, às pressas, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala." (O prazer de viajar - Eça de Queirós)

Observação: Quando houver necessidade de utilizar aspas dentro de uma sentença onde ela já esteja presente, usa-se a marcação simples ('), não dupla (").

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

CRASE

A crase é a contração de duas vogais iguais, sendo a contração mais comum a da preposição a com o artigo definido feminino a (a + a = à).

- Dei a indicação **à** senhora mas ela não a entendeu. (a + a = à)
- Os alunos pediram um favor **à** professora. (a + a = à)

Existem outras contrações, embora menos utilizadas, como a contração da preposição a com os pronomes demonstrativos a, aquele, aquela e aquilo:

a + aquele = àquele;

a + aquela = àquela;

a + aquilo = àquilo.

- Fui **àquele** serviço para resolver esse problema. (a + aquele = àquele)
- Apenas dou a encomenda **àquela** funcionária. (a + aquela = àquela)
- Refiro-me **àquilo** que aconteceu semana passada. (a + aquilo = àquilo)

Dica para o uso da crase

Uma forma fácil de verificar a existência ou não da crase em diversas situações é substituir o substantivo feminino por um substantivo masculino e verificar se haverá ou não a presença da preposição a contraindo com o artigo definido a.

Contração da preposição a com artigo definido feminino a: a + a = à
Contração da preposição a com artigo definido masculino o: a + o = ao

Dúvida no uso da crase: “Vou à praia” ou “Vou a praia”?
Substituição por um substantivo no masculino: Substituição de praia por parque.
Reconstrução da dúvida com o substantivo masculino: “Vou ao parque” ou “Vou o parque”?
Generalização da resposta correta: A forma correta é “Vou ao parque”, com a contração ao. Assim, a forma correta também será “Vou à praia”, com a contração à.

Dúvida no uso da crase: “Vale à pena” ou “Vale a pena”?
Substituição por um substantivo no masculino: Substituição de pena por sacrifício.
Reconstrução da dúvida com o substantivo masculino: “Vale ao sacrifício” ou “Vale o sacrifício”?
Generalização da resposta correta: A forma correta é “Vale o sacrifício”, sem a contração ao. Assim, a forma correta também será “Vale a pena”, sem a contração à.

Atenção!

Mais importante do que decorar regras de quando usar ou não usar crase, o correto uso da crase depende de um bom conhecimento estrutural da língua e de uma capacidade de análise do enunciado frásico, sendo importante compreender que não ocorre crase se houver apenas a preposição a, ou apenas o artigo definido a ou apenas o pronome demonstrativo a. Para que haja crase, é preciso que haja uma sequência de duas vogais iguais, que sofrem contração, formando crase.

Quando não usar crase?

Não ocorre crase:

Antes de substantivos masculinos:

- Gosto de andar **a** pé.
- Este passeio será feito **a** cavalo.
- Será estipulado um tipo de pagamento **a** prazo.
- Escreve **a** lápis, assim podemos apagar o que for preciso.

Antes de verbos:

- Não sei se ela chegou **a** falar sobre esse assunto.
- Meu filho está aprendendo **a** cantar essa música na escola.
- O arquiteto está começando **a** renovar essa casa.
- Meu irmão se dispôs **a** ajudar no que fosse necessário.

Antes da maior parte dos pronomes:

- Desejamos **a** todos um bom fim de semana.
- Você já pediu ajuda **a** alguém?
- Dei todos os meus carrinhos **a** ele.
- Refiro-me **a** quem nunca esteve presente nas reuniões.

Nota: Antes de alguns pronomes pode ocorrer crase.

- Não entregamos o trabalho **à** mesma professora.
- Eu pedi a fatura **à** própria gerente do estabelecimento.
- Solicitei **à** senhora que não fizesse mais reclamações.
- Esta é a reportagem **à** qual me referi.

Em expressões com palavras repetidas, mesmo que essas palavras sejam femininas:

- Estamos estudando as expressões mais usadas pelos falantes no dia **a** dia.
- Gota **a** gota, minha paciência foi enchendo!
- Preciso conversar com você face **a** face.
- Por favor, permaneçam lado **a** lado.

Antes de palavras femininas no plural antecedidas pela preposição a:

- Este artigo se refere **a** pessoas que estão desempregadas.
- A polêmica foi relativa **a** mulheres defensoras da emancipação feminina.
- As bolsas de estudo foram concedidas **a** alunas estrangeiras.

Nota: Caso se especifique os substantivos femininos através da utilização do artigo definido as, ocorre crase, dada a contração desse artigo com a preposição a: a + as = às.

- Este artigo se refere **às** pessoas que estão desempregadas.
- A polêmica foi relativa **às** mulheres defensoras da emancipação feminina.
- As bolsas de estudo foram concedidas **às** alunas estrangeiras.

Antes de um numeral (exceto horas, conforme acima mencionado):

- O número de concorrentes chegou **a** quinhentos e vinte e sete.
- O hotel fica **a** dois quilômetros daqui.
- O motorista conduzia **a** 180 km/h.

Quando usar crase?

Ocorre crase:

Antes de palavras femininas em construções frásicas com substantivos e adjetivos que pedem a preposição a e com verbos cuja regência é feita com a preposição a, indicando a quem algo se refere, como: agradecer a, pedir a, dedicar a,...

- Aquele aluno nunca está atento **à** aula.
- Suas atitudes são idênticas **às** de sua irmã.
- Não consigo ser indiferente **à** falta de respeito dessa menina!
- É importante obedecer **às** regras de funcionamento da escola.
- As testemunhas assistiram **à** cena impávidas e serenas.

Em diversas expressões adverbiais, locuções prepositivas e locuções conjuntivas: à noite, à direita, à toa, às vezes, à deriva, às avessas, à parte, à luz, à vista, à moda de, à maneira de, à exceção de, à frente de, à custa de, à semelhança de, à medida que, à proporção que,...

- Ligo-te hoje **à** noite.
- Ele está completamente **à** parte do grupo.
- A funcionária apenas conseguiu a promoção **à** custa de muito esforço.
- Meu filho mais velho está completamente **à** deriva: não estuda, não trabalha, não faz nada.

Nota: Pode ocorrer crase antes de um substantivo masculino desde que haja uma palavra feminina que se encontre subentendida, como no caso das locuções à moda de e à maneira de.

- Decisões **à** Pedro Neves. (à maneira de Pedro Neves)
- Estilo **à** Paulo Sousa. (à moda de Paulo Sousa)

Antes da indicação exata e determinada de horas:

- Meu filho acorda todos os dias **às** seis da manhã.
- Chegaremos a Brasília **às** 22h.
- A missa começará **à** meia-noite.

Nota: Com as preposições para, desde, após e entre, não ocorre crase.

- Estou esperando você desde **as** seis horas.
- Marcaram o almoço para **as** duas horas da tarde.

Em diversas expressões de modo ou circunstância, atuando como fator de transmissão de clareza na leitura:

- Vou lavar **a** mão na pia.
- Vou lavar **à** mão a roupa delicada.
- Ele pôs **a** venda nos olhos.
- Ele pôs **à** venda o carro.
- Ela trancou **a** chave na gaveta.
- Ela trancou **à** chave a porta.
- Estudei **a** distância.
- Estudei **à** distância.

Quando a crase é facultativa?

O uso do acento grave indicativo de crase é facultativo:

Antes de pronomes possessivos:

- Na festa de Natal, fizeram referência **a** minha falecida mãe.
- Na festa de Natal, fizeram referência **à** minha falecida mãe.

Antes de nomes próprios femininos:

- Enviei cartas **a** Heloísa.
- Enviei cartas **à** Heloísa.

Nota: Não ocorre crase em contexto formal e na nomeação de personalidades ilustres porque nestes casos, segundo a norma culta, não se usa artigo definido.

- Em seu discurso sobre poesia, fez referência **a** Cecília Meireles.
- A cerimônia foi em homenagem **a** Clarice Lispector.

Depois da preposição até antecedendo substantivos femininos:

- Não desistiremos, iremos até **as** últimas consequências.
- Não desistiremos, iremos até **às** últimas consequências.

Casos específicos para o uso da crase

Em algumas situações, o uso da crase fica sujeito a verificação:

Antes de nomes de localidades: Apenas ocorre crase antes de nomes de localidades que admitam a anteposição do artigo a quando regidos pela preposição a. Uma forma fácil de verificar se há anteposição do artigo a é substituir a preposição a pelas preposições de ou em.

Contração da preposição a com artigo definido feminino a: a + a = à
 Contração da preposição de com artigo definido feminino a: de + a = da
 Contração da preposição em com artigo definido feminino a: em + a = na

Havendo contração com as preposições de e em, ficando da e na, também haverá contração com a preposição a, ficando à:

- Vim **da** Bahia.
- Estou **na** Bahia.
- Vou **à** Bahia no próximo mês.

Não havendo contração com as preposições de e em, permanecendo de e em, também não haverá contração com a preposição a, permanecendo a:

- Vim **de** Brasília.
- Estou **em** Brasília.
- Vou **a** Brasília no próximo mês.

Nota: Se houver adjunto adnominal que determine a cidade, ocorre crase.

- Cheguei **à** Brasília dos políticos corruptos.
- Regressei **à** Curitiba de minha infância.

Antes da palavra terra: Ocorre crase apenas com o sentido de Planeta Terra e de localidade, se esta estiver determinada. Com o sentido de chão, estando indeterminado, não ocorre crase.

- Fui **à** terra onde meu pai nasceu. (localidade identificada)
- O astronauta regressou **à** Terra trinta dias após sua partida. (Planeta Terra)
- Os marinheiros chegaram **a** terra de madrugada. (chão indeterminado)

Antes da palavra casa: Ocorre crase apenas quando a palavra casa está determinada com um adjunto adnominal. Sem a determinação de um adjunto adnominal não há crase.

- Regresso **a** casa sempre que posso. (Sem adjunto adnominal)
- Regresso **à** casa de meus pais sempre que posso. (Com adjunto adnominal)

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

VOCABULÁRIO ERUDITO

Todo corretor aprecia um texto cujo vocabulário apresenta-se como erudito. Sabemos que a melhor maneira para aprimorar nosso conhecimento lexical faz-se por meio de uma leitura assídua; entretanto, apresento aqui algumas palavras pertinentes e cabíveis para uma dissertação-argumentativa em prosa:

- *Hodiernamente / Na hodiernidade / Na contemporaneidade* = **atualmente**.
- *Deveras.* = **verdadeiramente**.
- *Demasia / Demasiado.* = **em excesso**.
- *Conquanto.* = **embora; mesmo que**.
- *Porquanto.* = **visto que; devido à/ao**.
- *Supracitado.* = **citado acima**.
- *Todavia / Não obstante / Em contrapartida.* = **porém**.
- *Outrossim.* = **além disso**.
- *Nessa perspectiva / Nesse contexto / Nesse viés / Sob essa ótica.*
- *Nevrágico / Crucial / Mister / Imprescindível / Impreterível.* = **extremamente necessário**.
- *Irrefutável / Inexorável.* = **incontestável**.
- *Por conseguinte / Dessarte / Destarte.* = **portanto**.
- *Verossímil.* = **verdadeiro**.
- *Profícuo.* = **proveitoso**.
- *Exorbitante.* = **grande; muito**.
- *Indubitável / Indubitavelmente.* = **sem dúvidas; com certeza**.

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

COMPETÊNCIAS PARA CORREÇÃO



A avaliação das cinco competências da Redação do Enem

A prova de redação do Enem propõe-se a avaliar 5 competências escritoras do aluno. Para tanto, a matriz de competências da Redação foi adaptada para avaliar o desempenho do participante como produtor de um texto no qual ele demonstre capacidade de reflexão sobre o tema proposto.

Essa reflexão é feita a partir da leitura dos textos que compõem a proposta, conjugada à leitura da realidade. Há o compromisso de que os temas abordem questões de ordem política, social, cultural ou científica, desde que apresentados como uma situação-problema, para a qual o autor do texto deverá propor soluções, respeitando os direitos humanos.

1. Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita.

Na competência I, espera-se que o participante escolha o registro adequado a uma situação formal de produção de texto escrito.

Na correção da Redação do Enem, serão considerados pelos avaliadores os fundamentos gramaticais do texto escrito, refletidos na utilização da norma culta em aspectos como: sintaxe de concordância, regência e colocação; pontuação; flexão; ortografia; e adequação de registro demonstrada, no desempenho linguístico, de acordo com a situação formal de produção exigida.

2. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.

O eixo da competência 2 reside na compreensão do tema proposto pelo Enem. Dessa forma, ele irá avaliar se você compreendeu e soube argumentar sobre o tema em seu texto dissertativo-argumentativo.

Por meio desse tipo de texto, analisam-se, interpretam-se e relacionam-se dados, informações e conceitos amplos em defesa de um ponto de vista.

3. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Na competência 3, durante a correção da Redação do Enem procura-se avaliar como o participante, em uma situação formal de interlocução, seleciona, organiza, relaciona e interpreta os dados, informações e conceitos necessários para defender sua perspectiva sobre o tema proposto na Redação Enem.

4. Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Na competência 4 avalia-se a utilização de recursos coesivos da modalidade escrita, para uma adequada articulação dos argumentos, fatos e opiniões. Esses elementos de argumentação serão avaliados para a defesa da tese desenvolvida. Serão considerados os mecanismos linguísticos responsáveis pela construção da argumentação na superfície textual.

A correção da Redação Enem observa aspectos tais como: coesão referencial; coesão lexical (sinônimos, hiperônimos, repetição, reiteração); e coesão gramatical (uso de conectivos, tempos verbais, pontuação, sequência temporal, relações anafóricas, conectores intervocabulares, intersentenciais, interparágrafos).

5. Elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Na competência 5, verifica-se como o participante indicará na Redação do Enem as possíveis variáveis para solucionar a problemática desenvolvida, quais propostas de intervenção apresentou, qual a relação destas com o projeto desenvolvido sobre o tema proposto.

A quinta competência avaliada na Redação do Enem observa ainda a qualidade das propostas de intervenção, tanto as mais genéricas ou mais específicas, tendo por base a solidariedade humana e o **respeito à diversidade** de pontos de vista, eixos de uma sociedade democrática.

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy



Notas

1) Adequação à proposta (tema/gênero tipologia dissertativo-argumentativo).

Nota 1: 2,50

Nota 2: 2,50

2) Domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.

Nota 1: 2,00

Nota 2: 2,50

3) Coerência e coesão.

Nota 1: 2,50

Nota 2: 2,00

4) Nível de informação e de argumentação, estilo / expressividade.

Nota 1: 2,50

Nota 2: 2,00

Total 1: 9,50

Total 2: 9,00

Média : 9,25

CONCURSO VESTIBULAR ACAFE INVERNO 2018

Adequação à proposta (tema/gênero tipologia dissertativo-argumentativo) - Nota 0,0 a 2,5
Domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa - Nota 0,0 a 2,5
Coerência e coesão - Nota 0,0 a 2,5
Nível de informação e de argumentação, estilo/expressividade - Nota 0,0 a 2,5



○ Faltante

050000



05 03 15

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

UFSC

A redação vale 10 pontos e são quatro os critérios levados em conta nessa avaliação (cada um valendo 2,5):

1 – Adequação à proposta – tema e gênero: o candidato deve interpretar adequadamente as propostas apresentadas, a partir das quais escolherá uma para produzir seu texto. A adequação à proposta envolve:

- compreender a proposta e desenvolver o tema apresentado de acordo com o gênero solicitado (sendo que a fuga total ao tema implicará nota zero);
- utilizar recursos linguísticos apropriados ao tema e ao gênero textual/discursivo da proposta escolhida;
- adequar-se ao propósito comunicativo, ao estilo e à composição do gênero textual/discursivo.

2 – Emprego da modalidade escrita na variedade padrão – o candidato deve produzir um texto escrito, adequado à variedade padrão da língua, considerando **ortografia, acentuação gráfica, pontuação, regência verbal e nominal, concordância verbal e nominal, crase, uso de pronomes** etc. Outras variedades da língua podem ser utilizadas apenas como recurso estilístico e com a finalidade de representar/caracterizar sociolinguisticamente personagens em contextos interacionais específicos.

3 – Coerência e coesão: para produzir um texto coerente e coeso, o candidato deve observar os seguintes aspectos:

- **organização:** as partes do texto devem estar articuladas entre si e ao todo de maneira clara e coerente, distribuídas adequadamente em parágrafos;
- **construção de relações semânticas:** o texto deve apresentar relações semânticas pertinentes entre palavras, frases e parágrafos, sem contradições;
- **encadeamento de ideias:** as partes do texto devem ser encadeadas com continuidade (retomada de elementos no decorrer do texto) e progressão temática (sem circularidade ou redundâncias inexpressivas);
- **uso de recursos coesivos:** o texto deve apresentar elementos anafóricos e catafóricos não ambíguos (pronomes, advérbios, elipses, reiteraões, substituições lexicais);
- **articuladores apropriados** (conjunções, operadores lógicos e discursivos); correlação de tempos e modos verbais adequada.

4 – Nível de informatividade e de argumentação ou narratividade, de acordo com a proposta

- **nível de informatividade:** o candidato deve demonstrar que dispõe de diversidade e densidade de informações, condizentes com a formação escolar de Ensino Médio. As informações apresentadas devem ser pertinentes ao tema e ao gênero textual/discursivo da proposta escolhida para sua produção textual;
- **nível de argumentação ou de narratividade:** o candidato deve demonstrar que sabe selecionar argumentos e organizá-los de modo convergente, revelando criticidade, situando-se em um universo de referências concretas (ou posicionando-se subjetivamente), sem apresentar noções generalizantes, indeterminadas ou vagas, e fazendo uso de recursos expressivos que marquem sua posição de autoria, em conformidade com o tema e o gênero textual/discursivo da proposta escolhida para sua produção textual.

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

UDESC

Os critérios de avaliação da Prova de Redação incluem:

- **Adequação à proposta (tema/tipologia – dissertativa argumentativa)** 0,0 a 10,0
- **Domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa/coerência e coesão** 0,0 a 10,0
- **Nível de informação de argumentação/Estilo e expressividade** 0,0 a 10,0

Além de abordar o tema proposto, a redação deverá demonstrar as seguintes habilidades:

- fluência, clareza, coerência e coesão linguística;
- ideias organizadas, em sequência lógica e coerentes;
- argumentos encadeados de forma coesa;
- relação entre os termos da oração e entre as orações no período;
- paragrafação correta;
- respeito às normas gramaticais e ortográficas em vigor; pontuação adequada;
- aplicação de conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema dentro dos limites estruturais do texto.

De um modo geral, o ponto de partida para a escrita costuma ser uma imagem e um ou mais textos motivadores. Observando as últimas provas dessa estadual, dá para perceber que, para a escolha dos temas, a banca tem procurado estabelecer alguma **relação entre atualidades e literatura**, a exemplo da UFSC. Assim, é importante estar atento aos assuntos abordados nas obras literárias de leitura obrigatória

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Pontuação obtida de acordo com os critérios estabelecidos para a correção

Pauta de Avaliação: Caracterização do objeto do resumo

Tipo de Critério	Descrição do Critério	Pontuação Obtida no Critério	Máxima Pontuação Possível	Interposição de Recursos
Somativo	1. Menção ao autor. 2. Identificação da natureza do texto-base (prefácio de um livro). 3. Ano da publicação.	2	2	obteve a pontuação máxima possível para o critério

Pauta de Avaliação: Tese e argumentos

Tipo de Critério	Descrição do Critério	Pontuação Obtida no Critério	Máxima Pontuação Possível	Interposição de Recursos
Somativo	1. Tese: A revolução das relações sociais propugnada pela economia do compartilhamento apresenta-se como uma falácia (não se cumpriu como a promessa que era). 2. A economia de compartilhamento não exprime a cooperação direta entre os indivíduos. 3. O surgimento das empresas-plataforma com o aumento da capacidade de processar e armazenar dados favoreceu o surgimento de megacorporações, que promovem a intermediação entre os indivíduos a custo zero. 4. A intermediação das empresas-plataforma provoca a erosão de muitas comunidades, a precarização do trabalho, o consumismo e o acúmulo de fortunas. 5. As empresas-plataforma não se responsabilizam pelos ônus da relação comercial entre os que oferecem bens e serviços e os que demandam esses bens e serviços, nem pelas questões ambientais.	10	12	

Pauta de Avaliação: Aspectos formais

Tipo de Critério	Descrição do Critério	Pontuação Obtida no Critério	Máxima Pontuação Possível	Interposição de Recursos
Somativo	1. Adequação formal: coerência, coesão, adequação lexical, respeito às normas da escrita. 2. Emprego e domínio de recursos para produzir efeitos estilísticos. 3. Adequação ao gênero discursivo (resumo).	6	6	obteve a pontuação máxima possível para o critério

Anotações gerais

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

UFRGS

O fator Estrutura e Conteúdo constitui uma parte importante da avaliação analítica das redações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Veja o que é observado em cada um dos itens em que o tópico está dividido:

1 – Ângulo de abordagem:

1.1 – Clareza: Os avaliadores não exigem que o autor apresente a ideia central de sua dissertação logo no primeiro parágrafo. Mas o ponto de vista do vestibulando – o que ele realmente pensa sobre o tema proposto – tem de estar explícito no texto. A redação tem de assumir, efetivamente, uma posição, não ficar em cima do muro.

OBS.: se o texto foge parcialmente do tema proposto, a nota será calculada apenas com metade do peso. Se for identificada uma fuga total do tema, a nota é zero.

1.2 – Consistência: O texto não pode desviar-se do ponto de vista apresentado. Toda a dissertação tem de girar em torno da posição manifestada, sem contradições. O desdobramento da redação, até a conclusão, deve atender ao que foi anunciado na apresentação do ponto de vista. Os exemplos usados têm de estar relacionados aos argumentos e, este, ao ponto de vista central.

1.3 – Autonomia: O texto tem de revelar esforço pela autoria, apresentar subjetividade e, por conseqüência, gerar interesse no leitor. A autonomia do texto manifesta-se quando o redator organiza as idéias seguindo seus próprios critérios, não se apegando a modelos prévios ou a lugares-comuns.

2 – Estrutura do parágrafo

A maioria dos parágrafos do texto deverá ter, no mínimo, dois períodos. Mas não há um limite rígido para o número de linhas do parágrafo. O que é analisado é se cada parágrafo expressa uma idéia completa e se a divisão em parágrafos favorece a progressão do texto, evitando a repetição de afirmações.

3 – Coesão textual

Esse item avalia as relações internas do texto: se a estruturação das orações é adequada à argumentação, se os nexos estão de acordo com a hierarquização das idéias e se o autor se utiliza corretamente dos recursos gramaticais para enriquecer a redação.

4 – Caráter dissertativo

Embora a redação da UFRGS exija a presença de uma narração de experiência pessoal para ilustrar a argumentação, o texto final deve ser predominantemente dissertativo, ou seja, a narração estará a serviço da dissertação. O objetivo da redação é a reflexão, não apenas o relato ou a descrição.

OBS.: redações que apresentam predominância da narração ou da descrição sobre a dissertação são avaliadas com metade do peso. Se o texto é apenas narrativo ou descritivo, sem qualquer característica de dissertação, recebe nota zero.

5 – Competência da argumentação

Os argumentos devem explicar o ponto de vista do autor. São a forma de o redator justificar sua opinião. Um bom teste para identificar a qualidade da argumentação de um texto é perguntar "por quê?" à frase que sintetiza o ponto de vista. Se as respostas aparecerem na redação, a competência da argumentação foi alcançada.

6 – Criticidade

O texto não pode refletir apenas o "umbigo" do autor. Também tem de ser confrontável com a realidade. Esse item avalia a relação lógica entre o texto e a realidade objetiva. Por isso, a reflexão do autor não pode ser alienada. Tem de estar associada ao contexto.

7 – Organicidade

Aqui, o avaliador verifica o uso adequado de processos próprios do conhecimento – comparação, análise, classificação e definição, por exemplo. Estão em jogo a dinâmica da argumentação e o emprego de recursos paralelos à reflexão, como citações, dados estatísticos ou argumentos históricos.

8 – Qualidade estilística

O texto deverá apresentar uma linguagem precisa, com vocabulário rico e, ao mesmo tempo, adequado ao ponto de vista apresentado e ao estilo do autor. O uso de gírias, por exemplo, não é condenado, desde que os termos adotados tenham relação com a ideia central do texto e não signifiquem pobreza de vocabulário.

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

GÊNEROS

TEXTUAIS

Redação
Nota **1000**

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Carta pessoal

A **Carta Pessoal** é um tipo de texto epistolar utilizado geralmente entre indivíduos que apresentem certa aproximação (amigos, familiares, etc.).

Ainda que seja pouco utilizada atualmente, visto a expansão da tecnologia (e-mail, redes sociais, etc.), há pessoas que preferem escrever no papel (texto manuscrito) e enviar as cartas via correio.

Dependendo da pessoa a quem se destina, a linguagem utilizada na carta pessoal pode ser uma linguagem mais despretensiosa (coloquial e informal) ou mais preocupada com as normas gramaticais (linguagem formal).

Assim, se a carta for destinada a uma pessoa próxima é provável que apresente vícios e figuras de linguagem, bem como gírias e expressões populares.

No entanto, se for uma carta destinada ao diretor da escola, por exemplo, expressões de formalidade serão incluídas, por exemplo, frases de cordialidade (atenciosamente, cumprimentos, etc.), além de seguir as normas gramaticais da língua.

Características

As principais características da carta pessoal é:

- Presença de destinatário (interlocutor) e remetente (locutor)
- Uso de linguagem formal ou informal
- Texto de ordem sentimental e subjetiva
- Texto geralmente breve
- Escritos na primeira pessoa do singular
- Tema livre (seja fatos do cotidiano, acontecimentos)

Estrutura

Dependendo da proximidade entre o destinatário e o remetente, as cartas pessoais não seguem uma estrutura padrão. No entanto, vale lembrar que como gênero epistolar ela apresenta uma estrutura básica:

- **Local e Data:** são colocados acima de qualquer informação.
- **Vocativo:** o nome do destinatário aparece logo abaixo do local e da data. Pode também ser substituído (ou estar junto ao nome) por expressões de saudações (caro amigo, tia querida, etc.).

- **Corpo do texto:** conta com a introdução, desenvolvimento e conclusão do que se pretende informar.
- **Despedida:** saudações do remetente que podem ser de cunho formal ou informal, por exemplo, "atenciosamente" ou "beijos carinhosos e forte abraço"
- **Assinatura:** para finalizar a carta, o remetente assina seu nome abaixo das saudações de despedida. Nas cartas pessoais geralmente é escrito somente o primeiro nome.

Exemplo:

PROPOSTA 1

Produza uma carta à COPERVE, sugerindo a leitura de um livro de literatura para o próximo vestibular. Exponha os motivos pelos quais os(as) candidatos(as) ao vestibular deverão ler esse livro. Assine a carta como "Vestibulando". Não se identifique.

PROPOSTA 2

Produza um manifesto sobre a democratização da leitura no Brasil. Assine como "Coletivo de Estudantes do Ensino Médio". Não se identifique.

PROPOSTA 3

Produza uma crônica sobre os desafios de um leitor na sociedade contemporânea. Não se identifique.



		Critério "a"	Critério "b"	Critério "c"	Critério "d"	Total
Prova 2	Redação* [Vista]	2,50	2,25	2,25	2,25	9,25

* A pontuação Total da Redação está expressa na escala de 0 a 10. Os critérios estão especificados no item 5.4 do Edital Completo

Vestibular UNIFICADO UFSC/IFSC - 2023 0014312		AUSENTE Uso do fiscal <input checked="" type="radio"/>	 13215950
Inscrição: 1321595 Local: 03 Setor: 25 Grupo: 027 Ordem: 09			
FOLHA OFICIAL DE REDAÇÃO		Indique abaixo a proposta escolhida <input type="radio"/> <input checked="" type="radio"/> <input type="radio"/>	
Não se identifique de forma alguma nesta folha. Não faça desenhos, marcações etc. Não amasse, não dobre e não rasgue esta folha. A numeração das linhas é apenas para sua referência.			
Título: _____			
01	Balneário Camboriú, 11 de dezembro de 2022.		
02	Pregada Bopperue, venho sugerir à banca a digníssima obra Quarto de Despajo de uma		
03	famelada como leitura obrigatória para o próximo vestibular vigente. Apesar desse manuscrito datar		
04	de 1960, a célebre autora, Bardina Maria de Jesus, narra diversos impeditos enfrentados por ela e sua		
05	família, diante da inabarcável desigualdade social vigente até os dias atuais, sendo assim, mostrarei		
06	posteriormente os motivos pelos quais essa obra deve ser adotada pelas instituições públicas catarinenses.		
07	Ressalto ainda, que, a trajetória de superação vivida por Bardina mostra ser de imprescindível		
08	conhecimento dos estudantes brasileiros, visto que, o livro consegue traduzir escancaradamente		
09	a realidade abstrata de milhões de tupiniquins, moradores de favelas e periferias, distribuídos		
10	em todo o território nacional. Reflito também, que, ao tornar essa obra literária obrigatória, mi-		
11	lhares de alunos poderão entender plenamente como sistema educacional (vivenciado pelos três filhos da		
12	autora) é falho para a população carente, avaliando, inclusive, o discurso governamental		
13	para com as crianças e jovens mães vulneráveis economicamente, necessitando, compulsoria-		
14	mente, de políticas inclusivas nas redes de ensino nacionais.		
15	Além da realidade hostil presenciada pela família de Maria de Jesus, os candidatos sofrerão		
16	junto com as frequentes situações de fome, na jornada avassaladora da protagonista, e poderão		
17	desenvolver um maior conhecimento acerca dos dilemas sociais indubitavelmente vividos na sociedade		
18	de verde-amarela. Reflito ainda, que, a leitura dessa obra protagoniza a inclusão das variedades		
19	linguísticas, utilizadas de forma única, pela autora, ressaltando não só a riqueza verbal,		
20	como também o coloquialismo artístico. Além disso, os estudantes vão contextualizar-se em di-		
21	versas situações dolorosas, mas reais, os quais acometem o nosso país, como a violência urba-		
22	na, a insegurança alimentar, a educação deficitária e o desleixo estatal no fornecimento de		
23	recursos monetários nos mais variados (m) setores da nossa comunidade nacional.		
24	Sendo assim, deixo aqui minha sugestão à banca da Bopperue sobre a importância		
25	da obra Quarto de Despajo para a literatura nacional e a alarmante realidade		
26	da empatia adotada, muitas vezes, só depois do reconhecimento prévio da dolorosa história		
27	individual de cada cidadão, nas futuras relações sociais dos leitores e na ampliação		
28	de repertórios sociais de mundo de cada candidato aos cursos de ensino superior		
29	da rede federal de ensino do estado de Santa Catarina.		
30	Atenciosamente, restituílanda.		

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Carta argumentativa

A **Carta Argumentativa** é um tipo de texto que tem como objeto principal persuadir o leitor.

Nesse sentido, a argumentação é sua principal arma de convencimento, de forma que o emissor (escritor), através do seu ponto de vista, tenta convencer o receptor (leitor) sobre determinado assunto.

Trata-se, portanto, de um texto dissertativo-argumentativo que possui peculiaridades em sua produção, posto que apresenta um receptor ou receptores específicos para o qual se dirige.

Assim, vale frisar que a principal característica do gênero textual "carta" é justamente a existência de um emissor (remetente) e de um receptor (destinatário).

A linguagem utilizada pode ser formal ou informal, dependendo da relação entre os interlocutores, por exemplo, um amigo (informal) e o prefeito (formal).

Por esse motivo, esteja atento a sua estrutura, pois esse tipo de texto pode ser exigido em vestibulares e concursos públicos.

Características

As principais características da carta argumentativa são:

- Persuasão e argumentação
- Linguagem clara e objetiva
- Geralmente escrita em 1ª pessoa
- Presença de destinatário e remetente
- Uso de pronomes de tratamento
- Assinatura do escritor (locutor)

Estrutura

Embora seja um texto dissertativo-argumentativo (com estrutura básica de introdução, desenvolvimento e conclusão), a estrutura da Carta Argumentativa inclui ainda outros momentos:

- **Local e Data:** Primeiramente, surge o nome da cidade (local) em que se encontra o emissor e a data que está sendo produzida. Essa parte é também chamada de cabeçalho.
- **Nome do Receptor:** Abaixo da data e do local, deverá surgir o nome da pessoa ou do órgão a quem se destina a carta.
- **Saudação Inicial:** Dependendo da formalidade, utilizamos determinadas saudações iniciais (vocativos). Representam as formas de tratamento como: prezado (ou caro) senhor ou senhora, excelentíssimo, digníssimo, dentre outros.
- **Introdução:** Na introdução, o assunto a ser abordado durante todo o texto deverá ser abordado, ou seja, o tema principal da carta.
- **Desenvolvimento:** Já que se trata de um texto argumentativo, nesse momento as argumentações e os pontos de vista deverão ser explorados de forma a convencer o leitor.
- **Conclusão:** Trata-se da parte final do texto, que apresenta o arremate das ideias expostas na introdução e no desenvolvimento. Em outras palavras, é a parte da síntese das ideias que aparece uma proposta, recomendação e/ou sugestão.
- **Despedida:** É a saudação final que colocará fim no seu texto, por exemplo, "atenciosamente", se for formal, ou "beijos e abraços", de maneira informal.
- **Nome do Emissor:** No final da Carta, aparece o nome e assinatura de quem a produziu.

Exemplo de carta argumentativa

Leia agora uma carta argumentativa baseada num tema proposto pela UEL. Preste muita atenção ao que foi pedido no enunciado e aos textos de apoio (suprimiu-se, por questões de espaço, um trecho do texto b). Note que os elementos da estrutura da carta foram respeitados pelo autor.

Enunciado e textos de apoio

A partir da leitura crítica dos textos de apoio, escreva uma carta dirigida a um jornal da cidade, sugerindo medidas para conter a violência em Londrina.

1. a) **A violência, quem diria, já não é o que mais preocupa o brasileiro. Chegamos à era da selvageria.**

(Marcelo Carneiro e Ronaldo França)

Não é preciso ser especialista em segurança pública para perceber que o crime atingiu níveis insuportáveis. Hoje, as vítimas da violência têm a sensação quase de alívio quando, num assalto, perdem a carteira ou o carro – e não a vida.

Essa espiral de insegurança gerou uma variante ainda mais assustadora. É o crime com crueldade. A morte trágica de Tim Lopes, o repórter da Rede Globo que realizava uma reportagem sobre tráfico de drogas e exploração sexual de menores em um baile funk numa favela da Zona Norte do Rio de Janeiro, é apenas o exemplo mais recente de uma tragédia que se repete a toda hora.

Desta vez, com uma questão ainda mais aguda: por que um bandido precisa brutalizar as suas vítimas?

O fato de as cenas mais chocantes da brutalidade estarem quase sempre associadas a regiões pobres das áreas metropolitanas das capitais brasileiras criou, em alguns especialistas, a idéia de que boa parte dos problemas de segurança poderia ser resolvida com investimentos maciços na área social. Trata-se de um equívoco.

Um levantamento do jornal O Globo mostra que, desde 1995, a prefeitura do Rio já investiu quase 2 bilhões de reais em projetos de urbanização, saneamento e lazer em favelas. Isso não impediu que, nos últimos dez anos, houvesse um crescimento de 41% no número de mortes de jovens entre 15 a 24 anos, na maioria moradores de áreas carentes.

O aumento da criminalidade desafia qualquer lógica que vincule, de modo simplista, indicadores sociais a baixos índices de violência. Desde a década de 80, quando o tráfico de drogas passou a se estabelecer definitivamente nas principais cidades brasileiras, os números relativos à educação, saúde e saneamento só fazem melhorar no país.

O investimento dos governos estaduais em segurança também é crescente. Só neste ano, o governador paulista, Geraldo Alckmin, prometeu destinar 190 milhões de reais para o combate à criminalidade, a construção de três penitenciárias e a aquisição de novos veículos – um recorde.

“Vincular violência somente a problemas sociais, por exemplo, é um erro. O crime organizado e a brutalidade que ele gera são um fenômeno internacional”, diz a juíza aposentada Denise Frossard. Os códigos de crueldade das organizações criminosas chinesas, com mutilações do globo ocular, ou da máfia italiana, especializada em decepar a língua dos traidores, não diferem em nada do “microondas”, criação dos traficantes cariocas para incinerar seus inimigos.

As soluções para tentar diminuir a espiral da brutalidade também podem ser encontradas no exterior. Criado em 1993, o projeto de Tolerância Zero, da prefeitura de Nova York, tinha desde o início o objetivo de combater os violentos crimes de homicídio por tráfico de drogas. Descobriu-se que o furto de veículos, um crime mais leve, tinha relação direta com os assassinatos.

Combatendo-se o furto, caía também o número de mortes. Assim feito, ao mesmo tempo que uma faxina nas delegacias eliminou centenas de policiais corruptos. São medidas que, no Brasil, ainda estão no campo da discussão. Quando finalmente se decidir pela ação, talvez já seja tarde. Por enquanto, a sociedade se pergunta, perplexa, como pode uma parte dela comportar-se de modo tão bárbaro. (Veja, jun. de 2002)

1. b) Iniciativas contra sete gatilhos da violência urbana

É imprescindível discutir a violência quando ocorre um homicídio por hora só na grande São Paulo. A cifra prova que o poder público fracassou numa das

principais obrigações determinadas pela Constituição: garantir a segurança dos cidadãos. Este artigo apresenta iniciativas que tentam minimizar algumas causas da violência como as detalhadas no quadro abaixo. Elas atuam sobre sete fatores que influem na criminalidade: desemprego, narcotráfico, urbanização, cidadania, qualidade de vida, identidade e família.

Vigário Geral

- Nome: Grupo Cultural Afro Reggae
- Área de atuação: combate ao narcotráfico e ao subemprego
- Comunidades atendidas: Vigário geral, Cidade de Deus, Cantagalo e Parada de Lucas, Rio de Janeiro (RJ)
- População atendida: 744 jovens e adultos (números atuais)
- Quando começou: 21 de janeiro de 1993
- Quem financia: Fundação Ford (apoio institucional)
- Mais informações: site...

Jardim Ângela

- Nome: Base Comunitária da Polícia Militar
- Área de atuação: policiamento e atendimento social
- Comunidades atendidas: Jardim Ângela
- População atendida: 260 mil habitantes
- Quando começou: 1998
- Quem financia: Governo do Estado de São Paulo
- Mais informações: fone...

Exemplo de redação na modalidade carta argumentativa

Londrina, 10 de setembro de 2018.

Prezado editor,

O senhor e eu podemos afirmar com segurança que a violência em Londrina atingiu proporções caóticas. Para chegar a tal conclusão, não é necessário recorrer a estatísticas. Basta sairmos às ruas (a pé ou de carro) num dia de “sorte” para constatarmos pessoalmente a gravidade da situação. Mas não acredito que esse quadro seja irremediável. Se as nossas autoridades seguirem alguns exemplos nacionais e internacionais, tenho a certeza de que poderemos ter mais tranquilidade na terceira cidade mais importante do Sul do país.

Um bom modelo de ação a ser considerado é o adotado em Vigário Geral, no Rio de Janeiro, onde foi criado, no início de 1993, o Grupo cultural Afro Reggae. A iniciativa, cujos principais alvos são o tráfico de drogas e o subemprego, tem beneficiado cerca de 750 jovens. Além de Vigário Geral, são atendidas pelo grupo as comunidades de Cidade de Deus, Cantagalo e Parada de Lucas.

Mas combater somente o narcotráfico e o problema do desemprego não basta, como nos demonstra um paradigma do exterior. Foi muito divulgado pela mídia – inclusive pelo seu jornal, a Folha de Londrina – o projeto de Tolerância Zero, adotado pela prefeitura nova-iorquina há cerca de dez anos.

Por meio desse plano, foi descoberto que, além de reprimir os homicídios relacionados ao narcotráfico (intenção inicial), seria mister combater outros crimes, não tão graves, mas que também tinham relação direta com a incidência de assassinatos. A diminuição do número de casos de furtos de veículos, por exemplo, teve repercussão positiva na redução de homicídios.

Convenhamos, senhor editor: faltam vontade e ação políticas. Já não é tempo de as nossas autoridades se espelharem em bons modelos? As iniciativas mencionadas foram somente duas de várias outras, em nosso e em outros países, que poderiam sanar ou, pelo menos, mitigar o problema da violência em Londrina, que tem assustado a todos.

Espero que o senhor publique esta carta como forma de exteriorizar o protesto e as propostas deste leitor, que, como todos os londrinenses, deseja viver tranquilamente em nossa cidade.

Atenciosamente,

M.

Comentários

Percebeu como a estrutura da carta é dissertativa? No primeiro parágrafo – releia e confira – é apresentada a tese a ser defendida (a de que a situação da violência é grave, mas não irremediável).

Nos dois parágrafos subsequentes (o desenvolvimento), são apresentadas, obedecendo ao que se pede no enunciado, propostas para combater a violência na cidade de Londrina.

Já no último parágrafo, a conclusão, propõe-se que as autoridades sigam exemplos como os citados no desenvolvimento.

O leitor, o editor do jornal, “apareceu” no texto, o que é muito positivo em se tratando de uma carta. E, como não poderia deixar de ser, foram respeitados os elementos pré-textuais (cabeçalho e vocativo) e pós-textuais (expressão introdutora de assinatura e assinatura)

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

Carta de leitor

A **carta do leitor** é um tipo de carta veiculada geralmente em jornais e revistas, onde os leitores podem apresentar suas opiniões.

Esse gênero epistolar possui uma função relevante para os meios de comunicação, de modo que a carta do leitor assegura uma resposta (*feedback*) de seus leitores.

Esse espaço reservado aos leitores é um importante instrumento de comunicação, pois eles podem interagir com o meio de comunicação, expondo assim, seu ponto de vista sobre uma notícia, reportagem, pesquisa ou qualquer outro assunto atual.

Assim, as opiniões, sugestões, críticas, perguntas, elogios e reclamações dos leitores são publicadas e podem ser visualizadas por qualquer indivíduo.

Além disso, o leitor pode sugerir algum tema a ser abordado. Por esse motivo, é uma importante ferramenta de produção de pauta para os veículos de comunicação.

Principais características da carta do leitor

- Textos breves e escritos em 1.^a pessoa;
- Temas atuais e de caráter subjetivo;
- Linguagem simples, clara e objetiva;
- Presença de destinatário e remetente;
- Texto expositivo e argumentativo.

Estrutura: como fazer uma carta do leitor?

Devemos lembrar que a carta do leitor possui um remetente (emissor ou locutor) e destinatário (receptor ou interlocutor).

Antes de ser publicada ela passa pela equipe de revisão, a qual adaptará o texto e corrigirá possíveis erros.

Por esse motivo, não existe um modelo específico, uma vez que segue o padrão de apresentação e o espaço destinado para esse fim determinado pelo meio de comunicação.

Vale lembrar que a carta do leitor é uma pequena seção do veículo de comunicação, a qual pode ser publicada na íntegra, ou somente trechos relevantes.

Como será publicada, as expressões de baixo calão, ou posições preconceituosas não devem ser pronunciadas.

Além disso, o leitor deve evitar expressões populares, gírias, vícios de linguagem, apresentando seu texto numa linguagem formal, ou seja, que segue a norma culta da língua.

Importante destacar que, de acordo com o público, a linguagem pode ser mais descontraída, por exemplo, numa revista para adolescentes.

Geralmente as cartas dos leitores não seguem uma estrutura padrão, no entanto, devem apresentar alguns elementos estruturais:

- **Vocativo:** aparece o nome da revista ou do jornal e pode vir acompanhada de local e data (chamado de cabeçalho).
- **Introdução:** pequeno trecho que aborda o assunto que será apresentado e explorado pelo leitor.
- **Desenvolvimento:** desenvolvimento da argumentação do leitor sobre sua ideia central.
- **Conclusão:** o leitor arremata suas ideias, e geralmente inclui uma sugestão para o assunto abordado.
- **Despedida:** representa as saudações finais do leitor, por exemplo: atentamente, cordialmente, abraços, etc.
- **Assinatura:** O leitor assina seu nome, o qual pode aparecer em forma de sigla, por exemplo, Afonso Miguel Pereira dos Santos (A.M.P.S.)

EXEMPLO:

REDAÇÃO	
PROPOSTA 1	PROPOSTA 2
<p>Redija uma CARTA DO LEITOR para ser publicada no jornal online latinoamerica21.com, manifestando seu posicionamento sobre o texto abaixo. Assine sua carta como João ou Maria.</p> <p>Obesidade: um problema individual ou social? Martha Jaramillo Cardona</p>	<p>Produza um ARTIGO DE OPINIÃO para ser publicado em jornal online paranaense sobre o tema:</p> <p>CIÊNCIA VERSUS ANTICIÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</p> <p>Fragmento do texto <i>A pandemia e a anticiência</i>, de Cleyton Monte:</p>

Os metadiscursos – a forma na qual os discursos são projetados para interagir com os destinatários – divulgados pela mídia e pelas “redes sociais” representam o peso corporal como uma consequência do estilo de vida. Eles equiparam “gordura” com “doença” e “magreza” com “saúde” (...). Nas sociedades neoliberais, nas quais o “indivíduo autônomo e autorregulado” é altamente valorizado, a construção social relativa às “pessoas gordas” é especialmente condenatória. (...) Duas décadas após a declaração do estado de alerta para a globesidade – um termo cunhado pela Organização Mundial da Saúde para se referir à crescente pandemia de excesso de peso – o aumento da obesidade não parou, e sua propagação é muito mais complexa. (...) A atual abordagem reducionista da saúde e a “guerra à obesidade” global são problemáticas e potencialmente prejudiciais. Enquanto os riscos ambientais, como argumentam os estudiosos Costa-Font e Mas, são medidos empiricamente no sistema globalizado de produção e distribuição, os “riscos de estilo de vida” são baseados no uso voluntário a longo prazo – ou mau uso – de bens de risco que são legalmente distribuídos no mercado. (...) A institucionalização da obesidade, como um problema de saúde pública, no final dos anos 1990, reforçou a especialização médica nos esforços de tratamento e prevenção. A biomedicalização promoveu uma despersonalização e desestigmatização da condição de obesidade como resultado unicamente atribuível a hábitos pessoais e responsabilidade individual.

Fonte: <https://latinoamerica21.com/br/a-obesidade-um-problema-social-nao-individual/> (adaptado)

Francisco Beltrão-PR, 1 de agosto de 2021

Prezado editor do jornal online latinoamericas.com,

Acompanho assiduamente as publicações do jornal e o texto "Obesidade: um problema individual ou social?", de Impatha Jaramillo Cardona, em especial, chamou-me a atenção, pois, de fato, costumamos atribuir, erroneamente, a responsabilidade da manutenção do peso excessivo aos próprios indivíduos, desconsiderando os demais fatores que atuam na sua determinação. Por isso, escrevo para expor que considero a obesidade uma questão ligada, sobretudo, à falta ou à ineficácia de ações públicas e sociais.

Nessa sentido, como editor, ressalto que a baixa condição financeira de grande parcela da população determina suas escolhas alimentícias. Infato que há uma disparidade entre os preços dos produtos de menor e de maior qualidade, sendo estes, muitas vezes, impossíveis de serem obtidos. Aquelas itens, para terem valores reduzidos, precisam da adição de componentes prejudiciais à saúde e promotores de sobrepeso, tais como gorduras e conservantes excessivos. Assim, sem escolhas e sem fiscalizações efetivas que os barrem, são priorizados pela sociedade, desencadeando os elevados índices de obesidade que se observam hodiernamente.

Além disso, editor, vejo que a prática de exercícios físicos - importante meio de gasto calórico e de bem-estar - também não é disponibilizada a todos. Mesmo que haja academias públicas destinadas à população, as longas jornadas de trabalho e os afazeres domésticos, rotineiros da maioria das pessoas, ocupam toda sua diária ou consomem toda a sua disposição, não deixando tempo e energia para as atividades motoras. Desse modo, acredito que não precede a obtenção por bons hábitos enquanto são inviáveis.

Portanto, creio ser a obesidade derivada de fatores socioeconômicos, que impedem muitos cidadãos de terem uma boa dieta e maior realização de exercícios. Sendo assim, senhor editor, julgo ser de suma relevância o tema obesidade no texto e sugiro que sejam feitas, em próximas edições, novas discussões sobre o assunto, para que mais pessoas sejam conscientizadas e instruídas a não pensarem no sobrepeso como opção de hábitos individuais, mas sim levar em consideração todas as dificuldades que levam a ele, incentivando suas reduções.

Atenciosamente,
Impatha

Artigo de opinião

O artigo de opinião é um tipo de texto dissertativo-argumentativo onde o autor apresenta seu ponto de vista sobre determinado tema e, por isso, recebe esse nome.

A argumentação é o principal recurso retórico utilizado nos textos de opinião, que tem como característica informar e persuadir o leitor sobre um assunto.

Geralmente os artigos de opinião são veiculados nos meios de comunicação de massa - televisão, rádio, jornais ou revistas - e abordam temas da atualidade.

As características do artigo de opinião

- Textos escritos em primeira e terceira pessoa;
- Uso da argumentação e persuasão;
- Geralmente são assinados pelo autor;
- Produções veiculadas nos meios de comunicação;
- Possuem uma linguagem simples, objetiva e subjetiva;
- Abordam temas da atualidade;
- Possuem títulos polêmicos e provocativos;
- Contém verbos no presente e no imperativo.

A estrutura do artigo de opinião

Geralmente os artigos de opinião seguem o padrão da estrutura dos textos dissertativos-argumentativos:

- Introdução (exposição): apresentação do tema que será discutido durante o artigo;
- Desenvolvimento (interpretação): momento em que a opinião e a argumentação são os principais recursos utilizados;
- Conclusão (opinião): finalização do artigo com apresentação de ideias para solucionar os problemas sobre o tema proposto.

EXEMPLO:

REDAÇÃO	
PROPOSTA 1	PROPOSTA 2
Redija uma CARTA DO LEITOR para ser publicada no jornal online latinoamerica21.com, manifestando seu posicionamento sobre o texto abaixo. Assine sua carta como João ou Maria.	Produza um ARTIGO DE OPINIÃO para ser publicado em jornal online paranaense sobre o tema:
Obesidade: um problema individual ou social? Martha Jaramillo Cardona	CIÊNCIA VERSUS ANTICIÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA Fragmento do texto <i>A pandemia e a anticiência</i> , de Cleyton Monte:

• Artigo de opinião - nota: 59/60

A PESTE NEGRA MODERNA

ESPECIALMENTE NOS ANOS PANDÊMICOS EM QUE VIVEMOS, NUNCA FOI TÃO BANAL A NEGAÇÃO DO INE-
GÁVEL. COMO UMA ESPÉCIE DE DESCARTES MODERNO, O HOMEM DO SÉCULO XXI VEM FORTALECENDO, CADA
VEZ MAIS, O HÁBITO DE QUESTIONAR CERTEZAS CONSOLIDADAS, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO À CIÊNCIA.
ENTRETANTO, LEITORES, TAIS CORRENTES "ANTI-CIÊNCIA" REPRESENTAM O MAIS DESOLADOR RETROCESSO NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, PROMOVIDO PELOS IGNORANTES, NAS MÍDIAS E NAS RUAS.

PRIMEIRAMENTE, LEITORES DESTA JORNAL, SINTO-ME DECEPIONADO EM ALERTÁ-LOS QUE A HISTÓRIA
SE REPETE. PARA ILUSTRAR, BASTA RETROCEDER IRÔNICAS CENTENAS DE ANOS NO TEMPO: AINDA NO SÉCULO
XIV, OS NEGACIONISTAS - SEMPRE EXISTIRAM... - NÃO ACEITARAM A ORIGEM BIOLÓGICA DA PESTE
NEGRA, AO PASSO QUE CULPARAM OS "CRISTÃOS-NOVOS", JUDEUS CONVERTIDOS, PELA TRAGÉDIA, INCEN-
TIVANDO O PRECONCEITO. NÃO PARECE FAMILIAR? POIS É... ISSO, PORQUE, MESMO TANTOS ANOS DE DES-
COBERTAS CIENTÍFICAS DEPOIS, A NOSSA REALIDADE É A DO CÉTICISMO CRESCENTE, POTENCIALIZADO PELO
EGOCENTRISMO EXACERBADO, DO SOCIOLOGO ZYGMUNT BAUMAN. EM OUTRAS PALAVRAS, TODOS SEM-
TEM QUE SÃO OS "DONOS DA VERDADE" E PERPETUAM, ASSIM, A DESTRUIÇÃO DA VERACIDADE DOS CIENTÍ-
STAS - OU, AO MENOS, É NO QUE ACREDITAM ACONTECER.

ALÉM DISSO, DEVO ATENTÁ-LOS, LEITORES, A OUTRO CONCEITO RELEVANTE NO EMBATE DA CIÊN-
CIA "VERSUS" ANTI-CIÊNCIA. DE FATO, A "PÓS-VERDADE" - UM NOME REBUSCADO PARA A MENTIRA, NA
MINHA OPINIÃO - É A "DESMANCHA-PRAZERES" DA EVOLUÇÃO CIENTÍFICA E DE SEU RESPECTIVO RES-
PEITO. EMBORA OS FILÓSOFOS DA CORRENTE CÉTICISTA BUSCASSEM MÉTODOS LÓGICOS PARA FUNDAMEN-
TAR SUAS CONCLUSÕES, HOJE, EM CONTRAPONTO, OS CÉTICOS AGEM EM MASSA, NAS REDES SOCIAIS, A
FIM DE PROPAGAR A PÓS-VERDADE E CONTESTAR A CIÊNCIA. O QUÃO PREJUDICIAL É ESSA ATITUDE
NO CONTEXTO PANDÊMICO, O QUAL DEPENDE DA CONFIANÇA NA VACINAÇÃO? NÃO ME ENTENDAM MAL,
LEITORES... É CLARO QUE ESTUDOS CIENTÍFICOS PODEM FALHAR, MAS É O CAMINHO MAIS CERTeiro!

LOGO, NÃO HÁ NEGACIONISTA ALIENADO QUE HIDE MINHA OPINIÃO! O LADO DA CIÊNCIA É O LADO
DO TESTE E DA COMPROVAÇÃO RACIONAL DO RESULTADO. AINDA, SEJA EM NOSSO ESTADO DO PARANÁ OU
EM QUALQUER OUTRO DO PAÍS, SABE-SE QUE A CIÊNCIA É EXTREMAMENTE DESVALORIZADA PELO PRÓPRIO
GOVERNO. SENDO ASSIM, REITERO A IMPORTÂNCIA DO COMBATE AO MOVIMENTO ANTI-CIÊNCIA, O QUAL,
EM NOME DE EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS, COLOCA EM XEBUE A RAZÃO, A VERDADE E A BUSCA PELA BA-
LIDADE DE VIDA DE TODOS - O QUE INCLUI OS IGNORANTES DE NOSSA PESTE NEGRA MODERNA.

Textão

O textão da internet – gênero muito cobrado no vestibular da UFSC- , consiste em um gênero textual criado pela própria banca da COPERVE, com o intuito de incitar a criatividade e marca de autoria do candidato junto às ferramentas textuais contemporâneas.

É importante ressaltar que o textão possui características similares aos artigos de opiniões, uma vez que possui caráter argumentativo. A diferença crucial é a fonte do gênero: enquanto estes são publicados em revistas, aquele é em alguma rede social.

Por se tratar de um gênero textual regional, não há exemplos de produções em domínio público, e meus alunos, até então, nunca optaram por escrever um textão para que eu pudesse usar como exemplo. Entretanto, reitero a similaridade com o artigo de opinião, embora o vocativo “leitores” deva ser substituído por, por exemplo, “seguidores”.

Redação
Nota **1000**
Profº Nardy

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

Manifesto

O manifesto é um **gênero textual dissertativo**, utilizado para levar ao público as opiniões apontadas no texto, com diferentes fins sociocomunicativos. O intuito do manifesto é **sensibilizar ou persuadir a opinião pública** por meio da defesa argumentativa no texto. O propósito é atrair leitores para comungar das ideias e/ou críticas expostas. A estrutura do manifesto se divide em:

- **Título**

O título atrai o leitor para realizar a leitura completa do texto, bem como pode fornecer dicas e pistas do assunto ou da opinião apresentada no manifesto.

- **Corpo do texto**

O corpo do texto é onde estão inseridas todas as ideias e críticas. O corpo textual do manifesto deve apresentar uma boa organização e argumentação, pois é essencial que o público compreenda a linguagem sem dificuldades, ao mesmo tempo em que reconhece as estratégias argumentativas utilizadas pelo(s) autor(es). É importante seguir a ordem do tipo dissertativo (introdução – desenvolvimento – conclusão).

A **introdução** deve apresentar as informações iniciais, que contextualizam o leitor a respeito do tema bem como indicam o ponto de vista argumentativo do autor. O **desenvolvimento** deve aprofundar as críticas e exposições, apresentando dados comprovadores, pesquisas, comparações e outras estratégias válidas ao contexto. A **conclusão** deve promover um desfecho do que foi discutido, apresentar uma síntese das ideias e, em certos casos, sugerir ou cobrar medidas de intervenção nos problemas expostos.

- **Local, data e assinatura**

Após o corpo do texto, o manifesto costuma apresentar a marcação de data e local onde o documento foi escrito, bem como a assinatura do autor, da instituição ou dos manifestantes que comungam do seu conteúdo.

EXEMPLO:

Dentre os mais conhecidos manifestos que servem de exemplo ao estudo do gênero, destaca-se o “Manifesto antropofágico”, escrito por Oswald de Andrade, em 1928.

Veja um trecho do “Manifesto antropofágico”:

“Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi or not tupi, that is the question. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande. Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil. Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar. Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls. Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. Où Villeganhon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnicizado de Keyserling. Caminhamos.”

Como é possível observar, já nesse pequeno trecho, o autor constrói uma **expressão em defesa de uma cultura nacionalista**, cultura essa que deveria abraçar a sua mestiçagem por meio da antropofagia cultural. Isso significa se “alimentar” de tudo que chega, mas produzir seu próprio resultado, valorizar suas próprias criações.

Essas características podem ser observadas em trechos como “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa.”, em que o autor valoriza os processos nacionais em detrimento dos processos europeus.

Outras expressões como “contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida.” reforçam o posicionamento crítico ao conceituar as culturas como “enlatadas”, comparando-as aos alimentos que vêm desse processo e, conseqüentemente, são mais artificiais e menos saudáveis.

Desse modo, percebe-se que, apesar da sua flexibilidade estrutural, o manifesto apresenta o tipo dissertativo-argumentativo como a tipologia predominante, de modo que influencia a organização das ideias e críticas em defesa de um ponto de vista.

EXEMPLO 2:

Neste manifesto, com pontuação equivalente a 8,5/10, sugere-se alterar o título com o acréscimo da própria palavra “manifesto”. Além disso, é importante usar a primeira pessoa do plural, porquanto existe uma ideia de chamar todo o público para determinada causa.

Além disso, local e data deveriam estar no final do manifesto.

A numeração das linhas é apenas para sua referência.	
Título	Leitura: o fomento das mudanças
01	<p>É com muita revolta e, ao mesmo tempo, entusiasmo, que esse texto é escrito. É com muita vontade de mudanças e pede por novos ares que estas^{as} palavras dessas linhas foram desenhadas e minuciosamente pensadas por jovens estudantes - a parte triste é que nem todos poderão ter o privilégio de entendê-las, ou melhor, grande parcela da população sequer terá prazer ou curiosidade para mergulhar na seguinte reflexão proposta.</p>
02	
03	
04	
05	
06	<p>Dito isso, respeitando as diretrizes do Código Estudantil, e ainda, tendo como base as diretrizes que regem nas escolas, instituições e, principalmente, na sociedade, é de urgência máxima a discussão sobre a democratização da leitura no Brasil. Isso porque o problema ultrapassa uma mera questão de valores, interesses e individualidades, representando uma situação extremamente delicada e ligada, infelizmente, ao caráter desequilibrado e desonesto da realidade do país - aliás, um dos mais desiguais do mundo. Logo ainda falta clareza, mais da metade dos leitores brasileiros estão no ensino superior e pertencem às classes A ou B (segundo a pesquisa Retóricas da Leitura no Brasil, feita em 2017). Assim, como priorizar a leitura num lugar onde a pobreza e a falta de oportunidades impera?</p>
07	
08	
09	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	<p>Além disso, é impossível não ressaltar os impactos das novas tecnologias diante do problema - principalmente entre nós, os jovens - uma vez que a rapidez e a conformidade da era digital torna quase irremediável a saída dos usuários de sua própria zona de conforto. Entretanto, seria hipocrisia não citar os benefícios dessa revolução, visto que, através dela, houve também intensa democratização de livros em domínio público e divulgação em massa de "e-books", livros digitais que são lidos em qualquer hora e em qualquer lugar. O grande dilema é equilibrar os dois aspectos e entender, de uma vez por todas, a importância de uma leitura ativa e libertadora, que distorce preconceitos e rompe os limites da fronteira do conhecimento.</p>
17	
18	
19	
20	
21	<p>Por fim, ressaltamos a importância de uma reflexão diária acerca da leitura e ratificamos a necessidade de incorporar propostas que trabalhem o tema de maneira ampla, quele irrestrita, de modo a ultrapassar os muros das escolas e alcançar os mais prejudicados pela ausência desse hábito. Finalmente, encerramos nosso texto com o magnífico trecho de Nelson Mandela: "A leitura, no papel da educação, é a arma mais poderosa na luta contra os preconceitos e as desigualdades".</p>
22	
23	
24	
25	
26	<p>Colégio de Estudantes do Ensino Médio</p>
27	
28	
29	
30	

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

Crônica

A crônica é um gênero textual muito presente em jornais, revistas, portais de internet e blogs.

Esse tipo de texto se destaca por abordar aspectos do cotidiano.

Ou seja, questões comuns do nosso dia a dia.

Quais as características da crônica?

A crônica se situa entre o jornalismo e a literatura.

Além da narração de situações banais, ela é caracterizada por:

- Textos curtos e de fácil compreensão
- Linguagem simples e descontraída
- Poucos (ou nenhum) personagens nas histórias
- Análise crítica sobre contextos e circunstâncias
- Humor crítico, irônico e sarcástico
- Linha cronológica estabelecida.

Para que serve uma crônica?

Embora as crônicas retratem acontecimentos do dia a dia, elas não têm a finalidade exclusiva de informar.

O objetivo da narrativa é, na verdade, provocar uma reflexão sobre o assunto abordado.

Os cronistas costumam identificar aspectos que, muitas vezes, passam despercebidos pelo restante da sociedade, mas que merecem observação e análise.

Quais são os tipos de crônicas?

A crônica é um gênero textual que pode ser dividido em diferentes tipos.

Conheça as características de cada um deles:

Crônica descritiva

A crônica descritiva é tipificada pela descrição dos elementos na narrativa.

Ou seja, é um texto que expõe os detalhes de objetos, lugares, personagens e demais partes.

Crônica narrativa

Esse tipo de crônica é marcado pela narração em primeira ou terceira pessoa do singular.

Ele costuma conter humor, ação e crítica.

Crônica dissertativa

A crônica dissertativa pode ser escrita em primeira ou terceira pessoa do plural.

Ela traz à tona o ponto de vista do autor sobre o assunto em foco.

Crônica humorística

Humor, ironia e sarcasmo são os componentes da crônica humorística.

Diferentes abordagens e estratégias podem ser adotadas nesse tipo de texto para tratar dos temas que impactam a sociedade de forma cômica.

Crônica lírica

No gênero lírico, a expressão de emoções é predominante.

A crônica lírica, portanto, evidencia o sentimentalismo.

Crônica poética

A crônica poética utiliza versos poéticos em sua composição.

Dessa forma, além de traços de poesia, também contém sentimentos e emoções.

Crônica narrativo-descritiva

Esse tipo de crônica combina a narrativa e a descritiva.

Crônica jornalística

A crônica jornalística tem um viés do texto jornalístico no que diz respeito à veiculação de notícias e fatos. Dessa forma, busca abordar acontecimentos atuais, do mesmo dia ou semana, por exemplo.

Crônica histórica

Ao contrário da crônica jornalística, que destaca eventos recentes, a crônica histórica relembra episódios passados.

Crônica-ensaio

Diferente das demais crônicas, esta é difícil de prever pelo nome.

A crônica-ensaio tece críticas ao que acontece nas relações sociais e de poder.

Crônica filosófica

Por fim, a crônica filosófica que carrega uma reflexão sobre determinado assunto.

É válido afirmar, portanto, que, se determinado vestibular não especificar o tipo da crônica, qualquer uma delas será aceita.

EXEMPLO:

Prova 2	Redação* [Vista]	Critério "a"	Critério "b"	Critério "c"	Critério "d"	Total
		2,50	2,50	2,50	2,50	10,00

* A pontuação Total da Redação está expressa na escala de 0 a 10. Os critérios estão especificados no item 5.4 do Edital Completo

** Questão com dupla marcação ou com proposições em branco.

Vestibular UNIFICADO UFSC/IFSC - 2023

0016113

AUSENTE
Uso do fiscal

Inscrição: 1004948

Local: 06 Setor: 29 Grupo: 004 Ordem: 28

(S)



FOLHA OFICIAL DE REDAÇÃO

Não se identifique de forma alguma nesta folha.
Não faça desenhos, marcações etc.
Não amasse, não dobre e não rasgue esta folha.
A numeração das linhas é apenas para sua referência.

Indique abaixo a proposta escolhida

①

②



Título Maria: mania de leitura no morro

01 Era fim de tarde, o pôr-do-sol se acentava suavemente nas ondulações da parede
02 de onde eu nasci, e, com ele, o movimento de clientes no pequeno comércio de meus
03 pais diminuiu gradualmente. Assim que percebi um intervalo, em que meu pai
04 se manteve vazio, rapidamente, ceguei o pequeno livro na bancada, ~~me~~ agachei-me
05 entre as caixas de produtos e meu coração e mente se alinharam perante o êxtase de con-
06 tinuar a observar aquela história. Para mim importava o barulho ao redor, desde meu 10º ani-
07 versário, quando meus pais decidiram que já seria útil no trabalho, que aguardo estes pe-
08 quenos momentos em meu esconderijo sujo, para esquecer o ~~entorno~~ entorno e sentir a
09 magia em páginas.

10 O tilintar do sino porteiro - infelizmente - me despertou do transe. O som dos passos
11 automaticamente, denunciou minha bronca: mamãe entrou na venda. E eu estava lendo. Ou-
12 vi, pela vigésima- ou milésima- vez, o discurso "Maria-pavelada-leitura-não". Eu tenta-
13 va compreender seus argumentos: "palavras em uma página não trarão comida à hora mesa";
14 "você deve entender que, no morro, não há lugar para isso", e outras frases prontas que não di-
15 minuíam minha vigência em escapar para o próximo capítulo. Não havia incentivo em lugar
16 algum. Meus pais? nunca me direccionariam à algo diferente do caixa. A escola? aquele social
17 mal possui papel nos banheiros. Meus amigos? Incompreendiam o porquê da minha prefe-
18 rência literária aos bailes constantes e sedutores (alguns deles sequer sabiam ler). Não possu-
19 ia um centavo para adquirir novas histórias, minha sorte era encontrar algumas em lixei-
20 ras do centro. O governo algum colocou bibliotecas tão longe dos bairros ricos - afinal, que
21 favela precisaria de cultura?

22 No dia seguinte, é óbvio que, novamente, não resisti a me curvar sob o balcão de
23 atendimento, eivre em mãos, sorriso no rosto. E então... gritos. Comecei a escutar minha mãe
24 no andar de cima, gritando para esses vizinhos entrarem em casa. Tive, já não entendia de
25 qual direção estavam vindo, quantos eram, o motivo daqueles agentes subirem o morro
26 a fim de matar-nos repetidamente. Ouvi ~~um disparo~~ um último disparo. A página aberta
27 em minha frente coberta de vermelho. Não conti meu pensamento: estava tão triste por
28 desconhecer o fim daquela história.

29
30

Diário e relato pessoal

O gênero textual diário é um texto pessoal e informal, em que uma pessoa escreve sobre suas ideias, sentimentos, ações, desejos, emoções e acontecimentos do seu dia a dia.

É um gênero textual de relatos pessoais, que somente o próprio autor pode ler, ou pessoas autorizadas por ele.

O diário **possui uma linguagem informal, simples e é escrito em primeira pessoa**. Normalmente, é usado como um instrumento de autorreflexão, desabafo ou uma forma de guardar lembranças dos acontecimentos da sua vida.

O gênero textual diário possui a seguinte estrutura:

- Local e data;
- Vocativo: usado como uma forma de falar com alguém, antes de desenvolver um assunto. Na maioria das vezes, o vocativo é “Querido diário”;
- Desenvolvimento: é quando o autor escreve o seu relato pessoal;
- Assinatura do autor;

EXEMPLO:

Alagoas, 03/04/2021

Querido Diário,

Hoje discuti com a minha irmã e estou me sentindo mal por isso. Apesar de amá-la muito, parece que não temos mais a mesma ligação de antes. Evito certos tipos de assuntos perto dela e meus pais percebem isso.

Não queria ter esse sentimento de culpa sobre algo que não posso mudar nela. Acho que toda essa situação que estamos vivendo, está contribuindo ainda mais para o nosso distanciamento e eu não quero isso.

Amanhã vou escrever uma carta para ela e contar o que estou sentindo. Pedir perdão por qualquer coisa errada que eu tenha feito, talvez eu também a tenha machucado e nem percebi.

Espero que essa situação se resolva quanto antes e que a nossa relação volte a ser ótima como era.

Letícia Silva

Exemplo de relato pessoal

Os meus primeiros dias de aula

Iniciei as aulas em uma nova escola e resolvi contar a minha experiência nos meus primeiros dias. Até então, eu nunca havia mudando de escola. Sempre estudei em uma mesma instituição de ensino, desde quando comecei minha educação.

Nas primeiras aulas, me senti bem deslocado. Eu não conhecia os professores, e, mesmo a turma sendo grande, aproximadamente 50 alunos, eu não conhecia nenhum dos meus colegas de classe. Tentei me aproximar deles, mas muitos já tinham os seus grupos, e eu os entendo, afinal, quando eu estudava na minha escola, também tinha a minha turma. Acredito que foi na segunda semana que comecei a me encontrar, ou melhor, a achar a minha “tribo”. Descobri que alguns colegas adoravam Star Wars, e esse foi o ponto de partida para iniciarmos longos debates, alguns ainda em sala, outros fora dela, nos intervalos. Com as amizades encaminhadas, eu precisava compreender um pouco mais a dinâmica com os professores.

A sala, como eu disse, era muito cheia, e o professor, infelizmente, não conseguia dar atenção a todos os alunos. Havia muita atividade em grupo, com dinâmicas em que nós produzíamos textos, experimentos e outros materiais. Porém os professores não conseguiam atender ou mesmo decorar os nomes dos alunos. Nesse aspecto, a quantidade excessiva atrapalhou bastante. Mesmo assim, percebi um enorme esforço neles para oferecer a melhor aula possível. No fim das contas, comecei a admirar a atitude e o empenho dos professores e me simpatizei com alguns dos meus colegas fãs de Star Wars.

A experiência em uma nova escola foi muito bacana. Acredito que a mudança de ares é sempre um desafio, não importa qual seja. Pode ser uma simples mudança de escola, emprego, cidade e até mesmo país. Qualquer mudança nos deixa com medo e apreensivos por não sabermos exatamente o que acontecerá dali adiante. Porém, com o tempo, nós vamos nos acostumando, o medo vai embora e a vida segue.

O exemplo é um relato pessoal sobre os primeiros dias de um aluno em uma nova escola. Nos primeiros parágrafos, ele introduz o seu leitor ao tema, explicando sobre a mudança e indicando alguns desafios. Na sequência, temos uma narrativa destacando os acontecimentos dos primeiros dias e o relacionamento com algumas personagens fundamentais na história: os colegas de classe e os professores. Na parte final, ele faz uma reflexão sobre o que vivenciou, o medo da mudança, inerente ao ser humano, para falar de sua experiência na nova instituição."

Resenha x resumo

Resenha é um gênero textual que consiste na descrição de um texto ou de um filme, no qual quem escreve pode expressar a sua opinião.

As resenhas são lidas pelas pessoas que pretendem saber algo acerca de um conteúdo (do que se trata ou se é bem avaliado pela crítica, por exemplo). Por isso, elas podem influenciar a escolha do leitor, que tem dúvida sobre ler um livro ou outro, e do espectador, que ainda não decidiu se quer ou não assistir determinado filme.

A resenha NÃO É um resumo

A diferença entre resumo e resenha é que o resumo descreve os acontecimentos de um texto ou filme de forma breve, ou seja, sem detalhes. A resenha, por sua vez, relata sobre o assunto de que o texto ou filme aborda, sem descrever os acontecimentos.

Isso quer dizer que o resumo é uma apresentação breve e fiel ao texto. Assim, quem o escreve não acrescenta nada novo, bem como não opina acerca do seu conteúdo.

O objetivo da resenha não é descrever o conteúdo de forma resumida, mas dar a conhecer ao leitor a proposta apresentada pelo texto, influenciando assim a sua escolha.

Exemplo de trecho de resenha de Vidas Secas, de Graciliano Ramos

A obra revela a maestria do seu autor ao tratar de problemas sociais, neste caso, a seca do nordeste. Inspirada na própria experiência de Graciliano Ramos, Vidas Secas se tornou uma obra emblemática que convida o leitor a se deliciar numa leitura de palavras simples, cuja maior parte dos capítulos podem ser lidos fora da sua sequência.

Características do resumo

O resumo é uma apresentação fiel do texto, que não pode ser opinativo, e é breve.

- apresentação fiel do texto: o autor do resumo escreve um texto reduzindo ao máximo o que está escrito na obra, sem acrescentar nada de novo;
- não opinativo;
- breve.

Exemplo de trecho de resumo de Vidas Secas, de Graciliano Ramos

A obra consiste numa crítica social sobre a seca do nordeste. Vidas Secas retrata as dificuldades de uma família de retirantes: Fabiano e sua esposa Sinhá Vitória, os dois filhos do casal e a cadela Baleia, estimada por todos como se fosse um membro da família.

Exemplo de resenha:

TITANE

A francesa Julia Ducournau retorna em mais uma direção após diversos elogios e críticas positivas por Raw (2016). Agora, a obra do momento é Titane. Lançado em julho de 2021, Titane é um thriller de suspense e horror sobre uma personagem (Alexia) que sofreu um acidente de carro na infância e precisou colocar uma placa de titânio na cabeça. Após essa breve introdução, o filme faz um salto temporal com a personagem já adulta, mas que desenvolveu uma curiosa paixão por carros e um certo desprezo pelas pessoas.

Após uma série de assassinatos cometidos por Alexia, ela se disfarça e se encontra com um pai que procurava o filho desaparecido por mais de dez anos. Assim, o pai acolhe Alexia como sua filha e lhe oferece amor no lugar da violência e desprezo que a protagonista havia desenvolvido ao longo de sua vida.

A obra de Julia Ducournau apresenta, além de um enredo cheio de personagens complexas, uma estética neon e uma trilha sonora que faz uma mescla de gêneros musicais que vão desde hardrock à tranquilidade do blues. As escolhas renderam à diretora uma série de prêmios e avaliações positivas pelo enredo e pela composição técnica da obra.

Walter Benjamin, em seus estudos sobre a arte na contemporaneidade, adiantou que uma arte que apenas representa coisas (principalmente o belo, de Platão) não se enquadra mais no conceito de arte. Para o filósofo, a arte, hoje, precisa incomodar o seu espectador. Titane é a arte contemporânea nos moldes atribuídos por Benjamin.

Tudo incomoda na obra de Julia Ducournau, seja as cenas de violência com ares de Tarantino ou o humor aparentemente desconexo da personagem em suas repentinas ofensivas no início da obra. Por falar na personagem, é nela que reside o maior estranhamento e incômodo. Alexia gera náusea e angústia naqueles que a assistem. A diretora expõe o lado mais podre da condição humana e, ainda assim, demonstra que é possível transformar violência em amor.

GÊNEROS DA UFPR

É importante frisar que não há um modelo e espelho concreto para as redações da UFPR, pois essa banca estabelece suas correções por meio de respeito ao comando.

Por isso, é extremamente importante que os candidatos leiam os textos motivadores com atenção e atendam o que o comando solicita. Após seu texto construído, deve ser feita uma análise de sua produção a fim de verificar se todos os requisitos instrutivos foram cumpridos.

EXEMPLO:

Texto 1

Ponto de vista

Compositores: Eduardo Lyra Krieger / Joao Cavalcanti

Do ponto de vista da terra quem gira é o sol
Do ponto de vista da mãe todo filho é bonito
Do ponto de vista do ponto o círculo é infinito
Do ponto de vista do cego sirene é farol
Do ponto de vista do mar quem balança é a praia
Do ponto de vista da vida um dia é pouco
Guardado no bolso do louco
Há sempre um pedaço de deus
Respeite meus pontos de vista
Que eu respeito os teus
Às vezes o ponto de vista tem certa miopia
Pois enxerga diferente do que a gente gostaria
Não é preciso por lente nem óculos de grau
Tampouco que exista somente
Um ponto de vista igual
O jeito é manter o respeito e ponto final
O jeito é manter o respeito e ponto final

Texto 2

Imunização não protege apenas quem recebe a injeção, mas também as pessoas que não podem, por motivo de saúde, tomar o medicamento

Juliana Contaifer

A notícia mais aguardada pela maioria da população é o dia em que a vacina contra a Covid-19 será considerada segura e eficaz o suficiente para imunizar a população e a vida voltar ao normal. Porém, para o vírus ser completamente controlado, não basta apenas ir ao posto de saúde tomar a injeção – a vacina é um compromisso coletivo, não só pessoal – e a maioria da população precisa estar imunizada para o coronavírus parar de circular. Mônica Levi, diretora da Sociedade Brasileira de Imunologia (SBIIm), conta que, na história da humanidade, apenas a varíola foi completamente erradicada. A poliomielite está quase lá: a Organização Mundial de Saúde (OMS) confirmou, no último mês, que não há mais vírus circulando na África e, no momento, apenas dois países têm casos da doença.

No Brasil, tétano neonatal, rubéola e síndrome congênita da rubéola, febre amarela, difteria,

meningite e sarampo são alguns exemplos de enfermidades controladas pelas vacinas. Nos últimos anos, a cobertura vacinal caiu muito (pela escassez de medicamento e pela confiança na não incidência de doenças que aterrorizavam o mundo, mas quase não existem mais). Por isso, o Brasil perdeu o selo de controle do sarampo e viu vários casos pipocarem no último ano.

O movimento antivacina não é forte e organizado no Brasil, segundo Mônica, mas a disseminação de medo pelas redes sociais pode causar problemas. “Não ajuda em nada a nossa cobertura vacinal. As pessoas ficam confusas, paralisadas. Chamamos de hesitantes. Não são antivacinistas, só pessoas com medo”, explica.

Para a professora Anamélia Lorenzetti Bocca, coordenadora do laboratório de Imunologia Celular no Instituto de Biologia da Universidade de Brasília (UnB), a educação é o caminho para a adesão. “A maioria das pessoas quer a vacina e está disposta a tomar. Se fizermos uma campanha explicando como foi desenvolvida, esclarecendo os mínimos efeitos colaterais, agregaremos mais pessoas”, afirma.

O ideal é que todas as pessoas passíveis de contágio sejam imunizadas, mas algumas não podem ser vacinadas. É o caso de pessoas imunossuprimidas ou com algum problema de saúde que inviabilize o uso de vacinas. Se a porcentagem for atingida, o vírus para de circular e essas pessoas também ficam protegidas.

“A vacina dá recursos para o organismo combater eficientemente o vírus quando o paciente entrar em contato com ele. Com a imunidade coletiva, evitamos que o vírus infecte outras pessoas e morra no hospedeiro. Quem toma a vacina não está só se protegendo, como também as pessoas que não podem tomar a imunização”, explica Anamélia.

(Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/entenda-por-que-tomar-vacina-nao-e-uma-decisao-pessoal-mas-coletiva>.
Texto adaptado. Publicado em 12/09/2020 18:06. Atualizado em 12/09/2020 19:58. Acesso em: 09/01/2021.)

Elabore um texto dissertativo-argumentativo, a partir dos textos-fonte que deverá:

- identificar a tese principal e eventuais teses secundárias de cada texto;
- manifestar e defender, fundamentada em argumentos, sua opinião a respeito;
- respeitar as características discursivo-formais do gênero solicitado.

Compreensão e Produção de Textos

A composição "Fatos de Tipton" de Eduardo L. Kruger e José Bonifácio demonstra a existência das mídias sociais que compõem a realidade e ressalta que, independente das divergências, o respeito deve sempre prevalecer. Entretanto, numa sociedade guiada pela desinformação e intencional, tal premissa deve ser analisada cuidadosamente - principalmente quando o debate envolve a saúde pública e coletiva.

De um perspectiva, um texto publicado pelo site Metropoles, Juliana Bonifácio discute acerca da realidade nacional, destacando tanto os aspectos positivos, quanto os desafios da vacinação. Em análise da diretora da Faculdade Brasileira de Imunologia, Mônica Bui, a autora destaca o controle de doenças como sarampo e rubéola e penaliza a diminuição da cobertura vacinal nos últimos anos, um triste resultado da escassez de medicamentos e do "medo" disseminado nas redes sociais. Além disso, Juliana ressalta, principalmente, a importância da vacinação como forma última de imunidade, exemplificando que a luta contra o coronavírus não é individual. Tal tese é baseada no que suscita o perigo do individualismo atual - característica estudada pelo psicólogo Mordecai J. Eliav nos níveis da modernidade - e no crescente declínio da noção de coletividade que nasce disso, coloca em risco tanto as indolentes impossibilidades de se vacinar, quanto a sociedade civil como um todo. Um consenso que se poderá ser alterado através da educação, informação e respeito, principalmente, pela consciência de pertencermos diante de um enorme grupo.

EXERCÍCIOS

Redação
Nota **1000**

Prof. Nardy

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

SEÇÃO 1

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

¹Recebi consulta de um amigo que tenta ²deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. ³Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? ⁴Certamente, não se diz ⁵‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou ⁶menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; ⁷exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, ⁸nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece ⁹aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, ¹⁰mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

¹¹Para tentar formular uma hipótese ¹²mais clara para o problema apresentado, ¹³talvez ¹⁴se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) ¹⁵é normal, em português, haver orações sem sujeito exposto e, mesmo assim, haver flexão verbal. ¹⁶Exemplos ¹⁷correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois ¹⁸não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) ¹⁹se ²⁰forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não ²¹seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema ²²real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar ²³na frase, mas que atuam como se ²⁴lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

1. (Ufrgs 2019) Observe as propostas de reescrita para o seguinte trecho do texto.

Para tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância (ref. 11).

- I. Para tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado, deve-se admitir, talvez, que o sujeito de um verbo pode estar apagado e produzir concordância mesmo assim.
- II. Para tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado, se deva admitir que talvez o sujeito de um verbo possa estar apagado e produzir concordância, mesmo assim.
- III. Deve-se admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e produzir, mesmo assim, concordância, para talvez tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado.

Quais estão corretas e preservam a significação do trecho original?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O mundo como pode ser: uma outra globalização

Podemos pensar na construção de um outro mundo a partir de uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir uma globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.

Considerando o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos, em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças ao progresso da informação, a “mistura” de filosofia, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada pessoa. De tal modo, em mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 13. ed. São Paulo: Record, 2006. p. 20-21. (Adaptado).

2. (Ueg 2018) O processo argumentativo do texto é construído a partir do seguinte procedimento:

- a) são expostas, de forma detalhada, duas consequências econômicas de um determinado modelo de organização de produção.
- b) relata-se o conjunto de ações desenvolvidas por uma instituição pública como fundamento e justificativa de um projeto de lei.
- c) elabora-se um quadro comparativo, no qual se apresentam a aproximação e os contrastes de dois tipos de pesquisa social.
- d) faz-se a explanação dos dados de um relatório técnico-científico de uma pesquisa desenvolvida por dois cientistas sociais.
- e) são apresentadas, de forma paralela, duas dimensões teórico-conceituais como argumentos em defesa de uma tese.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Era digital desafia exercício profissional

“A medicina não sobreviverá ao velho método do médico de família, mas terá que se adaptar”.

A afirmação é do desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), Diaulas Costa Ribeiro, proferida durante a mesa-redonda “Panorama atual das mídias sociais e aplicativos na medicina contemporânea”. Para ele, as novas tecnologias trazem desafios que precisam ser colocados em perspectiva para garantir a ética e o sigilo.

“Possivelmente vamos chegar a uma medicina sem gosto, distanciada, mas que também funciona. Talvez este não seja o fim, mas um recomeço”, ponderou Ribeiro. Segundo ele, antes de gerar um novo modelo de atendimento médico, o “dr. Google” – termo que utilizou para indicar as buscas por informações médicas na internet – gerou um novo tipo de paciente, que passou a conhecer mais sobre as doenças e, por isso, exige um novo relacionamento com seu médico.

O desembargador ainda reforçou a necessidade de se rediscutir questões como o uso da internet nessa relação médico-paciente e a segurança do sigilo médico neste cenário. “Precisamos refletir sobre algumas questões importantes. Quem guardará o sigilo? Ou não haverá sigilo? O sigilo médico será mantido ou valerá o direito público à informação? Os conflitos serão reinventados ou serão os mesmos? A solução para os problemas será a de sempre?”, indagou.

Ética – Na perspectiva do médico legista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Malthus Galvão, embora acredite que algumas mudanças serão inevitáveis e necessárias, é preciso defender os princípios fundamentais instituídos pelo Código de ética médica (CEM).

“As novas mídias devem ser entendidas como um sistema de interação social, de compartilhamento e criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos e não podemos perder essa oportunidade”, destacou. Ele lembra, por exemplo, que desde a Resolução CFM 1.643/2002, que define e disciplina a prestação de serviços através da telemedicina, alguns avanços colaborativos já foram possíveis.

Galvão apresentou ainda preceitos da Resolução CFM 1.974/2011 e também da Lei do Ato Médico (12.842/2013), chamando a atenção para alguns cuidados que o médico deve ter ao divulgar conteúdo de forma sensacionalista. “Segundo o CEM, é vedada a divulgação de informação sobre assunto médico de forma sensacionalista, promocional ou de conteúdo inverídico. A internet deve ser usada como um instrumento de promoção da saúde e orientação à população”, reforçou.

Editorial do Jornal Medicina – Publicação oficial do Conselho Federal de Medicina (CFM). Brasília, jul. 2017, p. 7.

3. (Fac. Albert Einstein - Medicina 2018) Para defender seu ponto de vista, ainda na matéria do CFM, Malthus Galvão se sustenta em argumentos

- a) do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios.
- b) do senso comum.
- c) formulados com perguntas retóricas.
- d) de autoridade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia um trecho do ensaio de Antonio Candido para responder à(s) questão(ões).

Na extraordinária obra-prima *Grande sertão: veredas* há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar.

Numa literatura de imaginação vasqueira, onde a maioria costeia o documento bruto, é deslumbrante essa navegação no mar alto, esse jorro de imaginação criadora na linguagem, na composição, no enredo, na psicologia.

(Antonio Candido. *Tese e antítese*, 1971.)

4. (Famerp 2018) Em “Numa literatura de imaginação **vasqueira**, onde a maioria costeia o documento bruto, é deslumbrante essa navegação no mar alto” (2º parágrafo), o termo destacado, mantendo-se o sentido do texto, pode ser substituído por:

- a) profunda.
- b) eloquente.
- c) escassa.
- d) criativa.
- e) vivaz.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o texto para responder à(s) questão(ões):

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz.

Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular.

"Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto.

O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

5. (G1 - ifsp 2016) Levando em consideração o texto "Tintim", de Luis Fernando Veríssimo, e a forma de organização do discurso em narração, descrição e dissertação, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

- () "Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc." A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a narração.
- () "É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas." A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a descrição.
- () "Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular". A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a descrição.
- () "Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda

por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito”. A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a dissertação.

- a) V, V, F, F.
- b) F, V, V, V.
- c) V, F, F, V.
- d) F, V, F, F.
- e) V, V, F, V.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Fotografar a si mesmo vira febre, não importa o lugar

O correto seria “o” *selfie* ou “a” *selfie*? O termo não foi dicionarizado em português, mas o uso popular consagrou a inflexão feminina: a *selfie*. Em 2013, o dicionário Oxford considerou o termo, literalmente “tirar fotos de si próprio”, como “a palavra do ano”. Mas foi em 2014 que as *selfies* tomaram o mundo e viraram verdadeira febre entre anônimos e celebridades. Com certo exagero, inclusive.

Tirar fotos de si mesmo com o *smartphone* tornou-se uma mania que não respeita desastres naturais, despenhadeiros ou funerais. Vale tudo pela pose nas redes sociais, sempre na busca sôfrega pelo melhor ângulo, pois, reza a lenda, ninguém jamais sai feio na *selfie*. Postar fotos em shows agora é mais importante do que assisti-los. Idem para a pose ao lado de uma porção de comida no restaurante da moda.

Surgiu até um instrumento para que caiba todo mundo na foto e ao mesmo tempo a paisagem do local ao fundo: o bastão de *selfie* ou “pau de *selfie*”, à venda nos melhores camelôs por 50 reais. O paradoxo é quando alguém pede a outrem: “Pode fazer uma *selfie* minha?” Só comparável ao “me inclua fora desta”.

Adaptado de: <http://www.cartacapital.com.br>. Acesso em 03/03/2015.

SEÇÃO 2

TEXTO 1

¹José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. ²As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo ¹⁵gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

⁶O repórter tem razão. ³Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons ¹¹– não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem ¹⁶plantar cidades no Brasil Central.

⁷É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. ⁸A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa¹²: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu ¹⁷apetite de vida. ⁹Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para ¹⁸fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, ¹⁰e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, ⁴e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: ⁵o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá¹³, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista¹⁴; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica ¹⁹loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

TEXTO 2

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”, “sub-homens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.)

O estrangeiro. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

1. (Ita) Em relação às estratégias argumentativas, os textos 1 e 2 igualmente apresentam

a) informações ordenadas do geral para o específico como forma de persuasão.

b) referências externas para discussão dos respectivos temas.

c) comparações de comportamento de grupos sociais.

d) testemunhos de autoridade.

e) definições de palavras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Com base na leitura do texto abaixo, responda a(s) questão(ões)

Uma nova preocupação



Desde os meus 16 anos pratico algum tipo de luta. Na faculdade de Educação Física, na UFRJ, vivia dentro do ginásio de lutas. Com grandes mestres aprendi que a luta pode ser um ótimo meio de se educar jovens e crianças e de realizar a tal inclusão social. [...] Nunca fui expoente em nenhuma, porém extraí, de cada uma, conhecimentos e aprendizagens que levo para minha vida. Na luta, aprendi a respeitar, ter disciplina e principalmente... a não usá-la de forma inadequada

Aproveitando a moda do “vale tudo”, nome que deu origem às lutas atualmente conhecidas como MMA (Mix de Artes Marciais), a rede Globo importa um programa que pode, a médio e longo prazo, demolir tudo o que os grandes mestres das lutas conseguiram em anos. Na casa intitulada ¹“TUF”, o que se vê é o oposto que qualquer luta deve trazer para seus praticantes. É uma sequência de exemplos negativos [...]. Nos colégios, normalmente as crianças repetem o que seus ídolos fazem [...] agora elas já começam a imitar o Anderson Silva, só que o resultado será diferente. A Educação Física precisa discutir o assunto.

Glossário:

¹TUF: é um reality show chamado *The Ultimate Fighter*

Fonte: Ricardo Oliveira da Silva [CREF 01822–G/RJ]. Espaço do leitor. Revista Educação Física, n. 48, jun. 2013. p. 34. [Adaptado]

2. (G1 - ifsc) Sobre o texto, é CORRETO afirmar que:

- a) Quanto ao nível da narrativa, o relato sugere audácia e medo por parte do narrador.
- b) O texto apresenta características predominantemente narrativo-descritivas no primeiro parágrafo.
- c) O segundo parágrafo apresenta características dissertativas, na medida em que o autor emite sua opinião sobre a prática das lutas atualmente conhecidas como MMA.
- d) Observa-se que a narrativa não segue uma lógica na apresentação dos fatos narrados.
- e) O texto em sua totalidade retrata características ambientais e sociais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Turismo na favela: E os moradores?

Água morro abaixo, fogo morro acima e invasão de turistas em favelas pacificadas são difíceis de conter. Algo precisa ser feito para que a positividade do momento não transforme esses lugares em comunidades “só pra inglês ver”. As favelas pacificadas tornaram-se alvo de uma volúpia consumidora poucas vezes vista no Rio de Janeiro. O momento em que se instalaram as Unidades de Polícia Pacificadora em algumas favelas foi como se tivesse sido descoberto um novo sarcófago de Tutankamon, o faraó egípcio: uma legião de turistas, pesquisadores, empresários, comerciantes “descobriram” as favelas.

O Santa Marta, primeira favela a ter uma UPP ao longo dos seus quase 80 anos, sempre recebeu, na maioria das vezes de forma discreta, visitantes estrangeiros. E, em alguns casos, ilustres: Rainha Elizabeth, Senador Kennedy, Gilberto Gil. Até mesmo Michael Jackson, quando gravou seu clipe na favela, não permitiu a presença da mídia. A partir de 2008, iniciou-se a era das celebridades e a exposição da favela para o mundo.

Algumas perguntas, porém, precisam ser feitas e respondidas no momento em que o poder público pensa em investir nesse filão: o que é uma favela preparada para receber turistas? Que “maquiagem” precisa ser feita para que o turista se sinta bem? Que produtos os turistas querem encontrar ali? O comércio local deve adaptar-se aos turistas ou servir aos moradores? Se o Morro não é uma propriedade particular, se não tem um dono, todo e cada morador tem o direito de opinar sobre o que está se passando com o seu lugar de moradia.

Essas e outras questões devem pautar o debate entre moradores e gestores públicos sobre o turismo nas favelas pacificadas. Se os moradores não se organizarem e se não assumirem o protagonismo das ações de turismo e de entretenimento no Santa Marta, vamos assistir aos nativos — os de dentro — servindo de testa de ferro para empreendimentos e iniciativas dos de fora, às custas de uma identidade local que aos poucos vai perdendo suas características.

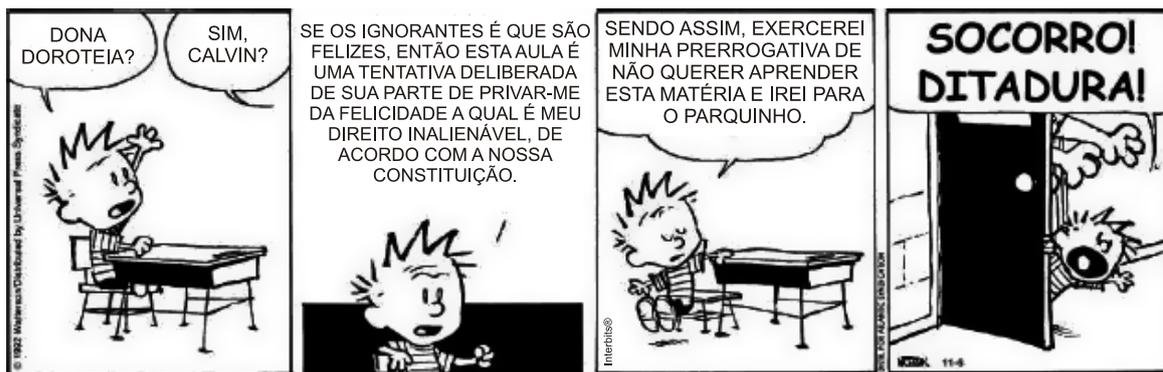
Tomar os princípios do turismo comunitário — integridade das identidades locais, protagonismo e autonomia dos moradores — talvez ajude-nos a encontrar estratégias para receber os de fora sem sucumbir às regras violentas de um turismo mercadológico.

Itamar Silva é Presidente do Grupo Eco — Santa Marta e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Adaptado de: Jornal *O Dia*, 31/01/2013.

3. (G1 - cftrj) O texto é predominantemente argumentativo. Isso significa que seu enunciador sustenta uma tese, ou seja, um ponto de vista específico a respeito do tema desenvolvido. A alternativa que melhor sintetiza a tese central desse texto é:

- a) a pacificação de algumas favelas incrementou o turismo nessas regiões.
- b) o turismo na favela deve ser praticado de maneira favorável aos moradores.
- c) as Unidades de Polícia Pacificadora não trazem ganhos reais para as comunidades.
- d) a preservação da identidade local é imprescindível para o turismo nas favelas.

4. (Ufpr) Leia a tira abaixo.



(Bill Watterson. Disponível em <http://ficcaoenaoficcao.wordpress.com/2012/03/25>. Acesso em 26 ago.2012.)

Sobre a argumentação de Calvin, considere as seguintes afirmativas:

1. Ao se dirigir à professora, Calvin faz uma simulação do discurso jurídico, tanto no vocabulário quanto na organização dos argumentos.
2. A argumentação de Calvin está fundada na premissa de que a ignorância é uma condição necessária para a felicidade.
3. Calvin questiona a eficiência da professora quando diz que sua aula é uma tentativa deliberada de privá-lo da felicidade.
4. Ao gritar “Ditadura!” no último quadrinho, Calvin protesta contra o desrespeito à Constituição, que lhe garante o direito inalienável à felicidade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ciência e Hollywood

⁵Infelizmente, é verdade: explosões não fazem barulho algum no espaço. Não me lembro de um só filme que tenha retratado isso direito. ⁶Pode ser que existam alguns, mas se existirem não fizeram muito sucesso. ¹⁰Sempre vemos explosões gigantescas, estrondos fantásticos. Para existir ruído é necessário um meio material que transporte as perturbações que chamamos de ondas sonoras. Na ausência de atmosfera, ou água, ou outro meio, as perturbações não têm onde se propagar. ⁷Para um produtor de cinema, a questão não passa pela ciência. Pelo menos não como prioridade. Seu interesse é tornar o filme emocionante, e explosões têm justamente este papel; roubar o som de uma grande espaçonave explodindo torna a cena bem sem graça.

¹¹Recentemente, o debate sobre as liberdades científicas tomadas pelo cinema tem aquecido. O sucesso do filme *O dia depois de amanhã* (*The day after tomorrow*), faturando mais de meio bilhão de dólares, e seu cenário de uma idade do gelo ocorrendo em uma semana, em vez de décadas ou, melhor ainda, centenas de anos, ⁹levantaram as sobranceiras de cientistas mais rígidos que veem as distorções com desdém e esbugalharam os olhos dos espectadores (a maioria) que pouco ligam se a ciência está certa ou errada. Afinal, cinema é diversão.

¹⁵Até recentemente, defendia a posição mais rígida, que filmes devem tentar ao máximo ser fiéis à ciência que retratam. Claro, isso sempre é bom. Mas não acredito mais que seja absolutamente necessário.

¹Existe uma diferença crucial entre um filme comercial e um documentário científico. ¹²Óbvio, ²documentários devem retratar fielmente a ciência, educando e divertindo a população, mas filmes não

têm necessariamente um compromisso pedagógico. ¹³As pessoas não vão ao cinema para serem educadas, ao menos como via de regra.

Claro, ³filmes históricos ou mesmo aqueles fiéis à ciência têm enorme valor cultural. Outros educam as emoções através da ficção. ¹⁴Mas, se existirem exageros, eles não deverão ser criticados como tal. Fantasmas não existem, mas filmes de terror sim. Pode-se argumentar que, no caso de filmes que versam sobre temas científicos, ⁴as pessoas vão ao cinema esperando uma ciência crível. Isso pode ser verdade, mas elas não deveriam basear suas conclusões no que diz o filme. No mínimo, o cinema pode servir como mecanismo de alerta para questões científicas importantes: o aquecimento global, a inteligência artificial, a engenharia genética, as guerras nucleares, os riscos espaciais como cometas ou asteroides etc. ⁸Mas o conteúdo não deve ser levado ao pé da letra. ¹⁶A arte distorce para persuadir. E o cinema moderno, com efeitos especiais absolutamente espetaculares, distorce com enorme facilidade e poder de persuasão.

O que os cientistas podem fazer, e isso está virando moda nas universidades norte-americanas, é usar filmes nas salas de aula para educar seus alunos sobre o que é cientificamente correto e o que é absurdo. Ou seja, usar o cinema como ferramenta pedagógica. ¹⁷Os alunos certamente prestarão muita atenção, muito mais do que em uma aula convencional. Com isso, será possível educar a população para que, no futuro, um número cada vez maior de pessoas possa discernir o real do imaginário.

MARCELO GLEISER

Adaptado de www1.folha.uol.com.br.

5. (Uerj) Na construção argumentativa, uma estratégia comum é aquela em que se reconhecem dados ou fatos contrários ao ponto de vista defendido, para, em seguida, negá-los ou reduzir sua importância. O fragmento do texto que exemplifica essa estratégia é:

- a) Infelizmente, é verdade: explosões não fazem barulho algum no espaço. (ref. 5)
- b) Pode ser que existam alguns, mas se existirem não fizeram muito sucesso. (ref. 6)
- c) Para um produtor de cinema, a questão não passa pela ciência. (ref. 7)
- d) Mas o conteúdo não deve ser levado ao pé da letra. (ref. 8)

SEÇÃO 3

1. (Enem)



Extra, extra. Este macaco é humano.

Não somos tão especiais

Todas as características tidas como exclusivas dos humanos são compartilhadas por outros animais, ainda que em menor grau.

INTELIGÊNCIA

A ideia de que somos os únicos animais racionais tem sido destruída desde os anos 40. A maioria das aves e mamíferos tem algum tipo de raciocínio.

AMOR

O amor, tido como o mais elevado dos sentimentos, é parecido em várias espécies, como os corvos, que também criam laços duradouros, se preocupam com o ente querido e ficam de luto depois de sua morte.

CONSCIÊNCIA

Chimpanzés se reconhecem no espelho. Orangotangos observam e enganam humanos distraídos. Sinais de que sabem quem são e se distinguem dos outros. Ou seja, são conscientes.

CULTURA

O primatologista Frans de Waal juntou vários exemplos de cetáceos e primatas que são capazes de aprender novos hábitos e de transmiti-los para as gerações seguintes. O que é cultura se não isso?

BURGIERMAN, D. *Superinteressante*, n.º 190, jul. 2003.

O título do texto traz o ponto de vista do autor sobre a suposta supremacia dos humanos em relação aos outros animais. As estratégias argumentativas utilizadas para sustentar esse ponto de vista são

- definição e hierarquia.
- exemplificação e comparação.
- causa e consequência.

- d) finalidade e meios.
- e) autoridade e modelo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sobre a origem da poesia

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, ¹a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

⁴Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

²Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, projetado sobre um passado pré-babélico, tribal, primitivo. Ao mesmo tempo, cada novo poema do futuro que o presente alcança cria, com sua ocorrência, um pouco desse passado.

Lembro-me de ter lido, certa vez, um comentário de Décio Pignatari, em que ele chamava a atenção para o fato de, tanto em chinês como em tupi, não existir o verbo ser, enquanto verbo de ligação. Assim, o ser das coisas ditas se manifestaria nelas próprias (substantivos), ⁵não numa partícula verbal externa a elas, o que faria delas línguas poéticas por natureza, mais propensas à composição analógica.

³Mais perto do senso comum, podemos atentar para como colocam os índios americanos falando, na maioria dos filmes de *cowboy* – eles dizem “maçã vermelha”, “água boa”, “cavalo veloz”; em vez de “a maçã é vermelha”, “essa água é boa”, “aquele cavalo é veloz”. Essa forma mais sintética, telegráfica, aproxima os nomes da própria existência – como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim apresentando-as (ao mesmo tempo em que se apresenta).

⁶No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. ⁷A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

(...)

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. ⁸Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade.

ARNALDO ANTUNES

www.arnaldoantunes.com.br

2. (Uerj) Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, (ref.2)

Neste fragmento, a expressão em destaque é empregada para formar um conhecido recurso da argumentação. Esse recurso pode ser definido como:

- a) admitir uma hipótese para depois discuti-la
- b) retomar uma informação para depois criticá-la
- c) relativizar um conceito para depois descrevê-lo
- d) apresentar uma opinião para depois sustentá-la

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

3. (Fuvest) Considere as seguintes afirmações sobre os quatro períodos que compõem o texto:

- I. Tendo em vista as relações de sentido constituídas no texto, o primeiro período estabelece uma causa cuja consequência aparece no segundo período.
- II. O uso de orações subordinadas, tal como ocorre no terceiro período, é muito comum em textos dissertativos.
- III. Por formarem um parágrafo tipicamente dissertativo, os quatro períodos se organizam em uma sequência constituída de introdução, desenvolvimento e conclusão.
- IV. O procedimento argumentativo do texto é dedutivo, isto é, vai do geral para o particular.

Está correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A literatura nos ajuda a construir nossa identidade

(1) Ainda que nasça e morra só, o indivíduo tem a sua existência marcada pela coletividade de que faz parte e que funciona segundo “leis” e “regras” preestabelecidas. Um dos primeiros desafios a serem enfrentados pelo ser humano é compreender que leis e regras são essas, decidir quais delas deve seguir e quais precisam ser questionadas de modo a permitir que sua jornada individual tenha identidade própria.

(2) Nos textos literários, de certo modo, entramos em contato com a nossa história, o que nos dá a chance de compreender melhor nosso tempo, nossa trajetória. O interessante, porém, é que essa “história” coletiva é recriada por meio das histórias individuais, das inúmeras personagens presentes nos textos que lemos, ou pelos poemas que nos tocam de alguma maneira. Como leitores, interagimos com o que lemos. Somos tocados pelas experiências de leituras que, muitas vezes, evocam nossas vivências pessoais e nos ajudam a refletir sobre nossa identidade e também a construí-la.

(3) Como toda manifestação artística, a literatura acompanha a trajetória humana e, por meio de palavras, constrói mundos familiares – em que pessoas semelhantes a nós vivem problemas idênticos – e mundos fantásticos, povoados por seres imaginários, cuja existência é garantida somente por meio das palavras que lhes dão vida. Também exprime, pela criação poética, reflexões e emoções que parecem ser tão nossas quanto de quem as registrou.

(4) Por meio da convivência com poemas e histórias que traçam tantos e diversos destinos, a literatura acaba por nos oferecer possibilidades de resposta a indagações comuns a todos os seres humanos.

(5) Além disso, em diferentes momentos da história humana, a literatura teve um papel fundamental: o de denunciar a realidade, sobretudo quando setores da sociedade tentam ocultá-la. Foi o que ocorreu, por exemplo, durante o período do regime militar no Brasil. Naquele momento, inúmeros escritores arriscaram a própria vida para denunciar, em suas obras, a violência que tornava a existência uma aventura arriscada. A leitura dessas obras, mesmo que vivamos em uma sociedade democrática e livre, nos ensina a valorizar nossos direitos individuais, nos ajuda a desenvolver uma melhor consciência política e social. Em resumo, a literatura permite também que olhemos para a nossa história e, conhecendo algumas de suas passagens, busquemos construir um futuro melhor.

(Maria Luiza M. Abaurre; Marcela Pontara. *Literatura Brasileira – tempos leitores e leituras. Ensino Médio*. São Paulo: Moderna, 2005, pp., 10-11. Adaptado.)

4. (Uespi) Considerando a coesão e a coerência promovidas pela seleção das palavras, podemos perceber, no desenvolvimento do texto, ocorrências:

1. de palavras que se repetem, como '*literatura*', '*história*'.
2. de palavras que estão em afinidade de sentido, como '*literatura*', '*escritores*', '*obras*'.
3. de palavras que são substituídas por um seu sinônimo, como '*poemas*' por '*criações poéticas*'; (mundos) '*fantásticos*' por (seres) '*imaginários*'.
4. de palavras que são substituídas por outras de sentido mais geral, como '*histórias*' e '*poemas*' por '*textos literários*'.
5. de palavras antônimas, como '*nascer*' e '*morrer*'; '*indivíduo*' e '*coletividade*'.

Estão corretas:

- a) 1, 2 e 3 apenas
- b) 1, 3 e 4 apenas
- c) 2, 3 e 5 apenas
- d) 2, 4 e 5 apenas
- e) 1, 2, 3, 4 e 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A lógica do humor

Piada racista termina com polícia em casa de shows. É engraçado gozar de minorias? Até onde se pode chegar para fazer os outros rirem? Aliás, do que rimos?

De um modo geral, achamos graça quando percebemos um choque entre dois códigos de regras ou de contextos, todos consistentes, mas incompatíveis entre si. Um exemplo: "O masoquista é a pessoa que gosta de um banho frio pelas manhãs e, por isso, toma uma ducha quente".

Cometo agora a heresia de explicar a piada. Aqui, o fato de o sujeito da anedota ser um masoquista subverte a lógica normal: ele faz o contrário do que gosta, porque gosta de sofrer. É claro que a lógica normal não coexiste com seu reverso, daí a graça da pilhéria. Uma variante no mesmo padrão é: "O sádico é a pessoa que é gentil com o masoquista".

Essa "gramática" dá conta da estrutura intelectual das piadas, mas há também dinâmicas emocionais. Kant, na "Crítica do Juízo", diz que o riso é o resultado da "súbita transformação de uma expectativa tensa em nada". Rimos porque nos sentimos aliviados. Torna-se plausível rir de desgraças alheias. Em alemão, há até uma palavra para isso: "Schadenfreude", que é o sentimento de alegria provocado pelo sofrimento de terceiros. Não necessariamente estamos felizes pelo infortúnio do outro, mas sentimos-nos aliviados com o fato de não sermos nós a vítima.

Mais ou menos na mesma linha vai o filósofo francês Henri Bergson. Em "O Riso", ele observa que muitas piadas exigem "uma anestesia momentânea do coração". Ou seja, pelo menos as partes mais primitivas de nosso eu acham graça em troçar dos outros. Daí os inevitáveis choques entre humor e adequação social.

Como não podemos dispensar o riso nem o combate à discriminação, o conflito é inevitável. Resta torcer para que seja autolimitado. Não deixaremos de rir de piadas racistas, mas não podemos esquecer que elas colocam um problema moral.

Hélio Schwartzman, *Folha de São Paulo*, 16/03/2012.

5. (Insper) O primeiro parágrafo apresenta uma das formas clássicas de introdução de um texto de caráter argumentativo, porque contém resumidamente elementos essenciais ao desenvolvimento das ideias do autor. Esses elementos, presentes em "A lógica do humor", podem ser definidos como:

- a) declaração de natureza subjetiva – enumeração de subtemas.
- b) registro de testemunho histórico – exemplificação do problema.
- c) uso de perguntas retóricas – emprego de contra-argumentação.
- d) afirmação da autoridade do enunciador – apresentação do problema.
- e) relato de fato notório – delimitação do tema por meio de questionamentos.

SEÇÃO 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹Num primeiro momento é possível definir a escrita como manifestação gráfica de linguagem, particularmente da língua natural, que ocupa uma posição central dentre os sistemas na cultura. Graças à escrita é que se consagrou, no ocidente, a cultura letrada e o homem leitor. Ela não apenas permite aos homens se comunicarem uns com os outros, ou pelo menos possuir essa possibilidade de comunicação, mas também registra dados, pensamentos e ideias, dando forma a tudo o que era efêmero e intangível antes de ser fixado no papel. [...]

²A escrita também é, como todos os outros textos da cultura, dotada de organização enquanto sistema e enquanto processo gerativo de linguagens. A multiplicidade de linguagens dentro do sistema é sua fonte de riqueza e renovação, fazendo com que textos escritos em uma mesma língua possam ser tão diversos e diferentes quanto uma pauta jornalística é de um poema. [...]

³Mas é importante compreender que não escrevemos apenas com palavras. Escrevemos com gestos, com cores e com sons. Assim, a escrita, como texto da cultura, compreende não apenas a manifestação gráfica da língua natural, mas [também] os sentidos e as linguagens desenvolvidos por diferentes códigos. Como texto da cultura, a escrita é uma região de contato entre esses diferentes códigos, ao mesmo tempo em que está em constante interação com outros sistemas, textos e linguagens. Nesse contato, a escrita se caracteriza como uma fronteira não apenas por sua dinâmica no espaço cultural, mas também pela própria pluralidade de significados que ela abriga.

⁴Certamente, a maior tecnologia que o homem cria a partir de sua própria fala é a escrita. Mas esta é uma questão polêmica. Para o filósofo inglês John Wilkins, a escrita pode ser posterior à fala com relação ao tempo, mas não com relação à sua natureza. Isso porque a escrita é um registro visual que provoca a leitura. Ora, o homem aprendeu a ler bem antes de aprender a escrever e até mesmo a falar. Basta lembrar que as primeiras formas visuais que os homens “leram” foram os rastros dos animais. O homem aprendeu a ler as constelações, os veios das pedras e das madeiras. Há uma lenda antiga que conta que os gregos costumavam rabiscar avisos nas pedras após o plantio, pedindo aos ratos do campo que não se aproximassem do terreno.

⁵Contar a história da escrita é como contar a história das pessoas e de suas famílias: todas começam do mesmo jeito. E como começa a história da escrita? Começa com as inscrições em cavernas de povos muito antigos. Começa com os sumérios, os fenícios, os egípcios. Começa com as lendas, os pictogramas, os ideogramas. Começa com a transformação do som em palavra. Ou seja, a história da escrita é uma narrativa cheia de enigmas e de transformações. Confunde-se, muitas vezes, com episódios e fenômenos mágicos, sobretudo quando se pensa que o grande personagem dessa história é a palavra. Como a palavra, antes de ser escrita, existiu enquanto som, na fala, a transformação do som em palavra faz parte da história da escrita, que só se inicia de fato quando os sons da fala são expressos graficamente. [...]

⁶Conhecer a história da escrita é andar por caminhos que se bifurcam, onde se cruzam e se misturam muitas línguas e muitas linguagens.

(Semiosphera. USP. São Paulo. Disponível em <http://www.usp.br/semiosphera/escrita_como_texto_da_cultura.html>

Acesso em 2 set. 2010. Adaptado)

1. (Upe) Para a manutenção da unidade temática do texto – uma das condições fundamentais de sua coerência, vale a pena destacar

I. a correção gramatical com que o texto está expresso, pois transgressões de ordem morfosintática, por exemplo, comprometem a unidade semântica do texto. Um texto coerente deve ser, necessariamente, ‘um texto correto’.

II. a concentração em palavras de campos semânticos afins, como em: fala, escrita, leitura, cultura, inscrição, registro visual etc. Essas unidades funcionam como elos que deixam os tópicos e subtópicos do texto em articulação.

- III. o desdobramento do tópico principal em subtópicos a ele vinculados, de forma que se pode reconhecer um macroconteúdo – a escrita e sua posição central dentre os sistemas na cultura – e conteúdos mais pontuais, como a relação entre fala e escrita, entre escrita e leitura.
- IV. a articulação promovida entre os diferentes parágrafos por meio do uso de certas expressões sequenciadoras, que exigem do leitor, para uma interpretação adequada, a estratégia de ir integrando cada parte no todo.
- V. a divisão do texto em sete parágrafos. Em geral, um texto – para ter garantida sua unidade temática – precisa estar subdividido em mais de dois parágrafos. A exigência de uma ‘introdução’ e de uma ‘conclusão’, pelo menos, se aplica a todo tipo e a todo gênero de texto.

Assinale a alternativa que apresenta apenas afirmativas correta(s).

- a) I, III, IV e V.
b) I, II e V.
c) I, II, IV e V.
d) II, III e IV.
e) II, III, IV e V.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Astroteologia

Aparentemente, foi o filósofo grego Epicuro que sugeriu, já em torno de 270 a.C., que existem inúmeros mundos espalhados pelo cosmo, alguns como o nosso e outros completamente diferentes, muitos deles com criaturas e plantas.

³Desde então, ideias sobre a pluralidade dos mundos têm ocupado uma fração significativa do debate entre ciência e religião. Em exemplo dramático, o monge Giordano Bruno foi queimado vivo pela Inquisição Romana em 1600 por pregar, dentre outras coisas, que cada estrela é um Sol e que cada Sol tem seus planetas.

Religiões mais conservadoras negam a possibilidade de vida extraterrestre, especialmente se for inteligente. No caso do cristianismo, Deus é o criador e a criação é descrita na Bíblia, e não vemos qualquer menção de outros mundos e gentes. Pelo contrário, os homens são as criaturas escolhidas e, portanto, privilegiadas.

Todos os animais e plantas terrestres estão aqui para nos servir. ⁸Ser inteligente é uma dádiva que nos põe no topo da pirâmide da vida.

O que ocorreria se travássemos contato com outra civilização inteligente? Deixando de lado as inúmeras dificuldades de um contato dessa natureza – da raridade da vida aos desafios tecnológicos de viagens interestelares – tudo depende do nível de inteligência dos membros dessa civilização.

¹Se são eles que vêm até aqui, não há dúvida de que são muito mais desenvolvidos do que nós. Não necessariamente mais inteligentes, mas com mais tempo para desenvolver suas tecnologias. Afinal, estamos ainda na infância da era tecnológica: ⁷a primeira locomotiva a vapor foi inventada há menos de 200 anos (em 1814).

Tal qual a reação dos nativos das Américas quando viram as armas de fogo dos europeus, o que são capazes de fazer nos pareceria mágica.

²Claro, ao abrirmos a possibilidade de que vida extraterrestre inteligente exista, a probabilidade de que sejam mais inteligentes do que nós é alta. De qualquer forma, mais inteligentes ou mais avançados tecnologicamente, nossa reação ao travar contato com tais seres seria um misto de adoração e terror. Se fossem muito mais avançados do que nós, a ponto de haverem desenvolvido tecnologias que os liberassem de seus corpos, esses seres teriam uma existência apenas espiritual. A essa altura, seria difícil distingui-los de deuses.

⁴Por mais de 40 anos, cientistas vasculham os céus com seus radiotelescópios tentando ouvir sinais de civilizações inteligentes. (...) ⁵Infelizmente, até agora nada foi encontrado. Muitos cientistas acham essa busca uma imensa perda de tempo e de dinheiro. As chances de que algo significativo venha a ser encontrado são extremamente remotas.

Em quais frequências os ETs estariam enviando os seus sinais? E como decifrá-los? Por outro lado, os que defendem a busca afirmam que um resultado positivo mudaria profundamente a nossa

civilização. A confirmação da existência de outra forma de vida inteligente no universo provocaria uma revolução. Alguns até afirmam que seria a maior notícia já anunciada de todos os tempos. Eu concordo.

⁹Não estaríamos mais sós. Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos. ⁶Nesse caso, quão diferentes seriam dos deuses que tantos acreditam existir? Não é à toa que inúmeras seitas modernas dirigem suas preces às estrelas e não aos altares.

Marcelo Gleiser. *Folha de São Paulo*, 01/03/2009

2. (Uerj) Todo texto argumentativo é construído com base na apresentação e defesa de pontos de vista. A premissa do autor a favor de pesquisas interplanetárias apoia-se, sobretudo, na possibilidade de:

- a) incentivar o interesse por outras civilizações
- b) livrar os seres humanos dos confrontos religiosos
- c) encorajar os cientistas na busca de novos desafios
- d) conduzir a humanidade a profundas transformações

3. (Uerj) *Ser inteligente é uma dádiva que nos põe no topo da pirâmide da vida.* (ref. 8)

Essa afirmação finaliza o 3º parágrafo, que se organiza do geral para o particular.

No contexto, pode-se dizer que a afirmação tem a função de:

- a) explanar uma crença disseminada pelo senso comum
- b) revelar o ponto de vista defendido por pensadores clássicos
- c) expressar os valores consagrados por uma ideologia religiosa
- d) demonstrar uma opinião sustentada pela argumentação do autor

4. (Uerj) *a primeira locomotiva a vapor foi inventada há menos de 200 anos (em 1814).* (ref. 7)

No contexto do 5º parágrafo, o fragmento acima confirma o que foi dito anteriormente por meio da:

- a) formulação de uma tese
- b) síntese dos argumentos
- c) apresentação de um fato
- d) contraposição dos elementos

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Fragmento de um livro do conhecido diretor dramático e teórico da dramaturgia Martin Esslin (1918-2002):

Mas a diferença mais essencial entre o palco e os três veículos de natureza mecânica reside em outro ponto: a câmera e o microfone são extensões do diretor, de seus olhos e ouvidos, permitindo-lhe escolher seu ponto de vista (ou seu ângulo de audição) e transportar para eles a plateia por meio de variações de planos, que podem englobar toda uma cena ou fechar-se sobre um único ponto, ou cortando, segundo sua vontade, de um local para outro. Se um personagem está olhando para a mão de outro, o diretor pode forçar o público a olhá-la também, cortando para um *close-up* da mesma. Nos veículos mecânicos, o poder do diretor sobre o ponto de vista da plateia é total. No palco, onde a moldura que encerra o quadro é sempre a mesma, cada integrante individual da plateia tem a liberdade de olhar para aquela mão, ou para qualquer outro lugar; na verdade, no teatro cada membro da plateia escolhe seus próprios ângulos de câmera e, desse modo, executa pessoalmente o trabalho que o diretor avoca para si no cinema e na televisão bem como, *mutatis mutandis*, no rádio. Essa diferença, ainda uma vez, oferece ao teatro vantagens e desvantagens. No palco, o diretor pode não conseguir focalizar a atenção da plateia na ação que deseja sublinhar; no cinema isso jamais pode acontecer. Por outro lado, a complexa e sutil orquestração de uma cena que envolve muitos personagens (uma característica de Tchekov no teatro) torna-se incomparavelmente mais difícil no cinema e na televisão. A sensação de complexidade, de que

há mais coisas acontecendo naquele momento do que pode ser apreendido com um único olhar, a riqueza de um intrincado contraponto de contrastes humanos será inevitavelmente reduzida em um veículo que nitidamente guia o olho do espectador, ao invés de permitir que ele caminhe livremente pela cena.

(Martin Esslin. *Uma anatomia do drama*. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.)

5. (Unesp) Assinale a alternativa cujo enunciado não contraria a argumentação apresentada no fragmento de texto de Martin Esslin:

- a) O fato de a arte teatral ser apresentada no palco ante os espectadores a torna inferior em termos de comunicação às demais artes.
- b) Os recursos tecnológicos do cinema permitem-lhe ser uma arte mais completa e perfeita que as demais.
- c) Tudo o que passa na televisão não constitui arte, pois se trata de um veículo de comunicação de massa.
- d) Um diretor cinematográfico tem maior poder e competência que um diretor teatral.
- e) As diferenças de recursos técnicos específicos e de forma de apresentação podem implicar vantagens ou desvantagens ao teatro em relação ao cinema.

Redação
Nota 1000
Prof. Nardy

SEÇÃO 5

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Texto I

É praticamente impossível imaginarmos nossas vidas sem o plástico. Ele está presente em embalagens de alimentos, bebidas e remédios, além de eletrodomésticos, automóveis etc. Esse uso ocorre devido à sua atoxicidade e à inércia, isto é: quando em contato com outras substâncias, o plástico não as contamina; ao contrário, protege o produto embalado. Outras duas grandes vantagens garantem o uso dos plásticos em larga escala: são leves, quase não alteram o peso do material embalado, e são 100% recicláveis, fato que, infelizmente, não é aproveitado, visto que, em todo o mundo, a porcentagem de plástico reciclado, quando comparado ao total produzido, ainda é irrelevante.

Revista Mãe Terra. Minuano, ano I, n. 6 (adaptado).

Texto II

Sacolas plásticas são leves e voam ao vento. Por isso, elas entopem esgotos e bueiros, causando enchentes. São encontradas até no estômago de tartarugas marinhas, baleias, focas e golfinhos, mortos por sufocamento.

Sacolas plásticas descartáveis são gratuitas para os consumidores, mas têm um custo incalculável para o meio ambiente.

Veja, 8 jul. 2009. Fragmentos de texto publicitário do Instituto Akatu pelo Consumo Consciente.

1. (Enem) Em contraste com o texto I, no texto II são empregadas, predominantemente, estratégias argumentativas que

- a) atraem o leitor por meio de previsões para o futuro.
- b) apelam à emoção do leitor, mencionando a morte de animais.
- c) orientam o leitor a respeito dos modos de usar conscientemente as sacolas plásticas.
- d) intimidam o leitor com as nocivas consequências do uso indiscriminado de sacolas plásticas.
- e) recorrem à informação, por meio de constatações, para convencer o leitor a evitar o uso de sacolas plásticas.

2. (Enem) Na comparação dos textos, observa-se que

- a) o texto I apresenta um alerta a respeito do efeito da reciclagem de materiais plásticos; o texto II justifica o uso desse material reciclado.
- b) o texto I tem como objetivo precípua apresentar a versatilidade e as vantagens do uso do plástico na contemporaneidade; o texto II objetiva alertar os consumidores sobre os problemas ambientais decorrentes de embalagens plásticas não recicladas.
- c) o texto I expõe vantagens, sem qualquer ressalva, do uso do plástico; o texto II busca convencer o leitor a evitar o uso de embalagens plásticas.
- d) o texto I ilustra o posicionamento de fabricantes de embalagens plásticas, mostrando por que elas devem ser usadas; o texto II ilustra o posicionamento de consumidores comuns, que buscam praticidade e conforto.
- e) o texto I apresenta um alerta a respeito da possibilidade de contaminação de produtos orgânicos e industrializados decorrente do uso de plástico em suas embalagens; o texto II apresenta vantagens do consumo de sacolas plásticas: leves, descartáveis e gratuitas.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Quando eu falo com vocês, procuro usar o código de vocês. A figura do índio no Brasil de hoje não pode ser aquela de 500 anos atrás, do passado, que representa aquele primeiro contato. Da mesma forma que o Brasil de hoje não é o Brasil de ontem, tem 160 milhões de pessoas com diferentes sobrenomes. Vieram para cá asiáticos, europeus, africanos, e todo mundo quer ser brasileiro. A importante pergunta que nós fazemos é: qual é o pedaço de índio que vocês têm? O seu cabelo? São seus olhos?

Ou é o nome da sua rua? O nome da sua praça? Enfim, vocês devem ter um pedaço de índio dentro de vocês.

Para nós, o importante é que vocês olhem para a gente como seres humanos, como pessoas que nem precisam de paternalismos, nem precisam ser tratadas com privilégios. Nós não queremos tomar o Brasil de vocês, nós queremos compartilhar esse Brasil com vocês.

TERENA, M. Debate. MORIN, E. *Saberes globais e saberes locais*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (adaptado).

3. (Enem) Na situação de comunicação da qual o texto foi retirado, a norma padrão da língua portuguesa é empregada com a finalidade de

- a) demonstrar a clareza e a complexidade da nossa língua materna.
- b) situar os dois lados da interlocução em posições simétricas.
- c) comprovar a importância da correção gramatical nos diálogos cotidianos.
- d) mostrar como as línguas indígenas foram incorporadas à língua portuguesa.
- e) ressaltar a importância do código linguístico que adotamos como língua nacional.

4. (Enem) Os procedimentos argumentativos utilizados no texto permitem inferir que o ouvinte/leitor, no qual o emissor foca o seu discurso, pertence

- a) ao mesmo grupo social do falante/autor.
- b) a um grupo de brasileiros considerados como não índios.
- c) a um grupo étnico que representa a maioria europeia que vive no país.
- d) a um grupo formado por estrangeiros que falam português.
- e) a um grupo sociocultural formado por brasileiros naturalizados e imigrantes.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**Sr. Prefeito,
junte-se a nós na
luta contra a dengue.
A sua participação
é fundamental.**

A dengue é um dos grandes desafios que enfrentamos na área de saúde no Brasil, mas, felizmente, é possível controlá-la. Para isso, é necessário que os governos estaduais e municipais e o governo federal trabalhem juntos. Nesse sentido, a sua atuação como prefeito é fundamental. Organize mutirões, envolvendo líderes comunitários da sua cidade, para lutar contra a dengue. No site www.combatadengue.com.br há todas as informações necessárias para auxiliá-lo, inclusive com materiais para download de uso livre. A mobilização social é a chave para o sucesso no combate à dengue.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Revista Nordeste*. João Pessoa, ano 3, n. 35, maio/jun. 2009.

5. (Enem) Diante dos recursos argumentativos utilizados, depreende-se que o texto apresentado

- a) se dirige aos líderes comunitários para tomarem a iniciativa de combater a dengue.
- b) conclama toda a população a participar das estratégias de combate ao mosquito da dengue.
- c) se dirige aos prefeitos, conclamando-os a organizarem iniciativas de combate à dengue.
- d) tem como objetivo ensinar os procedimentos técnicos necessários para o combate ao mosquito da dengue.
- e) apela ao governo federal, para que dê apoio aos governos estaduais e municipais no combate ao mosquito da dengue.

SEÇÃO 06 (CRASE)

A ciência e a tecnologia como estratégia de desenvolvimento

Um dos principais motores do avanço da ciência é a curiosidade humana, descompromissada de resultados concretos e livre de qualquer tipo de tutela ou orientação. A produção científica movida apenas por essa curiosidade tem sido capaz de abrir novas fronteiras do conhecimento, de nos tornar mais sábios e de, no longo prazo, gerar valor e mais qualidade de vida para o ser humano.

Por meio dos seus métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o mundo ao redor e ver além do que os olhos podem enxergar. O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é o principal responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui, desde o domínio do fogo até a moderna ciência da informação, passando pela domesticação dos animais, pelo surgimento da agricultura e da indústria modernas e, é claro, pela espetacular melhora da qualidade de vida de toda a humanidade no último século.

Apesar dos seus feitos extraordinários, a ciência enfrenta uma crise de legitimação social no mundo todo. Existe uma descrença do cidadão comum no conhecimento técnico e científico e, mais do que isso, um certo orgulho da própria ignorância sobre vários temas complexos. Vários fenômenos sociais recentes, como o movimento antivacinação ou mesmo a desconfiança sobre o aquecimento global, apesar de todas as evidências científicas em contrário, são exemplos dessa descrença.

A relação entre ciência, tecnologia e sociedade é de extrema complexidade, sem dúvida alguma. Ela passa por uma série de questões, tais como de que forma a ciência e as novas tecnologias afetam a qualidade de vida das pessoas e como fazer com que seus efeitos sejam os melhores possíveis? Como ampliar o acesso da população aos benefícios gerados pelo conhecimento científico e tecnológico? Em que medida o progresso científico e tecnológico contribui para mitigar ou aprofundar as desigualdades socioeconômicas? Essas são questões cruciais para a ciência e a tecnologia nos dias de hoje.

Disponível em: <www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/116-a-ciencia-e-a-tecnologiacomo-estrategia-de-desenvolvimento>. Acesso em: 24 ago. 2020. Adaptado.

1. (Fmp 2021) O acento grave indicador de crase deve ser utilizado, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

- As pesquisas médicas são essenciais devido a urgência de implantar medidas efetivas de combate às pandemias.
- O bom uso dos recursos digitais conduz as pessoas a novas formas de aprendizado científico.
- Os países vêm utilizando diversas tecnologias que aumentam a capacidade de ação do ser humano.
- A tecnologia tem contribuído com progressos significativos para a humanidade desde a revolução industrial.
- O primeiro passo para buscar a cura de uma nova doença é conhecer os seus agentes causadores.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quando pensamos em **EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS NO EXTERIOR**, automaticamente relacionamos o tema aos melhores aspectos positivos possíveis, como a vivência na língua, na cultura, na culinária, entre outros. Contudo, há outros aspectos relevantes – positivos e negativos – que a atividade deseja também abordar. Somos seres humanos em construção e interligados pela intensa globalização do século XXI. Assim, a escolha desse tema se dá pelo desejo de acrescentar reflexões importantes ao cotidiano de nossos jovens estudantes.

Texto

Brasileira ganha bolsa para estudar em Harvard

Uma gonçalense de 18 anos é a única estudante brasileira aprovada para estudar na Universidade de Harvard, nos EUA, este ano. E com bolsa integral.

Uma gonçalense de 18 anos é a única estudante brasileira aprovada para estudar na Universidade

de Harvard, no EUA, este ano. E com bolsa integral. A façanha de Flávia Medina da Cunha é considerada tão especial que será tema de palestra de orientadores educacionais, nesta quarta-feira de manhã (19 de agosto de 2009), no auditório do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Na mesma época dos exigentes exames para Harvard, ela passou nos vestibulares da UFRJ, UFF e UERJ e na prova de admissão da Academia da Força Aérea (AFÃ). "Estudei tantas horas que perdi a conta de quantas", confessa Flávia, que vai cursar Engenharia Química. Ela já havia começado o curso na UFRJ.

Fã da obra de Machado de Assis, ela precisou se debruçar sobre livros especializados na cultura norte-americana. Flávia obteve ainda 90% de bolsa na Universidade da Pensilvânia. "Fiquei na lista de esperada Yale University, Duke University, Rice University e Tufts", enumerou Flávia, cujos dois irmãos estudam na Escola Naval. Os pais, que são professores, estão orgulhosos, mas não escondem a preocupação. "O coração está apertado, mas ela é perseverante e carismática", conta a mãe, Gilza da Cunha, 57 anos. Em Harvard, a estudante terá alojamento, refeição e receberá US\$ 3mil (R\$ 5,3 mil) por mês, além da oportunidade de emprego no campus. Flávia embarca hoje à noite no voo 860 da United Airlines. Na bagagem, a bandeira do Brasil e a medalha de Santo António. No coração, a saudade de casa. "Não vou chorar", avisa Flávia. "Muita gente sonha em ir à Disney e realiza o sonho. Por que não sonhar em aprimorar os conhecimentos no exterior?", lança o desafio o gerente de pesquisas do escritório da Harvard no Brasil, Tomás Amorim. (...)

(Adaptado de <https://www.mundovestibular.com.br/vestibular/noticias/brasileira-ganha-bolsa-para-estudar-em-han/ard/>. Acessado em: 02/09/2020)

2. (G1 - cmrj 2021) No trecho "**Muita gente sonha em ir à Disney e realiza o sonho**", pode-se afirmar que o emprego do sinal indicativo de crase encontra-se de acordo com a norma gramatical.

A mesma afirmação só pode ser feita em relação a uma das alternativas a seguir. Assinale-a.

- a) Irei à Santa Catarina aproveitar o sol.
- b) Fui à Londres e visitei vários castelos.
- c) Fui cedo à Madri e vi um belo jogo.
- d) Não há como ir à Roma e não visitar o Papa.
- e) Vou à Búzios das belas praias passar o feriado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O aumento silencioso dos cibercrimes

(Thiago Diniz Nicolai e Guilherme Serapicos Rodrigues Alves)

Desde a decretação da pandemia global da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde em meados de março, ¹temos sentido na pele as transformações que as medidas de isolamento social adotadas para o enfrentamento do vírus provocam em rigorosamente todos os âmbitos sociais.

²A magnitude desse impacto certamente não pode ser subestimada. Com dados como a redução de cerca de 6% da emissão mundial de gás carbônico, diminuição de 70% no tráfego aéreo, 3% de encolhimento da economia global, entre muitos outros, não há lugar ou atividade que não tenha sido afetado.

³Evidentemente, a situação não seria diferente no que diz respeito à dinâmica das atividades criminosas esporádicas ou organizadas.

⁴Com a redução da circulação de pessoas e o aumento do confinamento familiar ininterrupto, ⁵temos observado uma diminuição dos crimes patrimoniais e daqueles relacionados ao comércio de drogas, bem como o aumento dramático nos registros de violência doméstica.

⁶No entanto, o que parece fora do radar são ações ilícitas alheias ao espaço urbano, aquelas que se dão justamente no ambiente a que ⁷todos se recolhem em seus refúgios virtuais da pandemia: o ambiente cibernético.

É importante frisar que tais crimes não são apenas os previstos na Lei n.º 12.737/2012, que dispõe sobre os delitos informáticos, mas sim todos os tipos penais que podem ser praticados por meio virtual, com especial destaque ao estelionato.

⁸Não por acaso, portanto, é o aumento silencioso, mas substancial, dos crimes cibernéticos que tem merecido especial atenção das autoridades internacionais nos últimos meses. Tanto o FBI ⁹como o serviço europeu de polícia (Europol) publicaram comunicados alertando para o aumento do número de

crimes cometidos no ambiente virtual durante a crise da Covid-19.

¹⁰No relatório publicado no início do mês passado, as autoridades europeias apontaram ¹¹que os criminosos cibernéticos são aqueles que mais se aproveitam da situação de pandemia para levar a cabo seus esquemas e ataques. Com o aumento do número de pessoas em casa e utilizando serviços on-line, os meios para os cibercriminosos se aproveitarem para explorar oportunidades e vulnerabilidades se multiplicaram.

Mas é importante lembrar que a ameaça dos cibercrimes não é uma novidade dos tempos de pandemia. De acordo com a Organização das Nações Unidas, o prejuízo global em razão de problemas associados ¹²à ¹³segurança da informação já soma aproximadamente US\$ 1 trilhão ao ano.

De toda forma, ¹⁴é indiscutível que o contexto atual torna a situação ainda mais delicada. A partir do momento em que os colaboradores atuam de suas casas com acesso remoto a documentos, a e-mails, a sistemas da empresa, é como se o ambiente virtual dessa empresa avançasse e se confundisse com o ambiente doméstico desses colaboradores, e é ¹⁵aí que mora o perigo.

O criminoso, que ¹⁶antes precisava quebrar uma robusta defesa de uma empresa para acessar seus dados e furtar informações, ¹⁷agora pode fazê-lo a partir do acesso a qualquer computador de um funcionário descuidado, seja um entusiasta de uma senha de acesso "123456" ou alguém que não resista a clicar em ¹⁸um link suspeito que ¹⁹lhe ofereça uma oportunidade imperdível.

É realmente como se fossem abertas inúmeras novas portas de entrada à companhia, e a segurança de cada uma dessas portas depende do zelo de cada um dos colaboradores em seu espaço privado.

²⁰Essas vulnerabilidades merecem especial atenção quando se tem em conta que, de acordo com dados do Senado Federal, o Brasil é o segundo país do mundo com maiores prejuízos decorrentes de crimes cibernéticos, que, em apenas três meses do ano passado, o país registrou nada menos do que 15 bilhões de tentativas de ataques cibernéticos, e que, de acordo com a Fiesp, 59% dos ataques realizados na indústria tem motivação financeira e mais de 60% ocorrem em empresas de pequeno e médio porte.

É importante esclarecer que nosso intuito não é criar pânico, tampouco defender uma posição contrária ao trabalho remoto. Em tempos de pandemia ou não, os avanços tecnológicos já fazem parte do cotidiano e devem avançar cada vez mais, inclusive com registros de ²¹que o home office vem trazendo resultados positivos às empresas e de que o trabalho remoto deve se difundir ainda mais, mesmo após a atual crise de saúde pública.

Do mesmo modo que não há motivo para alarmismo, porém, não se pode ignorar que as ameaças cibernéticas também vieram para ficar e que é pouco aconselhável que pessoas e empresas se mantenham inertes diante desse cenário.

Há cuidados a serem tomados que demandam maior rigor e assessoria especializada de técnicos em inteligência de informação. Há, por outro lado, atitudes muito simples que já implicam um incremento da segurança no ambiente virtual.

Em primeiro lugar, a simples consciência dessa ameaça cibernética e do perigo que ela representa já é, por si só, o passo ²²essencial. Decorre daí uma mudança natural de cultura, que, em grande medida, passa por afastar a percepção ilusória de segurança e privacidade que tantos possuem quando imersos no ambiente virtual.

Outras medidas são igualmente simples e eficientes, ²³como cartilhas e campanhas de conscientização de colaboradores e funcionários; ²⁴adoção ²⁵de protocolos mais rigorosos para acesso a documentos e sistemas; especial cuidado com arquivos e links recebidos de terceiros; atenção à qualidade e à atualização de hardware e software utilizados tanto na empresa como por colaboradores; e demais medidas de mudança de cultura corporativa, melhor estruturadas por especialistas credenciados em segurança da informação.

²⁶Cibercriminosos também estão confinados em isolamento social, e organizações criminosas estão sofrendo com a diminuição de receitas ilícitas, o que os leva a dedicar grande parte de seu tempo em descobrir novas maneiras de obter vantagens financeiras dos desavisados de quarentena.

Portanto, a lição ²⁷fundamental é lembrar que o ambiente virtual não é neutro e muito menos seguro. Assim como não há diferença entre aquele que acessa o sistema fisicamente na empresa e aquele que se conecta remotamente de seu smartphone.

(Disponível em: <https://migalhas.uol.com.br/depeso/326593/o-aumento-silencioso-dos-cibercrimes>.
Data de acesso: 07 dez 2020.)

3. (Uem-pas 2021) Em relação a elementos linguísticos presentes no texto, assinale o que for correto.
- 01) A locução verbal “temos sentido” (ref. 1) denota um evento de natureza pontual, sem expressar a ideia de continuidade.
- 02) “antes” (ref. 16) e “agora” (ref. 17) são elementos lexicais que reforçam a mudança do *modus operandi* dos criminosos do campo cibernético.
- 04) O pronome “lhe” (ref. 19) é adequadamente colocado em posição enclítica, pois só assim consegue retomar a expressão nominal “um link suspeito” (ref. 18).
- 08) O acento indicativo de crase em “à” (ref.12) se justifica em razão da contração fonética entre a preposição “a” e o artigo definido feminino que antecede “segurança” (ref. 13).
- 16) O advérbio “aí” (ref. 15) não se refere a um espaço físico, mas sim à situação de se confundir o ambiente virtual da empresa com o espaço privado dos funcionários.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

No país da biodiversidade, faltam recursos para gerir os nossos parques

¹Quem já visitou ²algum ³parque brasileiro certamente se surpreendeu com ⁴tamanha exuberância cênica ⁵desses locais. ⁶Não por acaso, ⁷nosso parques conservam uma rica biodiversidade – uma das maiores do mundo – cuja excepcionalidade projetou algumas ⁸dessas áreas ao patamar de patrimônio natural da humanidade. ⁹Enquanto a natureza nos dá motivos de sobra para enaltecer nossos parques, ¹⁰a realidade de escassez e limitação de recursos para a gestão e manutenção dessas áreas tem comprometido grande parte do seu potencial gerador de desenvolvimento, saúde e bem-estar – para não mencionar a vulnerabilidade a que sua fauna e flora ficam expostas.

¹¹Esse retrato de limitações foi capturado na edição recém-lançada da pesquisa Diagnóstico de Uso Público em Parques Brasileiros: A Perspectiva da Gestão, produzida pelo Instituto Semeia junto a equipes gestoras de 370 parques de todas as regiões, biomas e níveis governamentais do país. ¹²O sinal de alerta dessa escassez foi declarado por 67% dos respondentes, que afirmaram não contar com subsídios – humanos e financeiros – necessários para a realização de suas atividades no parque.

¹³Ainda de acordo com a pesquisa, grande parte (49%) das equipes que administram essas áreas conta somente com até 10 funcionários, ao passo que 9% possuem apenas um colaborador. Na prática, isso quer dizer que, no caso dos parques nacionais, há um único responsável, em média, por quase 11 mil hectares – o que equivale a cerca de 11 mil campos de futebol. ¹⁴Já na esfera estadual, seria um funcionário para, aproximadamente, 2 mil hectares e, na municipal, um funcionário para 58 hectares.

¹⁵Quando o assunto é a gestão financeira desses espaços, além da escassez de recursos, o cenário é também de falta de informação: 40% dos respondentes declaram não ter acesso aos dados orçamentários das unidades em que atuam. Entre os que têm acesso a esses números, seja de forma parcial ou total, o valor médio do orçamento em 2019 para os parques federais foi de R\$ 790 mil, para os municipais, de R\$ 800 mil, e os estaduais, R\$ 9,6 milhões.

¹⁶Para se ter uma ideia, o *National Park Service* (órgão norte-americano responsável por 421 unidades distribuídas em 34 milhões de hectares) teve em 2019 um orçamento de USD 2,4 bilhões. No mesmo ano, o orçamento do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) foi de USD 142,6 milhões (em reais, 791 milhões), para administrar uma área cinco vezes maior (se considerarmos unidades de conservação terrestres e marinhas).

¹⁷Tudo isso se reflete nas condições de visitação e no uso público dos parques brasileiros. ¹⁸Mais da metade declara não contar com infraestrutura básica para receber visitantes – como banheiros e estacionamento, por exemplo. E, entre as unidades que receberam visitantes em 2019 (79%), apenas 7% afirmam contar com uma estrutura que garante plenamente as necessidades básicas de visitação, enquanto somente 11% consideram que a manutenção das estruturas está em excelente estado.

¹⁹Esses dados evidenciam uma triste contradição: ²⁰se, por um lado, nossos parques possuem belezas naturais únicas, equipes altamente qualificadas e experientes, além de um potencial turístico promissor, por outro, tudo isso se arrefece com a precariedade observada na implementação e manutenção das atividades de uso público na maioria deles. Basta pensar que, em 2019, o Brasil foi listado pelo Fórum Econômico Mundial como 2º lugar em recursos naturais, mas figura somente na 32ª colocação do *ranking* global de competitividade turística.

²¹Alcançar um patamar condizente à altura do nosso capital natural é mais do que possível. ²²Para isso, faz-se necessário fortalecer os órgãos gestores dessas áreas e avançar numa agenda mais moderna, empreendedora e sustentável voltada à gestão desses espaços. E, nesse sentido, as parcerias e concessões podem ser uma alternativa possível – já experimentadas em alguns parques brasileiros

internacionalmente reconhecidos como Igraçu e Chapada dos Veadeiros, por exemplo – para apoiar as equipes gestoras a potencializar a visitação, o turismo e a conservação.²³ Afinal de contas, quanto mais os brasileiros conhecerem o seu patrimônio natural, maior será a conscientização sobre o valor e a necessidade de cuidar dessas áreas.

(HADDAD, Mariana (Coordenadora de Conhecimento do Instituto Semeia e responsável pela pesquisa); REZENDE, Aline (Coordenadora de Comunicação do Instituto Semeia). No país da biodiversidade, faltam recursos para gerir os nossos parques. Publicado em *Exame* de 27 de abril de 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/opiniao/no-pais-da-biodiversidade-faltam-recursos-para-gerir-os-nossos-parques/>. Acesso em 02 de maio de 2021). Texto adaptado para esta prova.

4. (Upf 2021) Assinale a alternativa correta em relação aos elementos que organizam a sintaxe do texto:
- No enunciado “Mais da metade declara não contar com infraestrutura básica para receber visitantes – como banheiro e estacionamento, por exemplo”. (ref. 18), o verbo “declara” concorda com o termo *metade*, mesmo a oração iniciando com a expressão quantitativa “mais de”.
 - No enunciado “... a realidade de escassez e limitação de recursos para a gestão e manutenção dessas áreas tem comprometido grande parte do seu potencial gerador de desenvolvimento, saúde e bem-estar...” (ref. 10), o verbo “tem” deveria estar acentuado, pois está no plural, uma vez que concorda com a expressão “gestão e manutenção dessas áreas”.
 - No enunciado “Ainda de acordo com a pesquisa, grande parte (49%) das equipes que administram essas áreas conta somente com até 10 funcionários, ao passo que 9% possuem apenas um colaborador” (ref. 13), o verbo “conta” concorda com a expressão “grande parte”, mas poderia estar no plural, mantendo um paralelismo sintático com o verbo “administram”.
 - No enunciado “Alcançar um patamar condizente à altura do nosso capital natural é mais do que possível” (ref. 21), o acento indicativo de crase justifica-se pelo fato de o verbo “alcançar” exigir a preposição “a” e o substantivo “altura” admitir o artigo “a”.
 - No enunciado “O sinal de alerta dessa escassez de recursos foi declarado por 67% dos respondentes, que afirmaram não contar com subsídios – humanos e financeiros – necessários para a realização de suas atividades no parque” (ref. 12), poderíamos substituir “para a” por “a” sem o acento indicativo de crase, uma vez que não temos na oração um verbo que exija a preposição “a”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nunca imaginei um dia

Até alguns anos atrás, eu costumava dizer frases como “eu jamais vou fazer isso” ou “nem morta eu faço aquilo”, limitando minhas possibilidades de descoberta e emoção. Não é fácil libertar-se do manual de instruções que nos autoimpomos. Às vezes, leva-se uma vida inteira, e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto. Por sorte, minha ficha caiu há tempo.

Começou quando iniciei um relacionamento com alguém completamente diferente de mim, diferente a um ponto radical mesmo: ele, por si só, foi meu primeiro “nunca imaginei um dia”. Feitos para ficarem a dois planetas de distância um do outro. Mas o amor não respeita a lógica, e eu, que sempre me senti tão confortável num mundo planejado inaugurei a instabilidade emocional na minha vida. Prendi a respiração e dei um belo mergulho.

A partir daí, comecei a fazer coisas que nunca havia feito. Mergulhar, aliás, foi uma delas. Sempre respeitosa com o mar e chata para molhar os cabelos afundei em busca de tartarugas gigantes e peixes coloridos no mar de Fernando de Noronha. Traumatizada com cavalos (por causa de um equino que quase me levou ao chão quando eu tinha oito anos), participei da minha primeira cavalgada depois dos 40, em São Francisco de Paula. Roqueira convicta e avessa a pagode, assisti a um show do Zeca Pagodinho na Lapa. Para ver o Ronaldo Fenômeno jogar ao vivo, me infiltrei na torcida do Olímpico num jogo entre Grêmio e Corinthians, mesmo sendo colorada.

Meu paladar deixou de ser monótono: comecei a provar alimentos que nunca havia provado antes. E muitas outras coisas vetadas por causa do “medo do ridículo” receberam alvará de soltura. O ridículo deixou de existir na minha vida.

Não deixei de ser eu. Apenas abri o leque, me permitindo ser um “eu” mais amplo. E sinto que é

um caminho sem volta.

Um mês atrás participei de outro capítulo da série “Nunca imaginei um dia”. Viajei numa excursão, eu que sempre rejeitei essa modalidade turística. Sigo preferindo viajar a dois ou sozinha, mas foi uma experiência fascinante, ainda mais que a viagem não tinha como destino um país do circuito Elizabeth Arden (Paris-Londres-Nova York), mas um país africano, muçulmano e desértico. Aliás, o deserto de Atacama, no Chile, será meu provável “nunca imaginei um dia” do próximo ano.

E agora cometi a loucura jamais pensada, a insanidade que nunca me permiti, o ato que me faria merecer uma camisa-de-força: eu, que nunca me comovi com bichos de estimação, adotei um gato de rua.

Pode colocar a culpa no espírito natalino: trouxe um bichano de três meses pra casa, surpreendendo minhas filhas, que já haviam se acostumado com a ideia de ter uma mãe sem coração. E o que mais me estarrece: estou apaixonada por ele.

Ainda há muitas experiências a conferir: fazer compras pela internet, andar num balão, cozinhar dignamente, me tatuar, ler livros pelo *kindle*, viajar de navio e mais umas 400 coisas que nunca imaginei fazer um dia, mas que já não duvido. Pois tem essa também: deixei de ser tão cética.

Já que é improvável que o próximo ano seja diferente de qualquer outro, que a novidade sejamos nós.

Medeiros, Martha. Nunca Imaginei um dia. 2009. Disponível em: <http://alagoinhaipaurim.blogspot.com/2009/12/nunca-imaginei-um-dia-martha-medeiros.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

5. (G1 - col. naval 2021) Na frase "Assisti a um show do Zeca Pagodinho." (3º parágrafo), tem-se a observância da norma padrão da língua. Em que opção tal fato também ocorre?

- a) A cidade à qual fomos ficava no continente africano, a uma distância de poucos quilômetros da capital.
- b) Meus leitores fizeram referência à esta viagem ao Chile, mas também elogiaram minha ida a Paris e a Londres.
- c) Eu estava disposta à fazer coisas que nunca havia feito: andar à cavalo, ir à praia e, sem dúvidas visitar a casa de Pablo Neruda.
- d) A medida que o tempo passava, mais mudanças eu realizava, a fim de não deixar de vivenciar novas experiências.
- e) Minhas filhas não viam o gato delas desde à semana passada, quando viajamos; e, mesmo à distância, sentiam muito a falta dele.

6. (Acafe 2020) Preencha os espaços em branco com **Há, a, à**, nessa ordem.

- I. ____ dois anos não ____ visitava, mas sua mãe sempre esteve ____ espera.
- II. ____ beira do precipício, ____ poucos arbustos ____ decorar a paisagem.
- III. ____ quem quisesse ver, demonstrei que não ____ possibilidade de resolver ____ questão.
- IV. ____ alguma chance, ____ custa de muito esforço, de obter ____ vaga pretendida.
- V. ____ ao menos três maneiras de encaminhar isso ____ quem está ____ disposição para ajudar.

As frases corretas, de acordo com a ordem proposta, são:

- a) II - III - IV
- b) I - V
- c) I - III - IV
- d) III - V

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Como o comportamento de manada explica adesão impensada aos ativismos políticos

O ativismo se expressa, sobretudo, através de movimentos coletivos. Mas essa própria noção de coletividade pode ser uma pressão para pessoas participarem de um movimento simplesmente para sentirem que fazem parte de algo: a chamada “mob mentality” ou comportamento de manada é um instrumento político e uma arma para promover a agenda de grupos específicos.

A teoria psicológica de “comportamento de manada” sugere que seres humanos têm maior probabilidade de adotar determinados comportamentos porque seus amigos, colegas de trabalho e vizinhos já o adotam. Basicamente, ninguém quer ser o primeiro ou o último a fazer algo, mas sim estar seguro e inserido em um determinado grupo social.

“Se a questão é o que fazer com uma caixa de pipoca vazia em um cinema, com que rapidez dirigir em um determinado trecho de rodovia ou como comer o frango em um jantar, as ações das pessoas ao nosso redor serão importantes para definir nossa resposta”, diz o psicólogo Robert Cialdini, autor de “Influência: A Psicologia da Persuasão”.

A mesma lógica se aplica a ideologias políticas: um estudo da Universidade da Califórnia em Berkeley constatou que as pessoas tendem a alinhar suas opiniões políticas às do grupo em que estão inseridas.

O experimento reuniu 63 pessoas de duas cidades do Colorado: o primeiro de Boulder, um município com maioria de esquerda, enquanto o outro reunia pessoas de Colorado Springs. Ambos os grupos discutiram aquecimento global, ações afirmativas e união civil para casais do mesmo sexo.

Nas duas discussões, o principal efeito foi tornar os membros do grupo mais extremos em suas opiniões, comparado ao que eram antes de começarem a conversar. Ou seja: progressistas se tornaram mais progressistas nas três questões, enquanto conservadores se tornaram mais conservadores.

“Todos queremos tomar decisões melhores. Estudos identificam os papéis benéficos das estruturas de diversidade de pensamento, subgrupo e liderança plana na otimização de ideias e resolução de problemas”, diz Zac Baynham-Herd, analista da prática de ciências comportamentais da Ogilvy Consulting. “À medida que a atividade *online* cresce, o potencial de proliferação de ‘ovelhas negras’ e ‘comportamento de manada’ também aumenta”, acrescenta.

Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/como-o-comportamento-de-manada-explica-adesao-impensada-aos-ativismos-politicos/>>. Acesso em: 23 set. 2019. Publicado em 22 set. 2019. [Fragmento adaptado].

7. (Acafe 2020) Considerando o texto, assinale a alternativa **correta**.

- A frase “Ou seja: progressistas se tornaram mais progressistas nas três questões, enquanto conservadores se tornaram mais conservadores” mantém o mesmo significado se for reescrita da seguinte forma: “isso quer dizer que se os progressistas se tornaram mais progressistas então os conservadores se tornaram mais conservadores”.
- Em “[...] um estudo da Universidade da Califórnia em Berkeley constatou que as pessoas tendem a alinhar suas opiniões políticas às do grupo em que estão inseridas”, o vocábulo “às” é constituído pela combinação da preposição “a” mais o artigo definido “as”.
- Em “A mesma lógica se aplica a ideologias políticas [...]”, faltou indicar a ocorrência de crase em “à ideologias políticas”.
- Em “[...] seres humanos têm maior probabilidade de adotar determinados comportamentos porque seus amigos, colegas de trabalho e vizinhos já o adotam”, há um erro de concordância nominal.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A Lenda da Manioca (lenda dos índios Tupis)

¹A filha do cacique da tribo deu à luz uma linda indiazinha. A tribo espantou-se:

– Como é branquinha esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era linda, silenciosa e quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério.

Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E, sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade.

Um dia, perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

²– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram!

Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. E até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante. E, em todo o Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Adaptado de macvirtual.usp.br/mac/templates/jogo/lenda.asp/ Acessado em 10/10/19.

8. (G1 - cotil 2020) No primeiro parágrafo, lê-se: “A filha do cacique da tribo **deu à luz uma linda indiazinha.**” (ref. 1)

Sobre a ocorrência da crase, considere a afirmação correta quanto à expressão em destaque:

a) Não está apropriada a expressão, devendo ser alterada para: deu a luz a uma linda indiazinha.

b) Não está apropriada a expressão, devendo ser grafada da seguinte forma: deu a luz à uma linda indiazinha.

c) Não está apropriada a expressão, sendo necessário alterar para: deu à luz a uma linda indiazinha.

d) Está apropriada a expressão, devendo-se manter a oração como está.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Da sua janela, ponto ¹culminante da Travessa das Acácias, o Prof. Clarimundo ²viaja o ³olhar pela paisagem. No pátio de D. Veva um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo, um pomar com ⁴bergamoteiras e ⁵laranjeiras pontilhadas de frutos dum amarelo de gemada. Quintais e telhados, fachadas cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz ⁶alta. A fileira das acácias se estende rua afora. As sombras são dum violeta profundo. O céu está ⁷levemente enfumacado e a luz do sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas a trovoadas dos bondes atenuada pela distância. Grasnar de buzinas. Num trecho do Guaíba que se avista longe, entre duas paredes caídas, passa um veleiro.

Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma espécie de parêntese que ele abre em sua vida interior, para contemplar o mundo chamado real. E ele verifica, com divertida surpresa, que continuam a existir ⁸os cães e as latas de lixo, apesar de Einstein. O sol brilha e os veleiros passam sobre as águas, ⁹não obstante Aristóteles. ¹⁰Seus olhos contemplam a paisagem com a alegria meio inibida ¹¹duma criança que, vendo-se de repente solta num bazar de brinquedos maravilhosos, não quer no primeiro momento acreditar no ¹²testemunho de seus próprios olhos.

Clarimundo debruça-se ¹³à janela... Então tudo isto existia antes, ¹⁴enquanto ele passava ¹⁵ _____ horas ¹⁶ _____ voltas com números e teorias e ¹⁷cogitações, tudo isto tinha realidade? (Este pensamento é de todas as tardes à mesma hora: mas a surpresa é sempre nova.) ¹⁷E ¹⁸depois, quando ele voltar para os livros, para as aulas, para dentro de si mesmo, a vida ali fora continuará assim, sem o menor hiato, sem o menor colapso?

Um galo canta num quintal. Roupas brancas se balouçam ao vento, pendentes de cordas. Clarimundo ali está como um deus onipresente que ¹⁹tudo vê e ouve. A impressão que ²⁰ _____ causam aquelas cenas domésticas ²¹ _____ levam a pensar no seu livro.

A sua obra... Agora ele já não enxerga mais a paisagem. O mundo objetivo se ²²esvaeceu ²³misteriosamente. Os olhos do professor estão fitos na fachada amarela da casa fronteiriça, ²⁴mas o que ele vê agora são as suas próprias teorias e ideias. Imagina o livro já impresso... Sorri, exterior e ²⁵interiormente. O leitor (a palavra leitor corresponde, na mente de Clarimundo, à imagem dum homem

debruçado sobre um livro aberto: e esse homem – extraordinário! – é sempre o sapateiro Fiorello) – o leitor vai se ver diante dum assunto inédito, diferente, original.

Adaptado de: VERISSIMO. Erico. *Caminhos Cruzados*. 26. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982. p. 57-58.

9. (Ufrgs 2020) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das referências 15, 16, 20 e 21, nessa ordem.

- a) às – às – lhe – o
- b) as – as – o – lhe
- c) as – às – lhe – lhe
- d) às – as – o – o
- e) as – às – lhe – o

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

10. (G1 - col. naval 2020) Assinale a opção em que o acento indicativo de crase foi corretamente empregado.

- a) As novas tecnologias têm gerado muito estranhamento à pessoas que não nasceram na era digital.
- b) As notícias falsas começam à chegar rapidamente através da internet, do WhatsApp e das redes sociais.
- c) O problema das fake news é um assunto sério e alarmante relativo à toda a sociedade contemporânea.
- d) Em relação as notícias falsas, devemos procurar iniciativas que nos levem à uma solução imediata.
- e) Textos alarmistas e sensacionalistas ganham destaque à medida que vão sendo compartilhados.

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

SEÇÃO 07 (PONTUAÇÃO)

1. (Fuvest-Ete) Assinale a alternativa em que está correta a inserção da vírgula no período: "A pandemia exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita".

- a) A pandemia exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita.
- b) A pandemia exige urgência e vários estudos, estão sendo realizados em velocidade até então inédita.
- c) A pandemia, exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita.
- d) A pandemia exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então, inédita.
- e) A pandemia exige urgência, e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A feminização da medicina no Brasil

O mundo assiste à progressiva diminuição nas diferenças de gênero, com a remoção de barreiras que impedem as mulheres de ter o mesmo acesso que os homens à educação, às oportunidades de trabalho e aos benefícios sociais. No Brasil, em paralelo à crescente predominância feminina na população, registram-se o crescimento da escolaridade feminina e a maior presença das mulheres nos diversos setores da atividade econômica.

Essas mudanças das últimas décadas também se refletem na presença cada vez maior de mulheres na medicina brasileira. Tal transformação poderá constituir-se em elemento estruturante da evolução da profissão, com consequências nas práticas médicas e na qualidade da sua assistência. O crescimento da participação feminina na profissão fica evidente na evolução do número de mulheres que entram no mercado de trabalho.

Segundo pesquisas, os homens predominam nas especialidades cirúrgicas e naquelas que atendem urgências, como a ortopedia. A ideia de que há necessidade de mais força e resistência física, maior disponibilidade de tempo, assim como compatibilização entre as práticas profissionais e a vida familiar são os principais motivos que afastam as mulheres de determinadas especialidades. Nesse sentido, a opção das médicas brasileiras tem sido pelas especialidades básicas, como pediatria e ginecologia/obstetrícia.

Na perspectiva bioética, mulheres e homens podem divergir na maneira de perceber problemas no exercício profissional da medicina. A "ética do cuidado", relacionada à atuação das mulheres, e a "ética da justiça", à dos homens, permitem uma reflexão bioética que considere a oposição entre valores humanos e afetivos, supostamente mais "femininos", e valores científicos e racionais, que seriam mais "masculinos".

Portanto, essa diversidade revela que a feminização da medicina requererá novas análises bioéticas que possam contribuir para a compreensão da dimensão dinâmica do fenômeno.

SCHEFFER, M.C.; CASSENOTE, A.J.F. *Revista Bioética*, v. 21, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://revistabioetica.cfm.org.br>>. Acesso em: 13 ago. 2021. Adaptado.

2. (Fmp) O emprego das vírgulas está plenamente de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

- a) A mulher era vista como representação da beleza, da procriação e da virtude, em detrimento do seu intelecto.
- b) As transformações da Medicina que constituem um processo dinâmico, garantiram o acesso da mulher a cargos antes inesperados.
- c) O pensamento de que estudar era muito perigoso, para a saúde da mulher principalmente, por afetar sua mente prevaleceu por muito tempo.
- d) O maior ingresso das mulheres na Medicina, se deve a uma série de fatores, como a intensa transformação cultural a partir dos anos 60/70.
- e) Os movimentos sociais e políticos, que impulsionaram as mulheres para as universidades públicas têm obtido ótimos resultados.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o soneto "Não comerei da alface a verde pétala", de Vinicius de Moraes.

Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor; nasci
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

3. (Fcmscsp) Verifica-se o emprego de vírgula para assinalar a elipse de um verbo no seguinte verso:

- a) “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe)
- b) “E eu morrerei, feliz, do coração” (4ª estrofe)
- c) “E um bife, e um queijo forte, e parati” (4ª estrofe)
- d) “Nem como os coelhos, roedor; nasci” (3ª estrofe)
- e) “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Disparidade na saúde: como a desigualdade social afeta o acesso à saúde

A desigualdade social é um fator debilitante em qualquer comunidade. E, assim como afeta o padrão de vida das pessoas e a atenção dedicada aos cuidados mais básicos dos indivíduos, ocorre uma disparidade na saúde que não pode ser ignorada.

¹O acesso à saúde é um problema que afeta não apenas os países em desenvolvimento, mas nações tidas como superpotências. É o caso dos EUA, que já vêm relatando estudos cujos prejuízos são calculados aos montes em decorrência da desigualdade social.

Em 2011, um estudo foi conduzido e mostrou que os custos no setor teriam uma economia anual de US\$ 15,6 bilhões se não houvesse essa disparidade na saúde. Isso ocorreu por conta da análise de que certas doenças (como diabetes, hipertensão, derrame, entre outras) não afetariam as camadas mais carentes da sociedade se elas tivessem o mesmo acesso à saúde do que os cidadãos com mais poder aquisitivo.

²No Brasil não é diferente. O baixo investimento – apenas 10,7% do orçamento total dos governos – no setor é um grande contraste com a necessidade de uso do sistema público de saúde do país, o SUS.

Pesquisa aponta que sete em cada dez brasileiros usam o SUS, e o país ainda acumula uma carência com cerca de 30 milhões de pessoas sem acesso à saúde.

³Há, portanto, uma disparidade na saúde que pode e deve ser analisada com base nos desafios, seus impactos e as soluções para reduzi-la gradualmente.

Fragmento. Disponível em: <https://nexus.com/disparidade-na-saude-como-a-desigualdade-social-afeta-o-acesso-a-saude/> Acesso em: 25 out. 2021.

4. (Fmc) “No Brasil não é diferente. O baixo investimento – apenas 10,7% do orçamento total dos

governos – no setor é um grande contraste com a necessidade de uso do sistema público de saúde do país, o SUS.” (ref. 2).

No fragmento acima, o emprego do travessão tem como justificativa:

- a) Indicar quebra na sequência de ideias.
- b) Apresentar o discurso dos cidadãos.
- c) Separar orações com sujeitos diferentes.
- d) Enumerar fatos em uma progressão temporal.
- e) Destacar uma informação complementar.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O barroco é estilo ou será a alma do Brasil?

O chamado Século de Ouro, que vai de fins do século XVI a fins do seguinte, é um dos momentos dourados e mais radiantes do Barroco, um estilo artístico que é também uma expressão de vida, uma visão de mundo, uma maneira de sentir, de ver, de se vestir e até de ser. Por isso, volta e meia a gente recorre a esse movimento procurando decifrar o país: será o Brasil um país barroco e, portanto, meio difícil de entender?

Parece que sim. O Brasil não só nasceu culturalmente barroco, como o barroco é “a alma do Brasil”, para citar o livro de Affonso Romano de Sant’Anna sobre o tema. Graças ao estilo, o país foi capaz de criar esplendores como Ouro Preto, erguer obras-primas como algumas igrejas de Minas, Salvador, Recife e Olinda, e dar ao mundo um gênio como Aleijadinho. É por causa do barroco que o visitante sente aquela vertigem, um quase delírio, uma febre do ouro ao entrar na Igreja de São Francisco, em Salvador, e olhar para as paredes.

O barroco não foi. Ele ainda é, continua presente em quase todas as manifestações da cultura brasileira, da arquitetura à pintura, da comida à moda, passando pelo futebol e pelo corpo feminino. [...] Barroca é a técnica de composição que Villa-Lobos usou para criar suas nove “Bachianas”. Barroco é o cinema de Glauber Rocha, é nossa exuberante natureza, é o futebol de Pelé e de todos os que, driblando a racionalidade burra dos técnicos, preferem a curva misteriosa de um chute ou o esplendor de uma finta. Afinal, o barroco é o estilo em que, ao contrário do renascentista, as regras e a premeditação importam menos que a improvisação. Quer coisa mais barroca que o Guga?

Há ainda certa resistência em aceitar o barroco como expressão de nossa alma. [...] Às vezes se toma depreciativamente o estilo por seus excessos – confusão, ênfase e paradoxos. Mas isso é barroquismo, não é barroco. A evolução etimológica ajuda a entender. Barroco, na origem, designa uma pérola grande e com defeito – assim como um país que a gente conhece.

Zuenir Ventura. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI156437-15518,00.html>. Acesso em: 16 ago. 2021. Adaptado.

5. (Upe-ssa 1) Considerando que o texto exemplifica um texto escrito na “expressão culta” do português, na qual os aspectos formais geralmente atendem às normas estabelecidas, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Os tempos verbais empregados no trecho: “O barroco não foi. Ele ainda é” geram incoerência no texto, pois algo que “não foi” não pode permanecer.
- b) As repetições da palavra “barroco” em todos os parágrafos do texto são, além de desnecessárias, uma marca do empobrecimento vocabular do texto.
- c) No trecho: “Quer coisa mais barroca que o Guga?”, o autor empregou o ponto de interrogação para dirigir um questionamento direto ao leitor e expressar uma dúvida sua.
- d) No trecho: “será o Brasil um país barroco?”, há concordância entre a forma verbal e seu sujeito, mesmo estando ele posicionado após o verbo. Essa mesma norma vale para o enunciado “São consideradas barrocas, no Brasil, várias manifestações.”

e) No 2º parágrafo, encontramos a palavra “obras-primas”, que se grafa com hífen. Também com hífen se grafam as palavras “mão-de-obra” e “dia-a-dia”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Padre Júlio Lancellotti: “Não se humaniza a vida numa sociedade como a nossa sem conflito”

Líder religioso, conhecido por seu trabalho com a população em situação de rua em São Paulo, fala ao EL PAÍS sobre seus 35 anos de sacerdócio. Alvo de críticas da extrema direita, ele voltou a sofrer ameaças durante a pandemia.

São oito horas da manhã de quinta-feira, 17 de setembro, e o padre Júlio Lancellotti (São Paulo, 1948) veste jaleco branco, avental laranja, sandálias pretas, luvas de látex e uma máscara respiratória rosa com filtro embutido. Há uma fila de centenas de pessoas para tomar café da manhã no Núcleo de Convivência São Martinho de Lima, da prefeitura da capital paulista, e é o religioso quem aponta um termômetro para a testa de cada uma delas. Aos 71 anos, pertence ao grupo mais propenso a desenvolver complicações da covid-19, mas nem uma pandemia tão longa e mortífera freou sua convivência diária com a população que vive nas ruas de São Paulo.

Quando Cassiano, de 40 anos, se juntou à fila com o corpo sujo, as roupas rasgadas, machucado na testa e olhar triste, Lancellotti não hesitou em se aproximar e tocar a cabeça do homem com as duas mãos. “Nós vamos cuidar de você”, disse, com a voz suave. Quando ele já estava sentado e comendo, o padre se aproximou de novo para saber o que havia acontecido. Um abraço demorado cobriu, então, a cabeça do rapaz. Um carinho incomum que fez com que ele chorasse. “Não são anjos ou demônios. Eu procuro ver os olhos deles... Tem os que estão com raiva, tristes, solitários, alegres... Desses 40 anos, há quanto tempo Cassiano não recebia um afeto?”, pergunta Lancellotti.

Sua quinta-feira começou como todos os dias, com uma missa na Igreja São Miguel Arcanjo, da qual é pároco. Ali, no bairro da Mooca, zona leste de São Paulo, mantém há 35 anos um compromisso constante com a população em situação de vulnerabilidade. Costumava servir um café da manhã na própria igreja para cerca de 200 pessoas. Veio a pandemia e o número praticamente triplicou. As atividades tiveram de ser transferidas, com o aval da Prefeitura, para o centro comunitário a algumas quadras dali. “Eu não trabalho com morador de rua. Eu convivo com eles. Porque dizer “trabalhar” parece que eles são objetos. É preciso olhar para a vida de forma humana. Isso não é tarefa só para os religiosos. Mas eu não conseguiria viver a dimensão religiosa sem humanizar a vida”, explica. [...] Até hoje Lancellotti segue vivendo na pequena casa, no bairro do Belém, que era de sua mãe, Wilma, que morreu em 2010, aos 88 anos.

Felipe Betim. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/padre-julio-lancellotti-nao-se-humaniza-a-vida-numa-sociedade-como-a-nossa-sem-conflito.html> Acesso em: 02 ago. 2021. Excerto adaptado.

6. (Upe-ssa 2) Releia o trecho:

“‘Eu não trabalho com morador de rua. Eu convivo com eles. Porque dizer 'trabalhar' parece que eles são objetos. É preciso olhar para a vida de forma humana. Isso não é tarefa só para os religiosos. Mas eu não conseguiria viver a dimensão religiosa sem humanizar a vida’, explica.” (3º parágrafo)

Considerando o trecho apresentado, assinale a alternativa CORRETA quanto ao emprego de certos recursos da coesão e da pontuação.

- Em: “Eu não trabalho com morador de rua. Eu convivo com eles.”, o emprego do pronome “eles” (destacado) gera incoerência, visto que pretende substituir “morador de rua”.
- Também no trecho anterior: “Eu não trabalho com morador de rua. Eu convivo com eles.”, o emprego do ponto final para separar as orações é obrigatório, mas a vírgula é a outra opção autorizada pelo uso mais formal da língua.
- O trecho: “Eu não trabalho com morador de rua. Eu convivo com eles.” mantém o mesmo sentido em: “Eu não trabalho com morador de rua, **porque** eu convivo com eles.”.

- d) Em: “Isso não é tarefa só para os religiosos.”, o termo destacado retoma o segmento “olhar para a vida de forma humana”.
- e) Uma proposta de articulação que também atenderia os sentidos pretendidos entre os períodos a seguir é: “Isso não é tarefa só para os religiosos, portanto eu não conseguiria viver a dimensão religiosa sem humanizar a vida”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburí ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburí ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tálburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

7. (Efomm) Assinale a opção em que a presença de vírgula(s) se justifica por se tratar de um aposto.

- a) “Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica.”
- b) “Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando.”
- c) “O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos.”
- d) “Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo [...]”
- e) “Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver [...]”

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Uma última gargalhada estrondosa. ¹E depois, o silêncio. O palhaço jazia ²imóvel no chão. ³Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre. Porque a carreira original do Coringa era para durar apenas 30 páginas. O tempo de envenenar Gotham, sequestrar ⁴Robin, enfiar um par de sapatos na Homem-Morcego e disparar o primeiro “vou te matar” da sua relação. Na briga final do Batman nº. 1, o “horripilante bufão” sofria um final digno de sua desumana ironia: ⁵ao tropeçar, cravava sua própria adaga no peito. Assim decidiram e desenharam ⁶seus pais, os artistas Bill Finger, Bob Kane e Jerry Robinson. Entretanto, o criminoso mostrou, já em sua primeira aventura, um enorme talento para ⁷se rebelar contra a ordem estabelecida. ⁸Seu carisma seduziu a editora DC Comics, que impôs o acréscimo de um quadrinho. Já dentro da ambulância, vinha à tona “um dado desconcertante”. E então um médico sentenciava: “Continua ⁹vivo. E vai sobreviver!”.

Tommaso Koch. “O Coringa completa 80 anos e na Espanha ganha duas HQs, que inspiram debates filosóficos sobre a liberdade”, *El País*. Junho/2020.

8. (Fuvest) As vírgulas em “E depois, o silêncio.” (ref. 1) e em “Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre.” (ref. 3) são usadas, respectivamente, com a mesma finalidade que as vírgulas em

- a) “Após a queda, tomaram mais cuidado.” e “Quanto mais espaço, mais liberdade.”.
- b) “Aos estrangeiros, ofereceram iguanas.” e “Limpavam a casa, e preparávamos as refeições.”.
- c) “Colheram trigo e nós, algodão.” e “Eles se encontraram nas férias, mas não viajaram.”.
- d) “Para meus amigos, o melhor.” e “Organizava tudo, cautelosamente.”.
- e) “Viu o espetáculo, considerado o maior fenômeno de bilheteria.” e ““Conheço muito bem’, afirmou o rapaz.”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Imagem disponível em: LOBATO, Monteiro.
História das invenções. São Paulo, SP: Circulo do Livro.

História das invenções

Dona Benta costumava receber livros novos, de ciências, de arte, de literatura. Era o tipo da velhinha novidadeira. Bem dizia o compadre Teodorico: "Dona Benta parece velha, mas não é, tem o espírito mais moço que o de jovens de vinte anos".

Assim foi que naquele bolorento mês de fevereiro, em que era impossível botar o nariz fora de casa, de tanto que chovia, resolveu contar aos meninos um dos últimos livros chegados.

– Tenho aqui um livro de Hendrik Van Loon – disse ela –, um sábio americano, autor de coisas muito interessantes. Ele sai dos caminhos por onde todo mundo anda e fala das ciências dum modo que tudo vira romance, de tão atrativo. Já li para vocês a geografia que ele escreveu e agora ¹vou ler este último livro – *História das invenções do homem, o fazedor de milagres*.

Era um livro grosso, de capa preta, cheio de desenhos feitos pelo próprio autor. ²Desenhos não muito bons, mas que serviam para acentuar suas ideias.

– E quando começa? – quis saber Narizinho.

– Hoje mesmo, no serão. Podemos começar logo depois do rádio.

– Comece, vovó! – disse Pedrinho. E Dona Benta começou.

³– Este livro não é para crianças – disse ela; – mas se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo. Não tenham receio de me interromperem com perguntas, sempre que houver qualquer coisa obscura. Aqui está o prefácio...

– Que é prefácio? – perguntou Emília.

– São palavras explicativas que certos autores põem no começo do livro para esclarecer os leitores sobre as suas intenções. O prefácio pode ser escrito pelo próprio autor ou por outra pessoa qualquer. Neste prefácio o Senhor Van Loon diz que antigamente tudo era muito simples...

– Tudo o quê? – interrompeu Pedrinho. – A explicação das coisas do mundo. A Terra formava o centro do universo. O céu era uma abóbada de cristal azul onde à noite os anjos abriam buraquinhos para espiar. Esses buraquinhos formavam as estrelas. Tudo muito simples.

⁴Mas depois as coisas se complicaram. Um sábio da Polônia, de nome Nicolau Copérnico, publicou um livro no qual provava que a Terra não era fixa, pois girava em redor do Sol, ⁵e as estrelas não eram brinquedinhos dos anjos, sim sóis imensos, em redor dos quais giravam milhões de terras como a nossa.

Isso veio causar uma grande trapalhada nas ideias assentes, isto é, nas ideias que estavam na cabeça de todo mundo – e por um triz não queimaram vivo a esse homem. Afinal a sua ideia venceu e hoje ninguém pensa de outra maneira.

A astronomia, que é a ciência que estuda os astros, tomou um grande desenvolvimento. Os astrônomos foram descobrindo coisas e mais coisas, chegando à perfeição de medir a distância dum astro a outro, e pesar a massa desses astros. As distâncias entre os astros eram tão grandes que as nossas medidas comuns se tornaram insuficientes. Foi preciso criar medidas novas – *medidas astronômicas*.

– Por quê? – perguntou Narizinho. – Com o quilômetro a gente pode medir qualquer distância. É só ir botando zeros e mais zeros.

⁶– Parece, minha filha. As distâncias entre os astros são tamanhas que para medi-las com quilômetros seria necessário usar carroçadas de zeros, de maneira que não haveria papel que chegasse. E então os astrônomos inventaram o "metro astronômico", ou a "unidade astronômica", que é como eles dizem. Essa unidade, esse metro tinha 92.900.000 milhas.

– Que colosso, vovó! Eu acho que fizeram um metro grande demais...

– Pois está muito enganada, minha filha. As distâncias entre a Terra e as novas estrelas que com os modernos telescópios foram sendo descobertas, acabaram deixando essa medida pequena. E então o astrônomo Michelson propôs outra medida: o ano-luz.

– Cáspite!

– Pois bem, isto que os astrônomos fizeram para os astros, outros homens de ciência fizeram para o contrário dos astros, isto é, para as moléculas e átomos, que são coisinhas infinitamente pequenas. Chegaram a medir átomos que têm o tamanho de uma trilionésima parte de milímetro.

⁷– Será possível? Um milímetro já é uma isca que a gente mal percebe...

– Ora, neste livro o Senhor Van Loon trata de mostrar como esse bichinho homem, que já foi peludo e andava de quatro, chegou a desenvolver seu cérebro a ponto de medir a distância entre os astros e a calcular o tamanho dos átomos.

– Como foi isso?

– Inventando coisas. O homem é um grande inventor de coisas, e a história do homem na Terra não passa da história das suas invenções com todas as consequências que elas trouxeram para a vida humana. É mais ou menos isto o que Van Loon diz neste prefácio. Vamos agora ver o capítulo número 1.

– Depois da pipoca, vovó! – gritou Narizinho farejando o ar.

⁸De fato: da cozinha vinha para a sala o cheiro das pipocas que Tia Nastácia estava rebentando. Pipocas à noite foi coisa que nunca faltou no sítio de Dona Benta.

Adaptado de: LOBATO, Monteiro.

História das invenções. São Paulo, SP: Círculo do Livro.

9. (G1 - cmrj) Analise atentamente: “e as estrelas não eram brinquedinhos dos anjos, sim sóis imensos” (ref. 5).

O uso da vírgula, no fragmento acima, vincula-se a determinado valor semântico. Tal valor pode ser construído por meio de outro(s) sinal(is) de pontuação, a exemplo do que ocorre em:

a) “– Parece, minha filha.” (ref. 6)

b) “De fato: da cozinha vinha para a sala o cheiro [...]” (ref. 8)

c) “– Este livro não é para crianças – disse ela; – mas se eu ler [...]” (ref. 3)

d) “– Será possível? Um milímetro já é uma isca que a gente mal percebe...” (ref. 7)

e) “vou ler este último livro – História das invenções do homem, o fazedor de milagres.” (ref. 1)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema de Fernando Pessoa.

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-’star que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.

Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou.
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via,
Ele era fixo, eu, o que vou,
Se morrer, não falto, e ninguém diria:
Desde ontem a cidade mudou.

(Obra poética, 1997.)

10. (Unifesp) O eu lírico recorre a um sinal de pontuação para indicar a supressão de um verbo em

- a) "Ao diabo o bem-estar que trazia." (1ª estrofe)
- b) "Todos os dias o via. Estou" (2ª estrofe)
- c) "Quem era? Ora, era quem eu via." (2ª estrofe)
- d) "Se morrer, não falto, e ninguém diria:" (5ª estrofe)
- e) "Ele era fixo, eu, o que vou," (5ª estrofe)

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

SEÇÃO 08 (CONCORDÂNCIA)

1. (Acafe) Analise as frases a seguir quanto à concordância verbal.

- I. Para que se tenha boas safras, deve-se plantar boas sementes e torcer para que hajam chuvas suficientes.
- II. Fomos nós quem fez o trabalho de coleta dos dados que se incluíram no relatório.
- III. Sobre essas diferentes interpretações, verificou-se duas tendências de ordem ideológica: existe pessoas que acredita nas vacinas e existe pessoas que as defende.
- IV. Erros de cálculo pode haver quanto ao percentual de habitantes imunizados e, por isso, serão refeitas as planilhas.
- V. Deviam ser duas horas da manhã quando chegaram em casa os adolescentes.
- VI. Durante a assembleia da ONU, realizou-se, no final da tarde, algumas eleições para diversos órgãos que compõe o organograma da instituição.

São CORRETAS as frases:

- a) I – III – IV
- b) II – III – VI
- c) II – IV – V
- d) I – V – VI

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Consumismo: impactos para o bolso e para o planeta

Carlos Eduardo Costa

¹Há vários anos, a sociedade moderna tem sido rotulada como a sociedade do consumo. A grande questão, na verdade, é que ²temos assistido à consolidação de uma sociedade consumista. E esse é o grande problema.

³Em uma sociedade de consumo, ⁴as pessoas adquirem produtos e serviços necessários para sua vida. Consumismo, ao contrário, é o ato de comprar produtos e serviços sem necessidade e consciência. É compulsivo e descontrolado. ⁵Não basta se vestir, é preciso acompanhar todas as tendências da moda. Não é suficiente o conforto proporcionado por alguns produtos tecnológicos, é necessário possuir os últimos lançamentos. Numa sociedade consumista, o consumidor é permanentemente incentivado a adquirir novos produtos.

⁶E essa onda consumista traz graves consequências para a nossa sociedade. No plano individual, ⁷um ⁸grande número de pessoas se encontra em uma situação de endividamento extremo estimulado pelo desejo de consumo. (...).

⁹Já no plano coletivo, é o nosso planeta que sofre com o consumismo. ¹⁰O meio ambiente é diretamente afetado, pois o consumo desenfreado e o desperdício, muitas vezes causado pela falta de conhecimento, requerem o uso de mais matérias-primas, e, conseqüentemente, também geram grande quantidade de resíduos. ¹¹Por causa disso, os ambientalistas acreditam que ¹²o nosso planeta está gravemente doente, ¹³e ¹⁴alguns dos sintomas já são sentidos e estão piorando as condições de vida na Terra, como, por exemplo, o aquecimento global. (...)

(Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/consumismo-impactos-para-o-bolso-e-para-o-planeta>. Acesso em 13/03/2021)

2. (G1 - epcar (Cpcar)) Assinale a alternativa em que a alteração sugerida no trecho do texto atende à norma padrão da língua.

- a) "...temos assistido à consolidação de uma sociedade..." (ref. 2) ⇒ ...temos presenciado à consolidação de uma sociedade...
- b) "...um grande número de pessoas se encontra em..." (ref. 7) ⇒ ...um grande número de pessoas se encontram em...
- c) "Já no plano coletivo, é o nosso planeta que sofre..." (ref. 9) ⇒ Embora, no plano coletivo, é o planeta que sofre...

d) “E essa onda consumista traz graves consequências...” (ref. 6) ⇒ E esta onda consumista traz graves consequências...

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O MELHOR DE CALVIN Bill Watterson



FAZES MAL JUÍZO DE MIMI! AJO INTEMPESTIVAMENTE E O ZEFIR MAIS ELABORADO OSTENTA MAIS TRAMAS DO QUE EU. CONTUDO, NÃO ME DETENHAS, POSTO QUE RESOLVIDO ESTOU A DEIXAR ESTE LUGAR, INCONTINENTE.



O Estado de S. Paulo, 14.04.2001.

3. (Fuvest-Ete) Se as personagens utilizassem como tratamento o pronome "você", mantendo-se a norma culta, o balão do primeiro quadrinho seria:

- a) Aonde vai você, delinquente infante? Haverá ainda vilania que não cometeste?
- b) Aonde vai você, delinquente infante? Haverá ainda vilania que não tenha cometido?
- c) Aonde irá você, delinquente infante? Haverá ainda vilania que não tiveste cometido?
- d) Aonde irá você, delinquente infante? Haverá ainda vilania que não têm cometido?
- e) Aonde vai você, delinquente infante? Haverá ainda vilania que não cometeras?

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A feminização da medicina no Brasil

O mundo assiste à progressiva diminuição nas diferenças de gênero, com a remoção de barreiras que impedem as mulheres de ter o mesmo acesso que os homens à educação, às oportunidades de trabalho e aos benefícios sociais. No Brasil, em paralelo à crescente predominância feminina na população, registram-se o crescimento da escolaridade feminina e a maior presença das mulheres nos diversos setores da atividade econômica.

Essas mudanças das últimas décadas também se refletem na presença cada vez maior de

mulheres na medicina brasileira. Tal transformação poderá constituir-se em elemento estruturante da evolução da profissão, com consequências nas práticas médicas e na qualidade da sua assistência. O crescimento da participação feminina na profissão fica evidente na evolução do número de mulheres que entram no mercado de trabalho.

Segundo pesquisas, os homens predominam nas especialidades cirúrgicas e naquelas que atendem urgências, como a ortopedia. A ideia de que há necessidade de mais força e resistência física, maior disponibilidade de tempo, assim como compatibilização entre as práticas profissionais e a vida familiar são os principais motivos que afastam as mulheres de determinadas especialidades. Nesse sentido, a opção das médicas brasileiras tem sido pelas especialidades básicas, como pediatria e ginecologia/obstetrícia.

Na perspectiva bioética, mulheres e homens podem divergir na maneira de perceber problemas no exercício profissional da medicina. A “ética do cuidado”, relacionada à atuação das mulheres, e a “ética da justiça”, à dos homens, permitem uma reflexão bioética que considere a oposição entre valores humanos e afetivos, supostamente mais “femininos”, e valores científicos e racionais, que seriam mais “masculinos”.

Portanto, essa diversidade revela que a feminização da medicina requererá novas análises bioéticas que possam contribuir para a compreensão da dimensão dinâmica do fenômeno.

SCHEFFER, M.C.; CASSENOTE, A.J.F. *Revista Bioética*, v. 21, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://revistabioetica.cfm.org.br>>. Acesso em: 13 ago. 2021. Adaptado.

4. (Fmp) A forma verbal destacada atende às exigências de concordância de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

- a) No Brasil, **encontram-se** excelentes profissionais femininas em muitas áreas de atividade, o que revela uma tendência mundial na atualidade.
- b) Como as mulheres costumam cuidar dos filhos e da casa, **precisam-se** de leis que garantam proteção para que sejam atendidas em suas necessidades.
- c) Devido às mudanças sociais das últimas décadas, **constata-se** situações de conflito na vida privada das famílias brasileiras porque a mulher deseja profissionalizar-se.
- d) Com o objetivo de compreender o avanço da feminização da medicina, **pesquisaram-se**, em várias regiões, a oportunidade de trabalho oferecida às mulheres.
- e) Em diferentes fases da escolaridade, **observa-se** estudantes do sexo feminino cada vez mais dedicadas, configurando-se uma modificação sociocultural significativa.

5. (Fmp) De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, a concordância nominal está correta em:

- a) A aproximação de homens e mulheres nas organizações e o reconhecimento dessa nova tendência em nossa sociedade precisam ser **aceitas** sem restrições.
- b) A presença de mulheres em posições de liderança e o lucro das empresas, atualmente, são **pretendidas** pelas companhias.
- c) O objetivo da realização profissional e a capacidade de atender a inúmeras funções têm sido **buscados** pelas mulheres com muita frequência.
- d) O comando da mulher nas empresas e sua inserção em cargos antes ocupados somente pelos homens devem ser **consideradas** de grande valor.
- e) O trabalho integral fora de casa e as tarefas domésticas devem ser **reconhecidas** porque constituem o obstáculo que sobrecarrega as mulheres.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A pandemia, o sentido da vida e a política

¹A pandemia, o isolamento e o medo põem questões que vão mais além das relativas a como levar uma vida “normal”, por produzirem indagações sobre o próprio sentido da vida.

²Em situações normais, as pessoas estão preocupadas com as atividades profissionais e domésticas, tal ³como acontecem no dia a dia. ⁴Preocupações básicas são as que regem este tipo de condição: ⁵a renda, a escola das crianças, a sociabilidade profissional e a familiar, o amor, a amizade, o ir às compras. ⁶Já em situações como esta que estamos vivendo, as preocupações são de outra ordem: ⁷a doença, o medo da morte, a possível falta de mantimentos, a manutenção do emprego, a redução da renda, o isolamento, a pergunta pelo amanhã.

Uma analogia possível é com a condição de ⁸guerra. ⁹Nesta, a saída abrupta da normalidade é imediatamente sentida: a existência humana é mostrada em sua fragilidade, a emergência toma conta do dia a dia. A morte abrupta surge para cada um como uma realidade, seja ela militar, seja civil. ¹⁰No entanto, os sentimentos e emoções daí resultantes não são necessariamente os mesmos, pois as pessoas não se isolam, mas vêm a cumprir uma função social junto ao Estado, sob a forma da defesa da pátria. ¹¹A morte ganha, nesse aspecto, sentido.

A ¹²morte é uma questão existencial primeira da condição humana, ¹³essa que coloca o homem diante do nada, do limite da condição humana. Ela é o horizonte de cada um, por mais que pensemos nela ou não. A significação da morte no fim da vida faz com que as pessoas se preparem para isso, tanto individual quanto familiarmente. Retiram-se progressivamente, planejam pelo testamento a sucessão dos bens, acostumam-se à ideia. Alguns recorrem à religião, acreditando em outra vida. No caso de a morte acontecer numa guerra, ela adquire a significação de que o indivíduo é membro de uma comunidade, sendo assim compreendida pelo Estado e pelos seus próximos. No momento, porém, em que a redução do ciclo natural se dá sob a forma de uma doença coletiva, é como se o sem sentido ganhasse a forma do absurdo.

Uma significação que surge no contexto de pandemia é a de a pessoa sentir-se abandonada pela vida, abandonada por aqueles que com ela conviviam, salvo os que terminam compartilhando a mesma reclusão. ¹⁴Uma expressão do abandono é a solidude e a introspecção. ¹⁵O mundo torna-se uma ameaça. Há formas de mitigação, como o telefone e as redes sociais, que tornam viável um modo de substituição da presença física. Mas há algo aqui que faz enorme diferença: a presença física do outro, o olhar, o toque, a expressão física do sentimento. O beijo e o abraço desaparecem.

¹⁶As pessoas reclusas sentem necessidade dos seus. Algumas ficam mais vulneráveis por viverem sozinhas, outras se agrupam em seus núcleos familiares mais próximos, em todo caso o seu número deve ser necessariamente reduzido. Outras que vivem na miséria têm esses sentimentos ainda mais potencializados. ¹⁷O contato presencial das pessoas, para além desses núcleos, é rompido. Em seu lugar surgem outros instrumentos de comunicação, as redes sociais obtendo aí protagonismo maior. ¹⁸Acontece, ¹⁹contudo, que ²⁰a comunicação virtual entre as pessoas passa a ser mediada por outro tipo de comunicação, a social/digital, que se faz por notícias e informações.

Do ponto de vista da informação, tudo vale nas redes sociais, notícias verdadeiras como falsas. ²¹As redes podem, ²²assim, tornar-se instrumentos poderosos de desinformação, divulgando o que se denomina fakenews, tendo como objetivo aumentar a insegurança das pessoas, tornando-as ainda mais vulneráveis. O descontrole pode adquirir uma conotação política, alheia à saúde pública.

²³A faceta política do medo da morte e do abandono consiste numa presença maior do Estado como provedor da segurança perdida, enquanto possível solução de uma morte prematura e do abandono. ²⁴Numa situação de epidemia, as pessoas tendem a pedir a intervenção do Estado, fornecendo-lhes condições de existência. Na guerra, o Estado toma a decisão de atacar outro país ou de se defender; na epidemia, a sociedade é atacada por um inimigo invisível, sem que o Estado nada tenha podido fazer.

O ²⁵coronavírus, nova versão, é um inimigo que se expande, se infiltra e ameaça a vida de cada um. ²⁶Desconhece fronteiras e não aceita nenhum controle estatal. Não tem medo de nada, ²⁷embora faça medo a todos. ²⁸Tem a forma do invisível, que só é sentido quando toma conta do corpo das pessoas. ²⁹Palavras não têm sobre ele nenhum efeito, apenas medidas concretas.

³⁰Eis por que discursos demagógicos não têm sobre ele nenhum efeito, tampouco sobre os cidadãos, que sentem a sua ameaça próxima. Leem e escutam sobre o número crescente de mortos, de infectados, e se perguntam se não serão eles os próximos. ³¹Não podem, evidentemente, compreender que se possa tratar de uma “histeria”, de uma “fantasia”, pois a presença do inimigo invisível é real. Discursos técnicos, sensatos, de combate à doença tomam o lugar da demagogia, por serem eficazes nesta luta, os cidadãos podendo neles se reconhecer.

(ROSENFELD, Denis Lerrer. A pandemia, o sentido da vida e a política. Publicado em *O Estado de S. Paulo* de 30 de março de 2020. Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/espaco-aberto,a-pandemia-o-sentido-da-vida-e-a-politica,70003252502>). Acesso em 30 de março de 2020.

6. (Upf) Analise as seguintes afirmações, considerando elementos que organizam a sintaxe do texto, e marque a alternativa correta:

a) No enunciado “A pandemia, o isolamento e o medo põem questões que vão mais além das relativas a como levar uma vida ‘normal’, por produzirem indagações sobre o próprio sentido da vida” (ref. 1), o

verbo “põem” concorda com o sujeito “a pandemia, o isolamento e o medo”; já o verbo “produzirem” concorda com o sujeito “indagações”.

- b) No enunciado “No entanto, os sentimentos e emoções daí resultantes não são necessariamente os mesmos, pois as pessoas não se isolam, mas vêm a cumprir uma função social junto ao Estado, sob a forma da defesa da pátria.” (ref. 10), a expressão “os mesmos” é sujeito, pois retoma “os sentimentos e emoções”.
- c) No enunciado “a renda, a escola das crianças, a sociabilidade profissional e a familiar, o amor, a amizade, o ir às compras.” (ref. 5), o acento indicativo de crase justifica-se em função de o verbo “ir” pedir a preposição “a” e o substantivo “compras” pedir o artigo feminino “as”.
- d) No enunciado “Tem a forma do invisível, que só é sentido quando toma conta do corpo das pessoas. Palavras não têm sobre ele nenhum efeito, apenas medidas concretas.” (ref. 28), o verbo “tem” não é acentuado porque se refere ao sujeito simples “coronavírus (ref. 25); o “têm” está acentuado, pois se refere ao sujeito composto “palavras” (ref. 29).
- e) No enunciado “O contato presencial das pessoas, para além desses núcleos, é rompido.” (ref. 17), o verbo “é” está mal empregado, pois deveria estar no plural, já que concorda com a locução “das pessoas”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nunca imaginei um dia

Até alguns anos atrás, eu costumava dizer frases como “eu jamais vou fazer isso” ou “nem morta eu faço aquilo”, limitando minhas possibilidades de descoberta e emoção. Não é fácil libertar-se do manual de instruções que nos autoimpomos. Às vezes, leva-se uma vida inteira, e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto. Por sorte, minha ficha caiu há tempo.

Começou quando iniciei um relacionamento com alguém completamente diferente de mim, diferente a um ponto radical mesmo: ele, por si só, foi meu primeiro “nunca imaginei um dia”. Feitos para ficarem a dois planetas de distância um do outro. Mas o amor não respeita a lógica, e eu, que sempre me senti tão confortável num mundo planejado inaugurei a instabilidade emocional na minha vida. Prendi a respiração e dei um belo mergulho.

A partir daí, comecei a fazer coisas que nunca havia feito. Mergulhar, aliás, foi uma delas. Sempre respeitosa com o mar e chata para molhar os cabelos afundei em busca de tartarugas gigantes e peixes coloridos no mar de Fernando de Noronha. Traumatizada com cavalos (por causa de um equino que quase me levou ao chão quando eu tinha oito anos), participei da minha primeira cavalgada depois dos 40, em São Francisco de Paula. Roqueira convicta e avessa a pagode, assisti a um show do Zeca Pagodinho na Lapa. Para ver o Ronaldo Fenômeno jogar ao vivo, me infiltrei na torcida do Olímpico num jogo entre Grêmio e Corinthians, mesmo sendo colorada.

Meu paladar deixou de ser monótono: comecei a provar alimentos que nunca havia provado antes. E muitas outras coisas vetadas por causa do “medo do ridículo” receberam alvará de soltura. O ridículo deixou de existir na minha vida.

Não deixei de ser eu. Apenas abri o leque, me permitindo ser um “eu” mais amplo. E sinto que é um caminho sem volta.

Um mês atrás participei de outro capítulo da série “Nunca imaginei um dia”. Viajei numa excursão, eu que sempre rejeitei essa modalidade turística. Sigo preferindo viajar a dois ou sozinha, mas foi uma experiência fascinante, ainda mais que a viagem não tinha como destino um país do circuito Elizabeth Arden (Paris-Londres-Nova York), mas um país africano, muçulmano e desértico. Aliás, o deserto de Atacama, no Chile, será meu provável “nunca imaginei um dia” do próximo ano.

E agora cometi a loucura jamais pensada, a insanidade que nunca me permiti, o ato que me faria merecer uma camisa-de-força: eu, que nunca me comovi com bichos de estimação, adotei um gato de rua.

Pode colocar a culpa no espírito natalino: trouxe um bichano de três meses pra casa, surpreendendo minhas filhas, que já haviam se acostumado com a ideia de ter uma mãe sem coração. E o que mais me estarrece: estou apaixonada por ele.

Ainda há muitas experiências a conferir: fazer compras pela internet, andar num balão, cozinhar dignamente, me tatuar, ler livros pelo *kindle*, viajar de navio e mais umas 400 coisas que nunca imaginei fazer um dia, mas que já não duvido. Pois tem essa também: deixei de ser tão cética.

Já que é improvável que o próximo ano seja diferente de qualquer outro, que a novidade sejamos nós.

Medeiros, Martha. Nunca Imaginei um dia. 2009. Disponível em: <http://alagoinhaipaurim.blogspot.com/2009/12/nunca-imaginei-um-dia-martha-medeiros.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

7. (G1 - col. naval) No que se refere à concordância verbal, analise as frases abaixo.

- I. No próximo mês, vão fazer 10 anos que eu participei da minha primeira cavalgada depois dos 40 anos de idade.
- II. Provavelmente, vão existir muitas outras experiências marcantes, tais como: me tatuar, andar num balão, viajar de navio etc.
- III. Com certeza, não foram as minhas duas filhas quem trouxe um pequeno bichano de três meses para a nossa casa.
- IV. Admite-se, na nossa família, pessoas muito aventureiras e abertas a novas e empolgantes experiências de vida.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II, III e IV.
- b) I, III e IV apenas.
- c) II, III e IV apenas.
- d) II e III apenas.
- e) III e IV apenas.

8. (Ufsc)



Luiza Sahd 23/02/2018 5h

Você vivencia realmente o textão que publica na internet?

¹Este textão aqui não quer passar nem perto de te dar uma lição de moral. ²Viver de textão (como é o meu caso e de outros tantos colegas) faz com que a gente jamais tenha certeza do que está dizendo, principalmente porque as palavras escritas são estáticas. O mundo, não.

Quando pergunto se você realmente vivencia o textão que compartilha na internet, minha preocupação não é com apontar hipocrisia ou incoerência na sua vida, mas que a gente consiga experimentar de verdade as coisas que prega exaustivamente.

Ontem fui visitar um amigo e ele levantou a lebre do textão *versus* vida real. Particularmente, fiquei bolada com a quantidade de vezes em que exaltei iniciativas que nunca consegui ter na vida fora dos ecrãs.

A gente se empolga com a hashtag #MeToo e tolera vagabundo assediando a colega de trabalho; reclama da piada impertinente do Silvio Santos, mas não consegue retrucar o primo mala que fez a mesma coisa no almoço de família; fica chocado com a negligência política em relação à saúde pública enquanto se enche de comida encebada e cachaça. O textão tem sido um ensaio sem fim para o que queríamos da vida real – mas não temos muita disposição de bancar.

Depois da conversa que tivemos sobre isso, saí da casa do amigo decidida a só abrir a boca para pregar sobre o que eu realmente fosse capaz de realizar no dia a dia. Não se passaram 24 horas desde então e eu já:

- ³Fui assediada sem esboçar reação, porque estava começando a chover e não quis ficar discutindo com um estranho enquanto meu cabelo se desfazia;
- Me atrasei para a terapia, tempo contado e precioso de organização da minha vida;
- Julguei secretamente uma mulher dando refrigerante para um moleque de fralda;
- Ri da letra de uma música que, na verdade, deveria me dar motivos para chorar;
- Burlei o boicote de anos a um restaurante porque estava morrendo de fome e pressa.

Pode ser que eu esteja enganada (adoraria!), mas como parte responsável pela existência de textões, meu único conselho útil nesse sentido, hoje, seria: ⁴se te falta coragem para pôr em prática o que colocamos na internet, desligue o textão e vá ver TV.

Disponível em: <https://luizasahd.blogosfera.uol.com.br/2018/02/23/voce-vivencia-realmente-o-textao-que-publica-na-internet>. [Adaptado].
Acesso em: 31 ago. 2019.

Considere os trechos a seguir, extraídos do Texto 4, e a variedade padrão da língua escrita.

- I. Este textão aqui não quer passar nem perto de te dar uma lição de moral. (referência 1)
- II. Viver de textão [...] faz com que a gente jamais tenha certeza do que está dizendo [...]. (referência 2)
- III. Fui assediada sem esboçar reação, porque estava começando a chover e não quis ficar discutindo com um estranho enquanto meu cabelo se desfazia. (referência 3)
- IV. [...] se te falta coragem para pôr em prática o que colocamos na internet, desligue o textão e vá ver TV. (referência 4)

Em relação aos trechos, é correto afirmar que:

- 01) em I, os termos “Este” e “aqui” pertencem a classes de palavras diferentes, mas desempenham o papel de indicar que a autora refere-se ao seu próprio texto.
- 02) em II, a locução “a gente” apresenta valor semântico de pronome de primeira pessoa do plural.
- 04) em III, a reescrita da sentença com o sujeito no plural fica “Fomos assediadas sem esboçar reações, porque estava começando a chover e não queríamos ficar discutindo com um estranho enquanto nosso cabelo se desfazia.”.
- 08) em II e IV, as sentenças são escritas com verbos impessoais.
- 16) em III, as palavras “assediada”, “começando” e “discutindo” desempenham a mesma função gramatical.
- 32) em IV, a autora expressa seu posicionamento crítico à forma de fazer crítica por meio de “textão” publicado na internet.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Cadê o papel-carbono?

¹Outro dia tive saudade do papel carbono. E tive saudade também do mimeógrafo a álcool. E tive saudade da velha máquina de escrever. E tive saudade de quando, no dizer de ²Rubem Braga, a geladeira era branca e o telefone era preto.

Os mais jovens não sabem nem o que é papel carbono ou mimeógrafo a álcool. Mas tive saudade deles, ou melhor, de um tempo em que eu não dependia eletronicamente de outros para fazer as mínimas tarefas. Uma torneira, por exemplo, era algo simples. Eu sabia abrir uma torneira e fazê-la jorrar água. ³Hoje tomar um banho é uma peripécia tecnológica. ⁴Hoje até para tomar um elevador tenho que inserir um cartão eletrônico para ele se mover. Claro que tem o Google, essa enciclopédia no computador que facilita as pesquisas ⁵(para quem não precisa ir fundo nos assuntos), mas muita coisa me intriga: por que cada aparelho de televisão de cada casa, de cada hotel tem um controle remoto diferente e ⁶a gente não consegue usá-los sem pedir socorro a alguém?

⁷Olha, tanta tecnologia!... Mas além de ⁸não terem descoberto como curar uma simples gripe, ⁹os elevadores dos hotéis ainda não chegaram a uma conclusão de como assinalar no mostrador que letra deve indicar a portaria. ¹⁰Será necessária uma medida provisória do presidente para uniformizar tal diversidade analfabética.

¹¹Outro dia, li que houve uma reunião em Baku, lá no Azerbaijão, congregando cérebros notáveis para deciframos nosso presente e nosso futuro. Pois Jean Baudrillard ¹²andou dizendo, com aquela facilidade que os franceses têm para fazer frases que parecem filosóficas, que o que caracteriza essa época que está vindo por aí é que o homem, leia-se corretamente homens e mulheres, ou seja, ¹³o ser humano, foi descartado pela máquina. ¹⁴(Isso a gente já sabe quando tenta ligar para uma firma qualquer e uma voz eletrônica fica mandando a gente disar isto e aquilo e volta tudo a zero e não obtemos a informação necessária.)

¹⁵Deste modo estão se cumprindo dois vaticínios. O primeiro era de um vate mesmo – ¹⁶Vinicius de Moraes, que naquele poema “Dia da Criação”, fazendo considerações irônicas sobre o dia de “sábado” e os designios divinos, diz: “Na verdade, o homem não era necessário”. É isto, já não somos necessários.

E a outra frase metida nessa encrenca é aquela da Bíblia, que dizia que o “sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”. Isso foi antigamente. Pois achávamos que a máquina havia sido feita para o homem, mas Baudrillard, as companhias aéreas e as telefônicas mais os servidores de informática nos convenceram de que ¹⁷“o homem é que foi feito para a máquina”. ¹⁸Ao telefone só se fala com máquinas, e algumas empresas – esses servidores de informática – nem seus telefones disponibilizam. ¹⁹Estou, por exemplo, há quatro meses tentando falar com alguém no “hotmail” ²⁰e lá não tem viv’alma, só fantasmas eletrônicos sem rosto e sem voz.

²¹Permita-me, ²²eventual e concreto leitor, lhe fazer uma pergunta indiscreta. Quanto tempo diariamente você está gastando com e-mails? Quanto tempo para apagar o lixo e responder bobagens? Faça a conta, some.

²³Drummond certa vez escreveu: “Ao telefone perdeste muito tempo de semear”. Ele é porque não conheceu a internet, que, tanto quanto o celular, usada desregradamente é a grande sorvedora de tempo da pós-modernidade.

Por estas e por outras é que estou pensando seriamente em voltar às cartas, quem sabe ao pergaminho. E a primeira medida é reencontrar o papel carbono.

– ²⁴Cadê meu papel carbono?

(SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Tempo de delicadeza*. Porto Alegre: L&PM, 2009)

9. (G1 - epcar (Cpcar)) Assinale a alternativa em que a alteração proposta para o termo em destaque está de acordo com a norma padrão da Língua.

- a) “Estou (...) **há** quatro meses tentando falar com alguém no ‘hotmail’...” (ref. 19) - Estou têm quatro meses tentando falar com alguém no hotmail...
- b) “Permita-**me**, eventual e concreto leitor...” (ref. 21) – Me permita, eventual e concreto leitor...
- c) “...a gente não consegue usá-**los** sem pedir socorro a alguém?” (ref. 6) - A gente não os consegue usar sem pedir socorro a alguém?
- d) “Será **necessária** uma medida provisória do presidente...” (ref. 10) - Do presidente, será necessário uma medida provisória.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada

Carolina Maria de Jesus

17 DE MAIO Levantei nervosa. Com vontade de morrer. ¹Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? ²Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? ³Eu estava ⁴discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo...

... ⁵Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: é assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam para os corvos e os infelizes favelados.

⁶Não houve briga. ⁷Eu até estou achando ⁸isso aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

_ Hum! Tá gostosa!

A Dona Alice deu-me uma para experimentar. ⁹Mas a lata está estufada. Já está podre.

Trecho disponível em: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2001.

10. (G1 - ifce) Considerando a norma culta da língua portuguesa, observa-se um desvio quanto à flexão verbal em

- a) “Vejo as crianças abrir as latas e exclamar satisfeitas.”
- b) “A Dona Alice deu-me uma para experimentar.”
- c) “O motorista e o seu ajudante jogam umas latas.”
- d) “É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis.”
- e) “Mas a lata está estufada.”

SEÇÃO 09 (REGÊNCIA NOMINAL)

1. (Fuvest 2001) A única frase que NÃO apresenta desvio em relação à regência (nominal e verbal) recomendada pela norma culta é:

- a) O governador insistia em afirmar que o assunto principal seria "as grandes questões nacionais", com o que discordavam líderes pefelistas.
- b) Enquanto Cuba monopolizava as atenções de um clube, do qual nem sequer pediu para integrar, a situação dos outros países passou despercebida.
- c) Em busca da realização pessoal, profissionais escolhem a dedo aonde trabalhar, priorizando à empresas com atuação social.
- d) Uma família de sem-teto descobriu um sofá deixado por um morador não muito consciente com a limpeza da cidade.
- e) O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição.

2. (Ufpe 2001) Assinale a alternativa em que as normas de regência, verbal e nominal, não foram inteiramente cumpridas.

- a) O vocabulário e a sintaxe de que se utilizavam muitos autores modernistas constituem, muitas vezes, uma linguagem mais difícil do que a linguagem culta.
- b) Alguns dos modernistas não repudiavam aos clássicos, nem lhes imitavam, mas conseguiam renovar o idioma sob a influência da língua falada.
- c) No Brasil há muitas literaturas regionais que exibem as características da fala local a que procuram ser fiéis.
- d) Os defensores de uma literatura regional procuram sempre apresentar explicações e evidências que lhes apóiem os argumentos.
- e) A aprendizagem de uma língua se faz, também, lendo-se autores com que se possa aprimorar e fortalecer a experiência pessoal.

3. (Ufal 1999) Assinale como VERDADEIRAS as frases em que a REGÊNCIA está correta e como FALSAS aquelas em que isso não ocorre.

- () É agradável sentir-lhe tão disposto ao trabalho no qual conversamos ontem.
- () O problema, cuja solução se torna cada vez mais distante, angustia todos os que nele estão envolvidos.
- () Importa saber as causas que deflagraram o acidente o qual vitimou tantas pessoas.
- () Poucos se preocupam com o que poderá suceder devido à falta de senso de responsabilidade da parte de muitos.
- () Convenci-me que ele será incapaz de opor-se contra os avisos de que todos ouviram.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

4. (Uel 1998) A justaposição de seu nome.....projeto.....foi incumbido será obrigatória.

- a) com o - que
- b) ao - de que
- c) com o - de que
- d) no - com que
- e) ao - com que

5. (Uel 1997) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à regência verbal e/ou nominal.

- a) Admirou-se de ver o amigo tão desanimado com a gravidade de seus problemas e incapaz de resolvê-los.
- b) Os assessores pediram ao presidente para que lhes dispensasse mais cedo, porque iriam viajar.

- c) Ninguém se lembrou de avisá-la de que a reunião tinha sido adiada para a semana seguinte.
- d) Todos acabaram tendo de auxiliá-lo na execução da tarefa que lhe fora atribuída.
- e) A quantia de que dispúnhamos não foi suficiente para cobrir algumas despesas com as quais não contávamos.

6. (Fatec 1997) Observe as frases a seguir:

I - Quando dois amigos do mesmo sexo são inseparáveis, logo vem a insinuação _____ "algo poderia estar rolando".

II - O jeitinho brasileiro, a malandragem, a certeza _____ Deus nasceu neste país estão muito bem registrados em um gênero teatral: o teatro de revista.

III - No dia tinha pressentimento _____ ia vencer a corrida, nunca imaginava que poderia sofrer um acidente desse tipo.

IV - O Senador lembra-se de Fontoura pedir-lhe _____ devolvesse à embaixada seu passaporte.

As lacunas devem ser preenchidas por:

- a) I. que; II. de que; III. que; IV. para que.
- b) I. de que; II. que; III. de que; IV. que.
- c) I. de que; II. de que; III. de que; IV. que.
- d) I. que; II. que; III. de que; IV. que.
- e) I. de que; II. de que; III. de que; IV. para que.

7. (Ita 1997) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas do texto a seguir:

"Todas as amigas estavam _____ ansiosas _____ ler os jornais, pois foram informadas de que as críticas foram _____ indulgentes _____ rapaz, o qual, embora tivesse mais aptidão _____ ciências exatas, demonstrava uma certa propensão _____ arte."

- a) meio - para - bastante - para com o - para - para a
- b) muito - em - bastante - com o - nas - em
- c) bastante - por - meias - ao - a - à
- d) meias - para - muito - pelo - em - por
- e) bem - por - meio - para o - pelas - na

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹Apesar de não termos ilusões quanto ao caráter das nossas elites, existia uma certa resistência a essa espécie de niilismo a que o Brasil nos leva. ²Os escândalos na área financeira estão acabando até com isso. ³Fica cada vez mais difícil espantar os burgueses. ⁴Os burgueses não se espantam com mais nada. ⁵Alguns talvez se surpreendam quando ouvem um filho pequeno ou um neto repetindo uma letra dos Mamonas, mas nestes casos o espanto é divertido, ou pelo menos resignado. ⁶A necessidade de se ser absolutamente claro sobre que tipos de atividade sexual causam AIDS e como fazer para preveni-la acabou com qualquer preocupação da imprensa e da propaganda com o pundonor (grande palavra) alheio, embora ainda façam alguns rodeios. ⁷A linguagem ficou mais leve, ficamos menos hipócritas. ⁸Burgueses epatáveis ainda existem, mas o acúmulo de agressões a seus ouvidos e pruridos os insensibilizou e hoje, se reagem, não é em público.

(VERÍSSIMO, L. F. *Conluio*. Porto Alegre: Extra Classe, junho/julho de 1996. p.3).

8. (Ufrgs 1997) Assinale a alternativa que apresenta as palavras que exigem, respectivamente, as duas ocorrências da preposição "a" no 10. período.

- a) existia (10. período), niilismo (10. período)

- b) resistência (10. período), leva (10. período)
- c) existia (10. período), espécie (10. período)
- d) resistência (10. período), niilismo (10. período)
- e) espécie (10. período), leva (10. período)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Que mãe?

1 A mãe de hoje em dia é uma mulher esbaforida, a representar papel avesso que lhe foi imposto até alguns anos atrás. Ela está às voltas com o problema de ter e criar filhos e de administrar uma carreira. Em muitos casos ela é parte importante, quando não a única fonte de renda da casa. Frequentemente ela é a ponte para que a família de classe média à classe média alta. [...]

2 No limite do raciocínio, a expectativa sancionada pela sociedade repele uma mulher que possa abandonar o trabalho, que tantas possibilidades abriu, e trocá-lo pela atenção aos filhos. A mãe tradicional, a antes louvada rainha do lar, por assim dizer, está rechaçada. No pós-feminismo, a sensação é de que todas as chances existem para uma mulher forte e competente chegar ao ápice em qualquer terreno. [...]

3 A mãe que todas as gerações conheceram - aquela que ficava em casa e tratava das tarefas da família, especialmente dos filhos - será no futuro objeto de relato histórico a provocar estranheza nos ouvintes.

(Santos, Mário Vítor. QUE MÃE? São Paulo: *Revista da Folha de São Paulo*, 12.05.96)

9. (Ufrgs 1997) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto na ordem em que aparecem.

- a) no - ascenda - lhe
- b) ao - ascenda - lhe
- c) no - acenda - ela
- d) do - acenda - lhe
- e) ao - ascenda - ela

10. (Mackenzie 1996) Aponte a alternativa que supõe o emprego correto do pronome relativo nestes períodos:

I - O desafio _____ me refiro é tão ambicioso quanto os objetivos _____ você visa.

II - As promessas _____ ela duvidava não eram piores do que os sonhos _____ ela sempre se lembrava.

III - Já foi terminada a casa _____ ficaremos alojados, é o lugar _____ iremos no começo das férias.

IV - O desagradável incidente _____ você aludiu hoje, à tarde, revela-nos segredos _____ nunca tivemos acesso.

V - Os alunos _____ notas estão aqui devem pedir perdão à professora _____ desobedeceram.

- a) I- a que, a que, II- que, que, III- onde, aonde, IV- de que, que, V- dos quais, a quem.
- b) I- que, que, II- que, a que, III- aonde, onde, IV- que, de que, V- cujas, que.
- c) I- a que, a que, II- de que, de que, III- onde, aonde, IV - a que, a que, V- cujas, a quem.
- d) I- que, que, II- de que, que, III- aonde, aonde, IV- a que, aos quais, V- dos quais, que.
- e) I- de que, que, II- que, com que, III- aonde, onde, IV- que, a que, V- cujas, a quem.

SEÇÃO 10 (REGÊNCIA VERBAL)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



1. (G1 - utfpr 2015) A respeito da regência do verbo ir com complemento feminino, considere as seguintes frases.

- I. Hoje à tarde você vai à escola.
- II. Hoje à tarde você vai a casa de uma amiga.
- III. Hoje à tarde você vai a sorveteria.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II.
- e) III.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) seguinte(s)

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal
Eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro
Ou de um tamborim.
Sem preconceito
Ou mania de passado
Sem querer ficar do lado
De quem não quer navegar
Faça como um velho marinheiro
Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar. Argu

2. (Fgvjrj 2015) No verso “Mas não me altere o samba tanto assim”, o pronome “me” não exerce função sintática alguma. Segundo a gramática da língua portuguesa, trata-se de um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da exortação feita. Constitui uso mais comum na linguagem coloquial.

Nas citações abaixo, todas extraídas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, esse recurso ocorre em:

- a) *Mano Brás, que é que você vai fazer? perguntou-me aflita.*
- b) *... estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma.*
- c) *Mostrou que eu ia colocar-me numa situação difícil.*
- d) *... achou que devia, como amigo e parente, dissuadir-me de semelhante ideia.*
- e) *Ânimo, Brás Cubas; não me sejam palerma.*

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

PALAVRAS DO COMANDANTE

“As mulheres estão conquistando cada vez mais espaço na Força Aérea Brasileira. ¹Só em pensar que, em 2002, o efetivo da FAB era composto por, apenas, 3.249 mulheres e que hoje em dia, já somam 9.250, isso mostra o quanto elas têm se esforçado para ajudar na defesa do país. (...) E, aos poucos, elas alcançam patentes cada vez mais altas. Já existem, inclusive, mulheres Tenente-Coronel e, ²este ano, as primeiras aviadoras chegam ao posto de Capitão. É bem possível que, no futuro, tenhamos mulheres Coronel e, quem sabe, possam chegar ao posto de Oficial-General.”

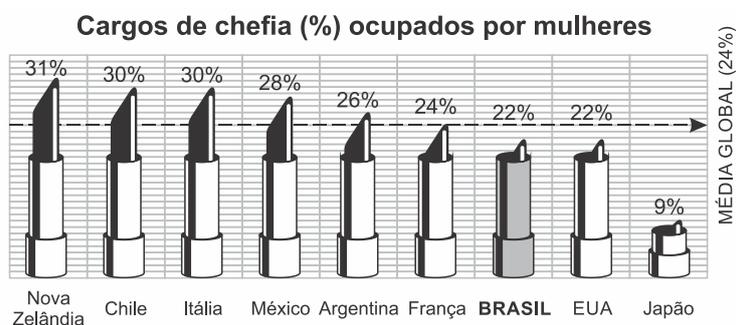
(NOTAER, ano XXXVII/nº3, março de 2014, p.3)

Onde estão as mulheres?

Um novo levantamento mostra que, apesar da entrada em massa no mercado de trabalho, poucas alcançam o topo.

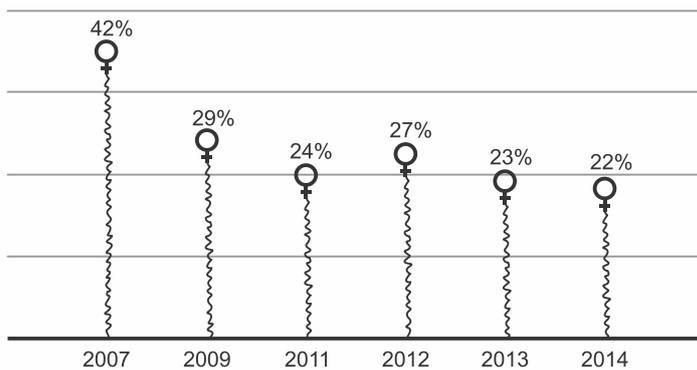
COMPARAÇÃO INTERNACIONAL

No Brasil, há menos cargos de chefia ocupados por mulheres do que em outros países.



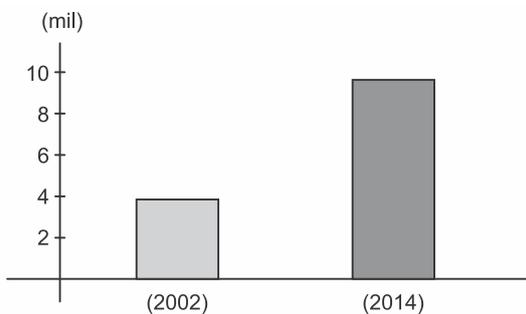
A LUTA CONTINUA

Nos últimos sete anos, o número de cargos de chefia ocupados por mulheres no Brasil caiu quase pela metade.



(*Época*, número 823, 10 de março de 2014. Editora Globo; p.64 -adaptado)

MULHERES NA FAB



(NOTAER, ano XXXVII/nº3, março de 2014, p.7)

3. (Epcar (Afa) 2015) Marque a opção em que a reescrita de trechos retirados dos textos indicados ao lado de cada alternativa permanece de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

- No Brasil, **existe** menos cargos de chefia ocupados por mulheres do que em outros países. (o verbo “existir” é sinônimo do verbo “haver”, substituindo-o acima corretamente). - “Onde estão as mulheres?”
- Nos últimos anos, o número de cargos de chefia ocupados por mulheres no Brasil **caíram** quase pela metade. (o verbo “cair” concorda, por atração, com o substantivo plural “cargos”). - “A luta continua”
- ... este ano, as primeiras aviadoras chegam **no** posto de Capitão. (a substituição de “ao” para “no” é possível em casos em que o verbo “chegar” não indica lugar físico). - “Palavras do Comandante” - (ref. 2)
- Só **de** pensar que, em 2002, o efetivo da FAB era composto por... (a preposição “em” pode ser substituída corretamente pela preposição “de”). - “Palavras do Comandante” - (ref. 1)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) quest(ões) a seguir.

O reinado do celular

De alto a baixo da pirâmide social, quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular. É realmente um grande quebra-galho. Quando estamos na rua e precisamos dar um recado, é só sacar o aparelhinho da bolsa e resolver a questão, caso não dê pra esperar chegar em casa. Pra isso – e só pra isso – serve o telefone móvel, na minha inocente opinião.

Ao contrário da maioria das mulheres, nunca fui fanática por telefone, incluindo o fixo. Uso com muito comedimento para resolver assuntos de trabalho, combinar encontros, cumprimentar alguém, essas coisas realmente rápidas. Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência.

Por celular, muito menos. Considero-o um excelente resolvidor de pendências e nada mais.

Logo, você pode imaginar meu espanto ao constatar como essa engenhoca se transformou no símbolo da neurose urbana. Outro dia fui assistir a um show. Minutos antes de começar, o lobby do teatro estava repleto de pessoas falando ao celular. “Vou ter que desligar, o espetáculo vai começar agora”. Era como se todos estivessem se despedindo antes de embarcar para a lua. Ao término do show, as luzes do teatro mal tinham acendido quando todos voltaram a ligar seus celulares e instantaneamente se puseram a discar. Para quem? Para quê? Para contar sobre o show para os amigos, para saber o saldo no banco, para o tele-horóscopo?? Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância. Conversar entre si, com o sujeito ao lado, quase ninguém conversava.

O celular deixou de ser uma necessidade para virar uma ansiedade. E toda ânsia nos mantém reféns. Quando vejo alguém checando suas mensagens a todo minuto e fazendo ligações triviais em público, não imagino estar diante de uma pessoa ocupada e poderosa, e sim de uma pessoa rendida: alguém que não possui mais controle sobre seu tempo, alguém que não consegue mais ficar em silêncio e em privacidade. E deixar celular em cima de mesa de restaurante, só perdoo se o cara estiver com a mãe no leito de morte e for ligeiramente surdo.

Isso tudo me ocorreu enquanto lia o livro infantil *O menino que queria ser celular*, de Marcelo Pires, com ilustrações de Roberto Lautert. Conta a história de um garotinho que não suporta mais a falta de comunicação com o pai e a mãe, já que ambos não conseguem desligar o celular nem por um instante, nem no fim de semana – levam o celular até para o banheiro. O menino não tem vez. Aí a ideia: se ele fosse um celular, receberia muito mais atenção.

Não é história da carochinha, isso rola pra valer. Adultos e adolescentes estão virando dependentes de um aparelho telefônico e desenvolvendo uma nova fobia: medo de ser esquecido. E dá-lhe falar a toda hora, por qualquer motivo, numa esquizofrenia considerada, ora, ora, moderna.

Os celulares estão cada dia menores e mais fininhos. Mas são eles que estão botando muita gente na palma da mão.

(MEDEIROS, Martha. *O reinado do celular*. In: ___. *Montanha Russa; Coisas da vida; Feliz por nada*. Porto Alegre, RS: LPM, 2013. p. 369-370.)

4. (Esc. Naval 2015) Em que opção a reescritura do texto está INCORRETA, de acordo com a norma padrão?

- a) “[...] quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular.” (1º §) - ... quase todas as pessoas as quais conheço possuem celular.
- b) “[...] caso não dê pra esperar chegar em casa.” (1º §) - ... caso não dê para esperar chegar a casa.
- c) “Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência.” (2º §) – Fazer visita por telefone é algo para que não tenho a menor paciência.
- d) “Outro dia fui assistir a um show.” (3º §) – Outro dia fui assistir um show.
- e) “Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância.” (3º §) – Nunca vi tamanha urgência em se comunicar a distância.

5. (G1 - ifpe 2014) Analise os itens abaixo.

- I. Já foram comprados todos os remédios de que ele necessita.
- II. O médico assistiu, cuidadosamente, ao paciente.
- III. Nós chegamos à conclusão de que devemos expor nossa indignação.
- IV. Todos ficaram abalados com a notícia do acidente.
- V. As cópias dos documentos foram anexadas no contrato.

Respeitam as normas de regência nominal e verbal, apenas as orações correspondentes aos itens:

- a) I, II e III
- b) I, II, III e IV
- c) I, III e IV
- d) II, III e V
- e) I, III, IV e V

6. (G1 - ifpe 2016)



Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000065/0000025206.jpg>>. Acesso em: 22 set. 2015.

O verbo “assistir” no sentido de “presenciar” ou “ver” é transitivo indireto, ou seja, ele exige a preposição “a” para que possa receber um complemento. Outros verbos da língua portuguesa também possuem mais de uma regência a depender do sentido que assumem no contexto.

Sabendo disso, analise, nas frases a seguir, a adequação da regência verbal ao que concerne à norma culta da língua portuguesa.

- I. Aspiro a uma vaga na equipe titular.
- II. Depois de empossado, o governo assistirá na capital.
- III. Ele está namorando com a prima.
- IV. Esqueci-me o que havíamos combinado.
- V. Sempre ansiamos a dias melhores.

Estão corretas apenas as frases

- a) II e III.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) III e V.
- e) II e V.

7. (G1 - ifsp 2016) Analise o texto abaixo.

O pai da Fernanda virá _____ mais cedo hoje. Devo _____ a respeito da nota em sua última avaliação? É melhor que _____ informemos o quanto antes, para que haja tempo hábil para _____.

Levando em consideração o uso e a colocação pronominal, de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa, os termos que melhor preenchem, respectivamente, as lacunas são:

- a) buscar-lhe – conta-lo – o – ajudá-la
- b) buscar-lhe – contar-lhe – lhe – ajudar-lhe
- c) buscá-lhe – conta-lhe – lhe – ajuda-lhe
- d) buscar-lhe – conta-lo – o – ajuda-lhe
- e) buscá-la – contar-lhe – o – ajudá-la

8. (Fac. Pequeno Príncipe - Medici 2016) [...] Um exemplo da permanência de arcaísmos na fala atual é o uso de “aonde” e “donde” com sentido estático, isto é, significando “onde”. [...]. No Renascimento, mesmo clássicos como João de Barros empregavam as três formas como equivalentes, e isso não era

considerado erro.

Mais tarde, com a normatização gramatical, decidiu-se que “aonde” só se emprega com verbos que rejam a preposição “a” e “donde” só com verbos que rejam “de”. Por sinal, os brasileiros da atualidade usam preferentemente “de onde” a “donde”, mas a confusão entre “onde” e “aonde” continua e, longe de ser mero indício de ignorância, é resquício de um uso ancestral, que na oralidade popular tem passado incólume pelas reformas gramaticais.

Revista Língua Portuguesa, n.º 114, p. 18, abril de 2015.

Considerando a exposição feita no texto anterior, é de uso eminentemente popular e contrário às normas gramaticais o período:

- a) Aonde eu devo levar as meninas amanhã?
- b) Onde moram aqueles funcionários?
- c) De onde provêm esses andarilhos?
- d) Aonde você quer chegar com essa argumentação?
- e) Onde você pensa que vai com esse vaso?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto abaixo é referência para a(s) quest(ões) a seguir.

Vontade de punir

Deu no Datafolha que 87% dos brasileiros querem baixar a maioria penal. Maiorias assim robustas, que já são raras em questões sociais, ficam ainda mais intrigantes quando se considera que, entre especialistas, o assunto é controverso. Como explicar o fenômeno?

Estamos aqui diante de um dos mais fascinantes aspectos da natureza. Se você pretende produzir seres sociais, precisa encontrar um modo de fazer com que eles colaborem uns com os outros e, ao mesmo tempo, se protejam dos indivíduos dispostos a explorá-los. A fórmula que a evolução encontrou para equacionar esse e outros dilemas foi embalar regras de conduta em instintos, emoções e sentimentos que provocam ações que funcionam em mais instâncias do que não funcionam.

Assim, para evitar a superexploração pelos semelhantes, desenvolvemos verdadeiro horror àquilo que percebemos como injustiças. Na prática, isso se traduz no impulso que temos de punir quem tenta levar vantagem indevida. Quando não podemos castigá-los diretamente, torcemos para que levem a pior, o que, além de garantir o sucesso de filmes de Hollywood, torna a justiça retributiva algo popular em nossa espécie.

Isso, porém, é só parte do problema. Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobreria. Se cada mínima ofensa exigisse imediata reparação e todos tivessem de ser tratados de forma rigorosamente idêntica, a vida comunitária seria impossível. A natureza resolve isso com sentimentos como amor e favoritismo, que permitem, entre outras coisas, que mães prefiram seus próprios filhos aos de desconhecidos.

Nas sociedades primitivas, bandos de 200 pessoas onde todos tinham algum grau de parentesco, o sistema funcionava razoavelmente bem. Os ímpetos da justiça retributiva eram modulados pela empatia familiar. Agora que vivemos em grupos de milhões sem vínculos pessoais, a vontade de punir impera incontestemente.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Folhaonline*, em 24 jun. 2015.

9. (Ufpr 2016) Considere o verbo grifado na seguinte frase extraída do texto: “Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobreria”.

Um dos objetivos de um dicionário é esclarecer o significado das palavras, apresentando as acepções de um vocábulo indo do literal para o metafórico. No caso dos verbos, há também informações sobre a regência.

Entre as acepções para o verbo grifado acima, adaptadas do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2001), assinale a que corresponde ao uso no texto.

- a) *t.d.* revolver de cima para baixo e vice-versa; inverter, revirar <o ciclone soçobrou o que encontrou no caminho>.
- b) *t.d/int.* emborcar, virar (geralmente uma embarcação) e ir a pique, naufragar ou fazer naufragar; afundar(-se), submergir (-se) <temiam que a tempestade os soçobrasse> <a embarcação soçobrou>.
- c) *t.d/int.* por metáfora: reduzir(-se) a nada; acabar (com), aniquilar(-se) <com tanta dissipação, sua fortuna soçobrara>.
- d) *t.d.* e *pron.* por metáfora: tornar-se desvairado; agitar-se, perturbar-se <soçobrou-se ante a negativa dela>.
- e) *pron.* por metáfora: perder a coragem, o ânimo; desanimar, esmorecer, acovardar-se <soçobrar-se não é próprio dele>.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Famílias em transformação

Rosely Sayão*

O projeto de lei que cria o Estatuto da Família colocou na pauta do dia a discussão a respeito do conceito de família. Afinal, o que é família hoje? Alguém aí tem uma definição, para a atualidade, que consiga ¹acolher todos os grupos existentes que vivem em contextos familiares?

A Câmara dos Deputados tem a resposta que considera a certa: “Família é a união entre homem e mulher, por meio de casamento ou de união estável, ou a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos”.

Essa é a definição aprovada pela Câmara para o projeto cuja finalidade é orientar as políticas públicas quanto aos direitos das famílias – essas que se encaixam na definição proposta –, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação. Vou deixar de lado a discussão a respeito das injustiças, preconceitos e exclusões que tal definição comporta, para conversar a respeito das famílias da atualidade.

Desde o início da segunda metade do século passado, o conceito de família entrou em crise, e uso a palavra “crise” no sentido mais positivo do termo: o que aponta para renovação e transição; mudança, enfim. Até ²então, ³tínhamos, ⁴na modernidade, uma configuração social hegemônica de família, que ⁵era pautada por um tipo de aliança – entre um homem e uma mulher – e por relações de consanguinidade. As mudanças ⁶ocorridas no mundo determinaram ⁷inúmeras alterações nas famílias, ⁸não apenas em seu desenho, mas, principalmente, em suas dinâmicas.

E é importante aceitar ⁹esta questão¹⁰: não foram as famílias que ¹¹provocaram mudanças na sociedade; esta é que determinou muitas mudanças nas famílias. Só assim ¹²vamos conseguir enxergar que a família não é um agente de perturbação da sociedade. É a sociedade que ¹³tem perturbado, e muito, o funcionamento familiar.

¹⁴Um exemplo? Algumas mulheres ¹⁵renunciam ao direito de ficar com o filho recém-nascido durante todo ¹⁶o período da licença-maternidade determinado por lei, ¹⁷porque ¹⁸isso pode atrapalhar sua carreira profissional¹⁹. Em outras palavras: elas entenderam que a sociedade prioriza o trabalho em detrimento da dedicação à família. É assim ou não é?

Se pudéssemos levantar um único quesito que seria fundamental para caracterizar ²⁰a transformação de um agrupamento de pessoas em família, eu diria que é o vínculo, tanto horizontal quanto vertical. E, hoje, todo mundo conhece grupos de pessoas que vivem sob o mesmo teto ou que têm relação de parentesco ²¹e que não se constituem verdadeiramente em família, ²²por absoluta falta de vínculo entre seus integrantes.

Os novos valores sociais têm norteados as pessoas para ²³esse caminho. Vamos nos lembrar de valores decisivos para nossa sociedade: o consumo, que valoriza o trabalho exagerado, a ambição desmedida e o sucesso a qualquer custo²⁴; a juventude, que leva adultos, independentemente da idade, a adotarem um estilo de vida juvenil, que dá pouco espaço para o compromisso que os vínculos exigem²⁵; ²⁶a busca da felicidade, identificada com satisfação imediata, que leva a trocas sucessivas nos relacionamentos amorosos, como amizades e par afetivo, só para citar alguns exemplos.

O vínculo afetivo tem relação com a vida pessoal²⁷. O vínculo social²⁸, com a cidadania. ²⁹Ambos estão bem frágeis, não é?

* Psicóloga e consultora educacional.

Texto publicado na *Folha de São Paulo*, em 29 set. 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/09/1687809-familias-em-transformacao.shtml>. Acesso em 01 out. 2015. Adaptação.

10. (Unisinos 2016) Considerando as regras de regência e de concordância da variante linguística culta, assinale V nas afirmações verdadeiras e F nas falsas.

- () A substituição do verbo “acolher” (referência 1) por “abrigar” seria adequada semanticamente e não exigiria mudança na relação entre o verbo e seu complemento.
- () A palavra “ocorridas” (referência 6) poderia ser substituída por “que houveram”, sem prejuízo ao sentido nem infração às regras de concordância.
- () A substituição do verbo “provocaram” (referência 11) por “acarretaram” seria adequada semântica e sintaticamente.
- () Se o verbo “renunciam” (referência 15) fosse substituído por “recusam”, o complemento verbal não sofreria nenhuma alteração.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) F – V – V – V.
- b) V – F – V – F.
- c) V – V – F – F.
- d) V – F – F – V.
- e) F – F – V – F.

Redação
Nota 1000
Prof.º Nardy

SEÇÃO 11 (COLOCAÇÃO PRONOMINAL)

O aumento silencioso dos cibercrimes

(Thiago Diniz Nicolai e Guilherme Serapicos Rodrigues Alves)

Desde a decretação da pandemia global da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde em meados de março, ¹temos sentido na pele as transformações que as medidas de isolamento social adotadas para o enfrentamento do vírus provocam em rigorosamente todos os âmbitos sociais.

²A magnitude desse impacto certamente não pode ser subestimada. Com dados como a redução de cerca de 6% da emissão mundial de gás carbônico, diminuição de 70% no tráfego aéreo, 3% de encolhimento da economia global, entre muitos outros, não há lugar ou atividade que não tenha sido afetado.

³Evidentemente, a situação não seria diferente no que diz respeito à dinâmica das atividades criminosas esporádicas ou organizadas.

⁴Com a redução da circulação de pessoas e o aumento do confinamento familiar ininterrupto, ⁵temos observado uma diminuição dos crimes patrimoniais e daqueles relacionados ao comércio de drogas, bem como o aumento dramático nos registros de violência doméstica.

⁶No entanto, o que parece fora do radar são ações ilícitas alheias ao espaço urbano, aquelas que se dão justamente no ambiente a que ⁷todos se recolhem em seus refúgios virtuais da pandemia: o ambiente cibernético.

É importante frisar que tais crimes não são apenas os previstos na Lei n.º 12.737/2012, que dispõe sobre os delitos informáticos, mas sim todos os tipos penais que podem ser praticados por meio virtual, com especial destaque ao estelionato.

⁸Não por acaso, portanto, é o aumento silencioso, mas substancial, dos crimes cibernéticos que tem merecido especial atenção das autoridades internacionais nos últimos meses. Tanto o FBI ⁹como o serviço europeu de polícia (Europol) publicaram comunicados alertando para o aumento do número de crimes cometidos no ambiente virtual durante a crise da Covid-19.

¹⁰No relatório publicado no início do mês passado, as autoridades europeias apontaram ¹¹que os criminosos cibernéticos são aqueles que mais se aproveitam da situação de pandemia para levar a cabo seus esquemas e ataques. Com o aumento do número de pessoas em casa e utilizando serviços on-line, os meios para os cibercriminosos se aproveitarem para explorar oportunidades e vulnerabilidades se multiplicaram.

Mas é importante relembrar que a ameaça dos cibercrimes não é uma novidade dos tempos de pandemia. De acordo com a Organização das Nações Unidas, o prejuízo global em razão de problemas associados ¹²à ¹³segurança da informação já soma aproximadamente US\$ 1 trilhão ao ano.

De toda forma, ¹⁴é indiscutível que o contexto atual torna a situação ainda mais delicada. A partir do momento em que os colaboradores atuam de suas casas com acesso remoto a documentos, a e-mails, a sistemas da empresa, é como se o ambiente virtual dessa empresa avançasse e se confundisse com o ambiente doméstico desses colaboradores, e é ¹⁵ai que mora o perigo.

O criminoso, que ¹⁶antes precisava quebrar uma robusta defesa de uma empresa para acessar seus dados e furtar informações, ¹⁷agora pode fazê-lo a partir do acesso a qualquer computador de um funcionário descuidado, seja um entusiasta de uma senha de acesso "123456" ou alguém que não resista a clicar em ¹⁸um link suspeito que ¹⁹lhe ofereça uma oportunidade imperdível.

É realmente como se fossem abertas inúmeras novas portas de entrada à companhia, e a segurança de cada uma dessas portas depende do zelo de cada um dos colaboradores em seu espaço privado.

²⁰Essas vulnerabilidades merecem especial atenção quando se tem em conta que, de acordo com dados do Senado Federal, o Brasil é o segundo país do mundo com maiores prejuízos decorrentes de crimes cibernéticos, que, em apenas três meses do ano passado, o país registrou nada menos do que 15 bilhões de tentativas de ataques cibernéticos, e que, de acordo com a Fiesp, 59% dos ataques realizados na indústria tem motivação financeira e mais de 60% ocorrem em empresas de pequeno e médio porte.

É importante esclarecer que nosso intuito não é criar pânico, tampouco defender uma posição contrária ao trabalho remoto. Em tempos de pandemia ou não, os avanços tecnológicos já fazem parte do cotidiano e devem avançar cada vez mais, inclusive com registros de ²¹que o home office vem trazendo

resultados positivos às empresas e de que o trabalho remoto deve se difundir ainda mais, mesmo após a atual crise de saúde pública.

Do mesmo modo que não há motivo para alarmismo, porém, não se pode ignorar que as ameaças cibernéticas também vieram para ficar e que é pouco aconselhável que pessoas e empresas se mantenham inertes diante desse cenário.

Há cuidados a serem tomados que demandam maior rigor e assessoria especializada de técnicos em inteligência de informação. Há, por outro lado, atitudes muito simples que já implicam um incremento da segurança no ambiente virtual.

Em primeiro lugar, a simples consciência dessa ameaça cibernética e do perigo que ela representa já é, por si só, o passo ²²essencial. Decorre daí uma mudança natural de cultura, que, em grande medida, passa por afastar a percepção ilusória de segurança e privacidade que tantos possuem quando imersos no ambiente virtual.

Outras medidas são igualmente simples e eficientes, ²³como cartilhas e campanhas de conscientização de colaboradores e funcionários; ²⁴adoção ²⁵de protocolos mais rigorosos para acesso a documentos e sistemas; especial cuidado com arquivos e links recebidos de terceiros; atenção à qualidade e à atualização de hardware e software utilizados tanto na empresa como por colaboradores; e demais medidas de mudança de cultura corporativa, melhor estruturadas por especialistas credenciados em segurança da informação.

²⁶Cibercriminosos também estão confinados em isolamento social, e organizações criminosas estão sofrendo com a diminuição de receitas ilícitas, o que os leva a dedicar grande parte de seu tempo em descobrir novas maneiras de obter vantagens financeiras dos desavisados de quarentena.

Portanto, a lição ²⁷fundamental é lembrar que o ambiente virtual não é neutro e muito menos seguro. Assim como não há diferença entre aquele que acessa o sistema fisicamente na empresa e aquele que se conecta remotamente de seu smartphone.

(Disponível em: <https://migalhas.uol.com.br/depeso/326593/o-aumento-silencioso-dos-cibercrimes>. Data de acesso: 07 dez 2020.)

1. (Uem-pas) Em relação a elementos linguísticos presentes no texto, assinale o que for correto.

- 01) A locução verbal “temos sentido” (ref. 1) denota um evento de natureza pontual, sem expressar a ideia de continuidade.
- 02) “antes” (ref. 16) e “agora” (ref. 17) são elementos lexicais que reforçam a mudança do *modus operandi* dos criminosos do campo cibernético.
- 04) O pronome “lhe” (ref. 19) é adequadamente colocado em posição enclítica, pois só assim consegue retomar a expressão nominal “um link suspeito” (ref. 18).
- 08) O acento indicativo de crase em “à” (ref.12) se justifica em razão da contração fonética entre a preposição “a” e o artigo definido feminino que antecede “segurança” (ref. 13).
- 16) O advérbio “ai” (ref. 15) não se refere a um espaço físico, mas sim à situação de se confundir o ambiente virtual da empresa com o espaço privado dos funcionários.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nunca imaginei um dia

Até alguns anos atrás, eu costumava dizer frases como “eu jamais vou fazer isso” ou “nem morta eu faço aquilo”, limitando minhas possibilidades de descoberta e emoção. Não é fácil libertar-se do manual de instruções que nos autoimpomos. Às vezes, leva-se uma vida inteira, e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto. Por sorte, minha ficha caiu há tempo.

Começou quando iniciei um relacionamento com alguém completamente diferente de mim, diferente a um ponto radical mesmo: ele, por si só, foi meu primeiro “nunca imaginei um dia”. Feitos para ficarem a dois planetas de distância um do outro. Mas o amor não respeita a lógica, e eu, que sempre me senti tão confortável num mundo planejado inaugurei a instabilidade emocional na minha vida. Prendi a respiração e dei um belo mergulho.

A partir daí, comecei a fazer coisas que nunca havia feito. Mergulhar, aliás, foi uma delas. Sempre respeitosa com o mar e chata para molhar os cabelos afundei em busca de tartarugas gigantes e peixes coloridos no mar de Fernando de Noronha. Traumatizada com cavalos (por causa de um equino que quase me levou ao chão quando eu tinha oito anos), participei da minha primeira cavalgada depois dos 40, em

São Francisco de Paula. Roqueira convicta e avessa a pagode, assisti a um show do Zeca Pagodinho na Lapa. Para ver o Ronaldo Fenômeno jogar ao vivo, me infiltrei na torcida do Olímpico num jogo entre Grêmio e Corinthians, mesmo sendo colorada.

Meu paladar deixou de ser monótono: comecei a provar alimentos que nunca havia provado antes. E muitas outras coisas vetadas por causa do "medo do ridículo" receberam alvará de soltura. O ridículo deixou de existir na minha vida.

Não deixei de ser eu. Apenas abri o leque, me permitindo ser um "eu" mais amplo. E sinto que é um caminho sem volta.

Um mês atrás participei de outro capítulo da série "Nunca imaginei um dia". Viajei numa excursão, eu que sempre rejeitei essa modalidade turística. Sigo preferindo viajar a dois ou sozinha, mas foi uma experiência fascinante, ainda mais que a viagem não tinha como destino um país do circuito Elizabeth Arden (Paris-Londres-Nova York), mas um país africano, muçulmano e desértico. Aliás, o deserto de Atacama, no Chile, será meu provável "nunca imaginei um dia" do próximo ano.

E agora cometi a loucura jamais pensada, a insanidade que nunca me permiti, o ato que me faria merecer uma camisa-de-força: eu, que nunca me comovi com bichos de estimação, adotei um gato de rua.

Pode colocar a culpa no espírito natalino: trouxe um bichano de três meses pra casa, surpreendendo minhas filhas, que já haviam se acostumado com a ideia de ter uma mãe sem coração. E o que mais me estarrece: estou apaixonada por ele.

Ainda há muitas experiências a conferir: fazer compras pela internet, andar num balão, cozinhar dignamente, me tatuar, ler livros pelo *kindle*, viajar de navio e mais umas 400 coisas que nunca imaginei fazer um dia, mas que já não duvido. Pois tem essa também: deixei de ser tão cética.

Já que é improvável que o próximo ano seja diferente de qualquer outro, que a novidade sejamos nós.

Medeiros, Martha. Nunca Imaginei um dia. 2009. Disponível em: <http://alagoinhaipaumirim.blogspot.com/2009/12/nunca-imaginei-um-dia-martha-medeiros.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

2. (G1 - col. naval) Em "[...] me permitindo ser um 'eu' mais amplo." (5º parágrafo), há um desvio da modalidade padrão da língua na colocação do pronome destacado. Em que opção isso também ocorre?

- a) Desde criança, eu sempre me senti bastante confortável com a minha vida.
- b) Quero contar-lhes as principais e mais importantes mudanças de minha existência.
- c) Assim resolvem-se as mudanças de vida: com muito sofrimento e com muita coragem!
- d) Convidar-me-ão para falar sobre liberdade e mudança de vida no próximo Simpósio.
- e) Em se tratando de mudanças, mergulhei de forma profunda nos meus sonhos e desejos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Examine a tira de André Dahmer para responder à(s) questão(ões) a seguir.



(Malvados, 2008.)

Redação Nota 1000

3. (Unesp) Constituem exemplos de linguagem formal e de linguagem coloquial, respectivamente, as seguintes falas:

- “Ah, estou morrendo de pena...” e “Ainda vou trabalhar a noite inteira no Iraque, meu rapaz.”
- “Me adianta essa, vai...” e “É cedo para mim.”
- “O importante é trabalhar com o que a gente gosta.” e “Posso lhe dar um emprego bem melhor...”
- “É cedo para mim.” e “Posso lhe dar um emprego bem melhor...”
- “Posso lhe dar um emprego bem melhor...” e “Me adianta essa, vai...”

4. (G1 - cotil) Observe os trechos abaixo e escolha aquele que mais se aproximar do padrão formal da norma culta, considerando os aspectos gramaticais, semânticos e lexicais:

- ao contrário dos meninos ricos que na maioria das vezes se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e ignorados muitas vezes por aqueles que têm o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar deles.
- ao contrário dos meninos ricos que, na maioria das vezes se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e ignorados muitas vezes por aqueles que têm o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar.
- ao contrário dos meninos ricos, que, na maioria das vezes, perdem-se dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas à míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que têm o dever de acolhê-los, com eles se envolver e cuidar deles.
- ao contrário dos meninos ricos que, na maioria das vezes, se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que têm o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar deles.

5. (Espcex (Aman)) Analise as duas frases abaixo:

- Os ladrões estão roubando! Prendam-nos!
- Somos os assaltantes! Prendam-nos!

Assinale a alternativa cuja descrição gramatical dos termos sublinhados está correta.

- a) Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural.
- b) Ambos são pronomes pessoais oblíquos referentes à 1ª pessoa do plural.
- c) Em I, “nos” é pronome reto da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome reto da 1ª pessoa do plural.
- d) Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural. Em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.
- e) Ambos são pronomes pessoais retos referentes à 1ª pessoa do plural.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

DE MAVIOSO ENCANTO

¹Eu vi um beija-flor.

²De manhã reuni a família ao redor da mesa do café e disse: Gente, vou contar uma coisa importante e vocês precisam acreditar em mim. Hoje, enquanto vocês dormiam, vi um beija-flor no terraço.

Foi assim. ³Era de madrugada e acordei chamada pela sede. ⁴Mas o dia me pareceu tão novo que parei de olhar. ⁵E de repente, lá estava ele tecendo entre as flores a rede de seus voos. ⁶Um beija-flor de verdade em 1972, um beija-flor vivo numa cidade de 6 milhões de habitantes.

Ficaram pasmos. ⁷Mas me amavam e acreditaram em mim. ⁸Minha filha pediu que o descrevesse, pediu que o desenhasse e que o pintasse com todas as cores dos seus lápis. Meu marido comoveu-se, eu era uma mulher que ⁹tinha visto um beija-flor, e era dele. ¹⁰Beijou-me na testa. As domésticas foram convocadas para participar da alegria, mas, pessoas de pouca fé, se entreolharam descrentes. As amigas às quais telefonamos me deram parabéns; afinal, eram amigas. A novidade habitou minha casa.

A notícia correu. Verdade, Marina, que você viu um beija-flor? E eu modesta mas banhada de graça, verdade. Ligaram do jornal. Alô, Marina, a que horas? Que cor? De que tamanho? E você tem certeza? Alguém mais viu? Olha gente, não quero fazer declarações. Sei que parece estranho, mas eu vi. A hora não sei bem, nem o tamanho, não medi. ¹¹Sei que era um beija-flor feito os de antigamente, com asas, bico, tudo. Um beija-flor de penas. Fotos? Não tenho, não falei com ele.

¹²Vieram ver o terraço, mediram tudo, controlaram os ventos, ¹³aspiraram as flores. E chegaram à conclusão de que não, não era possível, nenhum beija-flor ¹⁴havia estado ali.

COLASANTI, Marina. *Crônicas para jovens*, 1ª ed. São Paulo: Global, 2012, pp. 23 e 24.

6. (Udesc) Analise as proposições em relação à crônica *De Mavioso Encanto*, Marina Colasanti e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

- () Da leitura do período “Mas me amavam e acreditaram em mim” (ref. 7), infere-se que os familiares, mesmo surpresos e duvidosos com a notícia, deixaram que o amor fosse mais forte que a dúvida.
- () Em “Mas me amavam” (ref. 7) e “Beijou-me na testa” (ref. 10), quanto à colocação pronominal, têm-se próclise e ênclise, sequencialmente, porém, na segunda oração, o pronome pode estar também proclítico e, mesmo assim, mantém-se a língua culta e a correção gramatical.
- () No período “Minha filha pediu que o descrevesse, pediu que o desenhasse e que o pintasse com todas as cores” (ref. 8) as palavras destacadas são, sequencialmente, na morfossintaxe, pronome pessoal/ objeto direto; pronome pessoal/ objeto direto; pronome pessoal/ objeto direto e artigo definido/ adjunto adnominal.
- () A estrutura “Sei que era um beija-flor feito os de antigamente” (ref. 11) revela que o beija-flor, devido ao avanço da civilização, sofreu mutações e portanto diferente do beija-flor conhecido em outra época.
- () O verbo aspirar em “aspiraram as flores” (ref. 13), quanto à regência, classifica-se como transitivo direto e o vocábulo *flores*, sintaticamente, é objeto direto. Substituindo-se o objeto direto pelo pronome pessoal oblíquo tem-se: aspiraram-*nas*.

Assinale a alternativa **correta**, de cima para baixo.

- a) F – F – F – V – V

b) V – V – F – V – F

c) F – F – V – V – V

d) V – F – F – F – V

e) V – F – V – F – V

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O elefante

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.

E o encho de algodão,
de paina, de doçura.

A cola vai fixar
suas orelhas pensas.

A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.

Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.

E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfatiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,

mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.

Mostra com elegância
sua mínima vida,

e não há cidade
alma que se disponha

a recolher em si
desse corpo sensível

a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.

Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,

sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam

e brilham através
dos troncos mais espessos.

Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes

se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho

como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.

7. (Ime) Observe os vocábulos destacados em **negrito** nos versos 39 a 44 do poema, transcritos abaixo:

“Vai **o** meu elefante
pela rua povoada,
mas não **o** querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-**lo** ir sozinho.”

Sobre esses vocábulos, de acordo com a gramática normativa, considere as seguintes afirmações:

- I. o primeiro “o” é um artigo definido e o segundo é uma forma pronominal oblíqua, assim como a forma “lo” em “deixá-lo”.
- II. a colocação do segundo “o” junto ao advérbio de negação aproxima-se do registro mais utilizado no português falado no Brasil.
- III. “o” e “lo” nos versos “mas não o querem ver” e “deixá-lo ir sozinho” são formas pronominais que garantem a coesão referencial anafórica.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- a) I apenas.
- b) III apenas.
- c) I e II apenas.
- d) I e III apenas.
- e) II e III apenas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os caju maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de

fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei pias. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curios, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os cajus de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

8. (Efomm) Assinale a opção em que, conforme a norma culta, **NÃO** é possível acrescentar vírgula ao período.

- a) *Primeiro vamos lá embaixo (...).*
- b) *Agora devem ser três horas da tarde (...).*
- c) *Na minha adolescência você seria uma tortura.*
- d) *Na adolescência me torturaria; mas sou um homem maduro.*
- e) *Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras (...).*

9. (Ufsc) **dia 16 de outubro de 1983**

Primeira noite decente. Sonhei com o consultório da Mary atravessado de papel higiênico, ¹grande confusão: seria quem? Analista, amiga ou namorada? Nenhuma das três?

Não quero agora computar as perdas. Perder é uma lenha. Lá fora está sol, quem escreve deixa um testemunho. ²Reesquentando. Joguei fora algumas coisas já escritas porque não era o testemunho que eu queria deixar. É outro. Outro agora. Acredite se puder. Rejane por perto, acompanhando meus progressos. Peço a ela encarecidamente que ³me faça o favor de lembrá-los. Eu mesma me exercito, mas que péssima memória! Notas, Armando. A memória Fraca para os progressos! Chega desse lero, *Poesia virá quando puder*. Por enquanto, Filho, é isso aí apenas. Saí ao sol onde tentei um do-in, ⁴me sinto exaurida. ⁵Lembra que o diário era alimento cotidiano? Que importa a má fama depois que estamos

mortos? Importa tanto que ⁶abri a lata de lixo: quero outro testemunho. Diário não tem graça, mas ⁷esquenta, pega-se de novo a caneta abandonada, e o interlocutor é fundamental. Escrevo para você sim.

⁸*Da cama do hospital. A lesma quando passa deixa um rastro prateado.*

Leiam se forem capazes.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 309.

Com base na leitura e interpretação do texto e de acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa e com os componentes constitutivos do texto, é correto afirmar que:

- 01) o sinal de dois pontos em “grande confusão: seria quem?” (referência 1) e em “abri a lata de lixo: quero outro testemunho” (referência 6) é usado, nos dois casos, para introduzir uma retificação acerca do termo precedente.
- 02) em “me faça” (referência 3) e em “me sinto” (referência 4), a colocação pronominal poderia ser alterada para “faça-me” e “sinto-me”, pois a ordem do pronome em relação ao verbo é opcional nos dois casos.
- 04) as formas verbais “reesquentando” (referência 2) e “esquenta” (referência 7) são usadas com sentido denotativo, em referência direta ao calor do sol.
- 08) as cinco perguntas presentes no texto (referências 1 e 5) produzem uma impressão de colóquio, isto é, de conversa, ainda que seja uma fala de si para si em um texto escrito.
- 16) o excerto “Da cama do hospital. A lesma quando passa deixa um rastro prateado. Leiam se forem capazes” (referência 8) constitui uma provocação de Ana Cristina Cesar para que o leitor decifre a natureza do testemunho registrado.
- 32) a organização do texto obedece à natureza tradicional dos diários íntimos ao exigir um interlocutor externo, alguém diferente da própria pessoa que os escreve.
- 64) marcas textuais presentes no texto e que o caracterizam como pertencente ao gênero diário são: discurso em primeira pessoa, entrada de data, tom intimista e confessional.

10. (Eear) Leia:

Meteoro

(Sorocaba)

Te dei o Sol

Te dei o Mar

Pra ganhar seu coração

Você é raio de saudade

Meteoro da paixão

Explosão de sentimentos que eu não pude acreditar

Aaaahh...

Como é bom poder te amar [...]

O trecho da canção de autoria de Sorocaba, que ficou famosa na voz de Luan Santana, está escrito em linguagem coloquial. Quanto ao uso dos pronomes oblíquos, marque a alternativa correta.

- a) Se o autor tivesse optado pelo uso do pronome de acordo com a gramática normativa, e, desse modo, tivesse realizado a colocação do pronome oblíquo após as formas verbais com que se inicia os dois versos do início da canção, seria possível interpretações diferentes das apresentadas por conta de cacofonia (união sonora de sílabas que provoca estranheza auditiva).
- b) O fato de o texto trazer pronomes oblíquos em vez de retos acentua a ideia de precisão ao escrever de acordo com as normas estabelecidas pela gramática normativa, pois os oblíquos, de uso mais elaborado que os retos, garantem mais legibilidade ao texto escrito ou falado.
- c) A opção pelo uso de pronomes oblíquos é um indício das tentativas do autor de gerar duplo sentido em seus enunciados, uma vez que nos dois primeiros versos houve ajuste preciso ao que se determina nas gramáticas de língua portuguesa.
- d) Os pronomes oblíquos presentes no trecho da canção visam promover elegância e estilo, uma vez que estão estritamente de acordo com o que se preconiza nas gramáticas normativas.

SEÇÃO 12 (ORTOGRAFIA)

O barroco é estilo ou será a alma do Brasil?

O chamado Século de Ouro, que vai de fins do século XVI a fins do seguinte, é um dos momentos dourados e mais radiantes do Barroco, um estilo artístico que é também uma expressão de vida, uma visão de mundo, uma maneira de sentir, de ver, de se vestir e até de ser. Por isso, volta e meia a gente recorre a esse movimento procurando decifrar o país: será o Brasil um país barroco e, portanto, meio difícil de entender?

Parece que sim. O Brasil não só nasceu culturalmente barroco, como o barroco é “a alma do Brasil”, para citar o livro de Affonso Romano de Sant’Anna sobre o tema. Graças ao estilo, o país foi capaz de criar esplendores como Ouro Preto, erguer obras-primas como algumas igrejas de Minas, Salvador, Recife e Olinda, e dar ao mundo um gênio como Aleijadinho. É por causa do barroco que o visitante sente aquela vertigem, um quase delírio, uma febre do ouro ao entrar na Igreja de São Francisco, em Salvador, e olhar para as paredes.

O barroco não foi. Ele ainda é, continua presente em quase todas as manifestações da cultura brasileira, da arquitetura à pintura, da comida à moda, passando pelo futebol e pelo corpo feminino. [...] Barroca é a técnica de composição que Villa-Lobos usou para criar suas nove “Bachianas”. Barroco é o cinema de Glauber Rocha, é nossa exuberante natureza, é o futebol de Pelé e de todos os que, driblando a racionalidade burra dos técnicos, preferem a curva misteriosa de um chute ou o esplendor de uma finta. Afinal, o barroco é o estilo em que, ao contrário do renascentista, as regras e a premeditação importam menos que a improvisação. Quer coisa mais barroca que o Guga?

Há ainda certa resistência em aceitar o barroco como expressão de nossa alma. [...] Às vezes se toma depreciativamente o estilo por seus excessos – confusão, ênfase e paradoxos. Mas isso é barroquismo, não é barroco. A evolução etimológica ajuda a entender. Barroco, na origem, designa uma pérola grande e com defeito – assim como um país que a gente conhece.

Zuenir Ventura. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI156437-15518,00.html>. Acesso em: 16 ago. 2021. Adaptado.

1. (Upe-ssa 1) Considerando que o texto exemplifica um texto escrito na “expressão culta” do português, na qual os aspectos formais geralmente atendem às normas estabelecidas, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Os tempos verbais empregados no trecho: “O barroco não foi. Ele ainda é” geram incoerência no texto, pois algo que “não foi” não pode permanecer.
- b) As repetições da palavra “barroco” em todos os parágrafos do texto são, além de desnecessárias, uma marca do empobrecimento vocabular do texto.
- c) No trecho: “Quer coisa mais barroca que o Guga?”, o autor empregou o ponto de interrogação para dirigir um questionamento direto ao leitor e expressar uma dúvida sua.
- d) No trecho: “será o Brasil um país barroco?”, há concordância entre a forma verbal e seu sujeito, mesmo estando ele posicionado após o verbo. Essa mesma norma vale para o enunciado “São consideradas barrocas, no Brasil, várias manifestações.”
- e) No 2º parágrafo, encontramos a palavra “obras-primas”, que se grafam com hífen. Também com hífen se grafam as palavras “mão-de-obra” e “dia-a-dia”.

2. (Acafe) Assinale a alternativa cujo texto está de acordo com as normas da língua escrita padrão.

- a) Com um circuito seletivo, o autódromo Spa Francorchamps é encarado como um grande desafio pelos pilotos, que podem tirar o máximo de proveito de seus carros. Todavia, esperam-se grandes emoções, pois há perspectiva de chuva no horário da corrida.
- b) A Polícia Federal investiga os empresários que ajudaram os doleiros a fugir para a Bolívia e Paraguai. A polícia desses países não puderam prender eles porque o Brasil não fez um pedido formal.

- c) A cantora Anitta passou um cortado ontem. Tipo quando um fã se aproximou e teve um *love affair* com a *lady* revelado para quem quisesse ver.
- d) – Para que mentir tanto se tu sabe que eu sei que tu não gosta de mim?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

20 de julho de 1955

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que êles lhe expancaram quando êle estava embriagado.

Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguém, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro do alcool, disisti. Sei que os ébrios não atende.

Adaptado de: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2000.

3. (Uepg-pss 3) A escritora Carolina Maria de Jesus redigiu sua obra mais famosa, *Quarto de Despejo*, em 1955, quando a ortografia era diferente da atual. Além disso, a autora não escrevia de acordo com o padrão gramatical, mas sim de acordo com a variedade popular da língua. Identifique apenas vocábulos grafados de maneira ortograficamente adequada, de acordo com o padrão atual, e assinale o que for correto.

01) Leito, contemplei, despontar.

02) Enchi, zarpei, retornava.

04) Centímetros, espera, expancaram.

08) Aconselhei, vantagens, deturpa.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

nu como um grego

ouço um músico negro

e me desagrego

Adaptado de: LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

4. (Uepg) Após reler o poema de Paulo Leminski, assinale o que for correto.

01) Segundo as normas ortográficas, a palavra “músico” recebe acentuação gráfica pelo fato de sua sílaba tônica ser a antepenúltima.

02) O sujeito com o qual concorda o verbo “ouço” é “um músico negro”.

04) O verbo “desagregar” é utilizado no texto com o sentido de fragmentar-se, desintegrar-se ou desarraigar-se.

08) No verso “nu como um grego”, o termo “um” é utilizado para tornar indeterminado o substantivo “grego”, evitando particularizar ou individualizar esse elemento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nunca imaginei um dia

Até alguns anos atrás, eu costumava dizer frases como “eu jamais vou fazer isso” ou “nem morta eu faço aquilo”, limitando minhas possibilidades de descoberta e emoção. Não é fácil libertar-se do manual de instruções que nos autoimpomos. Às vezes, leva-se uma vida inteira, e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto. Por sorte, minha ficha caiu há tempo.

Começou quando iniciei um relacionamento com alguém completamente diferente de mim, diferente a um ponto radical mesmo: ele, por si só, foi meu primeiro “nunca imaginei um dia”. Feitos para ficarem a dois planetas de distância um do outro. Mas o amor não respeita a lógica, e eu, que sempre me senti tão confortável num mundo planejado inaugurei a instabilidade emocional na minha vida. Prendi a

respiração e dei um belo mergulho.

A partir daí, comecei a fazer coisas que nunca havia feito. Mergulhar, aliás, foi uma delas. Sempre respeitosa com o mar e chata para molhar os cabelos afundei em busca de tartarugas gigantes e peixes coloridos no mar de Fernando de Noronha. Traumatizada com cavalos (por causa de um equino que quase me levou ao chão quando eu tinha oito anos), participei da minha primeira cavalgada depois dos 40, em São Francisco de Paula. Roqueira convicta e avessa a pagode, assisti a um show do Zeca Pagodinho na Lapa. Para ver o Ronaldo Fenômeno jogar ao vivo, me infiltrei na torcida do Olímpico num jogo entre Grêmio e Corinthians, mesmo sendo colorada.

Meu paladar deixou de ser monótono: comecei a provar alimentos que nunca havia provado antes. E muitas outras coisas vetadas por causa do "medo do ridículo" receberam alvará de soltura. O ridículo deixou de existir na minha vida.

Não deixei de ser eu. Apenas abri o leque, me permitindo ser um "eu" mais amplo. E sinto que é um caminho sem volta.

Um mês atrás participei de outro capítulo da série "Nunca imaginei um dia". Viajei numa excursão, eu que sempre rejeitei essa modalidade turística. Sigo preferindo viajar a dois ou sozinha, mas foi uma experiência fascinante, ainda mais que a viagem não tinha como destino um país do circuito Elizabeth Arden (Paris-Londres-Nova York), mas um país africano, muçulmano e desértico. Aliás, o deserto de Atacama, no Chile, será meu provável "nunca imaginei um dia" do próximo ano.

E agora cometi a loucura jamais pensada, a insanidade que nunca me permiti, o ato que me faria merecer uma camisa-de-força: eu, que nunca me comovi com bichos de estimação, adotei um gato de rua.

Pode colocar a culpa no espírito natalino: trouxe um bichano de três meses pra casa, surpreendendo minhas filhas, que já haviam se acostumado com a ideia de ter uma mãe sem coração. E o que mais me estarrece: estou apaixonada por ele.

Ainda há muitas experiências a conferir: fazer compras pela internet, andar num balão, cozinhar dignamente, me tatuar, ler livros pelo *kindle*, viajar de navio e mais umas 400 coisas que nunca imaginei fazer um dia, mas que já não duvido. Pois tem essa também: deixei de ser tão cética.

Já que é improvável que o próximo ano seja diferente de qualquer outro, que a novidade sejamos nós.

Medeiros, Martha. Nunca Imaginei um dia. 2009. Disponível em: <http://alagoinhaipaumirim.blogspot.com/2009/12/nunca-imaginei-um-dia-martha-medeiros.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

5. (G1 - col. naval) Assinale a opção que completa, corretamente, as lacunas do período abaixo.

"_____ alguns anos, _____ ampliar suas descobertas e suas emoções, a autora passou a vivenciar _____ inovações, _____ foi a adoção de um gato de rua a _____ comovente."

- a) Há – a fim de – bastantes – mas – mais
- b) Há – afim de – bastantes – mais – mais
- c) A – a fim de – bastante – mas – mais
- d) A – afim de – bastantes – mais – mas
- e) Há – a fim de – bastante – mas – mais

6. (G1 - ifpe)



BECK, A. Disponível em <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/143703532119/tirinha-original>>. Acesso em: 26 out. 2019.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, a palavra “autoestima”, que foi empregada no primeiro quadrinho do texto, é grafada sem hífen. Isso acontece com muitos outros vocábulos. Considerando as regras para o uso do hífen em palavras com prefixos, assinale a alternativa que possui uma palavra grafada CORRETAMENTE, conforme o referido acordo.

- a) Micro-ondas.
- b) Contra-indicação.
- c) Infra-estrutura.
- d) Auto-escola.
- e) Mini-saia.

7. (G1 - ifmt) Leia as frases abaixo e, em seguida, faça o que se pede:

O adultério foi _____, conforme o novo Código Penal.

O congestionamento na Avenida Paulista paralisou o _____ de veículos por duas horas.

Ao beber e dirigir, o condutor está _____ as leis de trânsito.

Os assaltantes foram presos em _____ delito quando tentavam roubar o carro.

Indique a alternativa na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases acima:

- a) discriminado – tráfego – infringindo – flagrante.
- b) discriminado – tráfico – infringindo – fragrante.
- c) discriminado – tráfego – infligindo – fragrante.
- d) discriminado – tráfego – infligindo – flagrante.
- e) discriminado – tráfico – infligindo – fragrante.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Adultos jogam mais videogame do que adolescentes no Brasil

E as mulheres são maioria: 53% do público fã de jogos eletrônicos é do sexo feminino, segundo levantamento nacional

Pare e pense em alguém que curte videogame. Provavelmente, você imaginou um homem jovem, certo? Bem, talvez esteja na hora de rever essa imagem. De acordo com a Pesquisa Games Brasil 2019, os brasileiros fãs de joguinhos eletrônicos são adultos e, a maioria, mulheres.

A sexta edição do levantamento – conduzido pelas instituições Sioux Group, Go Gamers, Blend e ESPM – aponta que as mulheres compõem 53% dos gamers no país. E a faixa etária predominante, tanto entre elas quanto entre eles, não são adolescentes: os jogadores convictos têm entre 25 e 54 anos. A maioria, inclusive, está à frente de uma família: 35% moram com os filhos e o cônjuge; aqueles que declararam morar com os pais são 27%.

O celular é a plataforma favorita dos 3.251 brasileiros entrevistados: 83% costumam jogar diretamente pelo smartphone. Os consoles vêm em segundo lugar – 48,5% disseram que preferem videogames como PlayStation e Xbox.

Para 89% dos participantes da pesquisa, os joguinhos são um método de relaxamento, algo que fazem quando estão em casa. Somente 4,7% jogam quando estão no trânsito ou no transporte público.

A cada 10 jogadores, apenas três se consideram gamers hardcore: eles podem até não jogar todos os dias, mas estão sempre por dentro dos lançamentos, preferem partidas mais longas, gostam de jogar em consoles e gastam mais de R\$ 1.000 por ano com games.

A maior parte dos voluntários é de gamers casuais. Embora não se interessem tanto pelos avanços tecnológicos nem gastem dinheiro com isso, dedicam bastante tempo para essa atividade: costumam jogar três vezes por semana e podem ficar até três horas jogando sem parar.

(Texto extraído de <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/07/adultos-jogammais-videogame-do-que-adolescentes-no-brasil.html>, Acesso: 10/09/2019)

8. (G1 - ifsc) Ainda em relação ao texto, considere a seguinte frase:

A maior parte dos gamers no país são _____ e a maioria dos participantes da pesquisa consideram o jogo como uma forma de _____ quando estão em casa. A plataforma preferida dos gamers é _____ e eles podem ficar até _____ jogando sem parar.

De acordo com as informações do texto, a alternativa que preenche adequadamente as lacunas é:

- a) a mulheres - relaxamento - celulares - três horas.
- b) os jovens - descontração - tablets - duas horas.
- c) as mulheres - diversão - celular - três horas.
- d) as mulheres - relachamento - o celular - trez horas.
- e) as mulheres - relaxamento - o celular - três horas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

– Mas que ossos tão ¹miudinhos! São de criança?
– Ele disse que eram de adulto. De um ano.
– De um ano? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, ²é raro à beça esqueleto de ano. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos ³um pequeno crânio de uma ³brancura de cal. – Tão perfeito, todos os ⁴dentinhos!
– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui do lado, ⁵só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. ⁶Telefone, também. ⁷Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha coma garrafa térmica, fechem bem a garrafa – recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. ⁸Soltou uma baforada final: – ⁹Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho de seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Esvaziei a mala, dependurei a blusa ¹⁰amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e ¹¹sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, ¹²desatarraxar ¹³a lâmpada ¹⁴fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. ¹⁵O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do ¹⁶caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra ¹⁷e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam os ovos numa caixa.

– Um ano. ¹⁸Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim de semana começo a montar ele.

TELLES, Lygia Fagundes. *Melhores contos* | Lygia Fagundes Telles, seleção de Eduardo Portella. – [13 ed.] – São Paulo: Global, 2015, p.123.

9. (Udesc) Analise as proposições em relação à obra *Melhores contos*, Lygia Fagundes Telles, ao conto “As formigas” e ao trecho apresentado.

- I. Embora a autora se enquadre no período pós-moderno ou contemporâneo, o conto possui uma linguagem simbólica, que comprova a exuberância da narrativa pela fusão de imagens (descrições) auditivas, olfativas e visuais, constituindo uma característica da escola simbolista – sinestesia.
- II. A descrição caricata da dona da pensão, a presença do animal de estimação – um gato, o codinome que ela recebe – bruxa, são elementos que causam estranheza e cotizam-se para a atmosfera do fantástico, do sobrenatural.
- III. No período “e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel” (ref. 17) a palavra destacada, e que estabelece a relação de comparação, pode ser substituída por *tal qual*, sem comprometer a classificação morfológica, o sentido e a coerência, no texto.
- IV. Nas estruturas “é raro à beça” (ref. 2) e “Café das sete às nove” (ref. 7) o sinal gráfico da crase somente é obrigatório na segunda estrutura, por se tratar de hora determinada, e na primeira estrutura o emprego é optativo.
- V. Na oração “Não deixem a porta aberta senão meu gato foge” (ref. 9) a palavra em destaque pode ser substituída por *se não*, pois ambas têm a mesma acepção que *contrário*, logo não há alteração semântica.

Assinale a alternativa **correta**.

- a) Somente as afirmativas II, III e V são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II, IV e V são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são verdadeiras.
- e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
22 de maio

¹Eu hoje estou triste. ²Estou nervosa. ³Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. ⁴Cosinhei as batatas, eles comeram. ⁵Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. ⁶Onde já se viu favelado com estas finezas?

... Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. ⁷Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ⁸ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste ⁹viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. ¹⁰Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

¹¹– Mamãe, ¹²vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome eu fui pedir auxílio ao ¹³propalado Serviço Social. Foi lá que ¹⁴eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver ¹⁵os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. ¹⁶A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, pp. 41 e 42.

10. (Udesc) Relacione as duas colunas pautando a transgressão, quanto à língua formal culta, identificada no texto apresentado.

1. "Cosinhei as batatas" (ref. 4)
2. "Dura é a cama que dormimos" (ref. 7)
3. "vende eu para Dona Julita" (ref. 12)
4. "eu vi as lágrimas" (ref. 14)
5. "os dramas que ali se desenrola" (ref. 15)

- () acentuação gráfica
- () regência verbal
- () concordância verbal
- () ortografia
- () emprego inadequado do pronome reto

Assinale a alternativa que contém a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 4 – 5 – 2 – 1 – 3

b) 5 – 2 – 3 – 1 – 4

c) 2 – 1 – 4 – 3 – 5

d) 4 – 2 – 5 – 1 – 3

e) 4 – 5 – 2 – 3 – 1

Redação
Nota 1000
Prof. Nardy

SEÇÃO 13 (ACENTUAÇÃO)

A redescoberta do eu

No pequeno conto “Perguntais-me como me tornei louco...”, o escritor e poeta Khalil Gibran descreve a libertação de um homem das suas máscaras. Ele conta a ¹trajetória do protagonista, que acorda e vê ²que as sete máscaras que ele havia confeccionado e usado durante a vida tinham sido roubadas. Desesperado, ele sai pelas ruas gritando “Ladrões, ladrões, ³malditos ladrões”.

Um garoto em um telhado grita “É um louco!”, e o protagonista ⁴ao olhar para o telhado recebe a luz do sol pela primeira vez em sua face nua. ⁵Em um transe, ele grita “Benditos, benditos os ladrões que roubaram minhas máscaras!”. E, ⁶assim, se torna um louco.

Carl Gustav Jung, psiquiatra, psicoterapeuta e fundador da psicologia analítica, criou o conceito de individuação. A individuação consiste ⁷_____ indivíduo alcançar sua ⁸singularidade profunda. Segundo Jung, a individuação ocorre na meia idade, ⁹que para ele se dava aos 30 anos, quando o homem, após construir sua vida de relações, volta-se para seu mundo interno na busca do verdadeiro eu. Em 1875, Jung nasceu na Suíça. Gibran nasceu oito anos depois, no Líbano. Aos 13 anos, Gibran mudou-se com a mãe e os irmãos para os Estados Unidos. Assim, há poucas chances de que Jung tenha influenciado Gibran, ¹⁰entretanto ¹¹é provável ¹²que os dois tenham sido influenciados pelo Zeitgeist, ou espírito da época. Uma época em que a sociedade ditava com enorme rigor como os indivíduos deveriam se comportar.

Porém, mesmo hoje em uma sociedade mais liberal, vamos precisando construir máscaras ao longo da vida. Ainda na infância, precisamos assumir ¹³_____ que nos tornam aceitáveis para os colegas de escola. Na adolescência, precisamos nos adaptar aos grupos ¹⁴_____ escolhemos pertencer. No trabalho, precisamos construir o eu profissional. Precisamos assumir o papel de marido, esposa, companheiro ou companheira, de pai ou mãe e, assim, vamos assumindo máscaras ao longo da vida.

¹⁵Não sei se é possível viver com a face nua a que se referiu Gibran ou, como falava Jung, o verdadeiro eu. A própria psicoterapia junguiana ¹⁶já não é tão ¹⁷ortodoxa nesse sentido. Porém, ¹⁸quanto mais longa a nossa vida, mais difícil é conviver com as máscaras construídas ao longo dela.

Toda mudança tem custos. Assim, é muito mais fácil deixar a vida no piloto automático ou, como no ditado popular, “deixar tudo como está ¹⁹para ver que fica”. Contudo, as mudanças também podem trazer grandes melhorias na vida daqueles ²⁰que decidem pagar o preço de mudar.

Quando a expectativa de vida era de 60 anos, a equação entre o preço de mudar e o benefício que poderia ser colhido com a mudança tendia para a manutenção do *status quo*. Só que agora, quando alguém olha para o seu próprio futuro, tem um horizonte muito mais amplo. São muitos anos pela frente e o custo de viver sustentando uma *persona* que não lhe cabe mais se torna muito elevado.

A nossa *persona* é a forma como queremos ser vistos pela sociedade, ela é a forma como nos relacionamos com o coletivo e como o coletivo nos vê. Assim, não se trata de mudar nossa essência ou aquilo que realmente somos. Mas se trata, sim, de se permitir ser quem as *personas* velhas escondiam ou, como disse Gibran, é deixar o sol banhar a nossa face nua.

²¹Como não sou poeta, não tenho o sonho de que seja possível viver em sociedade sem nenhuma máscara. Elas são necessárias, pois poucos suportam o preço da loucura. Desse modo, não se trata de abandonar, ²²mas sim de questionar nossos compromissos morais, sociais e culturais de ²³outrora.

Acredito que a maturidade nos mostre ²⁴que é possível construir uma nova *persona*, mais leve e sem tantos apegos a um passado ²⁵_____ não queremos mais ter compromissos.

Fonte: MACEDO JR, Jurandir Sell. A redescoberta do eu. **Forbes**, 12 nov. 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2020/11/jurandir-sell-macedo-jr-a-redescoberta-do-eu/>>. Acesso em: 12 jan. 2021. (Adaptado.)

1. (Ucs 2021) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas nas referências 7, 13, 14 e 25.

- a) no, papeis, à que, em que
- b) no, papeis, a que, que
- c) em o, papéis, a que, com o qual
- d) em o, papeis, à que, que

e) em o, papéis, à que, com o qual

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Padrão de beleza: mutante, mas sempre ao nosso redor

Fomos ensinadas a agradar e a nos preocupar com a opinião alheia, a nos comportar de determinada maneira, a nos vestir com roupas específicas, ter um tipo de cabelo e por aí vai.

Quando não seguimos a cartilha, algumas pessoas se sentem no direito de fazer ¹comentários ou brincadeiras sobre nossas características físicas sem ninguém ter pedido uma opinião. ²Ao longo dos anos, isso vai se internalizando em nós. Passamos a ver como problema algo que nem era uma questão, dando poder a palavras destrutivas.

Bom, nós sabemos que mesmo racionalizando tudo isso, muitas vezes nos pegamos inseguras por não apresentarmos ³um conjunto de traços que satisfaçam essas expectativas.

⁴Por muito tempo, fomos ensinadas a agir dessa maneira. ⁵Quando não somos magras o suficiente ou temos estrias, nos culpamos e seguimos em busca de melhorar a todo custo. ⁶Entender essa dinâmica é o primeiro passo para construir uma mudança real e significativa em nossas vidas.

⁷Se antes os grandes culpados eram os ensaios fotográficos e as campanhas publicitárias estampados nas revistas femininas, ⁸hoje somos bombardeadas por centenas de imagens. Facebook, Instagram e Pinterest estão aí para mostrar padrões de beleza corporal a todo o momento. Ou seja, o padrão de beleza imposto pela mídia agora também é encontrado nas redes sociais. Uma das maiores problemáticas desse ambiente é que, mesmo dando preferência para seguir pessoas conhecidas, ainda há uma tentativa constante, por parte de todas nós, de mostrarmos uma existência maravilhosa.

São fotos e mais fotos de pessoas malhando loucamente, sem estrias ou sinais de celulite. E pensamos: por que não eu? ⁹Esse momento pode ser o mais perigoso porque gera muitas frustrações.

¹⁰Está tudo bem você querer perder uns quilinhos ou seguir um estilo mais saudável, desde que seja uma escolha sua e com acompanhamento médico. E esse é o X da questão. Muitas vezes, queremos alcançar níveis surreais de magreza ou definição que não têm nada a ver com a gente.

¹¹Começamos a perseguir uma vida que vemos em nosso feed, mas cujos bastidores não conhecemos. ¹²Gastamos nosso salário em procedimentos estéticos, dietas e para quê? ¹³Muitas vezes, apenas para chegar a alguma meta difícil de ser alcançada e que não combina com o nosso estilo de vida e valores pessoais. [...]

Se o seu ritmo é acordar mais cedo, correr, voltar para a casa, comer uma tapioca e se arrumar para o trabalho, ótimo. Se você não é fã de uma rotina regrada, gosta da sua alimentação do jeito que ela é, tudo certo também. E se um dia você acordar e quiser mudar tudo, não tem nenhum problema!

¹⁴Sabemos que estamos falando de um assunto delicado. No entanto, insistimos: escolha cuidar de você, da sua saúde mental e da sua qualidade de vida em primeiro lugar. E vamos nos apoiar nesta caminhada, dando um passo por vez, cada uma no seu ritmo. Vamos juntas, no agora ou no futuro, dizer: ¹⁵amo meu corpo do jeitinho que ele é.

Texto adaptado. Disponível em <https://www.pantys.com.br/blogs/pantys/padrao-de-beleza-mutante-mas-sempre-ao-nosso-redor> Acesso em 28 de maio de 2021.

2. (Uece 2021) Acentuam-se pelos mesmos critérios as palavras

- a) “ninguém” e “nós”.
- b) “opinião” e “mídia”.
- c) “médico” e “preferência”.
- d) “físicas” e “fotográficos”.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Nunca imaginei um dia

Até alguns anos atrás, eu costumava dizer frases como “eu jamais vou fazer isso” ou “nem morta eu faço aquilo”, limitando minhas possibilidades de descoberta e emoção. Não é fácil libertar-se do manual de instruções que nos autoimpomos. Às vezes, leva-se uma vida inteira, e nem assim conseguimos viabilizar esse projeto. Por sorte, minha ficha caiu há tempo.

Começou quando iniciei um relacionamento com alguém completamente diferente de mim, diferente a um ponto radical mesmo: ele, por si só, foi meu primeiro “nunca imaginei um dia”. Feitos para

ficarem a dois planetas de distância um do outro. Mas o amor não respeita a lógica, e eu, que sempre me senti tão confortável num mundo planejado inaugurei a instabilidade emocional na minha vida. Prendi a respiração e dei um belo mergulho.

A partir daí, comecei a fazer coisas que nunca havia feito. Mergulhar, aliás, foi uma delas. Sempre respeitosa com o mar e chata para molhar os cabelos afundei em busca de tartarugas gigantes e peixes coloridos no mar de Fernando de Noronha. Traumatizada com cavalos (por causa de um equino que quase me levou ao chão quando eu tinha oito anos), participei da minha primeira cavalgada depois dos 40, em São Francisco de Paula. Roqueira convicta e avessa a pagode, assisti a um show do Zeca Pagodinho na Lapa. Para ver o Ronaldo Fenômeno jogar ao vivo, me infiltrei na torcida do Olímpico num jogo entre Grêmio e Corinthians, mesmo sendo colorada.

Meu paladar deixou de ser monótono: comecei a provar alimentos que nunca havia provado antes. E muitas outras coisas vetadas por causa do "medo do ridículo" receberam alvará de soltura. O ridículo deixou de existir na minha vida.

Não deixei de ser eu. Apenas abri o leque, me permitindo ser um "eu" mais amplo. E sinto que é um caminho sem volta.

Um mês atrás participei de outro capítulo da série "Nunca imaginei um dia". Viajei numa excursão, eu que sempre rejeitei essa modalidade turística. Sigo preferindo viajar a dois ou sozinha, mas foi uma experiência fascinante, ainda mais que a viagem não tinha como destino um país do circuito Elizabeth Arden (Paris-Londres-Nova York), mas um país africano, muçulmano e desértico. Aliás, o deserto de Atacama, no Chile, será meu provável "nunca imaginei um dia" do próximo ano.

E agora cometi a loucura jamais pensada, a insanidade que nunca me permitiu, o ato que me faria merecer uma camisa-de-força: eu, que nunca me comovi com bichos de estimação, adotei um gato de rua.

Pode colocar a culpa no espírito natalino: trouxe um bichano de três meses pra casa, surpreendendo minhas filhas, que já haviam se acostumado com a ideia de ter uma mãe sem coração. E o que mais me estarrece: estou apaixonada por ele.

Ainda há muitas experiências a conferir: fazer compras pela internet, andar num balão, cozinhar dignamente, me tatuar, ler livros pelo *kindle*, viajar de navio e mais umas 400 coisas que nunca imaginei fazer um dia, mas que já não duvido. Pois tem essa também: deixei de ser tão cética.

Já que é improvável que o próximo ano seja diferente de qualquer outro, que a novidade sejamos nós.

Medeiros, Martha. Nunca Imaginei um dia. 2009. Disponível em: <http://alagoinhaipaumirim.blogspot.com/2009/12/nunca-imaginei-um-dia-martha-medeiros.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

3. (G1 - col. naval 2021) Assinale a opção que apresenta palavras que devem ser acentuadas seguindo, respectivamente, as mesmas regras das palavras em destaque nos trechos: "[...] sempre me senti tão confortável [...]" (2º parágrafo); O ridículo deixou de existir na minha vida." (4º parágrafo); e "[...] que a novidade sejamos nós". (10º parágrafo)

- a) Carater, comodo, pa.
- b) Cascavel, cubiculo, no.
- c) Armazem, albuns, açai.
- d) Aprazivel, biceps, atras.
- e) Cartomancia, alcool, soror.

4. (Ufsc 2020)





Disponível em: <https://m.educador.brasilecola.uol.br> e em: <https://exercicios.mundoeducacao.bo.uol.com.br>. [Adaptado]. Acesso em: 30 set. 2019.

- Com base nos Textos 1 e 2 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:
- 01) nos Textos 1 e 2, o garoto toma a decisão de não responder à questão que lhe é proposta.
 - 02) o tema do Texto 1 é uma questão de matemática e o do Texto 2 é uma questão de física, mas o efeito de humor desses textos consiste em relacioná-los à literatura e à linguística, respectivamente.
 - 04) a ideia central e comum aos dois textos é de que tanto para responder a uma questão de matemática quanto a uma de física são necessários conhecimentos de literatura e de linguística.
 - 08) as palavras “transformo”, “instigantes” e “desinteressantes” são formadas por prefixo acrescido de radical.
 - 16) o Texto 2 explora a ambiguidade identificada pelo garoto na expressão “suas próprias palavras”.
 - 32) no Texto 1, as palavras “número”, “subtraído”, “literário” e “mistério” recebem acento gráfico agudo decorrente da mesma regra de acentuação.
 - 64) no Texto 2, “essas brechas”, no quarto quadro, retoma o duplo sentido expresso pelo primeiro quadro, que permite ao garoto a resposta apresentada no terceiro quadro.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o trecho a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“Olhai, oh Senhor, os jovens nos postos de gasolina. Apiedai-vos dessas pobres criaturas, a desperdiçar as mais belas noites de suas juventudes sentadas no chão, tomando Smirnoff Ice, entre bombas de combustível e pães de queijo adormecidos. Ajudai-os, meu Pai: eles não sabem o que fazem. [...] As ruas são violentas, é verdade, mas nem tudo está perdido.

[...]

Salvai-me do preconceito e da tentação, oh Pai, de dizer que no meu tempo tudo era lindo, maravilhoso. [...] Talvez exista alguma poesia em passar noite após noite sentado na soleira de uma loja de conveniência, e desfilar com a chave do banheiro e sua tabuinha, em gastar a mesada em chicletes e palha italiana. Explica-me o mistério, numa visão, ou arrancai-os dali. É só o que vos peço, humildemente, no ano que acaba de nascer. Obrigado, Senhor.”

PRATA, Antônio. Conveniência. *O Estado de S. Paulo*, 11 jan. 2008.

5. (Ufms 2020) A palavra “após” recebe acento gráfico por ser:

- a) oxítone terminada em “o”, seguida de “s”.
- b) proparoxítone.
- c) paroxítone terminada em ditongo decrescente.
- d) monossílabo tônico terminado em “o”.
- e) paroxítone terminada em “o”, seguida de “s”.

SEÇÃO 14 (FIGURAS DE LINGUAGEM)

1. De maneira que, assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim também a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando. Ensinastes o gentio bárbaro e rude, e que cuidais que faz aquela doutrina? Mata nele a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorância, e introduz o conhecimento; mata a bruteza, e introduz a razão; mata a infidelidade, e introduz a fé; e deste modo, por uma conversão admirável, o que era fera fica homem, o que era gentio fica cristão, o que era despojo do pecado fica membro de Cristo e de S. Pedro. [...] Tende-os [os escravos], cristãos, e tende muitos, mas tende-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas. Isto é o que vos desejo, isto é o que vos aconselho, isto é o que vos procuro, isto é o que vos peço por amor de Deus e por amor de vós, e o que quisera que leváreis deste sermão metido na alma.

(Antônio Vieira. "Sermão do Espírito Santo" (1657). <http://tupi.fflch.usp.br.>)

O Sermão do Espírito Santo foi pregado pelo Padre Antônio Vieira em São Luís do Maranhão, em 1657, e recorre

- a metáforas, para defender a liberdade de natureza de todos os animais criados por Deus.
- à ironia, para condenar a escravização de nativos e africanos nas lavouras de algodão.
- a antíteses, para reconhecer a escravização dos nativos como um caminho possível do trabalho missionário.
- à retórica barroca, para contestar a ideia de que os africanos e os nativos merecem a liberdade e a salvação.
- à retórica clássica, para acusar os proprietários de escravos de descuidar dos direitos humanos dos nativos.

2.



Disponível em: <https://bit.ly/38U3MoX/>.

Tendo como objetivo aumentar o estoque de sangue do HEMORIO, a campanha publicitária faz uso dos seguintes recursos linguísticos:

- intertextualidade e prosopopeia.

- b) ambiguidade e paradoxo.
- c) neologia e polissíndeto.
- d) ambiguidade e paronímia.
- e) intertextualidade e polissemia.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto I



(Denilson Baniwa, *Repovoamento da memória de uma cidade-floresta*, 2021, Mural Lambe-lambe, 3,80m x 12m. Disponível em <https://www.premiopia.com/wp-content/uploads/2019/03/23-Denilson-Baniwa.jpeg>. Acessado em 05/07/2021.)

Texto II

Para que as memórias e tradições permaneçam vivas, o Museu da Pessoa, a Rádio Yandê e Ailton Krenak vão realizar uma formação virtual em memória e mídias para que jovens das comunidades originárias registrem as histórias de vida de seus anciãos e anciãs.

O ditado “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” é válido para os povos indígenas, portanto nosso lema é “Cada ancião que se preserva é uma biblioteca que se salva”. Na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral. “A gente não sabe até quando que vão ter esse conhecimento completo. A gente vai morrendo e vai se apagando tudo. A gente não é igual vocês, que fica tudo guardado em algum lugar (...)”

(Awapataku Waura, ancião e pajé do povo Waura).

(Adaptado de “Projeto Vidas Indígenas”, vídeo institucional do Museu da Pessoa, sobre registro de narrativas orais indígenas. Disponível em: <https://benfeitoria.com/vidasindigenas>. Acessado em 04/04/2021.)

3. No texto II (*Projeto Vidas Indígenas*), é utilizada uma metáfora que relaciona “ancião” e “biblioteca”. As citações a seguir tratam da importância de anciãos e anciãs indígenas para a transmissão do conhecimento. Assinale aquela que também faz uso de uma metáfora.

- a) “Perder um ancião é o mesmo que fechar um livro. Ou mesmo queimar um livro” (Comissão Pró-Índio, *Twitter*, via @g1).
- b) “Morte de anciãos indígenas na pandemia pode fazer línguas inteiras desaparecerem” (manchete da BBC Brasil News).
- c) “A morte de uma anciã ou um ancião é tratada como se uma biblioteca fosse perdida” (site “Racismo Ambiental”).
- d) “Nikaiti Mekranotire é mais uma vítima do covid-19. Perdemos uma enciclopédia” (Mayalú Txucarramãe, *Twitter*).

4. “Repartimos a vida em idades, em anos, em meses, em dias, em horas, mas todas estas partes são tão duvidosas, e tão incertas, que não há idade tão florente, nem saúde tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro.”

(Antonio Vieira, “Sermão de Quarta-feira de Cinza – ano de 1673”, em *A arte de morrer*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 79.)

Nesta passagem de um sermão proferido em 1673, Antônio Vieira retomou os argumentos da pregação que fizera no ano anterior e acrescentou novas características à morte. Para comover os ouvintes, recorreu ao uso de anáforas.

Assinale a alternativa que corresponde ao efeito produzido pelas repetições no sermão.

- a) A repetição busca sensibilizar os fiéis para o desengano da passagem do tempo.
- b) A repetição busca demonstrar aos fiéis o temor de uma vida longa.
- c) A repetição busca sensibilizar os fiéis para o valor de cada etapa da vida.
- d) A repetição busca demonstrar aos fiéis a insegurança de uma vida cristã.

5. O pavão vermelho

Ora, a alegria, este pavão vermelho,
está morando em meu quintal agora.
Vem pousar como um sol em meu joelho
quando é estridente em meu quintal a aurora.

Clarim de lacre, este pavão vermelho
sobrepuxa os pavões que estão lá fora.
É uma festa de púrpura. E o assemelho
a uma chama do lábaro da aurora.

É o próprio doge a se mirar no espelho.
E a cor vermelha chega a ser sonora
neste pavão pomposo e de chavelho.

Pavões lilases possui outrora.
Depois que amei este pavão vermelho,
os meus outros pavões foram-se embora.

COSTA, S. *Poesia completa*: Sosígenes Costa. Salvador: Conselho Estadual de Cultura. 2001.

Na construção do soneto, as cores representam um recurso poético que configura uma imagem com a qual o eu lírico

- a) revela a intenção de isolar-se em seu espaço.
- b) simboliza a beleza e o esplendor da natureza.
- c) experimenta a fusão de percepções sensoriais.
- d) metaforiza a conquista de sua plena realização.
- e) expressa uma visão de mundo mística e espiritualizada.

6. Entre os versos de Gilberto Gil transcritos a seguir, podemos identificar uma relação paradoxal em:

- a) “Sou viramundo virado / pelo mundo do sertão.”
- b) “Louvo a luta repetida / da vida pra não morrer.”
- c) “De dia, Diadorim, / de noite, estrela sem fim.”
- d) “Toda saudade é presença / da ausência de alguém.”

7. Examine o cartum de Quino.



(Cada um no seu lugar, 2005.)

Contribui para o efeito de humor do cartum o recurso

- a) à antítese.
- b) ao eufemismo.
- c) à personificação.
- d) à hipérbole.
- e) ao paradoxo.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Os estatutos do homem (Ato Institucional Permanente)

A Carlos Heitor Cony

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.

Agora vale a vida,

E de mãos dadas,

Marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,

Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,

Têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

/.../

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor

Sempre foi e será sempre

não poder dar-se amor a quem se ama

/.../

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:

Amar sem amor.

(MELLO, Thiago de. *Os estatutos do homem*. São Paulo: Vergara & Riba, 2001.)

8. A seguir são apresentadas referências a figuras de linguagem que podem ser encontradas em determinadas partes do texto. Assinale a alternativa em que a figura proposta **NÃO** se faz presente no trecho citado.

- a) No Artigo I encontra-se exemplo de aliteração.
- b) No Artigo VIII encontra-se exemplo de metonímia.
- c) No Artigo II encontra-se exemplo de metáfora.
- d) No Parágrafo Único encontra-se exemplo de paradoxo.

9. – Meu padrinho é cheio de mistério. Por isso não te contou que eu existia – ela disse.

– O professor é um homem... engraçado – eu respondi, com um sorriso amarelo.

Ela quase deu uma gargalhada, mas segurou a tempo, como uma boa princesa. Então disse, com discreta malícia:

– Esse foi o eufemismo do século...

LACERDA, Rodrigo. *O Fazedor de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 80.

No diálogo, o adjetivo usado pelo narrador é interpretado como um eufemismo para

- a) excêntrico.
- b) brincalhão.
- c) expansivo.
- d) interessante.

10.

aniversário (s.m.)

é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular. é sinônimo de doce. é festejar o próprio ser. é receber os abraços mais gostosos. é um bolo de chocolate vegano (*obrigado, mãe*). é quando eu esqueço o que não importa. é o dia em que eu me dou folga das folgas que a vida não me dá. é quando seus amigos se juntam para comprar a nova coleção de livros do Harry Potter pra você (*valeu, galera*)! é a felicidade fazendo visita.

é um balão imaginário que tem gosto de amor e cheirinho de infância.

DOEDERLEIN, J. *O livro dos resignificados*. São Paulo: Parábola, 2017.

Nessa simulação de verbete de dicionário, não há a predominância da função meta linguística da linguagem, como seria de se esperar. Identificam-se elementos que subvertem o gênero por meio da

incorporação marcante de características da função

a) conativa, como em “(valeu, galera)!”.

b) referencial, como em “é festejar o próprio ser.”

c) poética, como em “é a felicidade fazendo visita.”

d) emotiva, como em “é quando eu esqueço o que não importa.”

e) fática, como em “é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular.”

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

SEÇÃO 23 (INTERPRETAÇÃO GERAL)

1. (Ufsc 2020) **A mão no ombro**

Fragmento 1

E se cheguei até aqui é porque vou morrer. Já?, horrorizou-se olhando para os lados mas evitando olhar para trás. A vertigem o fez fechar de novo os olhos. Equilibrou-se tentando se agarrar ao banco, Não quero!, gritou. Agora não, meu Deus, espera um pouco, ainda não estou preparado! Calou-se, ouvindo os passos que desciam tranquilamente a escada. Mais tênue que a brisa, um sopro pareceu reavivar a alameda. Agora está nas minhas costas, ele pensou, e sentiu o braço se estender na direção do seu ombro. Sentiu a mão ir baixando numa crispação de quem (familiar e contudo cerimonioso) dá um sinal, Sou eu. O toque manso. Preciso acordar, ordenou se contraindo inteiro, isso é apenas um sonho! Preciso acordar!, acordar. Acordar, ficou repetindo e abriu os olhos. (p. 149)

Fragmento 2

Cumpriu a rotina da manhã com uma curiosidade comovida, atento aos menores gestos que sempre repetiu automaticamente e que agora analisava, fragmentando-os em câmara lenta, como se fosse a primeira vez que abria uma torneira. Podia também ser a última. Fechou-a, mas que sentimento era esse? (p. 150-151)

Fragmento 3

A alegria era quase insuportável: da primeira vez, escapei acordando. Agora vou escapar dormindo. Não era simples? Recostou a cabeça no espaldar do banco, mas não era sutil? Enganar assim essa morte saindo pela porta do sono. Preciso dormir, murmurou fechando os olhos. Por entre a sonolência verde-cinza, viu que retomava o sonho no ponto exato em que fora interrompido. A escada. Os passos. Sentiu o ombro tocado de leve. Voltou-se. (p. 153)

TELLES, Lygia Fagundes. A mão no ombro. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Melhores contos de Lygia Fagundes Telles*. Seleção de Eduardo Portella. 13. ed. São Paulo: Global, 2015. [Fragmentos].

Com base na leitura de três fragmentos do conto “A mão no ombro”, da coletânea *Melhores contos de Lygia Fagundes Telles*, originalmente publicada em 1983, no contexto sócio-histórico e literário da obra e, ainda, de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) o conto evidencia três passagens: o momento em que o protagonista sonha com a morte; o instante em que ele retoma a rotina da vida imbuído da reflexão sobre o sonho; e o momento derradeiro em que ele se depara novamente com a morte.
- 02) o título do conto expressa o gesto produzido pela mão que desperta o protagonista do sonho e salva-o da morte.
- 04) o conto constrói-se em torno de uma reflexão sobre a vida diante da iminência da morte.
- 08) as ocorrências sublinhadas do termo “se”, no Fragmento 1, integram o verbo que o segue ou o antecede, denotando atitudes próprias do sujeito.
- 16) as ocorrências sublinhadas da palavra “agora”, nos Fragmentos 1 e 3, indicam circunstância de tempo e referem-se ao momento em que o protagonista estava sonhando.
- 32) no Fragmento 2, a coesão do parágrafo é estabelecida pela manutenção do verbo na primeira pessoa do singular com sujeito oculto.

2. (Ufsc 2020) **No museu**

O pintor de roxas faces disse adeus à mãe e foi direto ao museu conversar com o seu quadro predileto. Trata-se do *Café à noite*, de Van Gogh.

Todos os dias, após o almoço, bate na porta da conhecida casa de arte, sendo recebido por Lipont, simpático general responsável pela guarda das telas.

¹Há dez anos conversa com o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes que se mantém de pé,

bem perto da mesa de *snooker*. ²São velhos amigos?

O que o público não tem notado é a sensível modificação da bela pintura. ³O pintor de roxas faces, frustrado, fez um pacto com o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes: libertá-lo-ia do quadro se subvertesse todo o ambiente, pois ⁴odiava Van Gogh, o grande gênio. E assim foi feito.

O relógio, que no quadro antes marcava doze horas e quatorze minutos, agora está atrasado, assinalando quinze para as oito; sobre a mesa, sete bolas coloridas; desaparecido o taco; dos três lampiões, um apenas se encontra aceso; no chão manchas de sangue sugerindo luta; na parede vermelha uma rachadura em forma de V e a cabeça de todos os fregueses pendidas sobre as cadeiras. A famosa obra está finalmente transformada.

Quando faz menção de levantar-se, o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes pergunta, baixinho, se não irá libertá-lo.

– Ora, a libertação está em ti.

Sai zombando, mas não consegue ultrapassar a porta. O velho militar retira um antigo punhal de suas costas. A polícia ainda o está investigando e os seus depoimentos, ⁵por incrível que pareça, são considerados contraditórios.

PRADE, Péricles. No museu. In: PRADE, Péricles. *Os milagres do cão Jerônimo; Alçapão para gigantes*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019, p. 43-44.

Com base no texto e na leitura integral de *Os milagres do cão Jerônimo*, de Péricles Prade, originalmente publicada em 1970, no contexto sócio-histórico e literário da obra e, ainda, de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) Péricles Prade constrói narrativas fantásticas personificando objetos, como é o caso do relógio, das bolas, do taco, dos lampiões e da mesa de *snooker*.
- 02) o trecho “[...] por incrível que pareça [...]” (referência 5) mantém uma relação de coordenação a fim de marcar uma ideia de conclusão.
- 04) a flexão verbal “há” (referência 1) pode ser substituída por “faz” sem prejuízo ao sentido do texto.
- 08) as expressões “O pintor de roxas faces, frustrado” (referência 3) e “odiava Van Gogh” (referência 4) sugerem que o pintor visitante tinha inveja de Van Gogh.
- 16) a pergunta “São velhos amigos?” (referência 2) marca a relação de afastamento sentida pelo pintor de roxas faces em relação à obra e ao homem de branco e de misteriosos cabelos verdes, mesmo com suas visitas diárias.

3. (Unicamp 2022) Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. As minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde, rígidas e fatais... Falo, e penso nisto na minha garganta, e as minhas palavras parecem-me gente... (Fernando Pessoa, *O marinheiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 51.)

O que eu era outrora já não se lembra de quem sou... Às vezes, à beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me... Quando eu sorria, os meus dentes eram misteriosos na água... Tinham um sorriso só deles, independentes do meu... (Idem, p. 52.)

Nos excertos acima, dois fenômenos são apresentados ao leitor e constituem o principal problema dramático da peça de Fernando Pessoa. Assinale a alternativa que identifica e explica corretamente esses fenômenos.

- a) As palavras e as imagens tornam-se independentes da pessoa humana. Isso significa a cisão entre o sujeito e o mundo ou, ainda, a crise de identidade pessoal reiterada nos diálogos.

- b) Proferir um discurso e ver-se refletido em um lago são situações dramáticas que sugerem a unidade entre ser e existir. A questão central, quem eu sou, é resolvida no desfecho da peça.
- c) Lembrar e esquecer são dois aspectos inseparáveis da estrutura dramática da peça. Se a imagem refletida no lago não se assemelha à pessoa que a contempla, as palavras, por sua vez, garantem a conexão entre o eu e a realidade exterior.
- d) O horror e o mistério das coisas são elementos básicos desse drama. Eles produzem, nas personagens, a convicção de que é útil narrar as experiências do passado porque assim se revela o seu verdadeiro significado.

4. (Unesp 2022) *Carpe diem*. É um lema latino que significa, *lato sensu*, “aproveita bem o dia” ou “aproveita o momento fugaz”. Esta expressão tem paralelo em línguas modernas, como no inglês: “Take time while time is, for time will away”.

(Carlos Alberto de Macedo Rocha. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*, 2011. Adaptado.)

Tal lema manifesta-se mais explicitamente nos seguintes versos de Fernando Pessoa:

- a) Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
 Não esperamos nada
 E temos frio ao sol.
- b) A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós-próprios.
- c) Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
- d) Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
 Meu coração.
- e) Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
 (Enlacemos as mãos.)

5. (Fuvest 2022) **Nun'Álvares Pereira**

Que auréola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.

'Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

Fernando Pessoa. In: "A Coroa", Parte I, *Mensagem*.

A primeira parte de *Mensagem*, organizada como um correlativo poético do Brasão das Armas de Portugal, perfila uma série de figuras míticas e históricas que teriam sido responsáveis pela formação nacional portuguesa. A seleção de Nun'Álvares Pereira para ocupar o lugar da Coroa

- a) sugere, pela imagem do halo de luz, que a verdadeira nobreza é de espírito.
- b) destaca, através da referência ao mito arturiano, o seu sangue bretão.
- c) distingue, por meio do substantivo "sperança", um regente digno de seu posto.
- d) enaltece, pela repetição da palavra espada, a guerra como estrada para o futuro.
- e) indica, associada ao adjetivo "consumada", uma visão desenganada da história.

Redação
Nota **1000**
Prof.º Nardy

SEÇÃO 16 (REVISÃO GERAL)

1. (Fuvest 2020 teste) O Twitter é uma das redes sociais mais importantes no Brasil e no mundo. (...) Um estudo identificou que as *fake news* são 70% mais propensas a serem retweetadas do que fatos verdadeiros. (...) Outra conclusão importante do trabalho diz respeito aos famosos *bots*: ao contrário do que muitos pensam, esses robôs não são os grandes responsáveis por disseminar notícias falsas. Nem mesmo comparando com outros robôzinhos: tanto os que espalham informações mentirosas quanto aqueles que divulgam dados verdadeiros alcançaram o mesmo número de pessoas.

Superinteressante, “No Twitter, *fake news* se espalham 6 vezes mais rápido que notícias verdadeiras”. Maio/2019.

No período “Nem mesmo comparando com outros robôzinhos: tanto os que espalham informações mentirosas quanto aqueles que divulgam dados verdadeiros alcançaram o mesmo número de pessoas.”, os dois-pontos são utilizados para introduzir uma

- a) conclusão.
- b) concessão.
- c) explicação.
- d) contradição.
- e) condição.

2. (G1 - cftmg 2020 teste) Nos dias que antecederam o encontro, fiquei especulando se ele iria lembrar de mim. Afinal, já tinha visto a minha cara duas vezes. Da noite da formatura, com certeza, ele já sabia, pois o Azevedo havia tocado no assunto, ao falar de mim. Eu também ia acabar tocando, era inevitável. E do encontro no aeroporto? Será que lembrava? Eu, mesmo agora já sendo “de maior”, por algum motivo ficava sem graça de puxar o assunto.

LACERDA, Rodrigo. *O Fazedor de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 51-52.

O uso das aspas nesse texto se justifica pela mesma razão presente em

- a) Ele me chamou de “senhor”. (p. 53).
- b) Depois de um instante, deduzi que “rede” queria dizer internet. (p. 56).
- c) E essa piada, esse seu jeito de “ir tirando uma” dos personagens, se tornou para mim a conversa de um amigo. (p. 19).
- d) Essa criatura, o “monstrengo”, fica o tempo todo perguntando ao homem do leme quem é e o que está fazendo em seu território. (p.12).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A primeira publicação do conto *O Alienista*, de Machado de Assis, ocorreu como folhetim na revista carioca *A Estação*, entre os anos de 1881 e 1882. Nessa mesma época, uma grande reforma educacional efetuou-se no Brasil, criando, dentre outras, a cadeira de Clínica Psiquiátrica. É nesse contexto de uma psiquiatria ainda embrionária que Machado propõe sua crítica ácida, reveladora da escassez de conhecimento científico e da abundância de vaidades, concomitantemente. A obra deixa ver as relações promíscuas entre o poder médico que se pretendia baluarte da ciência e o poder político tal como era exercido em Itaguaí, então uma vila, distante apenas alguns quilômetros da capital Rio de Janeiro. O conto se desenvolve em treze breves capítulos, ao longo dos quais o alienista vai fazendo suas experimentações científicas até que ele mesmo conclua pela necessidade de seu isolamento, visto que reconhece em si mesmo a única pessoa cujas faculdades mentais encontram-se equilibradas, sendo ele, portanto, aquele que destoa dos demais, devendo, por isso, alienar-se.

Capítulo IV UMA TEORIA NOVA

¹Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. ²Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã, – eram passadas três semanas, – estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

– Tratava-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador. ³Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma notícia da comitiva, e especialmente da mulher? ⁴Porque este tópico deve ficar claramente definido, visto insistirem nele os cronistas; Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. ⁵Assim se explicam os monólogos que fazia agora, e que os fâmulos lhe ouviam muita vez: – “Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda; aguenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável. Dizes amém a tudo, não é? Aí tens o lucro, biltre!”. – E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. ⁶Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde.

⁷Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspeção até o pescoço.

– Estou muito contente, disse ele.

⁸– Notícias do nosso povo?, perguntou o boticário com a voz trêmula.

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

⁹– Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. ¹⁰Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

¹¹Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticário. ¹²Depois explicou compridamente a sua ideia. No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. ¹³Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí mas, como um raro espírito que era, ¹⁴reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. ¹⁵E porque o boticário se admirasse de uma tal promiscuidade, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma coisa, e até acrescentou sentenciosamente:

¹⁶– A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a sério.

– Gracioso, muito gracioso!, exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu.

¹⁷Quanto à ideia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; ¹⁸declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era “caso de matraca”. Esta expressão não tem equivalente no estilo moderno. ¹⁹Naquele tempo, Itaguaí, que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; – ou por meio de matraca.

Eis em que consistia este segundo uso. ²⁰Contratava-se um homem, por um ou mais dias, ²¹para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão.

De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, ²²e ele anunciava o que lhe incumbiam, – um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores, – aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde, – desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. ²³E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. ²⁴Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo regime mereciam o desprezo do nosso século.

– Há melhor do que anunciar a minha ideia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do boticário.

E o boticário, não divergindo sensivelmente deste modo de ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

²⁵– Sempre haverá tempo de a dar à matraca, concluiu ele.

Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse:

– Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.

O Vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não ²⁶chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

– Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?

²⁷Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à ²⁸comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas.

A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, – com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo à beira de uma revolução.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro / USP. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1939>. Acesso em: 12/08/2019.

3. (Ime 2020 teste) “– Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.” (ref. 9)

À luz da gramática normativa, considere as seguintes afirmações:

- I. O travessão utilizado em “– Trata-se de coisa mais alta [...]” especifica a mudança de interlocutor no diálogo.
- II. As vírgulas empregadas em “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora [...]” podem ser substituídas por travessões, sem prejuízo para a correção.
- III. No trecho “[...] nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante.”, as vírgulas são empregadas com a finalidade de isolar o termo de valor explicativo.

Em relação às afirmações, está(ão) correta(s):

- a) apenas a afirmação I.
- b) apenas a afirmação II.
- c) apenas as afirmações I e II.
- d) apenas as afirmações I e III.
- e) todas as afirmações estão corretas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um escritor! Um escritor!

Antônio Prata*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu *caminhava pelas ruas de ¹Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e

torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos.

Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente ²**fagocitada** pela inveja. Ora, quando a *medicina nasceu, com Hipócrates, a história de ³Gilgamesh* já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida ⁵**anamnese**: perguntaria os motivos da briga, ⁵se o filho estava mais pra **Proust ou pra UFC**, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o gerúndio.

Eu sorria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências”, então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse acontecido, *para as ⁶bombas da Crimeia*, com meu copo de guaraná.

*Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de *Nu, de Botas*.

Jornal Folha de São Paulo, 25 mai. 2014 – Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>>. Acesso em 27 ago.2019.

Vocabulário de apoio:

¹ **Kiev**: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: “*eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*”, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos ‘barricadas’ (trincheiras feitas de improviso) e ‘coquetéis molotov’ (tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

² **fagocitada**: neologismo criado a partir de *fagocitose*: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células ameboides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, ‘fagocitada’ pode ser substituída por ‘devorada’.

³ No trecho: “*a medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh*”, o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o “pai da Medicina” – e a Gilgamesh - rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da *Epopéia de Gilgamesh*, um épico mesopotâmico preservado em tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

⁴ **anamnese**: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

⁵ No trecho: “se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**”, o autor se refere a um escritor francês (**Proust**, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a **UFC**, cuja sigla em inglês *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

⁶ **bombas da Crimeia** – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

4. (G1 - cftmg 2020 teste) A explicação do emprego dos sinais de pontuação foi corretamente apresentada entre colchetes em

- a) “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”. [as duas primeiras vírgulas foram utilizadas para isolar vocativo]
- b) “desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas” [todas as vírgulas foram empregadas para sinalizar enumeração de termos]
- c) “Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói.” [os dois pontos foram utilizados para sinalizar introdução de discurso direto].
- d) “Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.” [os travessões foram utilizados para indicar mudança de interlocutor no discurso].

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(*O imaginário cotidiano*, 2002.)

5. (Unifesp 2020 teste) Tendo em vista a ordem inversa da frase, verifica-se o emprego de vírgula para separar um termo que exerce a função de sujeito em:

- a) “Deu-lhe muito trabalho, aquilo.” (4º parágrafo)
- b) “Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar.” (6º parágrafo)
- c) “Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.” (5º parágrafo)
- d) “Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.” (3º parágrafo)
- e) “Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana.” (4º parágrafo)

6. (Unicamp 2019 teste) Na década de 1950, quando iniciava seu governo, Juscelino Kubitschek prometeu “50 anos em 5”. Na campanha do atual governo o *slogan* ficou assim: “O Brasil voltou, 20 anos em dois”. A ‘tradução’ não tinha como dar certo; era como comparar vinho com água. E mais: havia uma vírgula no meio do caminho. Na propaganda, apenas uma vírgula impede que a leitura, ao invés de ser positiva e associada ao progressismo de Juscelino, se transforme numa mensagem de retrocesso: o Brasil de fato ‘voltou’ muito nesses últimos dois anos; para trás.

(Adaptado de Lilia Schwarcz, Havia uma vírgula no meio do caminho. *Nexo Jornal*, 21/05/2018.)

Considerando o gênero propaganda institucional e o paralelo histórico traçado pela autora, é correto afirmar que o *slogan* do atual governo fracassou porque

- a) o uso da vírgula provocou uma leitura negativa do trecho que alude ao *slogan* da década de 1950.
- b) a mensagem projetada pelo *slogan* anterior era mais clara, direta, e não exigia o uso da vírgula.
- c) a alusão ao *slogan* anterior afasta o público jovem e provoca a perda de seu poder persuasivo.
- d) o duplo sentido do verbo “voltar” gerou uma mensagem que se afasta daquela projetada pelo *slogan* anterior.

7. (Ufpr 2019 teste) Assinale a alternativa corretamente pontuada.

- a) A técnica de Mourou e Strickland criada em 1985, e conhecida como: amplificação de pulso com varredura em frequência – CPA, por sua sigla em inglês, tornou-se muito rapidamente a ferramenta-padrão para obter lasers de alta intensidade, utilizados, desde então, em milhões de cirurgias do olho.
- b) A técnica de Mourou e Strickland, criada em 1985, e conhecida como amplificação de pulso com varredura em frequência (CPA, por sua sigla em inglês); tornou-se muito rapidamente, a ferramenta-padrão para obter lasers de alta intensidade utilizados desde então em milhões de cirurgias do olho.
- c) A técnica de Mourou e Strickland criada em 1985 e conhecida como amplificação de pulso com varredura em frequência, (CPA, por sua sigla em inglês), tornou-se muito rapidamente a ferramenta-padrão, para obter lasers de alta intensidade utilizados desde então, em milhões de cirurgias do olho.
- d) A técnica de Mourou e Strickland, criada em 1985 e conhecida como amplificação de pulso com varredura em frequência – CPA, por sua sigla em inglês – tornou-se muito rapidamente, a ferramenta-padrão para: obter lasers de alta intensidade utilizados desde então em milhões de cirurgias do olho.
- e) A técnica de Mourou e Strickland, criada em 1985 e conhecida como amplificação de pulso com varredura em frequência (CPA, por sua sigla em inglês), tornou-se muito rapidamente a ferramenta-padrão para obter lasers de alta intensidade, utilizados desde então em milhões de cirurgias do olho.

8. (G1 - ifsul 2019 teste) A vírgula entre o sujeito

e o verbo da oração

não deve ser colocada

se juntos eles estão:

em “Joel, chutou a bola”

há erro de pontuação.

Dantas, Janduhi. *Lições de gramática em versos de cordel*. Petrópolis: Vozes, 2009, p.43.

O poeta paraibano, Janduhi Dantas, valeu-se de uma regra gramatical para produzir sua literatura de cordel.

Sobre o uso da vírgula, todas as sentenças abaixo estão corretas, **EXCETO**:

- a) Joel, chute a bola!
- b) Joel chute, a bola!
- c) Chute, Joel, a bola.
- d) Chute a bola, Joel.

9. (G1 - cotil 2019 teste) Observe os trechos abaixo e escolha aquele que mais se aproximar do padrão formal da norma culta, considerando os aspectos gramaticais, semânticos e lexicais:

- a) ao contrário dos meninos ricos que na maioria das vezes se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e ignorados muitas vezes por aqueles que têm o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar deles.
- b) ao contrário dos meninos ricos que, na maioria das vezes se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e ignorados muitas vezes por aqueles que têm o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar.
- c) ao contrário dos meninos ricos, que, na maioria das vezes, perdem-se dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas à míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que têm o dever de acolhê-los, com eles se envolver e cuidar deles.
- d) ao contrário dos meninos ricos que, na maioria das vezes, se perdem dentro de suas próprias mansões, os meninos pobres do Brasil se perdem nas ruas a míngua e são ignorados, muitas vezes, por aqueles que tem o dever de acolhê-lo, com ele se envolver, se importar e cuidar deles.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os cajus maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei pias. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e

curiós, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os cajus de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

10. (Efomm 2019 teste) Assinale a opção em que, conforme a norma culta, **NÃO** é possível acrescentar vírgula ao período.

- a) *Primeiro vamos lá embaixo (...).*
- b) *Agora devem ser três horas da tarde (...).*
- c) *Na minha adolescência você seria uma tortura.*
- d) *Na adolescência me torturaria; mas sou um homem maduro.*
- e) *Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras (...).*

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

Gabaritos dos exercícios

Redação
Nota **1000**

Redação
Nota **1000**
Prof. Nardy

SEÇÃO 1

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[A]

As proposições dos itens [II] e [III] são incorretas, pois

- [II] o modo subjuntivo “se deva” deveria ser substituído pelo modo indicativo (*deve-se*), assim como é indevida a vírgula entre objeto direto (“concordância”) e adjunto adverbial (“mesmo assim”);
- [III] o advérbio “talvez”, ligado à locução “deva admitir”, foi deslocado para outra locução, “tentar formular”, o que altera o sentido do texto original.

Como apenas [I] é verdadeira, é correta a opção [A].

Resposta da questão 2:

[E]

- [A] Incorreta. Não se trata de consequências econômicas, mas dois aspectos teórico-conceituais, conforme apresentado ao término da introdução.
- [B] Incorreta. O estudioso não relata conjunto de ações, mas organiza um texto argumentativo.
- [C] Incorreta. O texto não apresenta como base uma comparação; o autor organiza a argumentação em dois aspectos teórico-conceituais, conforme apresentado ao término da introdução.
- [D] Incorreta. Trata-se de um texto argumentativo, não um relatório técnico-científico.
- [E] Correta. Ao término da introdução, o autor afirma “Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.”. Essas são as duas dimensões teórico-conceituais empregadas como argumentos para sustentar a tese de Milton Santos.

Resposta da questão 3:

[D]

Malthus Galvão cita o desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), Diaulas Costa Ribeiro, e o médico legista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Malthus Galvão, como fontes para sustentar sua tese.

Resposta da questão 4:

[C]

A palavra “vasqueira” tem sentido de “escassa”, “diminuta”.

Resposta da questão 5:

[C]

2ª e 3ª afirmativas: Falsas: Para se ter uma descrição, é preciso focar em um objeto ou espaço a ser descrito. Dessa forma, atribuem-se características de maneira a defini-lo melhor. Isso não ocorre de forma predominante em nenhuma das duas afirmativas. É possível observar que o elemento narrativo é muito mais presente do que a descrição, uma vez que há uma sequência de fatos contados, e não uma cena estática descrita.

SEÇÃO 2

Resposta da questão 1:

[B]

É correta a opção [B], pois os textos 1 e 2 apresentam referências externas como base argumentativa na abordagem dos respectivos temas: em 1, a reportagem de José Leal, em 2, os estudos de antropologia política de Pierre Clastres.

Resposta da questão 2:

[C]

- [A] Incorreta. O autor do texto expressa livremente sua opinião, criticando diretamente inclusive meios de comunicação de massa, conforme o trecho a seguir: “a rede Globo importa um programa que pode, a médio e longo prazo, demolir tudo o que os grandes mestres das lutas conseguiram em anos”. Tal fato indica que não há medo por parte dele.
- [B] Incorreta. O primeiro parágrafo do texto é predominantemente narrativo, sem qualquer trecho que indique descrição.
- [C] Correta. O segundo parágrafo do texto é predominantemente dissertativo, posto serem nítidas as colocações do autor, contrárias ao *reality show* TUF: “Na casa intitulada ‘TUF’, o que se vê é o oposto que qualquer luta deve trazer para seus praticantes. É uma sequência de exemplos negativos”.
- [D] Incorreta. O texto apresenta lógica: sua introdução se dá por meio de uma

narrativa, baseada em fatos pertinentes à experiência vivida pelo autor; em seguida, sua opinião é defendida ancorada em válidos argumentos.

[E] Incorreta. O texto não é voltado ao gênero descritivo; sua organização se dá por meio da narrativa e da dissertação.

Resposta da questão 3:

[B]

Itamar Silva analisa o contexto atual do turismo mercadológico nas comunidades do Rio de Janeiro e adverte para a descaracterização a que elas estão sujeitas pela necessidade de se adequarem às necessidades de turistas, pesquisadores, empresários e comerciantes que acedem a esses locais: “Se os moradores não se organizarem e se não assumirem o protagonismo das ações de turismo e de entretenimento no Santa Marta, vamos assistir aos nativos – os de dentro – servindo de testa de ferro para empreendimentos e iniciativas dos de fora, às custas de uma identidade local que aos poucos vai perdendo suas características”. Assim, é correta a alternativa [B], que sintetiza a tese do autor.

Resposta da questão 4:

[D]

Ao contrário do que se afirma no item 3, Calvin não questiona a eficiência da professora, apenas se revolta contra uma postura enérgica em retê-lo dentro da sala de aula, mesmo contra sua vontade. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 5:

[B]

Marcelo Gleiser afirma, em primeiro lugar, que não existem filmes que retratem as explosões no espaço de forma verossímil, pois há sempre ruídos a acompanhar os efeitos visuais. Posteriormente, admite que possa ter havido até alguns, justificando que não lhe ficaram na memória por não terem obtido grande sucesso.

SEÇÃO 3

Resposta da questão 1:

[B]

A enumeração de características humanas e de outros animais revela que o autor usou

estratégias de exemplificação e comparação, como se afirma em [B].

Resposta da questão 2:

[A]

A expressão “pode ser que” expressa uma hipótese sobre a qual o autor discorrerá para fundamentar a sua tese. Arnaldo Antunes admite que as suposições anteriores possam ser fantasiosas e, em seguida, passa a discorrer sobre a possibilidade de serem ou não verdadeiras, como se afirma em [A].

Resposta da questão 3:

[E]

Apenas a afirmativa I é inadequada, pois o primeiro período do texto apresenta uma constatação genérica sobre a diversidade linguística de cada idioma (“Todas as variedades linguísticas são estruturadas...”) seguida de uma oposição introduzida no segundo período pela conjunção coordenativa adversativa “mas”. O terceiro, formado essencialmente por orações subordinadas (concessiva e causal), constitui a exemplificação, que levam à conclusão coerente sobre a particularidade da variedade padrão. Assim, são corretas as afirmativas II, III e IV, como se aponta em [E].

Resposta da questão 4:

[E]

É correta a alternativa [E], pois, no contexto, considerando a coesão e a coerência promovidas pela seleção das palavras transcritas nos itens [1], [2], [3], [4] e [5], verificamos que todas são verdadeiras.

Resposta da questão 5:

[E]

A opção [E] é correta, pois Hélio Schwartzman inicia o texto com o relato de um fato que considera evidente e de conhecimento público, para, em seguida, delimitar o assunto através da formulação de perguntas.

SEÇÃO 4

Resposta da questão 1:

[D]

Embora as normas da gramática padrão tenham sido usadas no texto em questão, assim como a existência de parágrafos que articulam a exposição da tese com os argumentos e posterior conclusão, não são estes os fatores que mantêm a unidade temática do texto, nem garantem só por si a sua coerência, como se afirma em I e V.

Resposta da questão 2:

[D]

Os trechos que confirmam a alternativa “d” são: “A confirmação da existência de outra forma de vida inteligente no universo provocaria uma revolução”; “Se os ETs fossem mais avançados e pacíficos, poderiam nos ajudar a lidar com nossos problemas sociais, como a fome, o racismo e os confrontos religiosos. Talvez nos ajudassem a resolver desafios científicos”.

Resposta da questão 3:

[C]

Além do conceito, que nos remete aos discursos religiosos, a palavra “dádiva”, usada no texto, representa um termo muito usado nos textos religiosos.

Resposta da questão 4:

[C]

A primeira locomotiva a vapor ter sido inventada há menos de 200 anos constitui um fato.

Conforme ressaltado pelo próprio autor: “isso foi feito de caso pensado, com a preocupação de aproximar a linguagem da gramática do padrão atual brasileiro”, pode ser identificada uma crítica sutil quanto às atribuições preconizadas pela Gramática Normativa.

SEÇÃO 5

Resposta da questão 1:

[E]

O texto II mostra um pouco das consequências causadas ao meio ambiente em função da poluição, referindo-se mais especificamente às sacolas plásticas, que oferecem riscos irreversíveis.

Resposta da questão 2:

[B]

A letra “b” apresenta-se como verdadeira, pois retrata a ideia presente em ambos os textos.

Resposta da questão 3:

[B]

O seguinte excerto expresso pelo texto: “Quando eu falo com vocês procuro usar o código de vocês” denota a posição de respeito por parte do emissor (no caso o indígena) frente ao código linguístico (no caso a Língua Portuguesa). O emissor demonstra respeito e quer ser respeitado também.

Resposta da questão 4:

[B]

O discurso do emissor mostra a importância da valorização e respeito ligada ao nosso primitivismo, caracterizado pela figura indígena.

Resposta da questão 5:

[C]

O público-alvo referente ao anúncio são as autoridades políticas.

SEÇÃO 06

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[A]

Em [A], vemos a palavra feminina “urgência”, que deve ser antecedida pelo artigo feminino “a” e também pela preposição “a”, já que a palavra da qual ela completa o sentido é regida por essa preposição (devido a algo). Assim, temos a junção do artigo feminino e da preposição, o que resulta na crase. Em [B], temos apenas a preposição “a”. Em [C], [D] e [E], temos apenas o artigo feminino “a”. Por isso, não deve haver crase nessas alternativas.

Resposta da questão 2:

[E]

Não se usa crase antes de nomes de cidades, já que estes não costumam ser antecidos pelo artigo feminino “a”. No entanto, quando o nome da cidade está ligado a alguma característica, podemos ter o uso da crase, já que o artigo feminino pode precedê-lo, especificando-o. É o que vemos em [E]: a Búzio das belas praias, e não uma Búzio qualquer. Assim, temos a junção da preposição “a” com o artigo feminino “a”.

Resposta da questão 3:

02 + 08 + 16 = 26.

- [01] Incorreta: na verdade, a locução “temos sentido” demarca justamente que o evento não é pontual, mas dura no tempo.
[04] Incorreta: o pronome “lhe” está na posição proclítica e retoma o termo “alguém”.

Resposta da questão 4:

[A]

- As opções [B], [C], [D] e [E] são incorretas, pois [B] o verbo “tem” deve permanecer no singular para concordar com o núcleo do sujeito, “realidade”;
[C] o verbo “conta” poderia estar no plural, mas por outra razão que não a indicada: a concordância pode ser feita tanto com o núcleo do sujeito (“grande”) e, então, ficaria no singular, quanto com o substantivo após o núcleo (“equipes”) e, portanto, no plural.
[D] em “Alcançar um patamar condizente à altura do nosso capital natural é mais do que possível” (ref. 21), o acento indicativo de crase justifica-se pelo fato de a preposição “a” estar ligada ao adjetivo “condizente” e o substantivo “altura” admitir o artigo “a” (**obs:** a regência do adjetivo “condizente”, segundo a norma culta, exige a preposição “com” e não “a”, pelo que a frase deveria ter, originalmente, a seguinte redação: *alcançar um patamar condizente com a altura do nosso capital natural é mais do que possível*).
[E] a substituição de “para” por “a” alteraria o sentido original, por transformar o agente da passiva em objeto indireto (o sinal de alerta não teria sido declarado “por” 67% dos respondentes, mas declarado “a” 67% dos respondentes).

Resposta da questão 5:

[A]

A alternativa [A] está correta e para que as

outras se tornem corretas, devem ser reescritas:

- [B] Meus leitores fizeram referência a esta viagem ao Chile, mas também elogiaram minha ida a Paris e a Londres.
[C] Eu estava disposta a fazer coisas que nunca havia feito: andar a cavalo, ir à praia e, sem dúvidas visitar a casa de Pablo Neruda.
[D] À medida que o tempo passava, mais mudanças eu realizava, a fim de não deixar de vivenciar novas experiências.
[E] Minhas filhas não viam o gato delas desde a semana passada, quando viajamos; e, mesmo à distância, sentiam muito a falta dele.

Resposta da questão 6:

[B]

É correta a opção [B], pois apenas as frases transcritas em [I] e [V] admitem a sequência **Há, a, à**, respectivamente. Em [I], o verbo *haver* expressa noção de tempo na primeira lacuna, o pronome oblíquo “a” exerce função de objeto direto do verbo *visitar* na segunda e “à”, aglutinação da preposição “a” e artigo definido “a”, faz parte da locução adverbial “à espera”, na última. Em [V], de novo o verbo *haver* expressa noção de tempo na primeira lacuna, a preposição “a” precede o objeto indireto do verbo *encaminhar* na segunda e “à”, aglutinação da preposição “a” e artigo definido “a”, faz parte da locução adverbial “à disposição”, na última.

As demais deveriam apresentar a seguinte configuração:

- [II] À beira do precipício, há poucos arbustos a decorar a paisagem.
[III] A quem quisesse ver, demonstrei que não há possibilidade de resolver a questão.
[IV] Há alguma chance, à custa de muito esforço, de obter a vaga pretendida.

Resposta da questão 7:

[D]

- As opções [A], [B] e [C] são incorretas, pois [A] a nova frase apresentaria noção de condição, diferente da original, comparativa.
[B] o vocábulo “às” é formado por aglutinação da preposição “a” com o pronome oblíquo “as”, referente a “as políticas”.
[C] a expressão “ideologias políticas” é usada no plural com sentido genérico, o que exclui a possibilidade de acento grave para assinalar crase de preposição “a” e artigo

“a”, em infração de concordância com o substantivo “ideologias”.

Assim, é correta apenas [D], pois em “[...] seres humanos têm maior probabilidade de adotar determinados comportamentos porque seus amigos, colegas de trabalho e vizinhos já o adotam”, há um erro de concordância nominal pelo uso do pronome oblíquo no singular. O correto seria: *seres humanos têm maior probabilidade de adotar determinados comportamentos porque seus amigos, colegas de trabalho e vizinhos já os adotam.*

Resposta da questão 8:

[D]

Como vemos no trecho destacado, o objeto direto do verbo “dar” é “uma linda indiazinha” e, assim, o objeto indireto é “luz”. Dessa forma, “luz” é regido pela preposição “a” e, por ser substantivo feminino, é antecedido pelo artigo definido feminino “a”. Tem-se, assim, o uso da crase.

Resposta da questão 9:

[E]

Na primeira ocorrência, é correto o uso do artigo “as”, por se tratar de adjunto adnominal do objeto direto de verbo transitivo. Na segunda, a locução adverbial “às voltas” exige acento grave, assinalando a fusão da preposição “a” com o artigo “a”. Os pronomes “lhe” e “o” devem preencher as duas últimas lacunas, já que exercem função sintática de objeto indireto e objeto direto, respectivamente. Assim, é correta a opção [E].

Resposta da questão 10:

[E]

A crase ocorre quando há a junção entre o artigo feminino e a preposição “a”. Em [A], [B], [C] e [D], o emprego da crase está incorreto, pois vemos somente a presença da preposição, sem o artigo feminino.

SEÇÃO 07

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[E]

Na frase “A pandemia exige urgência, e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita” transcrita em [E], é correta a inserção da vírgula por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes. Em [A] é incorreta, pois não se separa locução verbal com vírgula, em [B] e [C] também é incorreta, pois não se separa sujeito do seu predicado com vírgula e em [D], por a vírgula não estar em dupla, assinalando o adjunto adverbial deslocado (“até então”).

Resposta da questão 2:

[A]

Em [B], era necessário inserir uma vírgula antes do pronome relativo “que” para demarcar o início de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

A alternativa [C] poderia ser reescrita como “O pensamento de que estudar era muito perigoso para a saúde da mulher, principalmente por afetar sua mente, prevaleceu por muito tempo”, estabelecendo a correta ligação entre as ideias.

A alternativa [D] está incorreta por inserir uma vírgula entre o sujeito e o verbo e deve ser reescrita como “O maior ingresso das mulheres na Medicina se deve a uma série de fatores, como a intensa transformação cultural a partir dos anos 60/70”.

Em [E], caso se pretenda um sentido restritivo para a oração “que impulsionaram as mulheres para as universidades públicas” é preciso remover a vírgula. Caso se pretenda um sentido explicativo, é preciso manter a vírgula e acrescentar outra após a palavra “públicas”, marcando uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Resposta da questão 3:

[D]

No verso “Nem como os coelhos, roedor; nasci”, vemos a elipse do verbo “nasci” marcada pelo uso da vírgula, afinal, o eu lírico está dizendo que não *nasceu* roedor como os coelhos: “Nem como os coelhos nasci roedor”.

Resposta da questão 4:

[E]

O fragmento entre travessões, apenas 10,7% do orçamento total dos governos, tem como objetivo destacar uma informação complementar ao que havia sido dito

anteriormente sobre o baixo investimento no SUS. Assim, é correta a opção [E].

Resposta da questão 5:

[D]

- [A] Incorreta: os tempos verbais empregados no trecho destacam que o barroco ainda não teve fim, como marcado pelo verbo no passado, pois permanece no presente.
- [B] Incorreta: por se referir a um movimento específico, com um nome próprio, há certa repetição do termo “barroco” ao longo do texto, mas não de maneira desnecessária ou empobrecedora.
- [C] Incorreta: no trecho, o autor empregou o ponto de interrogação para marcar uma pergunta retórica.
- [D] Correta: no trecho “será o Brasil um país barroco?”, o verbo “será” concorda com o sujeito posposto “o Brasil”. O mesmo ocorre no outro trecho “São consideradas barrocas, no Brasil, várias manifestações”: a locução verbal “são consideradas” concorda com o sujeito “várias manifestações”.
- [E] Incorreta: as palavras “dia a dia” se grafam sem hífen.

Resposta da questão 6:

[D]

- [A] Incorreta: justamente por substituir o termo “morador de rua”, o pronome mantém o trecho coeso.
- [B] Incorreta: o emprego do ponto final não é obrigatório, já que elementos com mesma função sintática devem ser separados por vírgula. No caso, são duas orações que poderiam ser separadas por vírgula.
- [C] Incorreta: o sentido é alterado pelo uso da conjunção “porque”, afinal, as duas orações não estabelecem relação de explicação e sim de oposição.
- [E] Incorreta: as conjunções “mas” (adversativa) e “portanto” (conclusiva) não são equivalentes e, dessa forma, ao trocar uma por outra muda-se o sentido.

Resposta da questão 7:

[D]

Em [D], vemos o uso da vírgula para isolar o aposto explicativo “menino de dez anos”. “Menino de dez anos” é um aposto explicativo da expressão “Um deles”.

Resposta da questão 8:

[D]

Em “E depois, o silêncio”, a vírgula isola o adjunto adverbial deslocado na oração com verbo elíptico, o que acontece também em “Para meus amigos, o melhor.” Já no segmento “Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre”, a vírgula enfatiza o adjunto adverbial “para sempre”, pela mesma razão que em “Organizava tudo, cautelosamente”. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 9:

[C]

A vírgula é utilizada no trecho para demarcar a relação de semântica de adversidade, oposição entre duas ideias: as estrelas serem brinquedos dos anjos e as estrelas serem sóis imensos. O mesmo ocorre no trecho em [C]: o livro não é para crianças, mas com a leitura de Dona Benta passa a ser acessível a elas.

Resposta da questão 10:

[E]

Em [E], vemos que a vírgula que segue o pronome “eu” marca a supressão do verbo “era”. Assim, podemos ler o trecho como “eu era o que vou”.

SEÇÃO 08

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[C]

- [I] Incorreta: o verbo “haver” na acepção de “existir” é impessoal e, portanto, não deve ser flexionado, permanecendo no singular “haja”.
- [III] Incorreta: há vários problemas de concordância na alternativa. Como exemplo, pode-se citar o verbo “existir”, que deveria ficar no plural, já que seu sujeito, “pessoas”, está no plural: existem pessoas.
- [VI] Incorreta: o verbo “realizar” deveria concordar com seu sujeito plural “algumas eleições” e, assim, deveria estar na forma “realizaram”. Além disso, o verbo “compor” também deveria estar no plural para concordar com “diversos órgãos”, assumindo a forma “compõem”.

Resposta da questão 2:

[B]

- [A] Incorreta: a crase em “à” está incorreta e deve ser substituída pelo artigo feminino “a”.
- [C] Incorreta: a substituição para a conjunção “embora” está incorreta, já que o trecho não apresenta ideia de concessão.
- [D] Incorreta: a substituição do pronome demonstrativo “essa” pelo “esta” está incorreta, já que “essa” faz referência a uma informação já apresentada no texto, ao passo que “esta” refere-se a uma informação que será apresentada.

Resposta da questão 3:

[B]

Embora o pronome “você” se refira à 2ª pessoa, aquela com quem se fala, comporta-se como pronome de 3ª pessoa. Assim, apenas a opção [B] apresenta transposição correta da frase com uso do pronome de tratamento “você”: “Aonde vai você, delinquente infante? Haverá ainda vilania que não tenha cometido?”

Resposta da questão 4:

[A]

Para responder a essa questão, é necessário avaliar se a partícula “se” constitui índice de indeterminação do sujeito ou partícula apassivadora. Caso se trate de um verbo sem objeto direto, temos índice de indeterminação do sujeito. Caso se trate de um verbo com objeto direto, temos partícula apassivadora. No primeiro caso, as regras gramaticais colocam que não há concordância, assim, o verbo deve permanecer no singular. No segundo caso, há concordância com o sujeito e, assim, o verbo deve obedecer à mesma flexão do sujeito. Assim, vemos que em [B], “se” é índice de indeterminação do sujeito e, portanto, o verbo deve permanecer no singular: precisa-se. Nas outras alternativas, “se” é partícula apassivadora e é preciso estabelecer a concordância. Em [A], alternativa correta, o verbo deve permanecer no plural para concordar com o sujeito “excelentes profissionais femininas”. Em [C], o verbo deveria estar no plural para concordar com o sujeito “situações de conflito”. Em [D], o verbo deveria estar no singular para concordar com o núcleo do sujeito “oportunidade”. Por fim, em [E], o verbo deveria estar no plural para

concordar com o núcleo do sujeito “estudantes”.

Resposta da questão 5:

[C]

Em todas as alternativas, vemos um sujeito composto por um núcleo feminino e um masculino. De acordo com as regras gramaticais, nesses casos, a concordância é estabelecida com a marca do masculino no plural. Assim, a única alternativa que respeita essa concordância é a [C], já que todas as outras estão no feminino.

Resposta da questão 6:

[C]

- [A] Incorreta: o verbo “produzirem” concorda com o sujeito oculto “A pandemia, o isolamento e o medo”.
- [B] Incorreta: “os mesmos” não é sujeito, e sim predicativo do sujeito.
- [D] Incorreta: o verbo “tem” não é acentuado porque se refere ao sujeito oculto “coronavírus”; o “têm” está acentuado, pois se refere ao sujeito simples “palavras”, que está no plural.
- [E] Incorreta: o verbo “é” concorda com o núcleo do sujeito, “contato”, que está no singular.

Resposta da questão 7:

[D]

- [I] Incorreta: o verbo “fazer” no sentido de tempo decorrido é impessoal. Dessa forma, a locução verbal “vai fazer” deve permanecer no singular.
- [IV] Incorreta: o verbo “admite-se” tem como sujeito “pessoas” e, assim, devem permanecer no plural: “admitem-se”.

Resposta da questão 8:

$01 + 02 + 32 = 35$.

Os itens [04], [08] e [16] são incorretos, pois [04] a reescrita da sentença com o sujeito no plural teria a seguinte configuração: Fomos assediadas sem esboçar reação, porque estava começando a chover e não quisemos ficar discutindo com um estranho enquanto nosso cabelo se desfazia. (referência 3).

[08] as sentenças [II] e [IV] não apresentam nenhum verbo impessoal.

[16] a palavra “assediada” desempenha função de nome predicativo do sujeito e os termos verbais no gerúndio, “começando” e “discutindo”, fazem parte da conjugação perifrástica das locuções verbais da oração.

Como são corretos apenas [01], [02] e [32], soma 35.

Resposta da questão 9:

[C]

[A] Incorreta: o verbo “ter” deve manter-se impessoal e, assim, assumir a forma “tem”.

[B] Incorreta: em início de período, é necessário utilizar a ênclise.

[D] Incorreta: deve-se manter a concordância com a palavra “necessária”.

Resposta da questão 10:

[A]

[A] Incorreta: Como o núcleo do sujeito dos verbos “abrir” e “exclamar” está no plural (“crianças”), é necessário flexionar os verbos também no plural: abrirem e exclamarem.

SEÇÃO 09

Resposta da questão 1:

[E]

Resposta da questão 2:

[B]

Resposta da questão 3:

F V V V F

Resposta da questão 4:

[B]

Resposta da questão 5:

[B]

Resposta da questão 6:

[C]

Resposta da questão 7:

[A]

Resposta da questão 8:

[B]

Resposta da questão 9:

[B]

Resposta da questão 10:

[C]

SEÇÃO 10

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[A]

Gabarito Oficial: [B]

Gabarito SuperPro®: [A]

[I] **Correta.** O termo verbal *vai* exige preposição *a* em sua regência, sendo assim, ao anteceder um substantivo feminino, o uso do acento grave indicador de crase faz-se imprescindível.

[II] **Incorreta.** Apesar do gabarito oficial considerar certa esta proposição, o acento que indica o fenômeno de crase quando usado *antes* do substantivo *casa* faz parte das famosas regras especiais da língua portuguesa. Segundo a gramática do Prof. Cegalla, a palavra *casa* no sentido de *lar*, de *domicílio* não recebe crase: *voltei a casa para almoçar*. Entretanto, não referindo-se ao próprio lar, usa-se a crase: *fui à casa de um amigo*. Pode-se perceber, tratar-se de exemplo muito semelhante ao da proposição desta prova, ou seja, correto seria que se usasse a crase por não referir-se a um domicílio próprio: *Hoje à tarde você vai à casa de uma amiga*.

Fonte: *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Domingos Paschoal Cegalla. L&PM Pocket, pág.105.

[III] **Incorreta.** Nesta oração, pelo fato do termo verbal *vai* exigir preposição *a*, ao anteceder *sorveteria*, um substantivo feminino, o uso do acento grave indicador de crase faz-se imprescindível.

Resposta da questão 2:

[E]

Em [A], “me” exerce a função sintática de objeto indireto e em [B], [C] e [D], de objeto direto.

Resposta da questão 3:

[D]

[A] *No Brasil existem menos cargos.* O verbo existir concorda com o sujeito: menos cargos.

[B] (...) *o número de cargos ocupados por mulheres caiu.* Neste caso, o verbo concordará com o vocábulo número.

[C] (...) *as primeiras aviadoras chegam ao posto* (...) o verbo chegar com sentido denotativo de alcançar deve vir sob regência da preposição a

[D] **Correta.** Questão difícilíssima que exige uma reflexão a respeito da colocação e da regência dignas de um especialista e não de um candidato. O verbo *pensar* na posição de um VTI exigirá preposição *em*, ou seja, só **em** *pensar*. Por outro lado, a partícula denotativa só com sentido de somente virá regida com a preposição *de*, como nos exemplos: só **de** falar em você; só **de** pagar por isso, só *de* pensar que. Sendo assim, pode-se usar as preposições *em* ou *de* sem prejuízo de sentido, porque pode-se utilizar tanto a regência do advérbio só quanto a regência do verbo pensar.

Resposta da questão 4:

[D]

O verbo *assistir* com a função de ver algum filme ou espetáculo deve vir acompanhado de sua regência: a preposição *a*. No entanto, o verbo assistir sem a preposição tem sentido de dar assistência a alguém, algum enfermo, por exemplo. Por sua vez, o verbo assistir com o sentido de ver alguma coisa com a omissão da regência obrigatória da preposição é um coloquialismo tipicamente brasileiro, ou seja, não corresponde aos padrões da norma culta.

Resposta da questão 5:

[B]

[V] Incorreta: o verbo “anexar”, no sentido de acrescentar, é regido pela preposição “a”. Assim, o correto seria: “As cópias dos documentos foram anexadas *ao* contrato”.

Resposta da questão 6:

[B]

I. Aspirar no sentido de almejar exige

preposição “a”.

II. Assistir no sentido de morar é acompanhado pela preposição “em”.

III. Namorar não é acompanhado de preposição e, dessa forma, a frase correta seria “Ele está namorando a prima”.

IV. Esquecer-se deve ser acompanhado de preposição “de”. Dessa forma, a frase correta seria “Esqueci-me do que havíamos combinado”.

V. O verbo “ansiar” não é acompanhado de preposição “a”. Assim, a frase correta seria “Sempre ansiamos dias melhores”.

Resposta da questão 7:

[E]

Primeira lacuna: o pai da Fernanda virá buscar *a Fernanda*. Tem-se, portanto, um objeto direto para o termo em itálico. O pronome correspondente para objeto direto no feminino é o “la”. Por isso, tem-se a forma “buscá-la”.

Segunda lacuna: quem conta, conta algo *a alguém*. No caso, esse alguém é o pai da Fernanda. Dessa forma, o termo em itálico é um objeto indireto, devendo ser substituído por seu pronome correspondente: “lhe”. Tem-se, então, a forma “contar-lhe”.

Terceira lacuna: quem informa, informa *alguém*. No caso, esse alguém é o pai da Fernanda. Dessa forma, o termo em itálico é um objeto direto no masculino, devendo ser substituído por seu pronome correspondente: “o”. Tem-se, então, a forma “o informemos”.

Quarta lacuna: a partir do texto, entende-se que é preciso que haja tempo hábil para ajudar *a Fernanda*. Tem-se, portanto, um objeto direto no feminino para o termo em itálico. O pronome correspondente para esse termo é “la”. Por isso, tem-se a forma “ajudá-la”.

Resposta da questão 8:

[E]

O verbo *ir* obriga o emprego da preposição *a*, portanto a redação que atende às normas gramaticais é “*Aonde* você pensa que vai com esse vaso?”.

As demais alternativas estão redigidas conforme as normas gramaticais: em [A], a locução *devo levar* exige a preposição *a*; em [B], o verbo *morar* é atendido pelo uso de *onde*; em [C], o verbo *provir* exige a preposição *de*; finalmente, em [D], o verbo *chegar* exige emprego da preposição *a*.

Resposta da questão 9:

[C]

De acordo com o texto, a ideia é que uma sociedade pautada exclusivamente no ideal de justiça acabaria, seria reduzida a nada, aniquilar-se-ia. Trata-se de um uso metafórico do verbo, que, na oração, é intransitivo. Assim, é correta a alternativa [C].

Resposta da questão 10:

[B]

É falsa a segunda proposição. A palavra “ocorridas” (referência 6) não poderia ser substituída por “que houveram” sem infração às regras de concordância, pois para que seja estabelecida a concordância verbal correta, o verbo “haver” deveria estar conjugado na terceira pessoa do singular, pois apresenta o mesmo sentido de “existir”. Assim, a substituição possível seria: “que houve”.

Também não é verdadeira a quarta proposição. Se o verbo “renunciam” (referência 15) fosse substituído por “recusam”, o complemento verbal sofreria alteração. O verbo “renunciar”, no contexto, é transitivo indireto, pois exige como complemento a preposição “a” (“Algumas mulheres renunciam ao direito”). O verbo “recusar”, com o sentido de “rejeitar, renunciar”, é transitivo direto, ou seja, não necessita de complemento. Desse modo, com a substituição, ficaria: “Algumas mulheres recusam o direito de ficar com o filho recém-nascido (...)”.

SEÇÃO 10

Gabarito:

Resposta da questão 1:

02 + 08 + 16 = 26.

- [01] Incorreta: na verdade, a locução “temos sentido” demarca justamente que o evento não é pontual, mas dura no tempo.
[04] Incorreta: o pronome “lhe” está na posição proclítica e retoma o termo “alguém”.

Resposta da questão 2:

[C]

Em [C], por conta da conjunção “assim”, o pronome “me” deveria vir anteposto ao verbo: se resolvem.

Resposta da questão 3:

[E]

As frases transcritas em [E] constituem exemplos de linguagem formal e de linguagem coloquial, respectivamente, já que a primeira obedece às normas da gramática normativa e a segunda, “Me adianta essa, vai...”, pela situação de próclise do pronome em início de oração é típica da fala do cotidiano.

Resposta da questão 4:

[C]

A alternativa que respeita as regras formais da língua, considerando aspectos gramaticais, semânticos e lexicais é a [C]. Alguns problemas encontrados nas outras alternativas podem ser citados abaixo:

Em [A], por exemplo, falta a crase no “a” que antecede “mingua”, substantivo feminino antecedido por preposição “a” e artigo feminino “a”.

Em [B], por exemplo, faltou isolar o termo “na maioria das vezes” por vírgulas, o que fez com que o sujeito e predicado ficassem separados.

Em [D], por exemplo, não se respeitou a regra da colocação pronominal, que prevê que após vírgulas, deve-se optar pela ênclise e não próclise (“perdem-se” e não “se perdem”).

Resposta da questão 5:

[D]

[A] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

[B] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

[C] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

[D] Correto.

[E] Incorreto. Em I, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 3ª pessoa do plural; o acréscimo de “n” ocorre em função de o verbo terminar em som nasal. Já em II, “nos” é pronome pessoal oblíquo da 1ª pessoa do plural.

Resposta da questão 6:

[E]

2ª Falsa: Não se utiliza a próclise para iniciar períodos e, portanto, na segunda situação não é possível o seu uso.

4ª Falsa: A estrutura apenas revela que hoje em dia é difícil encontrar beija-flores e que antigamente isso era comum.

Resposta da questão 7:

[D]

Apenas o item II é incorreto, pois a situação de próclise do pronome no verso “mas não o querem ver” decorre da atração por palavra negativa e não por característica do português falado no Brasil. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 8:

[D]

Na frase da opção [D], a colocação de vírgula depois da expressão adverbial “Na adolescência” colocaria o pronome oblíquo “me” em situação de próclise em início de frase, o que contraria as regras da gramática normativa.

Resposta da questão 9:

08 + 16 + 64 = 88.

Estão incorretas as afirmativas:

- [01] o sinal de dois pontos em “grande confusão: seria quem?” (referência 1) é usado para esclarecer o termo antecedente [“confusão]. Em “abri a lata de lixo: quero outro testemunho” (referência 6), o sinal de dois pontos é utilizado para justificar a oração anterior [“abri a lata de lixo”].
- [02] em “me faça” (referência 3), a ordem do pronome em relação ao verbo não pode ser alterada sem gerar prejuízo à norma culta, pois o uso da próclise é obrigatório diante da conjunção subordinativa “que”.
- [04] as formas verbais “reesquentando” (referência 2) e “esquenta” (referência 7) são usadas com sentido conotativo.
- [32] a organização do texto não obedece à natureza tradicional dos diários íntimos, tanto

que desafia os interlocutores a compreendê-lo: “Leiam se forem capazes”.

Resposta da questão 10:

[A]

Se, nos dois primeiros versos, o autor tivesse optado pelo uso do pronome de acordo com a gramática normativa, teríamos “Dei-te o Sol / Dei-te o Mar”, em vez de “Te dei o Sol / Te dei o Mar”. Nesse caso haveria cacofonia e o verbo “dar” poderia ser interpretado (sonoramente) como “deitar”: “Deite o Sol / Deite o Mar”.

SEÇÃO 12

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[D]

- [A] Incorreta: os tempos verbais empregados no trecho destacam que o barroco ainda não teve fim, como marcado pelo verbo no passado, pois permanece no presente.
- [B] Incorreta: por se referir a um movimento específico, com um nome próprio, há certa repetição do termo “barroco” ao longo do texto, mas não de maneira desnecessária ou empobrecedora.
- [C] Incorreta: no trecho, o autor empregou o ponto de interrogação para marcar uma pergunta retórica.
- [D] Correta: no trecho “será o Brasil um país barroco?”, o verbo “será” concorda com o sujeito posposto “o Brasil”. O mesmo ocorre no outro trecho “São consideradas barrocas, no Brasil, várias manifestações”: a locução verbal “são consideradas” concorda com o sujeito “várias manifestações”.
- [E] Incorreta: as palavras “dia a dia” se grafam sem hífen.

Resposta da questão 2:

[A]

Em [B], vemos o uso inadequado do pronome pessoal do caso reto “eles”, devendo ser substituído pelo oblíquo correspondente “os” para ficar de acordo com as normas da língua escrita padrão. Assim, teríamos a forma “prendê-los”.

Em [C], vemos o uso de gírias, típicas da

linguagem coloquial, como “tipo”.
Em [D], a conjugação dos verbos cujo sujeito é “tu” não está obedecendo às regras de concordância. Assim, teríamos que substituí-los por “sabes” e “gostas”.

Resposta da questão 3:

01 + 02 + 08 = 11.

[04] as palavras “centímetros” e “expansaram” não estão grafadas de maneira ortograficamente adequada. Sua ortografia correta seria “centímetros” e “espancaram”.

Resposta da questão 4:

01 + 04 + 08 = 13.

[02] Incorreta: o sujeito com o qual o verbo “ouço” concorda é um “eu” que está oculto. “Um músico negro” é o objeto direto da oração.

Resposta da questão 5:

[A]

Na primeira lacuna, para trazer a ideia de tempo passado, é utilizado o verbo “haver” no presente: “há”. Em seguida, na segunda lacuna, é usada a expressão “a fim de” que indica finalidade. A palavra “bastante” é utilizada como adjetivo e, assim, deve ser variável, flexionando-se no plural para concordar com “invocações”: “bastantes inovações”. Por fim, as duas últimas lacunas operam com a distinção entre “mas” e “mas”: o primeiro é usado na 4ª lacuna a fim de marcar uma oposição, sendo substituível por “porém”; o segundo é usado na última lacuna para intensificar a palavra “comovente”.

Resposta da questão 6:

[A]

De acordo com o Novo Acordo Ortográfico, as palavras “contraindicação”, “infraestrutura”, “autoescola” e “minissaia” perderam o hífen, sendo grafadas como uma palavra só. Assim, a alternativa correta é a [A].

Resposta da questão 7:

[A]

Na primeira lacuna, o sentido pretendido é de descriminalização. Assim, a palavra mais adequada é “descriminado”.

Na segunda lacuna, o sentido é de congestionamento no trânsito. Assim, a palavra mais adequada é “tráfego”.

Na terceira lacuna, o sentido é de violar. Assim, a palavra mais adequada é “infringindo”.

Na última lacuna, o sentido é de ser visto no momento do crime. Assim, a palavra adequada é “flagrante”.

Resposta da questão 8:

[E]

Primeira lacuna: ao ler o texto, descobre-se que a maior parte dos *gamers* no país são as mulheres.

Segunda lacuna: segundo o texto, 89% dos participantes da pesquisa consideram o jogo uma forma de relaxamento.

Terceira lacuna: segundo o texto, 83% costumam jogar pelo celular, sendo essa a plataforma favorita dos *gamers*.

Quarta lacuna: na última frase do texto, vemos que os *gamers* podem ficar até 3 horas jogando sem parar.

Resposta da questão 9:

[D]

[IV] Incorreta: a crase também é obrigatória expressão “à beça”, já que representa a junção do artigo definido feminino “a” com a preposição “a”.

[V] Incorreta: “senão” e “se não” não têm a mesma acepção: enquanto a primeira equivale a “do contrário”, a segunda equivale a “caso não”.

Resposta da questão 10:

[D]

A sequência correta é:

[4] Problema de acentuação em “lagrimas”.

[2] Problema de regência verbal, já que quem dorme, dorme *em* algum lugar.

[5] Problema de concordância verbal, já que o verbo “desenrola” deviam concordar com o sujeito plural “os dramas”.

[1] Problema de ortografia em “cosinhei”.

[3] Emprego inadequado do pronome reto, pois “eu” não é sujeito e era necessário utilizar o pronome oblíquo “me”.

SEÇÃO 13

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[C]

Ao recuperar os períodos em que se encontram as referências, temos as seguintes respostas: A individuação consiste em o indivíduo alcançar sua 8ª singularidade profunda. – O verbo “consiste” é regido pela preposição “em”. Ainda na infância, precisamos assumir papéis que nos tornam aceitáveis para os colegas de escola. – A palavra “papéis” é uma oxítona terminada em ditongo “éi” e, por isso, deve ser acentuada.

Resposta da questão 2:

[D]

- [A] Incorreta: “Ninguém” é oxítona terminada em “em”. “Nós” é monossílabo tônico.
- [B] Incorreta: Enquanto “opinião” recebe o til, sinal gráfico, “mídia” é uma paroxítona terminada em ditongo crescente.
- [C] Incorreta: “Médico” é uma proparoxítona. “Preferência” é uma paroxítona terminada em ditongo crescente.
- [D] Correta: tanto “físicas” quanto “fotográficos” são proparoxítonas.

Resposta da questão 3:

[A]

As palavras apresentadas no enunciado são acentuadas por serem, respectivamente, paroxítona terminada em “l”, proparoxítona e monossílabo tônico. Na alternativa [A], encontramos uma paroxítona terminada em “r” (caráter, que, assim como as paroxítonas terminadas em “l”, também deve ser acentuada), uma proparoxítona (cômodo) e um monossílabo tônico (pá).

Resposta da questão 4:

02 + 16 + 64 = 82

- Os itens [01], [04], [08] e [32] são incorretos, pois
- [01] no texto 1, o garoto responde à questão adotando uma língua código que atende ao solicitado: “suas próprias palavras”.
- [04] a ideia central e comum aos dois textos é explorar humoristicamente os recursos do garoto para evitar de fazer as tarefas de casa.
- [08] apenas a palavra transformo é formada pelo prefixo (trans-) e radical com

desinência de pessoa e tempo (formo), já que “instigantes” é formada por sufixação (instiga+—nte) e “desinteressantes”, por prefixação e sufixação (des—+interessa+—nte).

- [32] a palavra “número” é acentuada por se tratar de uma proparoxítona, “subtraído” pela presença de “i” formando hiato com a vogal anterior e não seguido de —nh. Apenas “literário” e “mistério” obedecem ao mesmo princípio de acentuação por serem ambas paroxítonas terminadas em ditongo ascendente.

Como são corretos [02], [16] e [64], soma 82.

Resposta da questão 5:

[A]

Segundo as regras da gramática normativa, as palavras oxítonas (aquelas em que a última sílaba é pronunciada com maior intensidade) são acentuadas graficamente quando terminadas em a, e e o seguidas ou não de s. Assim, é correta a opção [A].

SEÇÃO 14**1 Resposta:**

[C]

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Filosofia]

O uso de antíteses no sermão (como feras e humanos, ignorância e conhecimento, infidelidade e fé, etc) é uma estratégia retórica, bastante presente nos sermões religiosos. No texto em questão, a persuasão se dá no sentido de promover a defesa da catequese dos povos nativos. Percebe-se, ainda, que não há contestação da dominação dos indígenas, mas a defesa de que essa dominação seja realizada de uma certa maneira, qual seja, promovendo a catequese religiosa, como se percebe no trecho “Tende-os [os escravos], cristãos, e tende muitos, mas tende-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas”. Com efeito, pode-se afirmar que a escravização é reconhecida como um caminho para o trabalho missionário.

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Português]

Escrito como uma reflexão sobre a catequese

dos Índios, no “Sermão do Espírito Santo”, Vieira mantém a estrutura tradicional (Introito, Desenvolvimento e Peroração) em que faz uso da retórica barroca, privilegiando o encadeamento lógico de ideias e conceitos na defesa da tese apresentada, sem abdicar de linguagem rebuscada e profusão de figuras de linguagem. No excerto apresentado, Vieira justifica a escravização dos índios como forma de missão espiritual de conduzi-los à verdadeira fé, a cristã, recomendando certa moderação na forma de subjugar-los: “assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim também a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando”, “Tende-os [os escravos], cristãos, e tende muitos, mas tendes-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas”. Assim, é correta a opção [C], que também faz referência a antíteses que permeiam grande parte do excerto: “feras” X “homens”, “matando e comendo” X “doutrinando e ensinando”, “ignorância” X “conhecimento”, “gentio” X “cristão”, entre outras.

2. Resposta:

[E]

A campanha publicitária faz uso da intertextualidade com a conhecida marchinha de Carnaval “Ó abre alas que eu quero passar”, de Chiquinha Gonzaga, e da multiplicidade de sentidos da expressão “sangue bom”, que tanto pode aludir ao líquido corporal que circula nas veias e artérias como designar, em gíria carioca, uma pessoa legal, que tem um bom coração. Assim, é correta a opção [E].

3 Resposta:

[D]

Apenas a opção [D] transcreve uma citação em que a associação de um ancião a uma biblioteca é feita de forma metafórica, já que nas frases em [A] e [C] está presente a comparação e em [B] apenas uma afirmação, sem metáfora ou comparação.

4 Resposta:

[A]

Vieira comenta que, apesar de sabermos da inevitabilidade da morte, não podemos prever o momento em que tal acontecerá, por mais que sejamos jovens, saudáveis e regrados: “mas todas estas partes são tão duvidosas e tão incertas, que não há idade tão florente, nem saúde tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro”. A anáfora constituída pela repetição do advérbio de intensidade “tão” enfatiza essa característica e busca sensibilizar os fiéis para o desengano da passagem do tempo, como transcrito em [A].

5 Resposta:

[D]

No soneto, o eu lírico se apropria metaforicamente da imagem do pavão vermelho para expressar a sensação de realização plena (“É o próprio doge a se mirar no espelho”) que não havia sentido antes (“Depois que amei este pavão vermelho/ os meus outros pavões foram-se embora”). Assim, é correta a opção [D].

6. Resposta:

[D]

O paradoxo consiste na exposição de ideia ou conceito, aparentemente contraditório a outro ou ao senso comum. Na frase da opção [D], a caracterização de saudade apresenta conceito contraditório ao afirmar que ela se define como a “presença da ausência de alguém”.

7. Resposta:

[E]

No cartum, observa-se um paradoxo, já que a placa na porta do diretor diz para fechar a porta *antes* de entrar, o que torna o ato de entrar impossível. Assim, a partir desse

paradoxo, temos o efeito de humor: a mensagem passada pelo diretor é a de que nem se deve entrar em seu escritório.

8 Resposta:

[B]

No Artigo I, vemos a repetição da consoante “v” como um exemplo de aliteração. No artigo II, vemos uma metáfora quando o eu lírico coloca o domingo de manhã como um momento alegre, feliz, em contraposição aos dias enfadonhos da semana, como as terças cinzentas. No Parágrafo Único, vemos um paradoxo no trecho “amar sem amor”, já que não é possível realizar a ação de amar e não ter amor ao mesmo tempo.

9 Resposta:

[A]

As reticências na resposta do narrador revelam sua hesitação e busca por uma palavra para definir o professor, encontrando “engraçado” como eufemismo para “excêntrico”, já que o homem é uma figura pouco comum.

10 Resposta:

[C]

No texto de João Doederlein observa-se a preocupação no uso de palavras e na composição do discurso, típica de escritores que utilizam as redes sociais para disseminar uma produção autoral, moderna e diferente dos princípios mais comuns a essas plataformas digitais. Assim, nessa simulação de verbete de dicionário, a função metalinguística dá espaço à incorporação da poética, como exemplificado pela expressão “é a felicidade fazendo visita.”, mencionada na opção [C].

SEÇÃO 15

Gabarito:

Resposta da questão 1:

01 + 04 = 05.

Os itens [02], [08], [16] e [32] são incorretos, pois

[02] o título do conto “A mão no ombro” expressa o gesto que o protagonista sentiu durante um sonho e que o faz refletir sobre a vida antes de enfrentar a morte.

[08] na primeira ocorrência (“se cheguei até aqui é porque vou morrer”), o termo “se” constitui conjunção que inicia oração subordinada causal, sem relação com o verbo que o segue.

[16] no fragmento 3, a palavra “agora” indica circunstância de tempo, referindo-se ao momento em que o protagonista estava acordado.

[32] no Fragmento 2, a coesão do parágrafo é estabelecida pela manutenção do verbo na terceira pessoa do singular com sujeito oculto.

Como [01] e [04] são corretos, soma 05.

Resposta da questão 2:

04 + 08 = 12.

Os itens [01], [02] e [16] são incorretos, pois [01] o relógio, as bolas, o taco, os lampiões e a mesa de *snooker* não são personificados na narrativa, fazem parte da descrição dos objetos que foram alterados da obra original.

[02] o trecho “[...] por incrível que pareça [...]” (referência 5) mantém uma relação de coordenação a fim de marcar uma ideia de concessão.

[16] a pergunta “São velhos amigos?” (referência 2) é formulada pelo narrador que questiona o vínculo entre o pintor de roxas faces e o homem de branco e de misteriosos cabelos verdes.

Como [04] e [08] são corretos, soma 12.

Resposta da questão 3:

[A]

Em ambos os excertos, os narradores expressam dúvidas sobre hábitos e crenças a respeito do que é o tempo, o espaço e, por consequência, questionam o que define a sua identidade pessoal, a cisão entre o sujeito e o mundo em um diálogo revelador da crise o próprio eu. Assim, é correta a opção [A].

Resposta da questão 4:

[E]

Nos versos da alternativa [E], vemos o eu lírico chamando Lídia para aproveitar o momento e sentar com ele à beira do rio, afinal, a vida passa. Assim, vemos o lema do “carpe diem”: aproveitar o momento que é fugaz.

Resposta da questão 5:

[A]

Este poema de Fernando Pessoa surge na primeira das três partes do livro “Mensagem”, intitulada “Brasão”, por sua vez dividida em cinco partes: I. Os Campos; II. Os Castelos; III. As Quinas; IV. A Coroa (a que pertence o poema “Nun’Álvares Pereira”) e V. O Timbre. No poema, Nun’Álvares é igualado a um santo, santidade que alcançou à custa das lutas pela soberania de Portugal. A pergunta que inicia primeira estrofe será respondida no decorrer das outras quando caracterizada como um sinal de santidade (alusão ao guerreiro tornado monge) e uma auréola de combate (“é a espada que volteando”, “faz esse halo no céu”). A referência a Excalibur, a espada que legitima Artur como rei por direito da Grã-Bretanha, sugere que a D. Nuno também deve ser dado o direito de ser rei, tomado como exemplo (“Sperança consumada,/S. Portugal em ser”), ou seja, a esperança tornada realidade nas lutas com a espada, mas ao mesmo tempo imbuídas de valores espirituais. Assim, é correta a opção [A].

Obs: Nuno Álvares Pereira desempenhou um papel fundamental na crise de 1983, em que Portugal defendeu a sua independência de Castela ao vencer a batalha de Aljubarrota, com um pequeno exército de 6000 portugueses e ingleses contra 30000 tropas castelhanas, utilizando a famosa tática do quadrado. Após a morte de sua mulher, tornou-se carmelita, adotando o nome de irmão Nuno de Santa Maria, tendo sido beatificado em 1981.

SEÇÃO 16**Resposta da questão 1:**

[C]

Os dois-pontos assinalam na escrita, uma pausa breve da linguagem, cuja função, entre outras, é preceder um esclarecimento do que foi dito

antes, como acontece no período do enunciado. Assim, é correta a opção [C].

Resposta da questão 2:

[C]

As aspas marcam uma expressão coloquial, “de maior”, assim como vemos no trecho “ir tirando uma”.

Resposta da questão 3:

[C]

- [I] Correto. O uso do travessão indica a alteração do falante: agora Dr. Bacamarte se dirige ao Sr. Soares.
[II] Correto. Tanto as vírgulas quanto travessões podem cumprir a função de separar o aposto explicativo de seu referente.
[III] Incorreto. As vírgulas isolam o vocativo.

Resposta da questão 4:

[A]

- [B] Incorreta: as duas primeiras vírgulas separam uma oração intercalada de outra, já as últimas vírgulas são usadas para sinalizar uma enumeração.
[C] Incorreta: os dois pontos marcam o início de uma explicação do que seria o alvoroço.
[D] Incorreta: o travessão é usado para separar uma expressão explicativa.

Resposta da questão 5:

[A]

Tendo em vista a ordem inversa da frase, apenas em [A], o emprego de vírgula separa um termo que exerce a função de sujeito. Na ordem direta, a frase adquire a seguinte forma: **aquilo deu-lhe muito trabalho** (sujeito+verbo+objeto indireto+adjunto adverbial de intensidade+objeto direto).

Resposta da questão 6:

[D]

Lília Schwarcz tece uma crítica irônica ao slogan do governo Temer, “O Brasil voltou, 20 anos em dois” ao compará-lo com a frase “50 anos em 5”, promessa de campanha de Juscelino Kubitschek, cuja eleição foi alavancada pela promessa de plano de ação desenvolvimentista que iria contrastar com governantes anteriores. Desta forma, o verbo “voltar”, no sentido de “ressurgir”, o que imprimiria conotação positiva ao slogan do governo, pode adquirir significado

negativo, ao ser entendido como *regredir*, *voltar atrás*: “o Brasil de fato ‘voltou’ muito nesses últimos dois anos; para trás”. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 7:

[E]

É correta a opção [E], pois o segmento “criada em 1985 e conhecida como amplificação de pulso com varredura em frequência (CPA, por sua sigla em inglês)” constitui aposto explicativo que deve ser isolado por vírgulas; a vírgula em “CPA, por sua sigla em inglês” é justificada por se tratar de um esclarecimento da sigla e antes de “utilizados desde então em milhões de cirurgias do olho”, por iniciar oração subordinada adjetiva reduzida de participípio.

Resposta da questão 8:

[B]

Em [B], o vocativo “Joel” não está separado por vírgula. Além disso, há uma vírgula desnecessária entre o verbo e seu objeto.

Resposta da questão 9:

[C]

A alternativa que respeita as regras formais da língua, considerando aspectos gramaticais, semânticos e lexicais é a [C]. Alguns problemas encontrados nas outras alternativas podem ser citados abaixo:

Em [A], por exemplo, falta a crase no “a” que antecede “míngua”, substantivo feminino antecedido por preposição “a” e artigo feminino “a”.

Em [B], por exemplo, faltou isolar o termo “na maioria das vezes” por vírgulas, o que fez com que o sujeito e predicado ficassem separados.

Em [D], por exemplo, não se respeitou a regra da colocação pronominal, que prevê que após vírgulas, deve-se optar pela ênclise e não próclise (“perdem-se” e não “se perdem”).

Resposta da questão 10:

[D]

Na frase da opção [D], a colocação de vírgula depois da expressão adverbial “Na adolescência” colocaria o pronome oblíquo “me” em situação de próclise em início de frase, o que contraria as regras da gramática normativa.

J O R N A D A D E
DOMÍNIO PRÓPRIO

“A vida, meu caro,
acontece um dia de
cada vez. **Abracemos
o processo!**”

A. B. B. B.

JIDP